



BRASILIANA

*Volume 376*



*Direção de*

AMÉRICO JACOBINA LACOMBE

RICHARD BURTON

VIAGENS  
AOS PLANALTOS  
DO BRASIL

tomo III

**O RIO SÃO FRANCISCO**

*Tradução de*  
AMÉRICO JACOBINA LACOMBE

*Em convênio com o*  
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO  
FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA

companhia editora nacional

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação  
Câmara Brasileira do Livro, SP

Burton, Richard Francis, Sir, 1821-1890.

B98v  
v. 1-3  
2. ed.  
Viagens aos planaltos do Brasil / Richard Burton ;  
tradução de Américo Jacobina Lacombe. — 2. ed. — São  
Paulo : Ed. Nacional ; [Brasília] : INL, Fundação Pró-  
Memória, 1983.

(Brasíliana ; v. 197, 375-376)

Conteúdo: v. 1. Do Rio de Janeiro a Morro Velho.  
— v. 2. Minas e os mineiros. — v. 3. O Rio São Francisco.

I. Bahia — Descrição e viagens 2. Brasil — Descrição e viagens 3. Minas Gerais — Descrição e viagens 4. São Francisco (Rio) I. Lacombe, Américo Jacobina, 1909 — II. Instituto Nacional do Livro. III. Título. IV. Série.

CDD:918.1  
:918.142  
:918.151  
CDU:910.4(81)

CCF/CBL/SP-82-1782

Índices para catálogo sistemático:

1. Bahia - Descrição e viagens 918.142
2. Brasil - Descrição e viagens 918.1
3. Minas Gerais : Descrição e viagens 918.151
4. São Francisco : Rio : Descrição 918.151



92875

---/---/---

*Direitos reservados*

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

DISTRIBUIÇÃO E PROMOÇÃO

Rua Joli, 294

Fones: 291-2355 e 292-8199 (PABX)

Caixa Postal 5.312

CEP 03016 - São Paulo - Brasil

Reg. n.º 1742

Data 24.03.88

1983

Impresso no Brasil

## ÍNDICE

	Pgs.
Capítulo LV — Para as cachoeiras de Pirapora . . . . .	7
” LVI — O rio de São Francisco . . . . .	22
” LVII — De Guaicuí a São Romão . . . . .	46
” LVIII — De São Romão a Januária . . . . .	61
” LIX — De Januária a Carinhanha . . . . .	81
” LX — De Carinhanha a Senhor Bom Jesus da Lapa	96
” LXI — Senhor de Bom Jesus da Lapa ao Arraial do Bom Jardim . . . . .	109
” LXII — Do Arraial do Bom Jardim à Vila da Barra (do Rio Grande) . . . . .	124
” LXIII — Da Vila da Barra (do Rio Grande) à Vila do Pilão Arcado . . . . .	140
” LXIV — Da Ex-vila do Pilão Arcado à Vila de Sento Sé	158
” LXV — De Vila de Sobradinho de Sento Sé à Cachoeira do Sobradinho e Vila de Juazeiro . . . . .	171
” LXVI — A Vila de Juazeiro . . . . .	185
” LXVII — Da Vila de Juazeiro à Vila da Boa Vista . . . . .	196
” LXVIII — De Vila da Boa Vista a Várzea Redonda . . . . .	209
” LXIX — As grandes cachoeiras — Paulo Afonso . . . . .	249
” LXX — Paulo Afonso, Rainha das Cachoeiras . . . . .	261



## CAPÍTULO LV

### PARA AS CACHOEIRAS DE PIRAPORA

**Que significa “Pirapora” — O nome “São Francisco” explicado — Nova tripulação — Pirapora examinada — Diamantes — A tempestade e o “olho de boi” — A barca ou chalupa — A barca movida por cavalos. Sua necessidade — O barqueiro do rio São Francisco — Sua poesia, seus improvisos e suas superstições.**

...And streams as if created for his use,  
Pursue the track of his directing wand  
Sinuous or straight, now rapid and now slow  
Now murmuring soft, now roaring in cascades.\*

(William Cowper 1731-1800)

Fomos vivamente aconselhados a visitar as cachoeiras de Pirapora, que são consideradas, depois de Casca de Anta, no princípio, e Paulo Afonso, no fim, o fenômeno importante no curso do São Francisco. A palavra significa um “salto do peixe”<sup>1</sup> e é empregada em mais de um rio brasileiro. Tem, contudo, muitas significações. No Tietê, em São Paulo, o povo interpreta-o como “sinal de peixe”, fazendo de *pora* uma corruptela de *bora*.<sup>2</sup> Com uma exaltação de alegria encontrei-me no seio desse glorioso rio do futuro, cujas dimensões aqui orçam em cerca de 700 pés. Eu nada tinha visto de comparável, desde minha visita ao Congo, na África. Dia virá em que as margens serão elevadas, as inundações serão controladas, as angras serão aterradas e a grande artéria merecerá ser chamada um *coelo gratissimus amnis*.

O autor das *Notícias do Brasil* (1589) informa que as, outrora numerosas e hoje extintas, tribos que habitavam perto do rio, os Caeté, os Tupinambá, os Tapuia, os Tupiaé, os Amoipira, os Unirajara e os amazonas — naturalmente havia amazonas — conheciam-no como — o Pará —, o mar. Os velhos portugueses que exploraram a

terra desceram a costa com o Calendário Romano na mão.<sup>4</sup> É assim que o rio de São Francisco (de Bórgia) tirou o seu nome do santo jesuíta, que fora Geral, em 10 de outubro. Assim Varnhagen atribui essa honra à pequena esquadra de cinco caravelas que, comandada por João da Nova, e trazendo a bordo o cosmógrafo Américo Vespúcio, partiu de Lisboa em meados de maio de 1501.<sup>1</sup> Não deve ser confundido com o pequeno rio São Francisco, na província de Santa Catarina, porto também descrito pelo autor das *Notícias* (cap. 66). É bom não confundir com o que existe na Califórnia, dando-lhe o nome de *San Francisco*, em vez do português *São Francisco*.<sup>5</sup> O rio em breve chamou a atenção dos que moravam à beira-mar. Tal como o Nilo e o Congo, ele corre durante a estação seca e a chuvosa, o que basta para excitar naqueles dias a maravilhosa qualidade.<sup>6</sup> Aventureiros que resolveram solucionar o grande mistério, e que provavelmente haviam tido conhecimento do então abundante pau-brasil, subiram rio acima até chegarem às grandes cachoeiras naqueles dias. O protomártir foi um Sebastião Álvares, de Porto Seguro, que foi enviado como explorador da capitania de Pernambuco, por Luís de Brito de Almeida, que sucedeu a Duarte Coelho de Albuquerque.<sup>7</sup> Após quatro anos de viagem ele, mais vinte de seus homens, força insuficiente, foram massacrados — houve muitas excursões sangrentas nessas regiões. Depois João Coelho de Sousa subiu mais de cem léguas acima da cachoeira e publicou um roteiro, hoje de alto interesse.

Contratamos dois novos homens para guiar-nos na “frágil” canoa que eles consideraram “violenta e banzeira”.<sup>8</sup> Observamos curiosamente os contrastes entre o novo rio e aquele que acabávamos de deixar. A água era aqui de um verde transparente como o imenso Zaire. Dizem que é mais pesada, quando bebida, que a do rio das Velhas; os afluentes, muitas vezes tão profundamente inseridos na corrente principal que se tornavam agora inofensivos, eram nítidos, especialmente quando drenavam pequenas lagoas laterais. A água parecia romper até do barro pegajoso que em certos trechos estava invadindo-o. As coroas eram ora meros bancos de areia, linhas de cascalho ou seixos, ou revestidas com o arindá que, em certos lugares, atinge vinte pés de altura. O gado, aqui a maior produção, faz delas seus abrigos prediletos. O barreiro, ou lambeduras de sal, criva as margens, mas perdemos os sinais de alumínio que distinguíamos o rio das Velhas. As margens eram marcadas, com degraus pelas enchentes sucessivas, e quando não eram cortadas pelos riachos, ficavam acima da marca da corrente de água. Em certos lugares havia montões de arvoredos caídos e amontoado. Formavam camadas às vezes de 3 a 4

pés. Ao meio-dia passamos nas elevações da margem esquerda, comprimidas de canga dura. A água gotejava delas sobre o cascalho solto da mina de São João. Trata-se de uma autêntica formação diamantina. Um ancoradouro natural projeta-se do lado direito, de barro duro, fortemente tinto de ferro, e a violência das enchentes revelava-se pela raiz de uma árvore pesando pelo menos uma tonelada, e encravada nos galhos de uma figueira, cujos galhos gigantesco estavam distorcidos pela carga.

Toda esta região é da maior beleza e fertilidade. Quando o rio das Velhas tiver sido aberto à navegação, ela será o jardim da terra. Nas margens havia muitas clareiras e pequenas plantações de cana-de-açúcar cujos proprietários estão dispostos a abandonar. Canteiros de melões provam que a fruta tornou-se favorita e será, agora, o pão quotidiano.<sup>9</sup> O *Manguí hibiscus* e a mamona atingem aqui trinta pés e, por toda parte, vimos o tabaco de folha larga crescendo quase selvagem. O povo prefere pagar mais caro pelos produtos de Baependi e Pomba. Nas plantações as mulheres, como na região de Harrar, colocavam um chifre de vaca fincado numa vara para afastar o mau olhar "por olho de gente".<sup>10</sup> Apareciam às vezes pescadores e rapazes; negros e negras lavavam a roupa à beira da água. Aqui não há motivo para temer o crocodilo ou o escravizador. Em frente às margens havia clareiras abertas para a plantação da cana-de-açúcar, o que se dará em outubro, se as chuvas forem antecipadas, ou em novembro. Um peixe pendia sem vida, enganchado na popa de uma pequena canoa, cujo esporão era em forma de cunha, como se usa na África, como uma asa. Os perus atiravam-se firmemente sobre um cágado morto, que a humanidade enfatuada dessas regiões não ousa comer.

Enquanto subíamos, cingíamo-nos quanto possível à margem esquerda. A descida foi, até que rompeu a tempestade, pelo "fio-d'água",<sup>11</sup> cruzando os escolhos e os rodamosinhos que a corrente produz. A distância, disseram-nos, ser de cinco léguas. Se for assim, cada légua deve equivaler seis e meia léguas geográficas.<sup>12</sup> Depois de cerca de nove horas de duro labor, dobramos um espigão de madeira que sai da margem esquerda e avistamos a cachoeira de Pirapora. A queda está agora no seu pior momento; como tantas outras, é fácil de atravessar durante as chuvas. Quanto mais água sobre ela, melhor.

A Pirapora é diferente de tudo que havíamos visto antes. É um fenômeno superior, tanto na qualidade quanto na quantidade. É, de fato, em parte uma verdadeira queda-d'água, dividida em

duas secções. Mas tínhamos vindo de longe para ver um espetáculo pequeno. Tremíamos ao pensar no que poderia ser Paulo Afonso. Na margem ocidental ergue-se abruptamente um morro, o Curral de Pirapora, em cujo cimo provavelmente se erguerá uma construção, a cujos pés está uma estreita praia de pedra. O curso do rio São Francisco é aqui de sul para norte, e a massa rochosa cruza-o em cadeia de rochedos dispersos e dispostos diagonalmente. Há evidentemente várias quedas e, para o sul, o azul-escuro do rio que se escoia rápido, tendo ao fundo o azul-claro da cadeia de Saco Redondo, contrasta com a água efervescente que forma o primeiro plano.

Satisfeitos por esticar nossas pernas há tanto dobradas, desembarcamos no porto de Pirapora, à direita da margem leste e procedemos a uma inspeção da cachoeira vista de cima. A vereda conduziu-nos a Barandão, uma caricatura do arraial da Manga. Seus aspectos principais eram imensas redes e grandes peixes, pendurados em postes, abertos para secar. O povo não exporta esse produto, mas vende-o somente às tropas de burros que passam. Verificando que não éramos compradores, e desconfiando de que fôssemos agentes do Governo, foram escassamente delicados, mas ofereceram à venda os "desmontes" sem diamantes. Os cães ainda foram mais grosseiros que os donos. Se tivéssemos trazido tabaco e outras matérias de menos importância, teríamos sido recebidos de outra maneira.

Andamos a princípio sobre areia solta; o resto da margem direita é uma base rochosa que provavelmente se estende bem abaixo da margem oriental. O curso natural do rio é para este lado e as canoas preferem-no durante as enchentes. O Sr. Liais é de opinião de que a canalização aqui seria fácil. Mas é difícil prever tal obra até que sejam feitas cuidadosas sondagens. O Sr. Hultfeld propõe de preferência comportas, que a autoridade francesa não acha necessárias.<sup>13</sup> Não há risco de que o Brasil empreenda tais obras na geração presente.<sup>14</sup>

A plataforma de pedra é composta de lajes com cerca de quarenta pés de comprimento e na maior parte estreitas. A clivagem é perpendicular à corrente e os túneis formados pelas águas atingem uma jarda, e às vezes mais em profundidade, mostrando o efeito das enchentes. O material é geralmente um gnaisse duro e compacto (*grauwacker sandstein, gris traumatico*) de tom ligeiramente roxo, tiras de mica que brilham de brancura. Encontramos também cantaria e calcário impuro que efervesciam, mas pouco, sob a ação dos ácidos. De nosso posto de observação, podíamos facilmente distinguir os

dois principais degraus, separados por cerca de 700 jardas, distância que permite ver que a ladeira da parede de pedra é suave. A queda superior, seis pés acima, parecia mais ameaçadora que a inferior de sete pés. Perto da margem direita formam-se catadupas, ou verdadeiras cachoeiras; estão também constituídas de "escadinhas",<sup>15</sup> cascatas em miniatura na aparência e nos jorros, precipitando-se furiosamente por canais tortuosos abaixo, entre os dentes de uma serra de pedra e caindo sobre pequenos contrafortes. Assim, a altura total entre as partes lisas é de treze pés, enquanto abaixo, no porto de Pirapora, onde os braços, depois de cruzar e dividir-se entre os seixos, se unem, o leito se alarga para 3.500. Durante as secas, o caminho bom, se é que merece esse nome, é um estreito lençol de água junto à margem do oeste. Nenhum ajojo porém, pode passar. As canoas devem ser descarregadas e rebocadas. Sem um bom piloto há risco iminente. Na presente estação está impedido por quedas de pedras e durante a cheia por perigosos sorvedouros.

A Pirapora é um sério obstáculo. Não é que seja impossível ultrapassá-lo, mas custaria mais dinheiro e tomaria mais tempo para ser removido que todos os outros obstáculos do rio das Velhas. Nenhuma obra pode ser empreendida na estação chuvosa e as inundações estragariam o trabalho feito durante a seca. Os operários teriam que ser enviados para cá com grandes despesas e mesmo neste solo saudável seriam precisas provisões importadas. Acima dela também, o rio de São Francisco torna-se um conjunto de cachoeiras, e quando estivéssemos livres de uma, começaríamos e ouvir falar de outra. As canoas sobem com dificuldade até a embocadura do Abaeté.<sup>16</sup> O Sr. Liáis fez uma planta acurada até a embocadura do Paraopeba e achou que nenhuma despesa desimpediria mais que uma centena de léguas do seu curso.

Voltando ao Porto, visitamos as explorações de diamantes que datam já de certo tempo. Antigamente havia também lavagem de ouro, mas esta exploração cessou. A pedra preciosa, que vem talvez de longe, é encontrada no cascalho detido pelas pedras; muito provavelmente o "caixão" ou buraco ao pé de cada queda-d'água forneceria uma quantidade maior. Cerca de uma dúzia de homens retirava desmonte de uma "panela" entre duas massas de pedra profundamente canalizadas pela ação conjunta da areia, cascalho e água. Por uma pequena e desvaliosa pedra pediram um vintém (dois grãos), de 12\$000 a 14\$000, acima dos preços de Londres.

Esta secção do São Francisco deveria ser eminentemente diamantífera. A leste drena o Cerro, que já visitamos. Pelo oeste

recebe os escoamentos do rio Bambuí (outrora Bamboí) que desemboca ao sul da cidade de Dores do Indaiá. Além fica o rio Indaiá ou Andaiá,<sup>17</sup> onde em maio de 1800 a equipe do Dr. Couto tirou de um buraco quarenta e duas pedras. Mais ao norte fica o ribeirão do Borrachudo, que também já forneceu uma pedra preciosa; seu vizinho é o Abaeté, que drena o velho sertão diamantino. Esses quatro rios, para não falar de outros, surgem do flanco oriental da grande corrente, cujas elevações fornecem os diamantes de Bagagem. Mais ao norte fica a serra da Gameleira e o vale do Sono, braço oriental do bem conhecido Paracatu. Eu aludirei a esses ricos depósitos diamantinos ao passar por eles.

Durante a última noite, um rude vento sul soprou das montanhas advertindo-nos que ali havia caído chuva. Era o começo da estação úmida, mas o povo chamou os aguacciros de “chuvas da queimada”. As queimadas nos campos são consideradas por toda parte portadoras de chuva; sublimam uma vasta massa de umidade, o calor e o vapor sobem, uma corrente fria preenche o vazio e a atmosfera não pode, assim, suportar a condensação. Nas regiões temperadas da América do Norte, durante a queda das folhas, os troncos das árvores restituem ao solo o sumo que a primavera depositara nos poros da madeira. Daí o fenômeno dos rios que engrossam sem uma gota de chuva. Aqui, porém, posto que a estação seca tenha acabado de se encerrar, a vegetação está se revestindo do verde primaveril.

Enquanto descíamos, os relâmpagos iluminavam do oeste e sul, e, afinal, de todo o horizonte, seguidos por fracos roncões do trovão. À direita aparecera o Olho-de-boi. Não é, contudo, a mancha sob a arcada preta dos tornados africanos. O sinal da tempestade é aqui um pequeno trecho de um arco-íris resplandecendo em todas as suas cores contra o cinza-escuro no fundo da nuvem que descarrega seus raios, anunciando que um vento rijo soprará da chuva que cai. Vê-lo-emos pela maior parte das vezes no leste, indicado desse modo na tarde. Quando é acompanhado por vento que baixa o termômetro a 8º F, devemos esperar o estrondo das chuvas e uma tempestade como uma carga de cavalaria. O povo chama-o de olho-simples, ou de “rabo-de-galo”.<sup>18</sup> Então a nossa canoa foi sacudida pela rajada de vento, um dos perigos peculiares ao rio São Francisco. O vento leste era ouvido a roncar de longe, e à medida que se aproximava do São Francisco, ergueram-se ondas brancas após alguns minutos, sumindo-se quando o vento terminou. Em julho de 1867, uma refrega, de diminuta duração, arrancou as telhas dos telhados de Guaicuí.

Nossos homens preferiram a margem a sotavento contra a qual se quebrava a ventania, deixando a água embaixo comparativamente morta e evitando, assim, o perigo da queda das árvores. Estando agora a superfície do canal central bloqueada pelo forte vento, a corrente lateral, água turva durante nossa subida, trouxe-nos rapidamente de volta. Estava escuro às 7.30 da noite quando galgamos a escorregadia margem de Manga. Em breve o trovão rugiu violentamente sobre nós e a chuva caiu pesadamente, felizmente sobre um telhado firme. Este foi o primeiro dia de clima chuvoso que encontramos desde 21 de julho, e com ele começou uma estação desolada como um aniversário na Inglaterra.

Em Manga vimos pela primeira vez a Barca,<sup>19</sup> que fez lembrar a meu companheiro a *yawl* do Mississipi. Foi introduzido somente nos últimos quarenta anos. Até esse tempo todo o serviço era feito por ajojos e canoas. A forma é provavelmente inspirada pelas do Douro, mas aqui a forma é mais no estilo holandês, redondos em forma de colher para adaptar-se à corrente. Falta igualmente a imensa ponta final dos barcos portugueses, posto que sempre dotadas de um grande e poderoso leme. As tábuas são das melhores madeiras do país, cedro e vinhático, a quilha é de aroeira e as cavernas ou costelas, tal como as peças transversais e a escada do costado, são de forte e rija rosca. O comprimento médio pode ser de 45 pés, por 14 de largura, calando 3 a 4 pés quando carregadas, carregando umas 400 arrobas, geralmente rapaduras ou bolo de açúcar, cada uma de 4 libras. Em Salgado foi construída a Nossa Senhora da Conceição da Praia hoje destruída. Tinha 81 pés de comprimento e 6 pés na água. Essas construções são sempre de fundo chato para enfrentar os bancos de areia. As quilhas são perigosas porque provocam choques, quando a corrente de água arrasta-as para os bancos de areia. Os mastros e a ré são elevados, como nas velhas caravelas, e a carga é empilhada ao longo da barca ou coberta de peles no centro, deixando uma passagem sobre pranchas de cada lado. Acima de Paulo Afonso o toldo é insensatamente colocado na ré de modo que é sujeito a cada sopro ou ventania. Os ribeirinhos, mais abaixo, preferem as cabines a proas e reduzem suas dimensões. São feitas em forma de túnel, semelhantes ao *surf-boats* da costa da Guiné e devem ser dignas de imitação pelos habitantes da corrente superior. A cabine de popa, que de 8 pés, alcança às vezes a quarta parte do comprimento, é de sólido soalho, mas é rudemente arqueada e forrada de fronde de indaiá ou da palmeira carnaúba ou mesmo de capim comum. Um negociante rico adota um nome sonoro, como *Baronesa de Minas*, desfralda uma bandeira com uma "Santa Maria", e emprega

portas e janelas envidraçadas. Sua cabine, que é também sua loja, é provida de prateleiras para mercadorias. Ele se balança numa rede e não se resigna assentar-se à mesa sem uma toalha.

A tripulação de uma barca de tamanho moderado chega a ter 10 homens, podendo atingir os extremos de seis e quatorze. O piloto permanece ou senta-se na rude e elevada popa. Os homens, vestidos de uniformes brancos, mas às vezes de camisas em andrajos, com chapéus de couro ou palha, trabalham rudemente. As varas, de 21 a 23 pés de comprimento, são muito mais pesadas que as do ajojó e, como a lança do beduíno, exige mão exercitada. Também utilizam remos como vassouras, um homem empurrando enquanto outro puxa; durante as enchentes precisam subir o rio na média de duas léguas por dia, utilizando, como eles dizem, as cavidades que têm no peito, e expostos a todos os insetos da costa. Daí, como regra, fazem uma só viagem por ano; no início das chuvas voltam para casa para preparar-se para outras.<sup>20</sup>

Fiquei surpreso pela ausência de velas. Havia só dois pontos de embarque: Pilão Arcado e Juazeiro. E mesmo aí dependiam dos barcos que atravessam o rio. Diz o povo que o canal, além de cheio de obstáculos, é muito tortuoso. Isto, porém, está muito longe de ser verdade. Temem também os redemoinhos e os pés de vento, que podem causar acidentes. Mas a razão principal é, sem dúvida, a ignorância. No baixo São Francisco, onde a brisa marítima de sudeste começa regularmente às 9 horas, cada barca sobe o rio ao sopro da vela e no ritmo de um vapor.

O alto São Francisco tem seus ventos regulares que variam com a noite e com o dia, e mais ainda com as estações. O Leste, às vezes virando para o norte, é chamado Vento Geral<sup>21</sup> e frequentemente atua como um "vento de soldado" que pode ser utilizado em ambas as direções. Durante a noite, na parte baixa do rio, é seguido do vento Terral, soprando do oeste. Desse *vent traversier* os homens das barcas dizem que, com velas, elas seriam levadas para fora do canal.<sup>22</sup> Durante os quatro meses chuvosos, que naturalmente são diferentes nas diversas seções do rio, e que, em regra, não coincidem nas várias regiões e que, como regra, seguem o sol de norte e do sul, o rumo muda para o sul, com tendência para oeste e assim sopra rio abaixo. A regularidade do meteoro adapta-se admiravelmente não somente para o emprego de velas, mas para qualquer maneira de maquinaria simples e econômica.

Nesta região do Brasil, onde todas as mais simples invenções para poupar trabalho são desconhecidas, nunca se ouviu falar no

navio movido por cavalos, agora tão usuais nos rios continentais da Europa e ainda usados nos Estados Unidos. A maquinaria poderia ser facilmente adaptada às jangadas e aos barcos. Uma plataforma de cerca de sete pés de comprimento e inclinada em ângulo de 20° a 31° fica em face da popa. O animal é ensinado a andar sobre ela. É composta de cerca de quarenta e duas tábuas, cada qual com quatro polegadas de largura. As fortes e rijas madeiras do país forneceriam o melhor material. Ligadas por juntas de ferro que funcionariam soltamente uma sobre outra e formando uma contínua dobradiça, a plataforma é ligada a uma engrenagem sem força própria no soalho da frente e faz girar a trave transversa que faz o papel de remos. Esta porção é tornada firme para fortes elevações e o diâmetro da roda motora é de cerca de 3:1 do eixo. Com isso seria fácil obter trinta milhas por dia com um décimo do esforço atual.

Em Manga despedi, com as mais calorosas recomendações aos futuros viajantes, meu bom velho piloto, Chico Dinis, e seu valente companheiro, João Pereira. As despesas foram de 190\$000, mas no rio das Velhas os vencimentos estão agora em termos caprichosos. No São Francisco há uma demanda e oferta regular. Joaquim queria voluntariamente acompanhar-me, mas era pouco atento e de físico deficiente. O “Menino” concordou em continuar comigo sob a condição de lhe ser fornecida uma passagem de volta de Juazeiro. Num grande vapor os comandantes não se desfazem de sua guarnição. O costume é de contratar por travessia ou excursão. Eram eles, como se verá, onze. Contratei os primos Manuel Casimiro de Oliveira e Justino Francisco da Conceição. Eram ambos escuros e o último, de 6 pés e 3 polegadas de altura, trouxe-me à lembrança o Long Guled da Somália. Tinham boa prática das águas, eram educados e atenciosos, mas faltava-lhes o ânimo e a segurança da tripulação escocesa.

Em regra os mais incompetentes são os que se oferecem aos estrangeiros e eles devem estar em grande dificuldade. Todos os homens são aqui mais ou menos anfíbios. A canoa, como costumam dizer, é o cavalo deles. O verdadeiro barqueiro é um tipo especial como o inglês dos velhos tempos na Inglaterra. É também um homem livre. Poucos comerciantes gostam de empregar escravos. Mais destro que um marinheiro entre nós, como o africano, ele está perfeitamente a par de todas as pequenas indústrias necessárias para seu conforto: pode construir sua casa ou seu bote, do tronco de uma árvore, fazer suas telhas e suas roupas — antes que entre civilizados exigem divisão do trabalho. Assim é ele mais inferior aos de sua classe em terras mais adiantadas, onde a sociedade está dividida em

camadas mais estreitas. Aqui, como alhures, é extraordinário como a linguagem errada é pouco usada. O mesmo foi observado entre os homens das matas mais atrasadas e os aborígenes de ambas as nações agora, conforme somos ensinados. Não blasfemar, nem abusar. "Homem mau" é o pior das repreensões. O bom elemento é tranqüilo, inteligente, toleravelmente resistente, e perfeitamente respeitoso em relação ao patrão, o proprietário ou arrendatário do barco. Geralmente evita beber em comum, temendo as brigas que daí freqüentemente resultam. Os piores são grosseiros como os próprios barcos, e desesperadamente dados a bebidas fortes e a mulheres, aos sambas noturnos e pagodés locais de orgia. Minha última equipe será um modelo das más.

São todos de cabeça forte, da raça dos *autonomoi*, que querem seguir seu caminho e não gostam de ser dirigidos ou contraditados. Aconselharam-me a prover-me de bebidas e tabaco para evitar que eles ganhassem a terra em cada casa. São dotados de imenso apetite, que resulta, dizem eles, do jogo da barca. Isso é certamente de origem indígena. Os selvagens, segundo nos ensinam, fariam todo sacrifício por comida e comiam com a voracidade dos jaguares. Ainda que saibam que lhes faz mal, os barqueiros apreciam enormemente, como os peruanos, a rapadura, ou açúcar *chancaca*. Eu mesmo vi um homem comer duas libras dela durante um descanso. Têm horror, com usualmente os portugueses e os tropicais, a leite fresco. Por outro lado, a forma azeda, aqui chamada coalhada (e no Hindustão *Dahi*) goza de boa reputação. Sem dúvida é antibiliosa. O resto da dieta é a jacuba, já mencionada anteriormente, carne secada ao sol, melão e feijão<sup>23</sup> com toucinho. Quase todos fumam, poucos tomam rapé e poucos mastigam algo.

Uma característica do barqueiro é sua capacidade de apelidar e caçoar com moderação. Esta última prática é comum à mentalidade brasileira em geral. "O senhor é muito caçoador"<sup>24</sup> significa que você não é agradável. E também o hábito do carregador de palanquim que transporta um estrangeiro atrevido, compor canções sobre o patrão. A língua facilita a rima, mas o estrangeiro se espanta com a facilidade com que homens e mulheres, agachados sobre os calcanhares<sup>25</sup> respondem um ao outro em versos amabeanos, feitos sem nenhum momento de raciocínio. Posto que tenhamos tido um Ettrick Shepherd, muitos zombam das pastorais em que os moços preferem a poesia à prosa. Eles deveriam ouvir o barqueiro do rio São Francisco trocando versos com uma jovem e fazendo canções sobre tudo em geral. Assim também as óperas são consideradas

fictícias e irreais, porque as emoções são enunciadas em música. Mas os negros da África central demonstram pelas canções suas tristezas mais profundas e os Botocudo da América do Sul evidenciam a excitação por meio do canto em vez do falar. “Ils ne parlent plus; ils chantent”, diz o viajante.

Naturalmente a matéria das canções são na maior parte amorosas. O barqueiro delicia-se em gritar “a largas goelas”<sup>26</sup> no máximo de sua voz, alguns versos como:

Ontem vi uma dama  
Por meu respeito chorar.

Louva-se continuamente a cor-de-canela, ou *brunette*, das regiões e trata-se com severidade as representantes do outro sexo que ousam decepcionar o condutor de tropa ou o barqueiro:

Mulher que engana tropeiro  
Merece couro dobrado

Coitadinho tropeiro, coitado! (coro)

Ele induz Mariquinha a pôr a chaleira no fogo:

Bota o frango na panela  
Quando vejo cousa boa  
Não posso deixar perder

O piloto (coro)

Algumas dessas canções ainda me soam aos ouvidos, especialmente uma que se parecia com o “Sam’All”. Quanto mais cantavam e mais alto, melhor para a viagem. Parece que isso os estimula como a sineta faz aos burros.

As superstições do barqueiro são tão numerosas como seus cantos. Ele acredita firmemente no duende do Guaiajara, bruxo e feiticeiro,<sup>27</sup> no lobisomem, o *Loup-garou* de Portugal, no Angai ou Anhangá,<sup>28</sup> na alma ou fantasma, no esqueleto, na aparição do galo-preto, que é um mau padre transformado em punição, e no Capetinha ou espírito maligno. Têm contos curiosos sobre o cavalo da água e outros animais fantásticos. Este animal é do tamanho de um potro, de cascos redondos, cabelos vermelhos, e gosta de pastar nas margens. O “Menino” afirmou-me que ele o viu num poção abaixo da cachoeira das Gerais, no rio das Velhas, e que um moço atirou sobre ele. Talvez seja o peixe-boi, bem conhecido nas águas amazônicas. Mas não é seguro de que tal animal (*Manatus Amazonicus*) tenha sido encontrado por aqui. A Cachorrinha-d’água tem a pele branca e uma estrela de ouro na testa. Quem a vir terá todos

os bens da fortuna. O Minhocão, ou grande verme, é a "Midgard", a "Great Sea Serpent", a "Dabbat-el-Arz" dos árabes, e representa importante papel como o Dragão da China. Tem 120 pés de comprimento e 2 de diâmetro, de forma cilíndrica, sem escamas, cor de bronze, e provida de uma pequenina boca de bigode. O Minhocão é um perfeito "Worm os Wantley", em termo de antropofagia. Saint-Hilaire ouviu falar dele na lagoa Feia de Goiás. A princípio ele pensou que se tratasse do *Gymnotus carapa*, então um gigantesco *Lepidosiren*. O coronel Accioli (p. 8) sustenta que se trata de um monstro extinto. Castelnau (II,53) ouviu falar dele no Araguaia. Tinha 30 ou 40 metros de comprimento e a voz formidável ressoava por várias léguas. Halfeld (*Relatório*, 119) diz que seus homens tomaram como sendo ele um tronco de árvore e considera-o fabuloso. Mais abaixo passaremos por uma parte da margem que foi vítima do Minhocão e muitos homens educados não têm uma idéia formada sobre o assunto. A superstição é evidentemente de origem indígena.

Todas essas lendas têm um tom do tupi, grotesco, selvagem, que após untar o corpo com uma capa de cola, e penas de aves bizarras enfeitava com pez e enfeites em si próprio; *experimentum in corpore vili*. Clássico e digno de ficar a par com as lendas marítimas, contudo, é a mãe-d'água, um espírito, uma náiade, uma sereia que aspira a ser uma "mer-matron" e que habita as profundezas dos rios brasileiros. De formas perfeitas, a não ser o rabo de peixe, e vestida somente com seus brilhantes cabelos, como madeixas de ouro, é também uma sirene. Seus olhos exercem irresistível fascinação e ninguém pode fugir à atração de sua voz. É doida por rapazes, como a maior parte das do seu sexo, quando atingem certa idade, e seduz os belos marinheiros. Diversamente das grosseiras Ondinas e Melusinas da Europa, quando propõe uma troca, ela despede seus amantes com grande fortuna. Gonçalves Dias, o poeta, fez dela um malévolo retrato, uma Lorelei, cujo objetivo é afogar os moços; mas não tira dela nenhum de seus encantos.

Olha a bela criatura  
Que dentro d'água se vê.

### Notas ao capítulo LV

As águas, como se criadas para seu uso,  
Seguem a senda de seu bastão de mando  
Sinuosas ou retilíneas, ora rápidas, ora lentas,  
Já num suave murmúrio, já rugindo em cascatas.

1. N.A. *Pira* ou *pya*, peixe: *pora*, salto. Assim explica o coronel Accioli o termo: «lugar onde o peixe salta». A palavra não deve ser escrita como o faz Saint-Hilaire (III, II, 213), *Piraporá*.

2. N.A. Os dicionários explicam pyra-pora como «peixe habitante, grande peixe que vive no mar livre, isto é, baleia». Bora, contração de «Bor véra» é uma desinência verbal que corresponde a hindustani-wala, em expressões como «caheu-bora», que um hindu traduziria por «Fujne-wala».

N.T. Burton baseia-se no *Dicionário* de Gonçalves Dias que diz: «Póra, habitador, habitante». E, em seguida: «Pyra oçu — paraná oçu-pora, peixe grande que vive no mar largo, isto é a baleias».

No *Dicionário* de Teodoro Sampaio (*O tupi na geografia nacional*, 4.<sup>a</sup> ed., revista por F. Edelweiss lê-sc: «Firapora, a morada do peixe; o que contém peixe». Significa também o peixe salta no tupi amazônico. Alt. Pirapó, pirapura.

3. N.A. Assim encontramos o cabo de São Roque, o primeiro avisado a 16 de agosto; cabo de Santo Agostinho, 28 de agosto; rio de São Miguel, 29 de setembro; rio de São Jerônimo, 30 de setembro; rio de S. Francisco, 10 de outubro; rio das Virgens, 21 de outubro; rio de Santa Luzia (rio Doce?), 15 de dezembro; cabo de São Tomé, 21 de dezembro; São Salvador da Bahia, 25 de dezembro; rio de Janeiro, 1.<sup>o</sup> de janeiro; (1502): Angra dos Reis ((Epifania) 6 de janeiro; Ilha de São Sebastião, 20 de janeiro; rio ou porto de São Vicente (São Paulo), 21 de janeiro.

Frei Gaspar da Madre de Deus atribuiria o nome de São Vicente à frota de Martin Afonso de Sousa, que ali tocou de volta do rio da Prata a 22 de janeiro de 1532. Mas o porto é mencionado com o nome do santo no diário do irmão de Martin Afonso, Pero Lopes de Sousa, antes da esquadilha por ele comandada a ter atingido; além disso é mencionado no mapa de Ruysch (1508). Varnhagen (I, 421).

4. N.A. O Sr. Varnhagen (I, 27) reabilita habilmente o nome de Américo Vespúcio, o padrinho contra o qual, por muitos anos, a América e a Europa se manifestaram tão furiosamente. Cita o *Physices Compendium*, Salamantice, 1520 (cito anos depois da morte de Vespúcio): «Frima est Asia, secunda Africa, et tertia Europa... addenda tamen veteribus incognita America a Vesputio invente quae occidentum versus» etc. Colombo não se queixou dele e o afortunado genovês morreu convencido de que havia descoberto a região oriental das Índias, às quais Castela ajuntou o termo *ocidentais*. O historiador nota com razão (I, 27): «E a designação de Índias Ocidentais nos perpetuaria melhor a obra de Colombo e o seu gênio perseverante numa grande idéia e lembraria continuamente à humanidade como deve ela respeitar o engenho, ainda em seus grandes erros; porquanto destes se pode tanto chegar à verdade, como ao conhecimento dela se chega, nas ciências exatas, partindo às vezes de hipóteses gratuitas».

N.T. O autor do *Physices Compendium* é Pedro Margalho.

5. N.A. Nesse erro caíram inadvertidamente autores estrangeiros de Southey a Agassiz. Só conheço um que o evitou, é o tenente Netscher, *Les hollandais au Brésil*, 1853.

6. N.A. O mesmo ocorre com o Paraguaçu no mediterrâneo baiano. Na verdade todos os rios que, nessas latitudes, nascem a oeste dos planaltos costeiros, fluem durante a estação seca e contraem-se quando as chuvas costeiras se iniciam. A razão é simples: a estação seca da costa é a estação chuvosa no interior.
7. N.A. Aqui as *Notícias para a História e Geographia das Nações Ultramarinas* (1.º de março de 1859) que têm um capítulo (n.º 20) «sobre a grandeza do rio de São Francisco e suas nascentes» parecem estar incorretas. Luís de Brito de Almeida, em fins de 1573, governou a capitania da Baiha. Duarte Coelho de Albuquerque (segundo donatário, que não deve ser confundido com o primeiro Duarte Coelho) tornou-se em 1560 governador de Pernambuco.
8. N.T. Em português os termos aspeados. *Banzeiro* é inseguro, conforme o *Dicionário de Aurélio*.
9. N.A. O fruto tem duas espécies: a melancia, ou melão-d'água, e o meião. A primeira é a grande favorita dos barqueiros, que trazem na boca sempre o seu nome. E contudo eles dizem que ela provoca febre intermitente. A mesma crença existe nos Estados do Sul da União Americana. Poucos tocam a fruta quando estão a trabalhar no sol.
10. N.T. Em português as palavras aspeadas.
11. N.T. Em português no original.
12. N.A. Fica a cerca de seis léguas do rio das Velhas.
13. N.A. O Sr. Liais dá como de um quilômetro o comprimento do obstáculo de Pirapora e a diferença de nível de 3,55 m. Isto daria uma velocidade de só 3 a 4 metros, ou jardas, por segundo.
14. N.A. O orçamento para abrir as quarenta léguas são os seguintes:
- |                                       |                          |
|---------------------------------------|--------------------------|
| Canalização de Pirapora acima . . . . | 1:400\$000               |
| Da cachoeira grande . . . . .         | 4:100\$000               |
| Até o porto das Melancias . . . . .   | 3:200\$000               |
| Total . . . . .                       | 8:700\$000 ou £ 870.000. |
15. N.T. Em português no original.
16. N.A. Etimologicamente significa o «homem de verdade», *aba*, homem, e *été*, verdadeiro — ou herói. Este é o rio que produziu o célebre diamante em 1792.
17. N.T. Segundo T. Sampaio, cit.: «amêndoas ou cocos caídos, ou que se despençam. É a palmeira *Attalea compta*. Corr.: *andaia* e *endaia*».
18. N.T. Em português no original.
19. N.A. «Barco» é o termo geral para uma construção grande, mas «barca» é maior. Neste ponto, o português está coerente com o italiano que faz o feminino maior que o masculino. Por exemplo «trivella», forma aumentativa de «trivello». Alguns autores, porém, chamam de barca uma embarcação menor.

20. N.T. A descrição das barcas do São Francisco confere com a do Almirante Antônio Alves Câmara (*Ensaio sobre as construções navais do Brasil*, 3.<sup>a</sup> ed., São Paulo, Ed. Nacional, 1976 (Brasiliense, 92), p. 110. Este, aliás valeu-se dos dados fornecidos pelo relatório de Halfeld.
21. N.A. O vento Leste regular do Amazonas é também conhecido como Vento Geral (Bates, I, 213).
22. N.A. «O defeito dos barcos que navegam o Amazonas é a espessura dos mastros e a falta de velas. Tenho confiança em que um barco em forma curva, chalupa, ou melhor uma galeota com uma grande vela, vela de mezena, de mastaréu e barredouras — as três últimas adequadas para varar o vento e enfrentar a corrente com a vela grande, a bujarrona e talha — conseguiria fazer bons percursos entre o Pará e Éguas» (tenente Herndon, 262).
23. N.A. Este é um excelente alimento, não somente para o gado (70% de alimentação para 60 de aveia). As principais espécies dessas papilionáceas são feijão-preto (*Phaseolus derasus*), feijão-carrapato (*Phaseolus tumidus* e *sphaericus*) e feijão-mulatinho (*Phaseolus vulgaris*). Há muitos outros.
24. N.T. Em português no original.
25. N.A. Essa atitude é usual nas regiões selvagens. O tom familiar a respeito nas terras a oriente é chocado quando o ádvena exhibe o ar garboso do Oeste.
26. N.T. Os versos estão em português no original.
27. N.A. *Angai* no *Tesoro de la lengua guarani* é traduzido como «o espírito mau» também chamado *giopary*, *jurupari* e *jerupari*. Creio que tenha sido aplicado a algum homem maldoso ou a algum fantasma que se tenha tornado notoriamente impopular. Anhangá é em inglês fantasma, de *Anho*, vivo, e *anga*, alma, espírito. Significa assim alma somente — alma sem corpo. Naturalmente *alma* e *espírito* são termos civilizados aplicados a uma idéia bárbara. Denotam subjetividades que podem ser reduzidas à totalidade de uma ação nervosa central. A *alma* é como o Dr. Johnson, ou antes o Sr. Cave diria, *fantasma*, algo como um ser sombrio. Nóbrega e Anchieta escrevem Anhangá, Yves d'Evreux *Aign*; Barrière *Anaaanh*. Outras formas usadas no continente e nas ilhas são *Uracan* (hurricane?), *Hyrocan*, *Amignao* e *Amignan* (Denis).
28. N.A. Assim o tenente Herndon (cap. 8) falando da região dos lagos do alto Amazonas, observa: «Muitos desses lagos são, conforme a tradição dos índios, guardados por uma imensa serpente, capaz de levantar tão grande tempestade nos lagos que as canoas naufragarão, e ela devora os homens. É chamada na língua Inga (Inca) «Jacu Mama», ou mãe das águas e os índios nunca penetram num lago a que não estão familiarizados, sem emitir um estrondo maior com seus cornos, ao qual diz-se que a serpente responde, prevenindo a sua presença».

## CAPÍTULO LVI

### O RIO DE SÃO FRANCISCO

**O sistema do rio — Suas fontes — Direção — Extensão — Grandeza — Geologia — Rochas polidas — Depósitos de ferro — Riqueza do vale — O rio considerado em relação à colonização e como via de comunicação — Dos rios do Brasil em geral — O deplorável abandono da comunicação fluvial — Rios versus estradas de ferro — O rio das Velhas preferível ao alto São Francisco — Orçamentos para liberação do rio das Velhas pelo Sr. Liais — Orçamentos para liberação do alto São Francisco pelo Sr. Halfeld — Cálculos do Sr. de la Martinière. Cálculos do autor — A navegação a vapor no rio das Velhas iniciada pelo Sr. H. Dumont — Navegação a vapor no rio São Francisco pelo conselheiro Manuel Pinto de Sousa Dantas — Criação de uma nova província no rio São Francisco — Vista geral da grande via de comunicação — Seus benefícios para o Império.**

«Um dos mais benéficos dons da natureza parece ser aqui voluntariamente jogado fora»  
(Darwin, *Naturalist's voyage*, cap. VII)

O tenente Maury está indubitavelmente certo quando observa que os vales do Amazonas e do Mississípi são comercialmente complementos um do outro, já que um fornece o que falta ao outro no grande circuito comercial. A homologia das formações ribeirinhas nas secções norte e sul do continente tem também sido observada por muitos escritores. O Amazonas representa o sistema laurenciano relativamente diminuído.<sup>1</sup> O rio da Prata é o Mississípi, o Paraguai é o Missouri e o Paraná é o Ohio, enquanto o Pilcomayo, o Bermejo e o Salado são o Prata, o Arkansas e o Rio Vermelho.

O rio de São Francisco tem sido vulgarmente comparado com o Mississípi e com o Nilo. Ele tem de fato analogia com o Níger na África, mas nenhuma com os da América do Norte. Como outros muitos ele nasce no sul, corre para o norte tendendo para o leste e perto do fim do seu curso volta-se francamente para leste e desemboca no Atlântico. Representa o segmento de vários círculos semelhantes, enquadrados por bacias que correm para o Amazonas ao norte e ao oeste e sudoeste para o Paraná-Prata: os arcos inclusos são o grande Jequitinhonha e o rio Doce. Mais ao sul fica o Paraíba do Sul e, mais ao sul ainda, a Ribeira de Iguape.<sup>2</sup> A não ser a última, todas essas correntes rompem através de barreiras que desenvolvem mais ou menos esta parte da América do Sul, como fazem as partes correspondentes na costa africana.

As mais velhas tradições (*Notícias do Brasil*, 1589), provindas dos selvagens, faziam com que o São Francisco nascesse de uma “lagoa grande tão afamada e desejada de descobrir”.<sup>3</sup> Luccock (p. 530) observa: “No São Francisco e no Paraná verificamos estarem os sangradouros de um imenso lago, limitado a leste pelo Serro Frio e pela Mantiqueira, ao sul pelo de Maracanã e ao oeste pelos que separam o Paraná do Paraguai, ou ficam para além desses dois rios. As águas desse mar primitivo e elevado venceram suas barreiras nas latitudes de 15° e 20° e ainda estão a escavar seus canais mais a fundo nas cataratas de Pirapora, ao norte, e Sete Quedas, ao sul, tal como os lagos Erié e Ontário na América do Norte, que, segundo toda a probabilidade, serão drenados pelo desgaste completo dos obstáculos que atualmente formam a catarata do Niagara”.<sup>4</sup> O Sr. Halfeld (*Relatório*, p. 108) está inclinado a crer que as serras de Ibiapaba<sup>5</sup> e de Itacutiara, Brejo e Itacaratu, com suas formas menores perto de Monte Escuro, eram antigamente as muralhas de um extenso mar de água salgada”. Ele o faz drenar através da cachoeira de Itaparica (317 léguas)<sup>6</sup> que estourou e formou a grande futura Paulo Afonso. Abundam salinas em seu curso e margas e o saibro calcário contém em abundância sal (cloreto de sódio) e salitre do Chile (nitrato de sódio)<sup>7</sup> e, tal como no vale do Indo, o sal da terra aflora durante a estação seca. Posso acrescentar que a presença de iodo explicaria a ausência do bócio e o fato de encontrarmos o coqueiro florescendo a tão grande distância do oceano.

A principal nascente do rio de São Francisco é a vertente oriental da serra da Canastra, a grande plataforma central de Minas Gerais, entre a latitude Sul 20° e 30°30' e longitude 3° a oeste do Rio de Janeiro. “Do desnível de uma rocha perpendicular de mais de 1.000 pés de altura”, diz o barão de Eschwege, “surge a principal nascente

do rio São Francisco”. O local foi visitado por Saint-Hilaire (III, I, 184) e “arrancou dele um grito de admiração”. Ele apreciou a cascata de Casca-d’Anta (667 pés de altitude) e observa “qu’on se tâche de se représenter la réunion de tout ce qui charme dans la nature; le plus beau ciel, des roches élevées, une cascade majestueusé, les eaux les plus limpides, la verdure la plus fraîche, enfin des bois vierges qui présentent toutes les formes de la végétation des tropiques”.

As águas do rio nascente correm de oeste para leste por uma distância de cerca de cinqüenta e cinco e meia léguas e é mera torrente de montanha. Antes de receber o Paraopeba a largura do sistema de águas reunidas é de 140 metros e o máximo de profundidade de 3,25m, com uma descarga de 130 m<sup>3</sup> por segundo. A direção torna-se então de sul para o norte, com a serra Grande, ou do Espinhaço a leste e a da Mata da Corda formando a parede ocidental. Do Paraopeba até as cachoeiras de Pirapora o traçado foi mapeado; inclina-se primeiro para oeste, depois para leste. A distância é de quarenta e quatro quintos de léguas geográficas (226,845 m). De Pirapora à cachoeira de Sobradinho, a distância é de 239-240 léguas. A distância inteira está capaz de ser percorrida por vapores e, incluindo o rio das Velhas, um total de 508 léguas pode tornar-se transitável com pequena dificuldade. Abaixo de Sobradinho, há vinte e nove léguas livres, seguidas de quarenta e quatro que, posto que perigosas, são transitáveis por jangadas e canoas. De Várzea Redonda em diante, vinte e cinco a vinte e seis léguas não são navegáveis e é nessa secção que ocorre a cachoeira de Paulo Afonso. Finalmente, abaixo da linha das cachoeiras, há quarenta e duas léguas, nas quais os vapores hoje trafegam, ligando o baixo São Francisco ao oceano. É desnecessário aqui entrar em minúcias de direção<sup>8</sup> e distância, já que navegaremos por todo o seu percurso.

O *Annuaire du Bureau des Longitudes de France* assina ao São Francisco o quarto lugar entre os rios da América do Sul. Segue-se ao Amazonas (5.400 km)<sup>9</sup> que até ultimamente era considerado o maior rio do mundo;<sup>10</sup> o Paraná-Prata (3.440 km) e o Tocantins (2.300 km). Mas o Sr. Liáis demonstrou que o São Francisco foi erroneamente considerado como tendo 2.100 km: das nascente à embocadura do rio das Velhas há 800 km e 2.100 desse ponto até o mar. O total é, pois, de 2.900 km<sup>11</sup>. A colocação do nosso rio no mundo é, pois, a décima sétima ou décima oitava.<sup>12</sup> Na Europa ele é ultrapassado somente pelo Volga; na Ásia pelo Ienissei, o Iang-Tse-Kaung, o Hoang-ho, o Obi, o Lena, o Amour e o Mei-Kong; na África pelo Nilo, pelo Níger, pelo Zambeze(?) e pelo Corígo; na

América pelo Amazonas, o Mississípi, o Paraná-Prata, o São Luís e São Lourenço e o Mackenzie.

Uma expedição recente opinou que as bacias do Piauí e do Amazonas são idênticas e ambas, como o Mississípi, de formação cretácea. Nem o Prof. Agassiz nem seu auxiliar, o Sr. Orestes St. John encontraram depósitos marítimos, mas esses podem não ter sido notados por uma inspeção superficial e julgaram que ambos eram originariamente de água doce. Durante o inverno cósmico, as montanhas glaciais moveram-se pelos vales abaixo, sem contudo arar o solo ou deixar as chamadas "inscrições glaciais", sulcos, estrias e bruni-duras que caracterizam a ação de gelo. Cessada pelo degelo, as triturações ficam depositadas no fundo, e agora formam os arenitos estratificados, e areias soltas que repousam distintamente. Além disso acrescentem-se as formações de argila, laminadas, estratificadas, cruzadas e não-estratificadas, com linhas de saibro grosso e calhaus cuja composição é o quartzo, com freqüência altamente ferruginosa. Envolvendo tudo está a argila arenosa e outrora o pastoso barro, vermelho e ocre, comum ao Brasil e à África intertropical. Ele se espalha por toda a superfície ondulosa do arenito desnudado, acompanhando todas as suas desigualdades e preenchendo seus sulcos e depressões. A cessação do inverno geológico e o desaparecimento final do gelo, formaram um vasto lago de água doce. Isto, após uma história assaz complicada, acabou por estourar o dique na direção marítima, provocou uma desnudação em escala gigantesca e desgastou a terra a até o cerne rochoso, exceto onde as camadas eram bastante fortes para resistir. O Prof. Agassiz encontrou várias morainas bem caracterizadas e mostrou como, em vez de formar um delta, a embocadura do Amazonas sofreu, pelo contrário, usurpações do oceano. No caso do rio São Francisco, o rio avança mais depressa que o mar possa destruí-lo e o desnudamento da costa não pode ser comparado com o que se deu mais ao norte. Seu delta não se iguala em tamanho aos do Nilo, do Níger ou do Zambeze, mas é perfeitamente possível segui-lo.

O Sr. Halfeld (*Relatório*, p. 172) é de opinião de que ou grês ou o saibro de arenito é característica da formação do São Francisco. O rio nasce, como se viu, do planalto central de Minas. Seu material é o itacolomito ou arenito granular laminado, que parece ser o componente das porções centrais e novas regiões do continente.<sup>13</sup> Alguns comparariam esses depósitos com as vastas bacias silurianas da América do Norte. No momento faltam provas características. O Sr. Chusin (*Bulletin de l'Académie de Bruxelles*, VIII, 5) encontrou a marca de um univalve nos modernos saibros vermelhos de Minas

Gerais. Tanto os viajantes como os mineiros, contudo, concordam em que até agora o Brasil, e mesmo a América do Sul em geral, parecem-se com a África na dificuldade de encontrar corpos fósseis organizados, e, assim, é difícil decidir qual a idade geológica do saibro em grandes depósitos nos planaltos do leste e do norte. Este itacolomito reaparece em Bom Jardim (a 138 léguas) e vem pelo rio abaixo alternando com o granito costeiro.

Abaixo do gnaïsse e do xisto de Pirapora, encontramos areia e arenito ora castanho, ora de acre escuro, freqüentemente de alto teor ferruginoso, raramente estratificado, e mais ou menos noduloso ou poroso. Esta formação se assemelha ao arraste costeiro e outrora cobriu por extenso todo o vale. Ainda aparece à superfície exceto onde a lama das enchentes se acumulou sobre ela e, em outras partes, revela camadas de argila. É também interrompido por surgimentos de pedras calcárias, duras e azuis das montanhas e por pedra calcária argilosa ou hidráulica, compacta ou estratificada e abundante sílex.

Corrente abaixo estão rochedos parecendo quartzo ferruginoso e coberto com uma crosta polida, seja química, seja mecanicamente. As pedras estão escurecidas, da cor do carvão-de-pedra, nos lugares em que a enchente tem menor poder de polir e a natureza do brilho resplandecente sobre a cantaria castanha, amarela ou vermelha, o arenito, o granito e o sienito, dá prontamente o sinal da maior altura da água. Em muitos lugares dava a impressão de ferro magnético e eu cheguei a experimentar sobre ele uma agulha sem resultado. A cobertura não excede a espessura de um folheado, e nos lugares em que o material mais macio tinha cedido, lâminas reluzentes e superfícies, parcialmente brilhantes, destacavam-se erguidas. O povo chama essas rochas coloridas pedras de marumbê, evidentemente pensando que se trata de carvão ferroso. O brilho, porém, é de três espécies; o roxo-escuro, que à sombra parece preto; outro é grafite, escuro (pedra negra); enquanto o terceiro é um vermelho-amarelo quente, provavelmente pura matéria ferruginosa depositada sobre blocos cuja cor interior é a mesma (pedra cabocla).<sup>14</sup> No São Francisco, quanto mais avançávamos mais escura ficava a cor, mais denso o brilho, mesmo em lugares acima e abaixo da Grande Cachoeira, as massas monstruosas assemelhavam-se a jatos de metal macio. Isso noderia parecer que é obra da corrente de água, mas é difícil decidir se as águas os arrastam em solução ou se a fricção delas arrasta-os do interior para a superfície. As análises por Berzelius e Charles Konig concluíram que o fenômeno se deve a óxidos de manganês e ferro.<sup>15</sup> As amostras de Atures demonstraram conter, além do óxido de manganês, carbono e supercarbureto de

ferro, mas enegreceram o papel em que foram embrulhadas. Não é esse o caso daqui nem o povo lhes atribui qualquer influência nociva sobre a atmosfera.

O assunto, creio eu, foi discutido primeiro por Humboldt.<sup>16</sup> Verificou ele que “onde quer que o Orenoco, entre as missões de Carichana e Santa Bárbara, lava periodicamente as rochas graníticas, elas se tornam preto-polido, e como se revestidas de grafite”. No rio Congo observei o brilho escuro da crosta superficial, parecendo surpreendentemente os revestimentos das pedras meteóricas, começando em Boma, bem junto dos estreitos do Zaire, estendendo-se ao Yellalah ou grandes cachoeiras, de fato onde a corrente é mais turbulenta. Aqui o fato foi pela primeira vez observado pela expedição de 1816, chefiada pelo capitão Tuckey e as amostras foram descritas pelo Sr. König.<sup>17</sup> Em 1832 o Sr. Darwin encontrou perto da Bahia, onde um riacho penetra no oceano e onde a ressaca e as ondas da maré suprem o poder de polimento das cataratas, revestimentos de castanho forte como os do São Francisco, e com razão observa que “as amostras portáteis não dão uma idéia nítida dessas pedras brunidas que brilham aos raios do sol”. Não conseguiu indicar nenhuma razão pela qual esses revestimentos de óxidos metálicos sempre permaneciam aproximadamente com a mesma espessura. Durante sua segunda expedição, o Dr. Livingstone (cap. II, “Zambeze e seus tributários”) notou acerca das rochas da cachoeira de Kibrabasa, que “elas eram revestidas com uma fina camada, como se fossem fortemente polidas e revestidas com negro de fumo”. Isso parecia depositado quando o rio estava na enchente, já que cobre só as rochas que ficam entre o ponto mais alto atingido pelo sinal da água, uma linha cerca de quatro pés abaixo da vazante. Este aspecto foi também assinalado acerca das cataratas do Nilo.<sup>18</sup>

No vale do rio, correndo paralelamente com as rochas vitrificadas estão morros destacados, surgindo-se abruptamente do nível da superfície e separados, uns dos outros, por espaços mais rasos.<sup>19</sup> Alguns desses pilares, que parecem estar ali fincados, como se fossem segmentos de diques para conter a corrente e impedi-la de desviar-se, são compostos de quase puro ferro magnético.<sup>20</sup> Subimos em vários deles e darei disso notícia adiante. As terras planas são compostas de areias e barro finamente laminados, com clivagem regular, queimadas pelo sol, assadas pelo ar, e manchadas com uma variedade de tons branco e preto, azul e cinza, rosa e amarelo, carmesim e alaranjado. As altitudes ricas em ferro têm por fundo serras de montanhas despidas que, da corrente, parecem côncavas. Os topos lisos e tabuleiros revelam que elas foram outrora muralhas contínuas,

agora isoladas pelas condições climáticas em vasta escala e que continuam degradadas pelas chuvas e pela insolação tropicais. A dureza superior da sua formação ferruginosa salvou-se de uma destruição até os níveis aluvionais e as formações laminadas da base.

A formação granítica da costa reapareceu cerca de 238 léguas adiante, e continuou com interrupções até a cachoeira de Paulo Afonso, quando se transformou em sienito. Ao aproximar-se essa formação, e exatamente ao sul da chapada do Araripe, onde o Dr. Gardner encontrou em terreno argiloso, encaixados na pedra, peixes do sistema cretáceo, do fim da era secundária, apareceram sinais de uma notável correspondência com o Amazonas. De ambos os lados do rio contrafortes arenáceos lembrando o terreno argiloso duro.<sup>20</sup> O material mais grosseiro invariavelmente depositou-se nos níveis mais baixos; acima estavam os belos saibros conhecidos pelo povo como “pedras de amolar”. Nessa região ele encontrou ágatas e uma abundância de sílex, com o arenito cuticular que reaparece perto de Paulo Afonso e no porto de Piranhas. No baixo São Francisco, após passar as cachoeiras, perto de Talhado (332 léguas), em Alagoas, encontrei o mesmo arenito sobrepondo-se ao granito e ficando abaixo da pedra calcária. Perto da vila de Propriá (367 léguas) surgem depósitos de cal. Extensos depósitos de calcário recente encontram-se nos cursos mais baixos dos rios estreitos que cortam a linha da costa.

Saint-Hilaire (I, i, 14) ao descrever o curso do São Francisco notara: “A margem esquerda, mais elevada que a direita, é geralmente menos exposta às enchentes”. O coronel Accioli (p. 14) parece confirmar essa observação que fora feita, provavelmente, em bases locais. O grande rio, contudo, corre por um meridiano, e o resultado do movimento composto produzido pelo seu curso norte e a revolução da terra de oeste para leste tende teoricamente a retirar o peso da água do lado esquerdo, ou ocidental, e atirá-lo contra o direito ou oriental. Assim, já foi notado, que em extensas linhas de estrada de ferro, correndo de norte e do sul, o trilho oriental é o mais gasto. Praticamente não achei que essa teoria, que foi extensamente discutida na Rússia, se aplicasse ao São Francisco.

Este rio não é um rio santo, *caret quia vate sacro*,<sup>21</sup> porém o seu futuro será mais honroso do que o passado do Ganges ou do Indo. O vale e os altos gerais secos, que o limitam de ambos os lados, contêm todos os elementos de prosperidade requeridos por um império. A população é atualmente calculada em um e meio a dois milhões, provavelmente mais próxima do último algarismo que do primeiro. O vale pode sustentar vinte milhões de almas. Como disseram do alto Amazonas “aqui a cana e o abacaxi podem ser vistos por um

espectador em campo de cevada e em um batatal". Os terrenos elevados podem sustentar, em qualquer quantidade, todas as espécies de pecuária: bois, cavalos, mulas, carneiros, porcos, cabras e não haverá dificuldade em aclimar-se o camelo. A respeito da riqueza mineral, além de diamantes e opalas, ágatas, ouro, ferro, vimos mencionados pelo Sr. E. de la Martinière<sup>22</sup> e outros, platina, galena argenti-fera, mercúrio, cobre (perto de Sete Lagoas), antimônio, arsênico, manganês, cobalto e várias piritas. Sal, salitre, enxofre e pedra-hume têm sido achados em grandes depósitos. Acerca de materiais de construção tivemos notícia de mármore, pedra comum e ardósia, cal geralmente espalhada e cimento hidráulico, sílex, pedra de amolar e argila para cerâmica são também abundantes. O terreno é admiravelmente apropriado para o bicho-da-seda e para o cultivo do algodão, que algum dia rivalizarão com suas imensas pescarias.<sup>23</sup> A bacia do São Francisco é terrestre e não aquática. É completamente isolada pelas cataratas perto das nascentes e acima da foz. Os peixes, aliás, que têm nomes amazônicos serão certamente considerados de natureza diversa. A localização de espécies ultimamente encontradas, mesmo em uma extensão maior do que se esperava pelo Prof. Agassiz, que observou a maior corrente da grande bacia do norte, diversificava-se em diversas famílias, repetir-se-á certamente aqui. Os ribeirinhos, que nunca tentaram uma classificação, distribuição ou limitação, podem geralmente dizer se um peixe é ou não pescado em certas regiões. O naturalista que se dedicar à ictiologia do São Francisco terá dele anos de trabalho. Os resultados estupendos obtidos pelo Prof. Agassiz, a revolução na ictiologia de que ele fala, foram resultado de uma imensa colaboração, pública e privada, no que refere às coleções. Esse sábio pode-se dizer que foi auxiliado pelas forças do império.

O lúpulo e, até certa extensão, as vinhas florescerão. Entre os cereais ali se produz uma riqueza em milho e arroz, enquanto a cevada, o centeio e o trigo serão produzidos nas Gerais. A maior parte dos frutos e hortaliças, pertencentes às regiões subtropical e temperada, poderá ser introduzida. Um canavial dura dez anos, embora as canas sejam tratadas de maneira ineficiente. O café cresce admiravelmente; o chá, congonha (mate) e a planta favorita do noroeste do Brasil, o guaraná (*Paullinia sorbites*), prosperarão nos lugares baixos, quentes e úmidos. O tabaco é o melhor do império. A salsaparrilha, o cactus da cochonilha, o aloés e a baunilha são silvestres. O comércio da madeira é suscetível de um vasto desenvolvimento. A aroeira, a braúna, a candeia, a peroba e a canela, e as belas madeiras duras do Brasil, aguardam em geral a exploração. Plantas oleaginosas e cascas com tanino, resinas e fibras vegetais, gomas, como a jataí-

copal, o bálsamo do Peru, a copaíba e a *asafoetida*, são produzidas em abundância. O mesmo se pode dizer da cera de abelhas e a de carnaúba, que é transformada em velas no Rio de Janeiro; as tinturas são abundantes, desde o anil ao pau-amarelo, e as madeiras de marcenaria constituem uma longa lista, encabeçada pelo jacarandá e o cedro do Brasil. Em presença de riquezas tão vastas e inexploradas, e em expectativa das classes indigentes da Europa, podemos exclamar como Goethe: “Quem é que diz que nada resta ao pobre e ao desprezado a não ser a pobreza e o crime?”.

Vamos considerar sob uma outra e mais importante luz: como uma linha de comunicação ligando as regiões marinhas e sublitorâneas com o extremo oeste, o norte com o sul, facilitando o comércio e a colonização, impedindo a escassez, fornecendo uma saída ao que sobra nas regiões centrais, especialmente quando as estações irregulares da costa prejudicam a agricultura ou quando o transporte por mar possa ser bloqueado. E assim estará completo o círculo estratégico de que o Império, se conseguir preservar sua integridade, precisa tanto agora. Afirimo de antemão que os rios do Brasil entre o Amazonas e Prata, como os da grande península africana, devem ser distribuídos entre duas categorias. Muitos são curtos e diretos, antes estuários que rios, drenando superficialmente as serras que acompanham a costa. Em menor número são os longos e indiretos como o São Francisco e os que acima especificamos. Os primeiros são de valor limitado; os últimos podem ser utilizados extensivamente.

O Brasil é sabidamente a terra de grandes rios, mas ainda não preparados. Ganharam, contudo, para si próprios um mau nome.<sup>24</sup> A comunicação através da água tem sido deploravelmente desprezada tal como na Índia inglesa. Sendo possível obter capital para estradas de ferro na Inglaterra a juros altos, os vários meios de comunicação foram utilizados na ordem inversa do mérito. A comunicação pela água, de poder enorme e econômico, que deveria ter sido a primeira a ser empreendida, será a última. As estradas estão limitadas ao uso dos burros ou carro-de-boi. E o império está ameaçado com um plano ferroviário de uma maravilhosa inépcia. Na Europa, a Itália é o único país que elabora uma planificação antes de abrir o solo. Aqui a falta de uma comissão topográfica em largas bases ameaçou Pernambuco de chocar-se com a Estrada de Ferro baiana em Juazeiro e a Estrada de Ferro D. Pedro II de cortar a E. F. Mauá. Prepara-se uma campanha contra a E. F. Cantagalo e a E. F. Santos a Jundiá. Reservar-me-ei para futuras considerações sobre o assunto.

As comunicações pelo vale do São Francisco ainda estão em embrião. O Dr. Melo Franco, deputado geral,<sup>25</sup> chamou a atenção em 1851 para a importância do rio das Velhas. Como se viu, aquele rio drena a vertente norte do planalto de Minas, cujo ponto culminante é o Itacolomi. Sua parede ocidental é a serra Grande ou do Espinhaço. E, para oeste é dividido, por um longo espigão de muitos nomes, do vale do São Francisco. Mais tortuoso que o último, sua declividade, até a junção, é menor, alcançando uma média de inclinação de 0,3941 m a 0,4890. Durante os meses de ascensão das águas todo o rio é navegável naturalmente e as cheias excepcionais seriam perigosas apenas por poucos dias. Em março de 1852 um respeitável comerciante português, Manuel Joaquim Gonçalves, que encontrei em Januária, desceu o rio das Velhas com três ajoujos, dos quais um se perdeu. Em 1862, quando o conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo era presidente da província de Minas Gerais, o governo imperial mandou fazer um levantamento dirigido pelo Sr. Liai e dois assistentes, o tenente Eduardo José de Moraes e o Sr. Ladislau de Sousa Melo Neto.<sup>26</sup> Os admiráveis planos do rio das Velhas e do alto São Francisco são hoje bem conhecidos na Europa.

Essa comissão preferiu o rio das Velhas como linha de comunicação com o império e, segundo parece, com as melhores razões.<sup>27</sup> A abertura do alto São Francisco seria um trabalho gigantesco para o qual a nação ainda não está preparada; a remoção da cachoeira de Pirapora somente custaria mais do que remover todos os mais importantes obstáculos do rio das Velhas. Nas trinta e quatro léguas acima deste ponto, o São Francisco tem tantas cachoeiras como o total das do seu rival entre Sabará e sua embocadura. As arestas que atravessam o último são mais friáveis e xistosas. As barreiras raramente passam de seis a sete jardas no alto, e muitos obstáculos são meras rochas destacadas e bancos de areia. No primeiro, o material consiste do mais duro gnaisse e arenito, e disposto horizontalmente espalhando-se por quarenta e cinquenta metros. Para a descrição de outros obstáculos, tais como as nove terríveis léguas, tão fatais à vida humana, perto de porto dos Passarinhos, o leitor deve reportar-se ao Sr. Liai. O comércio, além disso, preferiu o primeiro a partir da foz do Paraopeba. Desde a confluência mal chega a uma dúzia os ajoujos que descem o São Francisco por ano, já que muitos barqueiros, temendo por suas vidas, recusam-se a engajar-se. As pequenas vilas estão esparsas e durante as chuvas, quando as carneiradas impelem os habitantes para o interior, as margens ficam quase desertas.<sup>28</sup>

Por outro lado, como já se disse, um meridiano, com ligeiro desvio, liga a metrópole do império com o curso do rio das Velhas.

Sabará fica apenas a sessenta e quatro léguas diretas do Rio de Janeiro. Um ponto análogo no rio São Francisco ficaria a noventa léguas, diferença que se terá de levar em conta quando pensarmos numa estrada de ferro. Essa proximidade, combinada com a superioridade do clima, recomendaria o rio das Velhas aos colonos. Finalmente ele tem conexão com lugares mais importantes, como Diamantina e Curvelo.

O Sr. Liais têm concluiu, creio que com razão, que a comunicao pela água  preferível  por terra. Têm nesse ponto, como nas ndias Britânicas, as comunicaes entre as vilas não foram levadas em conta no sistema das obras públicas. As “estradas naturais”, as mais desprezveis comunicaes abertas pelos ps dos caminhantes, onde não se encontra um sulco aberto pelas carroças, acompanham tanto as margns do rio das Velhas como as do São Francisco. Tanto umas quanto outras são ms, mas geralmente uma  pior que a outra. Mesmo na época das secas, a canoa tem preferência e durante as chuvas as estradas estão inevitavelmente fechadas. Haveria grande dificuldade em construir, e maior ainda em manter uma estrada de rodagem. As despesas da construo entre Sabará a Juazeiro (244 léguas) não ficariam por menos e 12.200:000\$000 (isto  £ 1.220.000). O pedágio muito alto afastaria todos os lucros. Uma objeo semelhante se aplicaria  construo de caminhos para o rebocamento de barcos  sirga.

O Sr. Liais divide os obstáculos no rio das Velhas em cinco variedades: molhes de pedra ou rochas isoladas; redemoinhos de eixo vertical; bancos de area e curvas violentas e rasas; troncos flutuantes e troncos obstruindo o rio. Ainda que grande admirador de seus planos, não posso concordar com o sistema proposto “Pour assainir un rivire”. Ele quer fazer deste rio selvagem um Sena ou um Rodano. Minha experiência, na ndia e nos Estados Unidos, me aconselha muito mais ateno  economia. O Sr. Liais  entusiasta de minas para a explosão de pedras brandas, da “supressão” de molhes de pedras e da sinalizao de todos os rochedos, mesmo os baixos, onde possam ocorrer acidentes. Fala a sério de “un petit travail de canalisation”. Contudo ele suprimiria canais; para impedir os encalhes (*chouage*) alteraria o leito do rio, mudaria sua direo, retificaria todas as curvas abruptas e canalizaria até os lugares rasos. Sem dvida, a primeira enchente restauraria o *status quo ante*. Frequentemente têm ele obstruiria a metade do leito do rio e canalizaria a outra metade, numa operao precária. Já aludi aos seus projetos de dragagem e construo de túneis, seja simples seja *avec enrochements*; a remoo das cachoeiras tornar estes custosos trabalhos inúteis pelo aumento da corrente pelo estreitamento do

leito por onde ele se espalha na estação da seca. Ele pretendia *nettoyer* da corrente a madeira flutuante que naturalmente se fixaria onde tinha permanecido. Para evitar o depósito das areias provenientes da pesquisa do ouro de Sabará e redondezas, queria compelir os proprietários a cavar tanques, através dos quais os riachos lamacentos passariam, depositando a escória antes de penetrar no rio. Mas nas condições presentes do Brasil, tais precauções seriam inexequíveis e os lucros provenientes da pesquisa do ouro não habilitariam, como ele supõe, os proprietários das minas a fazer as despesas necessárias. Ele pretendia criar uma polícia das águas para impedir que as árvores fossem atiradas no rio, mas os policiais seriam provavelmente os primeiros a atirá-las na água. Finalmente a tônica de seus projetos é que os canais seriam feitos independentes dos pilotos e não ofereceriam risco mesmo a um vapor mal dirigido. Creio que não é preciso caracterizar tais obras como ultrapassando os termos da possibilidade.<sup>29</sup>

Uma parte considerável do trabalho só poderia ser executada na época das vazantes, quer dizer em três ou quatro meses do ano. Para outra parte seria suficiente água de profundidade média. Durante as enchentes, de novembro a março, nada poderia ser feito. Perto de abril ocorre muitas vezes uma pequena inundação, chamada enchente de Páscoa. A época de trabalho ficaria assim limitada a seis meses. Assim, as enchentes do São Francisco são quase sincrônicas com as do Amazonas, que começam em novembro e duram até maio ou junho. A extensão maior de tempo resulta de suas dimensões superiores. Ambos os rios têm inundações, que serão descritas a seu tempo e, em ambos, as oscilações são conhecidas pelo nome de *repiquete*.<sup>30</sup> Durante as vazantes é preciso contar com as doenças entre os operários não aclimados, atraídos de pontos longínquos pelo aumento dos salários.

Eis as estimativas propostas pelo Sr. Liais:

200:000\$000	Entre Sabará e Macaúbas, para poder admitir na estação da seca um barco calando 0,60m (um calado maior exigiria um grande aumento de dispêndio). Canalização em quatro pontos e supressão de rochedos.
1,730:000\$000	Entre Macaúbas e Jequitibá, calado de 1,25 m. Dragagem, supressão de um vau, retificação de Poço Feio e retirada de rochedos.
195:000\$000	Entre Jequitibá e Paraúna. Esta é uma das piores seções. Para o mesmo calado.

480:000\$000 Entre Paraúna e a foz do rio das Velhas.  
A melhor parte do curso. Calado de 1,50 m.<sup>31</sup>

Total 2,605:000\$000 (isto é £260,000) entre Sabará e a foz, 120 léguas.

São os seguintes os cálculos para a abertura do alto São Francisco:

1,400:000\$000 abertura da cachoeira de Pirapora  
4,100:000\$000 de Pirapora a Cachoeira Grande inclusive  
3,200:000\$000 de Cachoeira Grande a porto das Melancias.

Total 8,700:000\$000 (isto é £870,000) entre Pirapora e o rio Paraopeba, 41 léguas.

Passemos agora ao rio São Francisco. O Sr. Halfeld fez antes um plano minucioso do que um mapa. Ele utilizou paralelos e a determinação de oito ou dez pontos antes de considerá-lo correto. O texto descreve cada légua do rio, mas como as distâncias não foram controladas por instrumentos, é evidente que muitas vezes uma légua poderá confundir-se com outra. E como foi gasto muito papel, é de lamentar-se que não se tenha feito lugar para planos mais extensos das cachoeiras e dos trechos obstruídos. Este é um dos méritos da publicação do Sr. Liais. O engenheiro alemão, com autêntica diligência teutônica, mediu a corrente em toda a distância, e assim também, deve ter verificado a largura. Quando a corrente é muito larga, não se fornecem números. Além disso ele se entregou a esse gigantesco empreendimento pelo curto espaço de dois anos, que seria insuficiente para um acurado estabelecimento da topografia de complexas trinta e uma léguas entre Boa Vista (269 léguas) e Sorobabé (300 léguas).

Para as minúcias de uma desobstrução que converteria esse enorme leito num límpido canal — uma espécie de canal como o Reno ou o Ródano, o Sr. Halfeld propõe um total de 1,089:000\$000 (isto é) £108,900. Uma considerável porção de tal despesa é um simples desperdício; removendo pedras, construindo diques, executando faxinas (que lembra o proverbial forçado de deter enchentes) para a retirada de troncos flutuantes e madeira, barrancas escorregadias, construção de cais e outros melhoramentos, tudo isso pode ser adiado para os dias em que se iniciar a navegação a vapor. Devo observar que foi reservada uma soma de 12:900\$000 (£1.290) para o curso do rio entre o porto de Piranhas e a vila de Piassabussu, trecho em que os vapores já estão navegando desde agosto de 1867, sem gastar um vintém. Podem-se levantar igualmente sérias objeções a qualquer tentativa de um canal de 50 palmos de largura no fundo e estendendo-se por setenta e duas léguas (206 milhas geográficas) entre Boa Vista e o porto de Piranhas, atual término da navegação a vapor. Isso

difícilmente pode ocorrer. A terra é alternadamente arenosa e pedregosa, profundamente inundada durante as chuvas e sujeita a uma enorme evaporação durante a estação seca. É evidente que uma linha de trilhos leves será o verdadeiro sistema de comunicação.

Comparado com os dois orçamentos precedentes, o Sr. de La Martinière é econômico. O total da soma para o rio das Velhas e o de São Francisco é de £ 368.900, segundo os precedentes. Ele reduz tudo a 2,000:000\$000 (isto é £ 200,000). Por essa quantia, além de limpar o canal, ele constrói pontes e oficinas, barcos, rampas e cinco rebocadores. Mas ele se limita ao trecho entre Sabará e Juazeiro. Outros autores adotam os cálculos do Sr. Liais para a desobstrução do rio das Velhas, acrescentando 2,400:000\$000 (£ 240,000) para a limpeza do canal entre Sobradinho e Várzea Redonda; e 12,000:000\$000 (isto é £ 1.120,000) para uma estrada em torno do obstáculo de Paulo Afonso. Isso representa uma despesa total de 17,000:000\$000 (£ 1,700,000), para uma navegação de 476 léguas (1.428 milhas).

Proporei agora meus próprios cálculos, com a ressalva de que não é um plano profissional e não pretendo requerer ao governo brasileiro o privilégio de executá-lo:

£55,000	para o rio das Velhas.
40,000	para desobstruir a cachoeira de Sobradinho e os obstáculos acima de Juazeiro.
108,000	para estradas de ferro e locomotivas para contornar a Grande Cachoeira entre Várzea Redonda e o porto das Piranhas, 36 milhas (a £3.000 por milha), com a bitola de 2 pés a 2 pés e seis polegadas.
<hr/>	
£203,000	

No primeiro trecho, £4.000 seriam destinadas a 20 toneladas de pólvora para explosões, que, porém, poderiam ser obtidas a melhor preço no local. A maquinaria atingiria, transporte inclusive, a £15,500, compreendendo dois martelos grandes de carretel e dois ditos menores; e duas picadeiras, trabalhando em escatel ou em berço, com junta de entalhe ajustável ao pistão, £1.000; dragas para as cachoeiras, £2.000; motor de 5 H.P., montado em uma jangada, £2.500; um rebocador de primeira classe, com máquinas auxiliares para acompanhar e ajudar o trabalho, £10,000. Os salários e o sustento dos trabalhadores pode ser fixado em £30,000; e o resto para emergências que nessas terras exigem uma larga margem.

O segundo item, colhi-o no trabalho do Sr. Halfeld, que propõe na correção do canal do São Francisco (240 léguas) a Juazeiro (247ª légua) a soma de 416:320\$000 (quer dizer £41,632). É o

orçamento mais alto possível. O trabalho é a única necessidade absoluta entre as cachoeiras de Pirapora (léguas 1<sup>a</sup>) e a vila da Boa Vista (269<sup>a</sup>) e, como veremos, quando chegarmos ao lugar, a natureza está ali fazendo a sua própria engenharia.

Da vila da Boa Vista ao porto de Piranhas, de setenta a setenta e duas léguas (216 milhas), o São Francisco dificilmente pode ser considerado navegável. Ajoujos iguais ao meu e canoas atravessam mesmo na estação da seca as primeiras trinta e quatro léguas entre Boa Vista e Várzea Redonda, mas enfrento mil perigos. As restantes trinta e oito léguas (114 milhas) entre Várzea Redonda e porto das Piranhas são absolutamente incontroláveis. O mínimo que custará uma estrada de ferro será £ 342.000, o máximo £ 648.000. Se for dada preferência a uma estrada marginal, a despesa será reduzida à metade. Uma estrada carroçável custará cerca de um terço. Rejubilo-me em saber que o governo de Sua Majestade Imperial mandou um conhecido engenheiro alemão, o Sr. Krauss, determinar os níveis que podem ligar o baixo ao alto São Francisco.

Quando estiver ocupado o vale ribeirinho, a rápida drenagem tenderá a aumentar as enchentes e as correspondentes secas. Será então necessário construir represas na artéria principal e nos tributários, paredões sólidos, partindo de ambas as margens, forçando a corrente a se tornar forte no centro e criando uma profundidade necessária para a navegação no centro. Assim, conjuntamente com a remoção das cachoeiras, os vales mais baixos estarão garantidos contra as enchentes. As secas de inverno poderão ainda ser evitadas pela liberação de reservas de lagos artificiais e reservatórios construídos nas correntes secundárias. Este plano foi proposto para o Mississípi, cuja área de drenagem é de um milhão e um quarto de milhas quadradas, e cujos cursos navegáveis alcançam dez mil milhas. Tais esquemas ousados e magníficos têm sido propostos e em parte executados no Novo Mundo,<sup>32</sup> enquanto os engenheiros da Europa têm um medo crônico de retificar grandes rios e desenvolvem a teoria de que estes foram feitos para fazerem-se canais. É só uma questão de tempo, quando o Brasil seguirá o exemplo dos Estados Unidos.

A navegação a vapor no rio das Velhas está a ponto de ser iniciada. Em 25 de junho de 1867, o presidente de Minas Gerais, conselheiro Joaquim Saldanha Marinho, entabulou um contrato com o engenheiro civil Sr. Henrique Dumont, pelo qual o governo da província comprometeu-se a pagar antes de 30 de junho de 1867, a

soma de 4:000\$000 (£400); antes de 15 de julho, 33:000\$000 (£3.300) e 19:000\$000 (£1.900) quando um rebocador com não menos de 25 cavalos-vapor alcançasse o Rio de Janeiro, e o restante, num total de 75:500\$000 (£7.550), após a viagem inaugural do primeiro paquete. A partir de 25 de junho de 1869 o engenheiro deveria usufruir por dez anos o emprego do vapor, após o que deverá ser entregue em boas condições ao governo provincial. O último compromete-se a solicitar a dispensa de direitos para todo o material importado, tal como vapor, barcos, ferramentas, e maquinaria necessária para o desimpedimento do canal. Se o pedido for negado, o governo assumirá as despesas. As desobstruções do leito seriam levadas a cabo de acordo com os cálculos do Sr. Liais e declarava-se que £ 160,000 seriam destinadas à obra imediatamente.

Por outro lado o Sr. Dumont comprometia-se, sob penalidades, a colocar, dentro de dois anos após a assinatura, um rebocador em Sabará. O barco faria duas viagens de ida e vinda (viagens redondas) pela fração do canal que as permitisse, na média de dez léguas por dia. O preço da passagem seria de 1\$000 por légua por pessoa e \$100 por mercadoria por arroba.<sup>33</sup> Os funcionários do governo pagariam somente a alimentação. O contratador deveria manter o vapor em boa forma e ser responsável por suas avarias ou perda (exceto por vontade de Deus ou acidente inevitável) até passar à propriedade do Governo Provincial. O rio entre Sabará e Jaguará seria reformado conforme os planos do Sr. Liais e tornado navegável, na medida em que o permitisse o tesouro provincial, até a confluência com o rio São Francisco.<sup>34</sup>

O Sr. Dumont não perdeu tempo. Em março de 1868 trouxe de Bordéus ao Rio de Janeiro os componentes do “Conselheiro Saldanha” e do “Monsenhor Augusto”.<sup>35</sup> Os vapores dispõem de quarenta e vinte cavalos-vapor, e a velocidade seria de oito milhas por hora, num calado de dez polegadas. No princípio do próximo ano começarão a operar sobre o rio das Velhas. Já me referi aos barcos de cavalo, com planos inclinados que movem rodas de remos e é de esperar que tal melhoramento se seguirá em breve ao aparecimento dos vapores.

Já em 1865, Sua Excelência o conselheiro Manuel Pinto de Sousa Dantas, então presidente da província da Bahia, resolveu colocar um vapor sobre o rio São Francisco. O pequeno “Dantas”, com noventa pés por quatorze e com cerca de noventa e quatro toneladas,

foi construído pelo Sr. Hayden, nas oficinas de Ponta da Areia, em frente ao Rio de Janeiro. As chapas e a maquinaria foram divididas em pedaços e enviadas, devidamente numeradas, com um modelo e desenhos complementares, por terra, até Juazeiro. A estrada, porém, foi considerada inadequada para veículos de roda; de 346 bois, sessenta morreram em breve tempo. Houve perda equivalente de cavalos. É lamentável que as excelentes madeiras do rio São Francisco não tenham sido preferidas às placas de ferro e que ciúmes locais, de que terei que tratar adiante, tenham atrasado a execução do grande projeto.

Nos últimos anos houve uma revivescência de uma idéia sugerida de início, creio eu, em 1825 por certo coronel Joaquim de Almeida e que, desde 1832, tinha sido esquecida: é a de erigir o vale do rio São Francisco na vigésima primeira província do império.<sup>38</sup> O objetivo principal é remediar os males sociais, comerciais e políticos que derivam do isolamento das povoações. Essas estão muitas vezes a 150 léguas de distância das capitais provinciais. A única objeção que me ocorre é o insignificante aumento das despesas que, em breve, seriam reembolsadas.

Os estrangeiros, acostumados a encarar o Brasil com superfluidade, falaram-me nos males do aumento de um quadro administrativo já demasiado excessivo. Não parecem perceber que um governo altamente constitucional, que já foi com razão descrito como uma república disfarçada em império, exige ser fortalecido, tanto quanto legalmente o possa ser, e boas "nomeações" (como são chamadas na Índia) constituem a mais rápida e mais prática forma de fortalecê-lo. E se o Brasil não quer desmanchar o número 20, pode tomar emprestado à sua irmã do norte, um admirável sistema de "territórios", que lá são estados e aqui seriam províncias, *in statu pupillari*, educando-se para o governo autônomo.

No rio de São Francisco, onde o número vinte e um é sempre aventado, cada cidade, vila ou aldeia está preparada e decidida a ser a capital. As grandes rivais são Januária, no sul, e no norte Juazeiro. Ambas, creio eu, prefeririam permanecer como estão, que aceitar uma posição subalterna. Os *desiderata* para uma cidade capital são muitos: ponto central, facilidade de comunicação com a costa e com o interior, clima salutar e, se possível, terras ricas e férteis. Como se verá eu daria o prêmio a Bom Jardim ou a Xique-xique.

A nova província ou território poderia compreender a totalidade do vale do rio São Francisco. O sul tomaria a maior parte de Minas,

a serra de Grão Mogol, Minas Novas, Montes Claros e Formigas, a leste. A oeste os vales dos rios Paracatu, das Éguas, Urucuia, rio Pardo e Carinhanha. Da Bahia, tomaria as vertentes ocidentais da serra das Almas e da Chapada Diamantina e de Pernambuco a parte ocidental do vale ao norte de Carinhanha. Estender-se-ia até a cachoeira de Paulo Afonso e comunicar-se-ia com a costa por uma estrada de ferro ou uma *tramway* e pela navegação a vapor já agora na parte baixa do rio. E quando a população e a riqueza aumentassem poder-se-ia admitir uma futura subdivisão em um território meridional, com Januária como capital e uma setentrional, sob a chefia de Juazeiro. Cada uma dessas divisões disporia de cerca de 500 milhas do rio, e ambas mais são dignas da categoria de província que as de Alagoas e Sergipe, sem importância e espremidas como anões entre os dois gigantes de Pernambuco e Bahia.

A distância em linha reta entre o Rio de Janeiro e Sabará é de 3°12'39" ou 192 milhas geográficas, e o cálculo para uma linha de estrada de ferro é de 276 milhas. Destas uma parte já está coberta pela E. F. D. Pedro II. Para a navegação a vapor temos 366 milhas pelo rio das Velhas e, pelo rio São Francisco, da foz do rio das Velhas à vila de Boa Vista, 729 milhas perfeitamente livres, salvo num ponto. De Boa Vista ao Porto de Piranhas, o trem de ferro ou *tramway* correriam 216 milhas e, do Porto de Piranhas à foz do São Francisco, na latitude sul 10°27'4", e longitude (oeste de Greenwich) 36°21'41" são 129 milhas de boa navegação.

Teríamos assim a segmentação de um imenso círculo, cujo arco alcança 1.779 milhas geográficas, ultrapassando a largura média da Rússia. Dessa distância, só 492 seriam percorridas por estrada de ferro, o resto, 1.287, por comunicação aquática, geralmente considerada dez vezes mais barata.

A comunicação pelo vapor não irá criar uma população salvo se atrair colonos. Por outro lado ela irá, como a estrada de ferro, beneficiar a região, reunindo e centralizando as atuais habitações esparsas. Esse caminho de 1.800 milhas, ligando o coração do Brasil com sua cabeça, a metrópole, e colocando suas mais ricas províncias em ligação com o mundo exterior, será a medida mais importante agora tomada. A abertura do rio São Francisco não somente beneficiará diretamente as províncias de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe e, indiretamente, as de Goiás e Mato Grosso, Piauí e Ceará, mas contribuirá grandemente para manter a integridade do império.

## Notas ao capítulo LVI

1. N.A. Os vales do Amazonas e do Paraguai podem ser facilmente ligados como os do São Lourenço e o Mississipi.
2. N.A. Esse rio nasce a leste ou lado marítimo da grande serra do Mar, que na provincia sulina de São Paulo afasta-se da costa. A etimologia de Iguape é *yg*, água; *cua*, cinto e *ipé*, lugar onde. Pretendo dedicar à Ribeira um futuro volume.  
N.T. O autor baseia-se sempre no *Dicionário* de Gonçalves Dias. Segundo Teodoro Sampaio, 4.<sup>a</sup> ed., Iguape seria corruptela de *yguá-pe*, no lagamar, na baía fluvial
3. N.T. O trecho está na edição organizada e comentada por Varnhagen: *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, São Paulo, Ed. Nacional, 3.<sup>a</sup> ed., 1938 (Brasiliana). «Este gentio afirma viver à vista da Alagoa Grande, tão afamada e desejada de descobrir, da qual este rio nasce».
4. N.T. O trecho ocorre à p. 352 da tradução brasileira: *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*, trad. de Milton da Silva Rodrigues. São Paulo, Martins, 1942 (Biblioteca Histórica Brasileira).
5. N.A. O Sr. José de Alencar prefere escrever *Ibyapaba*. Vieira traduz a palavra por «terra adorada», e Martius explica-a como *Iby*, terra e *pabe*, tudo. *Iby* é muitas vezes corrompido, como no nome do célebre *Pytiguara*, tribo cuja forma original era *Iby-tiva-cua-jara*, os senhores da terra do vale. Segundo o Sr. Brunet, da Bahia, a altitude da serra não excede 2.200 m. O Sr. Keith Johnstone adotou a forma *Ibiapaba*. Gardner informa-nos que o nome português era serra Vermelha. O Sr. Halfeld escreve *Hippiapaba*.  
N.T. Segundo T. Sampaio, cit. *Potiguara* pode ser «comedor de excrementos» ou corruptela de *potin-guara*, comedor de camarões. Quanto a *Ibiapaba*, o mesmo autor considera-a como corruptela de *ybiá-paba*, «a estância da terra alta, ou da chapada». *Ibia* é «terra alta».
6. N.A. O Sr. Halfeld parte de Pirapora, onde coloca a junção com o rio das Velhas.
7. N.A. V. adiante, cap. 60, onde o nitrato de potássio será mencionado.
8. N.A. Podemos, contudo, observar que ele corre para o norte, com um pequeno desvio para oeste até o rio Urucuia (30.<sup>a</sup> légua a partir do rio das Velhas), norte-nordeste para Bom Jesus da Lapa (106.<sup>a</sup> légua). Este percurso meridional é agradável para o viajante, que sempre se lastima quando deve ir para leste ou oeste e enfrentar o sol. Então começa a longa curvatura para nordeste, cujo ápice é Cabrobó ou Quebobó (278.<sup>a</sup> légua) e, afinal, para sudeste.
9. N.A. O tenente Herndon assina ao Ucayali-Amazonas uma navegação ininterrupta de 3.360 milhas. Estima em números redondos

as linhas fluviais do vale para barcos grandes em cerca de 6.000 milhas e imagina que, incluindo os numerosos rios menores a extensão atingirá 10.000 (p. 280).

10. N.A. O Nilo está subindo em matéria de extensão rapidamente. Meu amigo, o Sr. A. G. Findlay, geógrafo, diz (3 de junho de 1867): «Se a nascente for perto da serra de Muxinga... o curso total será de 3.500 milhas geográficas, ou 4.050 milhas inglesas, quase inatingível por qualquer outro rio.
11. N.A. O Prof. D. T. Ansted (*Elementary course of geology, mineralogy and physical geography*, p. 34) dá ao São Francisco uma extensão total de 1.000 milhas britânicas; e 1.600 incluindo as curvas, ao mesmo tempo que calcula a área de drenagem em 250.000 milhas quadradas. Sir John Herschel (*Physical geography*, p. 188) diz: «A bacia do São Francisco inclui o distrito (?) de Minas Gerais, a grande fonte de riqueza mineral do Brasil. Compreende uma área de 187.200 milhas geográficas quadradas em comprimento desde sua nascente na serra da Mata da Corda (?).» O Sr. Gerber dá o total das duas bacias hidrográficas de Minas Gerais: 20.000 léguas quadradas (180.000 milhas geográficas quadradas). No meio desse conjunto coloca em primeiro lugar o São Francisco ao qual atribui 8.800 milhas quadradas ou 79.200 milhas geográficas.
12. N.A. O Sr. Liais atribui-lhe o 16.º lugar. Mas atualmente é muito difícil calcular a área do Zambeze e do Congo. Considerando o primeiro como nascendo a 36º de longitude leste e desembocando a 36º de longitude leste (estendendo-se entre o 8º e 18º de latitude, e dando como média para cada grau 58,472, encontramos um curso direto maior que o do São Francisco. O Congo não pode ser calculado no estado presente dos conhecimentos geográficos. Deve provavelmente equiparar-se ao Niger.
13. N.A. O mesmo saibro foi encontrado por Castelnau no rio Tocantins e no seu caminho de Golás para Cuiabá, em Mato Grosso. Perto de Santa Cruz, em Minas Gerais, também faz menção de blocos erráticos de granito que não existem nas vizinhanças. Esse viajante recorda a ausência de fósseis e acredita que, em regra, as partes baixas e quentes do continente sul-americano são de data muito anterior que a dos planaltos derivados das cordilheiras, cujas formações são dispostas regularmente, como as da Europa.
14. Nunca ouvi ninguém dizer, como no Orenoco, que as «rochas estão queimadas» (ou carbonizadas) «pelos raios do sol», ou que «as rochas são negras onde as águas são brancas».
15. N.A. Enviei à Europa espécimes dessas curiosas incrustações rochosas do rio São Francisco. Nos poucos meses decorridos desde sua colheita a vitrificação tornou-se relativamente sem brilho. A impressão é de que precisa ser renovada.
16. N.A. *Personal narrative*, v. II, cap. 20. Londres, Bohn's Scientific Library, 1852.
17. N.A. Aquele geólogo (*Appendix to captain Tuckey's expedition*) baseando-se nas primitivas formações rochosas do baixo Zaire,

admite a possibilidade de que as «montanhas de Pernambuco, Rio e outras partes adjacentes da América do Sul foram, em época primitiva, ligadas às serras que atravessam as planícies do Congo e Loango».

18. N.A. O Sr. Rozière chamou a atenção de Humboldt para o fato de que as rochas primitivas de Syene [do Nilo] revelam, como as do Orenoco, uma superfície acetinada cinzento-escura ou quase cor-de-chumbo.
19. N.A. Nas primeiras e poucas léguas abaixo da embocadura do rio das Velhas, o São Francisco corre entre barrancos apertados. Depois, até Urubu, na 127.<sup>a</sup> légua, é limitado por escarpas de cadeias que dividem as águas dos rios secundários. Os morros destacados, tendo ao fundo as montanhas desnudas, ocorrem abaixo de Urubu.
20. N.A. Essa vasta formação de ferro não é mencionada pelo Sr. J.A. Monlevade que, em 1854, dirigiu-se ao Sr. Diogo de Vasconcelos, então presidente de Minas Gerais. Ali declara que a província é peculiarmente adequada para a indústria, gozando de um clima saudável e temperado, grandes extensões de floresta virgem para o fornecimento de carvão e cachoeiras que, por toda parte facilitariam emprego de maquinaria. Em conjunto, os depósitos contêm mais ferro que a Europa inteira, considerando a riqueza da ganga que fornece 76% de metal puro. Trata-se principalmente da martita, ou mineral magnético, quase todo sempre acompanhado de jacutinga, ferro oxidulado ou protóxido de ferro, com camadas de manganês e titânio em estado arenoso. A análise procedida pelo Dr. Percy do Itabirito micáceo constata 68,08 por cento do metal assim distribuído: sesquióxido de ferro, 97,25; peróxido de manganês, 0,14; cálcio, 0,34; resíduo, sílica etc. 1,88; traços de magnésio e ausência de ácido fosfórico. Total: 99,61%. Recobrimdo os ricos minérios há frequentemente canga ou hidrato de ferro, empregado na Europa em fornos ventilados. Aqui é desprezado porque rende apenas de 25 a 35%. Há além disso enormes depósitos de mineral, ficando cinco dos principais depósitos a uma distância média de 18 léguas leste e oeste uma da outra, numa linha perpendicular à direção das mesmas. As pesquisas mais ricas estão associadas com o ouro que ocorre pela maior parte em morros mais baixos, encostas e vales. Os depósitos metalíferos têm a direção de norte-nordeste a sul-sudoeste, com tendência para o leste. A largura é de 1/8 a 1/4 de légua. A profundidade é desconhecida.

1) Cordilheira, começando a leste, estende-se a partir de Sacramento, município de Santa Bárbara, paróquia de Prata, cruza o rio Piracicaba, via São Domingos e Jequitibá, estende-se por uma larga superfície perto do ribeirão de Cocais Grande e, após 12 léguas, perde-se nas matas. A terra é por toda parte coberta de florestas em ambas as vertentes. O solo é fértil e a água abundante.

2) Tem dez léguas de extensão; ergue-se na fazenda do professor Abreu, 3 1/2 léguas acima da vila de São Miguel e forma

o braço esquerdo do vale do rio Piracicaba. Morro Agudo, sua culminância, fica em frente da fundição do Sr. Monlevade e cruza seus terrenos na extensão de uma légua completa.

3) Aparece doze léguas adiante, no Capão, ao sul de Ouro Preto. É rica ao oeste dessa cidade, prossegue via Santana e Antônio Pereira, formando o morro de Água Quente e a serra travessa do Caraça; perde-se em frente à mina do Guarda-mor Inocência.

4) Com 20 léguas de extensão, começa ao sul do Caraça, a meia légua de Capanema e dirige-se ao norte via Cachoeira do Morro Vermelho, Roça Grande, Gongo Soco, Cocais, Brucutu e Serra da Conceição, formando o pico de Itabira do Norte.

5) Com dezoito léguas de extensão, começa ao sul de Itabira do Campo, que é composta de óxido de ferro puro, acompanha a serra de Curral d'El Rei, atravessa o rio das Velhas em Sabará, forma a serra da Piedade e, provavelmente, reaparece muito ao norte, em Gaspar Rodrigues, Candonga, na serra Negra e no Grão Mogol — todos esses lugares riquíssimos em ferro.

Evidentemente, diz o Sr. Monlevade, não se necessita senão de estradas que economizariam 7\$000 de cada 8\$000 e um imposto de importação sobre o ferro estrangeiro de 25%. Uns poucos estabelecimentos-modelo darão em breve ímpeto ao negócio.

21. N.T. Destaque de um trecho de Horácio:

Vixere fortes ante Agamemnona  
Multi; sed omnes illacrimabiles  
Urgentur ignotique longa  
Nocte, carent quia vate sacro.

(Muitos homens bravos viveram antes de Agamenon, mas todos, sem lágrimas e desconhecidos, jazem enterrados na noite eterna porque não tiveram um bardo inspirado que lhes contasse as proezas.)

22. N.A. Carta oficial. Anexo N do Relatório do Presidente da Província de 1867.

23. N.A. Os nomes dos peixes, que não ocorrem nas páginas seguintes, mas mencionados pelo Sr. Halfeld e cotejados com os moradores são os seguintes: 1) Peixes de escama: *camurupim* (?), pequeno e espesso; *camurim-mirim* e *açu* (pequeno e grande), branco com listas escuras em ambos os lados; *tubarana*, dourado (amarelo) e branco, peixe grande, magro no alto São Francisco, mas muito apreciado após as cachoeiras; *bagre-de-ouro* (?); *robalo*, uma espécie de lúcio, comum nos rios do Brasil; *pacamão* e *pacamão-de-couro*, que, diz o Sr. Halfeld, é um peixe macio que vive na lama. Gardner descreve o «pocomó» como um peixe preto e feio, com cerca de dois pés de comprimento e recoberto de duras escamas. Ele fica no fundo e é apanhado com facilidade com a rede e é boa isca, mas raramente é comido. O pacamum do Amazonas é descrito como amarelo-canário e pesando 10 libras; sardinha; *sarapó* (carapó); *sibeira* ou *aragu* (piaba, aracu); *cará*; *piram-peba*, branco e preto, peixe pequeno e chato de dentes como

agulhas; *lombia* com cerca de um pé de comprimento; *sudiá*. De pele lisa: *niquim*; *cumbá*; *prepetinga* (peripetunga).

Ouvi também falar do *tamburé*, de cerca de um pé de comprimento e tido como bom alimento, e do *piguri* ou *lambari*, peixes pequenos dos quais se extrai óleo no alto Paraguai. O *tubarão* (*Squalus tubero*, Linn.) tem arrebatado pessoas perto da foz. Falam também de outro peixe grande, o mero, provavelmente um tubarão, que alguns dizem ser antropófago e outros o negam. É também encontrado junto à foz de pequenos rios que desembocam no mar, conforme a maré. Naturalmente o *manatim* (ou manati), que representa o *dinotério*, a *toninha* do Amazonas, não existe nas águas do São Francisco.

N.T. O mero é um teleosteo, pecomorfo, da família dos serranídeos que alcança até 3 metros e alimenta-se de outros peixes. Nada tem com o tubarão. O dinotério é um mamífero proboscídeo fóssil da era miocena. Toninha é a denominação comum dos cetáceos da costa do Brasil.

24. N.A. Cheguei ao Brasil preparado para acreditar e lamentar com o Sr. Kidder que, «não obstante o número e a vastidão dos rios que correm pelas regiões no norte e oeste do império, e finalmente unindo suas águas ao Amazonas e ao Prata, não há nenhum, a não ser o Amazonas, escoando-se para o Atlântico, ao longo da costa brasileira, que seja navegável em extensão considerável a partir de sua foz interior». Mas a observação direta em breve mostrou-me que os cursos inferiores de muitos rios podem ser ligados por pequenas estradas de ferro com os cursos superiores que deveriam ser aproveitados para comunicações, mas que têm sido desprezados por completo.
25. N.T. Trata-se do Dr. Manuel de Melo Franco, médico e político brasileiro, eleito várias vezes deputado geral.
26. N.T. Trata-se do cientista Ladislau Neto, depois diretor do Museu Nacional.
27. N.A. Os habitantes ribeirinhos observam com razão: «O rio São Francisco faz barra (desemboca) no rio das Velhas». A descarga do primeiro na confluência é de 446 metros cúbicos por segundo. A do último é só de 209. Mas essas proporções não permanecem por muito tempo. No porto das Andorinhas, sessenta léguas acima da junção, o débito do São Francisco não passa de cinquenta e nove metros cúbicos e o rio das Velhas tem o mesmo volume a 111 léguas da embocadura. A razão é que o primeiro recebe mais afluentes no baixo curso e o último no curso superior.
28. N.A. Todos estão de acordo que, em matéria de febres, o rio São Francisco supera o das Velhas.
29. N.A. O Brasil já é naturalmente inclinado demais às «obras monumentais». «Les ouvriers mineiros», diz Saint-Hilaire (I, I, 394) «s'ils mettent de la lenteur dans leur travail, au moins ils donnent beaucoup d'attention à leurs ouvrages, et je crois même qu'ils ne les finissent plus que ne feraient les ouvriers européens».
30. N.T. Em português no original.

31. N.A. Creio que não é preciso observar que tal calado é totalmente desnecessário. Em 1849, segundo o Sr. Claudel, no alto Sena, os barcos descarregados calavam, na média, 0,27 m; no Loire e no Mosela, 0,22 m. Os vapores, nos vários rios da França e da Alemanha, calavam segundo o Srs. Mathias e Callon, entre um mínimo de 0,36 m (cidade de Orleans, no Loire) e um máximo de 1,23 (Bretanha e baixo Loire). Nos Estados Unidos encontramos vapores de fundo chato calando 22 polegadas. Um metro seria suficiente para uma embarcação de alto-mar.
32. N.A. Ellet: *On the Ohio and Mississipi Rivers*. Filadélfia, 1853.
33. O público começou imediatamente a queixar-se dessas condições. De Sabará a Jaguará o passageiro pagará 20\$000 e cada arroba (32 libras) de mercadoria 2\$000 Mas a mesma distância pode ser coberta com a despesa de 4\$000 por uma mula, transportando de 6 a 7 arrobas. O tempo, naturalmente, nunca é levado em consideração.
34. O Sr. Liais calcula que um barco movido a varas, calando três palmos (2 pés e 1.8 polegadas) com uma tripulação de 10 homens trabalhando oito horas por dia e gastando 15 dias entre Sabará e a boca do rio das Velhas, transportaria 4.000 arrobas (50 a 60 toneladas). Atualmente isso seria feito por 340 mulas e 42 homens em 36 dias. A subida do rio demandaria o triplo do tempo e o dobro da tripulação, mas ainda assim representaria uma grande vantagem sobre o transporte por animais.  
Por outro lado, um pequeno vapor com força de 20 cavalos-vapor, queimando madeira, que existe em abundância em toda parte transportaria a mesma carga, trabalhando doze horas por dia, em cinco dias rio abaixo e oito rio acima, com cinco homens trabalhando no rebocador e oito no rebocado. As despesas com a descida, incluindo comandante e maquinista, seriam de 100\$000 por viagem; com a subida seria de 160\$000. Dobrando essa soma tendo em vista o tempo perdido no carregamento e na descarga, e adicionando em cada viagem 100\$000 pelo desgaste do material, temos um dispêndio total de 600\$000 para cada descida e 900\$000 pela volta. Desse modo a arroba pagaria o máximo de \$150 de Sabará a Guaicuí e \$225 de Guaicuí a Sabará.
35. N.T. Deve ser homenagem a D. Modesto Augusto Vieira, depois bispo auxiliar de Mariana.
36. N.A. «Verifiquei que, na maioria, os homens de posição elevada da província do Pará ridicularizavam a decisão governamental de elevar a comarca do Rio Negro a província. Mas creio que seria uma idéia sensata. Se a nação tem de progredir em geral, deve ser seguido esse caminho» (Ten. Herndon, 329).

## CAPÍTULO LVII

### DE GUAICUÍ A SÃO ROMÃO

#### Primeira travessia, 24 léguas<sup>1</sup>

**Aspectos do rio — Arraial da Extrema — Caçada — A lontra — As chuvas do caju — Chegada a São Romão — Sua história — Figueiras gigantesas — Estado atual do lugarejo — Aproximação do bom tempo**

Montanhas vimos, campos mil patentes,  
E um terreno nas margens tão extenso,  
Que poderá ele só neste hemisfério  
Formar com tanto povo um vasto império.

(Caramuru, VI, 27)

Pirapora tinha sido no São Francisco meu *terminus ad quam*. Era agora *a quo*, já que o resto da viagem se passaria rio abaixo. O tempo continuava enfarruscado, conseqüência da tempestade na noite da véspera, mas a atmosfera estava transparente, livre de átomos, esporos e moléculas. O aumento da umidade, tal como na Inglaterra, tornava-a mais clara ainda. Os livros não se encolhiam como no rio das Velhas, em virtude da seca, e um recurso ao vidro de quinino foi considerado aconselhável. O vento geral, ou alísio do leste, começou a soprar. Mas estávamos evidentemente na abertura da estação chuvosa.

*Quarta-feira, 18 de setembro de 1867.* Dia das têmeoras.<sup>2</sup> Naturalmente os atrasos do embarque foram vários. A nova tripulação tinha de despedir-se da população. Era meio-dia até que a *Elisa* pudesse largar, à força de varas, das barrancas do Guaicuí, e virar-se “cabeça abaixo” no grande rio.<sup>3</sup> Deixamos à direita a ilha do Engenho, na qual se havia aglomerado o povo. As canoas dispararam para as margens aluvionais, que se elevam em degraus regulares. Aquele lado da ilha é arenoso. Crescem abetos em suas margens. A

ilha do Boi conduz à barra do Jatobá, rio que vem do oeste. Veremos que esta é a regra em quase todos os grandes afluentes. Suas águas, chamadas “seizoentes”, “sezonárias”, “pestíferas”, provocam, ao que dizem, sezões. Um pouco abaixo ficavam pedras soltas, pedras do Agato.<sup>4</sup> Os pilotos não pensavam ultrapassá-las, pois o vento contrário, especialmente à tarde, é ali muito forte. Mas não ofereceram a menor dificuldade. Passando por Barreira,<sup>5</sup> onde havia uma clareira e alguns ranchos, à margem direita, demos com grandes depósitos de canga amigdalóide. Além ficava a foz do Jequitá,<sup>6</sup> rio que deságua à direita, com uma largura de cerca de 500 metros, e curvando-se graciosamente sob árvores baixas. No lado oposto há um ponto notável: as pedras de Burra, do Jequitá, em estratos horizontais dos quais alguns blocos têm sido arrastados pela força das águas.

Logo que o ar foi se tornando mais escuro, procuramos um lugar para acampar durante a noite. As horas úteis aqui são as que medeiam entre o nascimento e o pôr-do-sol. Os barqueiros não navegam aqui de noite, mesmo quando há lua-cheia, já que não podem perceber as maretas causadas pelos troncos abaixo da superfície da água. Os homens preferiram a margem esquerda, que poderia fornecer madeira. A margem direita oferece melhor proteção contra o vento leste, contra as tempestades que vêm daquela direção. Na linguagem do rio, a última é chamada lado da Bahia e o lado oeste, lado de Pernambuco.<sup>7</sup> São denominações antigas, que vêm do tempo em que a capitania de Pernambuco atingia a atual província de Minas Gerais.

Essa parte do rio São Francisco e, na verdade, todo o seu curso, é mais civilizada, domesticada, povoada e menos pitoresca que o baixo rio das Velhas. Dificilmente percorríamos uma légua sem avistarmos cabanas ou melhoramentos. Apressamo-nos e às 5 e meia da tarde acostamos em uma praia de areia. Após subir a escarpada margem de barro, chegamos a uma casinhola, cercada por uma pequena plantação de mandioca, bananas enfezadas e algodão, de primeira qualidade, que parece florescer em toda parte. A casinha tinha os fundos voltados para oeste, o quadrante chuvoso, e deve ter havido algum esforço para construí-la. Havia um forno de olaria construído na margem do rio, um círculo de metro e trinta centímetros de profundidade, uma base de argila com orifícios separava o material a ser queimado do fogo embaixo. Essa operação não parecia ser bem executada, tanto no que se refere a vasos quanto a telhas. O vale do rio, na margem ocidental, é limitado a uma distância de cerca de cinco milhas pela serra do Itacolomi. A neblina, porém, impedia-nos de apreciar a vista. No lado oposto fica o povoado

de Olho-d'Água, umas poucas cabanas esparsas entre laranjeiras e jabuticabeiras.<sup>8</sup>

Hoje o rio apresenta cerca de 1.200 pés de largura. Em alguns lugares amplia-se até 1.600 jardas. As margens entre as quais corre o rio, contra as quais investem as enchentes, erguem-se perpendicularmente ao passo que na margem oposta apresenta a inclinação natural. A altura varia de 25 a 36 pés. O material consiste de uma base de areia branca ou avermelhada, sustentando a taúa<sup>9</sup> dura e a superfície é de rico húmus, misturado com os sedimentos. O abastecimento está assegurado por muitos anos, mas a madeira não desperta interesse, após as aléias magníficas do rio das Velhas. A superfície é composta de ondulações, em cujas depressões há alagadiços. Começa a aparecer também a *ipueira*,<sup>10</sup> que corresponde parcialmente ao *igarapé*,<sup>11</sup> ou passagem de canoa no Amazonas e no baixo São Francisco. Quando o braço de rio é grande, conserva a água durante todo o ano. É mantido no nível da seca por um *sangradouro*. Essas pequenas baías contêm uma quantidade de areia. São, pela maior parte dispostas perpendicularmente ao rio e ajudam a proteger as águas contra as ondulações do terreno não atingidas pela inundaçãõ. Em muitos lugares há morros maciços, cobertos, ou não, de mata. Em ambos os lados as divisas do vale ribeirinho estão bem assinaladas com elevações que desaparecerão léguas adiante.

*19 de setembro.* Partimos excepcionalmente cedo, mas nossos homens são pagos "pelo trabalho". A margem direita revelava uma massa de material de construção, arenito xistoso e argiloso em lousas horizontais. Em frente fica um lugar chamado Lajes, roça de bananeiras e laranjeiras. Logo diante de nós ergueu-se o morro da Extrema, espigão em forma de tartaruga, acima das inundações, perpendicular, recoberto de mata e com boas benfeitorias embaixo. O vilarejo do mesmo nome ficava no fundo de um saco, formado pela curva do rio visando a uma projeção da margem esquerda oposta. É construído na encosta de um terreno elevado. Algumas casinhas, cobertas de telha, rodeavam a igreja, dedicada a Nossa Senhora do Carmo.

Ao meio-dia paramos para descansar do lado de Pernambuco, abaixo de um lugarejo chamado serra da Povoação.<sup>12</sup> A montanha do mesmo nome forma uma linha meridional de blocos isolados, paralela ao rio, afastando-se dele raramente mais de três milhas. Na serra ou serrote do Pé do Morro, inflete até a margem. O pequeno crescente é chamado serra do Salitre, porque há nele uma gruta com salitre. Dizem que se trata de um ramo nordestino da grande cadeia da Mata da Corda.<sup>13</sup> Em face dela fica a Barra do Pacuí<sup>14</sup> que forma

a habitual coroa. Um pouco abaixo, à esquerda, mostraram-nos um banco de areia onde um grupo de folgazões passou por dolorosa experiência. Isto há cerca de oito anos. Voltavam de uma festa na Extrema, pequeno lugar, depois de grande pândega. A embarcação em que iam bateu numa pedra e todos morreram afogados.

Passamos pelo riacho da Fome, nome de mau agouro, mas agora não muito rara. Ancoramos antes do pôr-do-sol na boca de um sangradouro chamado Cachoeirinha, nome de uma povoação vizinha.<sup>15</sup> O barranco argiloso do rio tem ali cerca de onze metros de altura e o canal, que serve de escoadouro de uma lagoa, mede aproximadamente uma milha de comprimento. O peixe chamado mandim<sup>16</sup> estava acordado e roncava como um peixe-cabra. Essa fome à tarde levou os barqueiros a concluir que era sinal de chuva. Logo depois começou a soprar um vento frio de leste, acumularam-se as nuvens e o horizonte ficou luzindo com o reflexo das queimadas nos campos, que facilmente poderiam confundir-se com as descargas elétricas. Durante o princípio da noite o vento soprou com mais força. Não demorou que desabasse a chuva cuja demora já se fazia sentir.

O dia mostrou-nos uma porção de vida animal maior que de costume. Um jacaré olhou-nos da margem do rio, com o focinho curto e redondo, curioso. Outro estava estendido como morto, sobre umas pedras. Os jacus (penélopes) gritavam no alto das árvores oferecendo boa caça. Mas o mato era muito espesso para uma caçada, embora nos esforçássemos para melhorar o cardápio. Uma grande lontra mergulhou perto de nós e de vez em quando ouvíamos-lhe os gritos que os barqueiros comparavam às gritarias e palavrões das peixeiras e com as objurgatórias do diabo. Há duas espécies de lontras: a comum (*Lutra brasiliensis*) e a lontra grande, também chamada pelo nome tupi de *ariranha*.<sup>17</sup> Dizem que esse animal chegava a atingir dois metros; a cor, de um castanho mais claro que o da espécie menor, ostenta uma circunferência branca em torno do pescoço. Talvez seja essa espécie que deu origem à lenda da mãe-d'água. Morde terrivelmente e os cães temem persegui-la quando ela foge sobre as pedras. A lontra existe em grande parte no Brasil. É comum nos rios do litoral. Se a mão-de-obra fosse mais barata sua pele poderia penetrar nos mercados da Europa. Os moradores do rio São Francisco perseguem-na porque ela ataca os peixes. Vive em famílias, abre túneis nas margens dos rios e emite suspiros à superfície. O caçador fecha ambos os orifícios e depois abre o da entrada. Quando a lontra corre para respirar é morta *ad libitum*. Muitas vezes são mortas a tiro nos córregos. Seus corpos são encontrados depois

flutuando após algumas horas. As peles têm preço relativamente elevado. Não comprei nenhuma por menos de 2\$000.

20 de setembro. Outra vez dia das Têmporas. Pele manhã os barqueiros pareciam urubus após uma chuva pesada. Estavam de tal modo desorientados que tivemos dificuldade em evitar troncos submersos e uma perigosa pedra sob as águas que dizem ser sílex.<sup>18</sup> Depois de duas horas de trabalho passamos, na margem esquerda, o Paracatu de Seis Dedos que o Sr. Gerber localizou à direita. Os barqueiros elogiaram-no como sendo de boa água (rio bonito), mas nenhum explicou por que ele veio a se chamar de "seis dedos". Perto da foz há um lugarejo e uma roça nas margens bem cobertas de mato. O ruído de uma roda de engenho anunciava rapadura e cachaça.

Uma hora depois desse ponto, paramos para o almoço na margem esquerda do grande rio Paracatu.<sup>19</sup> Sua margem direita apresenta uma ponta ou baixio que empurra a correnteza para o lado oposto. O centro é dotado de perigosos *chevaux de frise*<sup>20</sup> de madeira submersa. O curso, curvo como uma cimitarra turca, estava tinto pelo pau-jaú vermelho. Os barrancos das margens, apesar de altos, ficam inundados na época das chuvas e o solo, de areia misturada com *húmus* e argila, eleva-se até o alto, onde as árvores revelam sinal de água até 8 pés de altura. Há pouca vegetação rasteira e a superfície estava coberta de folhas mortas. Trilhas e caminhos cortam a terra em todas as direções. O gado fugiu de nós e os carrapatos nos puseram logo em fuga.

Na véspera só víamos um barco a subir o rio, junto à margem direita. Mas naquele dia encontramos dois ajoujos ancorados na foz do Paracatu. O dono deles, robusto e saudável, cuja aparência depunha em favor do clima, estava a levar mantimentos a Capão Redondo, garimpo de diamantes rio acima.

Aquele vale chegou outrora a exportar centenas de arrobas de ouro. As lavras das margens estão esgotadas, mas o leito do rio é ainda muito rico, segundo nos informou o dito homem. Halfeld diz que antigamente, os ativos e enérgicos habitantes ribeirinhos forneciam carne e cereais ao baixo São Francisco, chegando até Juazeiro, distante 700 milhas. Nosso informante declarou que a atividade principal da região é a criação de gado, posto que a agricultura ainda se mantenha e que o bom solo de massapé pode produzir frutas em grande quantidade, especialmente mangas. Terminou por predizer que não alcançaríamos São Romão naquela noite. Está claro que resolvemos dar-lhe um desmentido praticamente, já que agora não

ligávamos muito às informações desanimadoras que recebíamos desde o Rio de Janeiro e ali terminaríamos.

Depois de receber esse “formidável tributário”, o rio São Francisco se alarga e se torna mais raso. Às onze horas passamos, à mão esquerda, por um enorme penhasco, a Ribeira da Martinha,<sup>21</sup> que impele a corrente quase para leste. Antes de alcançá-la, o terreno era baixo e coberto de mato denso, como o leito antigo de um rio, possivelmente o Paracatu.<sup>22</sup> A barreira é a extremidade principal de uma saliência cortada pelo rio. O material é a argila compacta, de várias cores, branca e castanha, cor-de-rosa e amarela, recoberta de fina camada de húmus. Ergue-se quase a prumo, alcançando a altura de uns oitenta pés. Na base abate-se com as declividades do costume. Depois de um comprimento de umas 440 jardas, estreita-se e se torna canga, para terminar, afinal, em terra recoberta de mato. Abaixo dela a margem torna-se arenosa e apresenta os casebres e benfeitorias do costume, sinal de aproximação de alguma localidade de importância.

Depois dessa Barreira, o rio passa a ser uma massa de escolhos, e a correnteza varia de 0,87 a 1,28 milhas. O “remanso”, ou corrente vagarosa, é temido pelos barqueiros. Habitualmente o vento geral é contrário e levanta dificuldades para a navegação. Durante horas nuvens baixas e escuras, dissolvidas pelo frio vento norte que, nessas alturas do rio, prometem continuação do tempo chuvoso,<sup>23</sup> proporcionaram-nos uma chuva lenta e firme. Começou às 10 horas e durou, com raros intervalos, até as 4 horas da tarde. Um ajuízo não é certamente o melhor lugar durante as chamadas chuvas “do caju”. Por outro lado, a pesada carga de água vinda do alto fez cessar a ventania.

À 1,15 da tarde desembarcamos no estreito canal de cascalho duro entre a margem esquerda e a ilha de Jatobá. Os homens foram obrigados a “tomar pé”, isto é, a entrar na água e carregar-nos. Nesse ponto a largura total do rio, incluindo a ilha, é de cerca de 1.600 braças e (é extraordinário dizer), Halfeld propõe que se bloqueie o canal ocidental com “estacas e faxinas”. A ilha de Jatobá é de tipo comum: um losango alongado, com os ângulos laterais aparados; é contornada de areia em todas as direções, exceto onde os barrancos das margens são mais altos. Nesta estação ela aplica-se: rio acima há uma pequena formação argilosa, bem coberta de mato, ligada a uma formação semelhante e maior por um comprido e raso banco de areia, a nordeste. Nessa última há alguns moradores. Mais abaixo fica a Pedra Preta, blocos escuros com moitas de verde arindá.

tal como no baixo rio das Velhas, que impele a água quase em ângulo reto para oeste. A curva seguinte é na direção norte e, sem muita demora, depois de 36 milhas, chegamos a nosso ponto de pernoite.

São Romão, ou para dar o nome completo, Vila Risonha de Santo Antônio da Manga e de São Romão,<sup>24</sup> tira seu nome de batismo do mártir São Romanus que se comemora a 9 de agosto e que eu creio ser geralmente desconhecido pelos fiéis na Inglaterra. Dois bandeirantes paulistas, os primos Matias Cardoso e Manuel Francisco de Toledo, havendo matado um ouvidor, fugiram com suas famílias e escravos para o sertão do São Francisco. Não se conhece exatamente a data de tal viagem. É de supor que tenha sido entre 1698 e 1707. Chegaram assim à ilha que fica em frente à vila e, após derrotarem os índios, ali ficaram durante algum tempo. Prosseguiram depois a viagem, fixando-se, afinal, em Morrinhos e Salgado.<sup>25</sup> Entre 1712 e 1713 o bispo de Pernambuco, ouvindo dizer que os índios da região eram dos mais ferozes, enviou, para catequizá-los, o padre Antônio Mendes. Antes de 1720 São Romão era um julgado, pertencente à comarca de Sabará. Tempos depois o distrito passou a pertencer ao município de Paracatu, cidade então recentemente criada e que ficava a 200 milhas de distância — somente. A 16 de agosto de 1804, D. José Joaquim da Cunha (de Azeredo Coutinho), bispo de Pernambuco, nomeou o primeiro pároco, o reverendo padre Feliciano José de Oliveira. Dedicou-se uma capela a Santa Ana e São Luís, num lugar acima da confluência do Japoré com o São Francisco. Esta foi transferida para São Romão, no dia de sua comemoração, e passou a ser consagrada a Santo Antônio; São Romão, freguesia em 1804, em 1831 passou a município.

Descreverei, com extensão, este lugar aurífero esquecido, não pelo que ele é atualmente mas pelo que virá a ser. Muitos viajantes o mencionaram.<sup>26</sup> Quase todos que o visitaram tiveram a pior impressão possível. O último foi um naturalista mandado pelo professor Agassiz, que se viu em apuro pelo porte de armas. Não há motivo para que o lugar seja tão miserável e o povo tão atrasado. Bem perto há um lugar adequado para a ereção de uma cidade. A região circunvizinha é admiravelmente conveniente à agricultura e a posição da vila é favorável como centro comercial. Não está longe o dia, assim o espero, em que uma rota comercial passará por São Romão. Em breve tornar-se-á obsoleta a descrição dos são-romanenses que vou fazer.

Perto da vila o rio tem cerca de 1.300 jardas de largura e corre para o norte, pressionando a margem esquerda. É dividido pela ilha

de São Romão, com cerca de quatro milhas de comprimento por quatrocentos passos de largura, densamente coberta de mato, desabitada. É ainda propriedade particular. Havia no porto uma canoa encostada e meia dúzia de outras na água, — o único estaleiro fica no alto do barranco. Uma boa barca ostentava a bandeira imperial. A tripulação, incluindo o piloto, era de sete homens e a tonelagem de 4.000 a 5.000 rapaduras, ou seja de 20.000 a 25.000 libras.

Galgamos o íngreme barranco, de cerca de trinta pés de altura, debaixo de uma forte chuva. A parte baixa era de argila amarela, misturada com sedimentos, e areia pela parte de cima. Surgiu-nos ao alto um espetáculo notável: uma linha de seis enormes gameleiras,<sup>27</sup> como as descritas no rio Tocantins. Em um ponto em que o rio se volta um pouco para leste, um tronco caído revela que havia uma sétima gameleira e dois desses gigantes estão também próximos da morte. As duas mais ao sul levantam suas copas majestosas de folhas ovais, duras e lustrosas e sombreiam o rio com uma admirável umbela de verdura. Os troncos, em vez de ser, como de costume, pilares baixos e grossos, são feixes de árvores compactas, com cerca de cinco ou seis pés de altura, projetando horizontalmente galhos, um dos quais, que não era o menor, media 100 pés. Os pássaros haviam-se instalado em colônias entre os galhos. Algumas epífitas somente haviam surgido nas cascas. Em uma das duas, que estão em frente do desembarcadouro, o tempo havia escavado um abrigo, utilizado como moradia. A idéia deve ter nascido na África Central, onde as cabaceiras bulbosas ora servem de casa, ou de cisterna.

Logo após aquele platô, com sua colossal arborização, a terra desce para uma depressão inundada durante as chuvas e coberta de mato rasteiro. Deve ser um foco de miasmas durante o recesso das águas. Esse brejo é seguido por uma elevação que corresponde à aresta que se estende em paralelo ao rio, voltada para o nascente. Ali fica a rua do Alecrim que consiste de uma cabana desmantelada de um lado e, em frente, sete miseráveis casinhas, uma das quais pretendendo ser uma construção quadrada com um pavimento superior, o que lhe autoriza usar o título de *sobradinho*. Para além dessa via pública, de nome florido, e lado a lado com ela, fica a rua do Fogo, mais alta e seca. Contamos ali 54 casas, a maior parte cobertas de rudes telhas e paredes de pau-a-pique,<sup>28</sup> levemente pintadas de tabatinga. Havia algumas mais pretensiosas, com tentativas de ornamentação, volutas de reboco branco em fundo azul, portas com listas azuis e janelas com pequenas rótulas em lugar de táipas ou de um pedaço de pano. Entre elas havia três vendas, cuja

ocupação principal é vender cachaça. O ferreiro, com avental de couro lembra o Vulcano, aldeão da Negrolândia. As casas ricas têm escadas de madeira que conduzem ao pavimento superior; as mais pobres, simples toros de madeira acima do caminho lamacento, chamado rua por simples cortesia. Para o sul, algumas construções estavam escoradas com estacas, outras arruinadas. Não poucas tinham um quarto encaixado no telhado, sem paredes, coisa que os Tupi chamam de *copiar* ou gupiara e, às vezes, água-furtada. É aí que o viajante tem permissão para suspender sua rede e cozinhar sua comida.

Indo para o norte, passamos pelo quartel. Havia no interior carabinas penduradas. Estava ocupado por oito soldados que, no papel, são considerados um batalhão. Esses pretos, de quípi e túnica, pareciam um tanto mais bisonhos no cumprimento do dever do que o resto da população. Olharam com curiosidade nosso cinto de couro, mas não nos importunaram. Além do quartel fica o largo da cadeia, com teto de telhas, mas sem paredes embaixo. Representa uma simples sugestão para a futura prisão. O João-de-barro construíra ironicamente seu domicílio nos barrotes e em não poucas cruces transversais, profusamente espalhadas pela construção.

Além do extremo norte da rua do Fogo, e cercada de mato, ficava a velha igreja do Rosário, em completa ruína. Virando à esquerda subimos a rua Direita, embrião de via comercial, com doze casas, inclusive a de um ferreiro. Essa rua sobe, em rampa suave, do rio até o cemitério anunciado por um cruzeiro, do qual metade dos instrumentos da paixão haviam sido arrancados. Essa cidade dos mortos tinha na frente um muro de pedras grosseiras, mas os outros lados não tinham separação de espécie alguma. O solo estava coberto de madeira e recoberto desordenadamente de túmulos sem monumentos. No centro da rua principal ficava a praça do Novo Rosário, um templo pintado de branco com três janelas: modelo de pobreza. A oeste dessa igreja fica a rua da Boa Vista, bairro aristocrático, com trinta casas. Daí tem-se um belo panorama do rio, abrangendo a ilha, as vizinhanças da cidade, acima e abaixo do curso do rio, e dos morros azuis e baixos do lado da Bahia, quer dizer o lado oriental. Enviei um cartão ao delegado, Sr. João Carlos de Oliveira e Sá. Creio que ele não conhecia aquele instrumento da civilização, pois deixou-nos na chuva até que um amigo, viu-nos da janela, convidando-nos a entrar. Após examinar o cartão, como um corvo examina um tutano, voltou-se para mim com um tom enfasiado. Disposto a não me dar por derrotado, apresentei a minha portaria, ou salvo-conduto imperial.

Leu-a e devolveu-ma em profundo silêncio. Meu desejo de obter informações começava a esfriar-se quando, por sorte, surgiu um homem decentemente vestido que não se mostrou tão desesperadamente reservado. Conteí esse caso rio abaixo e todos os moradores elogiaram o delegado. É de supor-se, pois, que ele estava debaixo da influência de São Romão.

Continuando nosso passeio, após esse episódio, para o sul de Boa Vista, deparamos com uma segunda igreja, Nossa Senhora da Abadia. Ostenta a fachada caiada do costume com duas janelas, parecendo um mutilado, um rosto sem nariz. Para oeste, ou na direção do interior, há alguns ranchos esparsos, em terrenos cercados de cactus. Eis o terreno elevado e saudável onde deveria ter sido construída a vila. É infelizmente muito distante do centro comercial, à margem do rio. Portanto, como em nossa África ocidental, os homens não me mudarão. Preferem ver as inundações entrar pelas casas adentro. Em certas ocasiões houve enchentes excepcionais que puseram todos em fuga. Em 1838 a água elevou-se, em certos lugares, a quase cinco pés acima do solo. Em 1843 a rua principal ficou três metros debaixo da água.

As árvores espalhadas pela vila mostram a excelência do solo. Em nenhum lugar do Brasil vi mais belos tamarindeiros, remédio natural para males hepáticos. O imbuzeiro (*Spondia tuberosa*) é uma planta magnífica. O caldo de sua fruta, misturado com leite e açúcar, produz a imbuzada, muito apreciada em Pernambuco e na Bahia. Abundam as frutas, limas e laranjas, mamões e bananas. Nos lugares mais altos, crescem a mimosa e a acácia, o algodoeiro chega a uma altura superior à das casas e nas regiões mais baixas, a cana-de-açúcar dá excelentemente. Atrás e acima da vila, a vegetação é a do campo, excelente para a criação de gado. Nas ruas, vimos alguns poucos cavalos. As cabras e aves domésticas tinham aspecto tolerável, mas os porcos e carneiros não pareciam de boa qualidade. Pode-se fazer uma idéia da apatia da população ao constatar que, embora o rio corra diante de suas portas e forneça peixes excelentes, podendo-se comprar sal à distância de poucas léguas, ou mesmo extraí-lo do solo, os moradores comem o bacalhau, duro, insosso e pescado na Terra Nova.

Em 1822 Pizarro atribuía a São Romão 200 casas e 1.300 almas. Em 1840 Gardner reduziu aquele número a "não mais de mil habitantes". Halfeld, no seu *Relatório* (p. 27-28) fala em 200 casas e 800 almas. O *Almanaque* (1864) atribui ao município 8.676 habitantes, dos quais 723 votantes e 17 eleitores. Pelas minhas informa-

ções, as casas, ou melhor, moradias vão a 200 e os moradores a 450. Quando Saint-Hilaire escreveu,<sup>29</sup> a “aldeia de São Romão (e grafa *Rumão*) monopolizava o comércio do sal entre o rio e Santa Luzia de Goiás. Também exportava considerável quantidade de couro. Naqueles dias tinha seus ricos: o major Teófilo de Sales Peixoto, o falecido tenente-coronel Ernesto Natalista Amaral de Castro, o capitão José Jacó da Silva Silveira e outros. Uma relíquia dos bons tempos é o pároco, padre Antônio Ferreira de Caires. Ouvindo dizer que ele era um “curioso”<sup>30</sup> em informações locais, procurei-o. Infelizmente ele estava na fazenda e o sacristão me assegurou que no registro paroquial não havia nada no gênero do Livro do Tombo.

Cerca de dez anos passados, as lavras de diamante de Santa Fé<sup>31</sup> e do rio Paracatu provocaram um pequeno êxodo, o que em parte explica a queda da população e o excesso de velhos, mulheres e crianças. As febres aumentaram muito. Podíamos ver legivelmente nas peles amareladas, nos corpos magros e nas fisionomias abatidas das pessoas atacadas durante a retirada das águas, de maio a julho. As causas são, como de costume, alimentação inadequada, excesso de bebida e libertinagem, o hábito de levantar tarde e a imundície, não das pessoas, mas das moradias. Nesse ponto eles parecem ter herdado dos indígenas da região, que se banhavam várias vezes durante o dia, mas deixavam suas cabanas cheias de toda espécie de refugo.

Os são-romanenses não me causaram boa impressão. Não vi entre eles uma só pessoa branca. Constituíam um rebanho regular de “bodes”<sup>32</sup> e “cabras”,<sup>33</sup> caboclos e negros. A classe inferior — se é que ela existe, onde reina a igualdade teórica e prática — anda esfarrapada; os mais ricos vestem-se à moda européia, camisas estufadas e coletes de veludo. Mas os cabelos lisos e os rostos chatos traem a origem aborígine. Eram devotos, como demonstravam as cruces de madeira penduradas nas paredes, mal-educados, mas tinham a energia suficiente para formarem grupos nas portas e janelas, os homens a observar, as mulheres a comentar o forasteiro que passava. Algumas negras velhas trabalhavam em roças primitivas. Mas a preferência, apesar do frio, era pela rede.

São Romão, como já disse, está localizada numa posição favorável ao comércio. Uma boa estrada, com cerca de sessenta léguas de extensão, sobe pelo vale do rio Preto, ramo norte do Paracatu. Um pouco além da localidade chamada “Os Arrependidos”, cruza a serra de Goiás, que aqui não oferece dificuldades. Daí inclina-se para o norte, em direção à antiga vila dos Couros, hoje Formosa da Imperatriz. Por aí comunica-se com o Tocantins, tributário do

Amazonas, passando pelo rio das Almas, Corumbá<sup>34</sup> e rio Paraná, navegável por canoas.

Ao cair da noite voltamos para a *Elisa*, acendemos o fogo, estendemos o toldo e protegemo-nos, do melhor modo, contra a chuva e o vento frio. Não era fácil dormir com a Babel de ruídos. Aqui parece que as horas da noite são o momento preciso em que

*Quando um homem deve beber, a mulher deve estrilar.*

O samba e o pagode rugiam formando um concerto com os elementos. O retinir dos instrumentos, a agudeza das vozes davam a impressão de uma autêntica cantoria africana, uma orquestra em Unianguuwwe. É óbvio que há aqui muito que reformar. O símbolo delas é um barco a vapor.

## Notas ao capítulo LVII

1. N.A. A palavra *travessia* é grafada por Koster (I, IV) «travessia» e traduzida por Jay por «traversée». É provavelmente uma forma de *travessa*, *passagem*. Na América do Sul espanhola «travessia» é uma viagem por terra. No São Francisco a travessia, ou viagem, começa normalmente em Pirapora e conta assim trinta léguas. Ouvei de um barqueiro, quando tínhamos de enfrentar alguma dificuldade, a expressão «travessia braba».

N.T. A. Jay é o tradutor de Koster para o francês, Paris, Delaunay, 1818.

2. N.T. Quatro tēmporas, ou simplesmente tēmporas, eram dias de jejum em quatro épocas do ano: a primeira semana da Quaresma, a primeira depois de Pentecostes, a terceira de setembro e a terceira do Advento. Bom conhecedor da liturgia católica, Burton faz referência com freqüência às disposições do calendário eclesiástico. Refere-se aqui às tēmporas de setembro. Nesses dias os fiéis imploram bênçãos de Deus sobre as colheitas. No Brasil não eram muito respeitadas (Frei Basílio Röwer, *Dicionário litúrgico*, 3.<sup>a</sup> ed., Petrópolis, Vozes, 1947).

3. N.A. «Navegar cabeça abaixo», opõe-se a «navegar cabeça acima» na gíria do rio.

4. N.A. Ou «Agatho», provavelmente nome personativo.

5. N.A. O Sr. Halfeld chama-a «Barreira dos índios», nome dado a um lugar que fica mais abaixo.

6. N.A. Ou Gequitai, rio considerável, com 120 milhas de extensão em linha reta, recolhendo as águas do lado ocidental da cadeia de montanhas que alimenta, no lado oriental, o Jequitinhonha. É navegável por canoas que sobem três léguas na estiagem e 28 na época das chuvas.

N.T. Segundo Teodoro Sampaio, *Jiquitai* é corruptela de *yiquitai-y*: rio das Jiquitais, ou formigas urentes.

7. N.T. Até 1824 toda a chamada Comarca de São Francisco pertencia à província de Pernambuco. Foi a princípio incorporada à província de Minas Gerais. Por lei de 15 de outubro de 1827 passou à jurisdição da Bahia. Ulysses de Carvalho Soares Brandão. *Pernambuco versus Bahia*. Recife, 1927.
8. N.T. O *Dicionário* de Milliet de Saint-Adolphe assinala *Olho d'Água*: «Registro e lugarejo na província de Minas Gerais a duas léguas a noroeste da nova cidade de Paracatu».
9. N.T. O *Dicionário de Aurélio* consigna *tauá*: «Argila aluvional colorida por óxido de ferro».
10. N.T. Segundo o *Dicionário de Aurélio*, *ipueira* é «lagoeiro formado nos lugares baixos pelo transbordamento dos rios, e onde as águas, em geral piscosas, se conservam meses a fio».
11. N.A. Igarapé deriva de *yg*, água; *jara*, senhor (i. é a canoa) e *ipé*, onde (vai). A respeito da *ipueira* falarei adiante, no curso inferior do rio, onde ela assume importância. É o que o tenente Herndon chama de *caño* no Alto Amazonas, braço natural do rio, em oposição a *furo* (braço pequeno) e *furado*, corte artificial (mas às vezes natural). Aquele viajante observou também: «Igarapé é o nome indígena de um canal ou vala, cheio de água, que reflui do rio. E a expressão *paranámiri(m)* — literalmente rio pequeno — aplica-se a um braço estreito do rio principal, que corre entre a margem e uma ilha próxima».
12. N.A. Serrote da Povoação, segundo Halfeld.
13. N.A. Assim chamada devido ao formato estreito e comprido.
14. N.A. Esse rio corre quase paralelo ao Jequitai e recebe águas de Montes Claros de Formigas. Não há minas ali, mas as terras são boas para pastagens e para a lavoura. *Pacu*, segundo Castelnau é o gênero *Characinus*, de Artedi, e o subgênero *Curimata*, de Cuvier. O corpo é semelhante ao da carpa, com dois ou três palmos de comprimento. Sua carne é apreciada. O *pacu-vermelho* é considerado o melhor.  
N.T. Segundo o *Dicionário de Aurélio* o *pacu* é um teleósteo caraciforme, da família dos caracideos, do gênero *Metynnis*, com 21 espécies no Brasil e *Mylossoma Eig. e Ken*, com cinco espécies.
15. N.A. Na outra margem, à direita, há outra povoação chamada Cachoeira.
16. N.T. Segundo Aurélio, o *mandi-chorão* é um peixe teleósteo que emite, ao sair da água, som semelhante ao do choro.
17. Segundo o *Dicionário de Aurélio*, a lontra (*Lutra paranaensis*) e a ariranha (*Pteronura brasiliensis*) pertencem ambas à família dos mustelideos. Ambas são mamíferas e carnívoras. A ariranha atualmente só é encontrada em regiões pouco desbravadas da Amazônia e do Brasil central.
18. N.A. Os barqueiros chamam-na *pedra-de-fogo* ou de *espingarda*.
19. N.A. O Dr. Couto e outros escritores antigos preferem a forma Piracatu (*pyra-catu*), isto é rio do peixe bom, em oposição a

Paraíba (*pyra-ayba*), rio do peixe ruim. O Paracatu nasce a 2°30' de latitude por 3° de longitude. Seu braço setentrional, o rio Preto, atravessa, como a maior parte dos grandes rios ocidentais, a cadeia de montanhas da fronteira de Goiás, a serra da Tabatinga, ligada à grande vertente setentrional, a serra dos Pireneus. Na sua embocadura tem 1.500 palmos de largura. A largura normal é de 600 pés. Seu curso é obstruído por vinte e oito cachoeiras e corredeiras. É navegável, de certo modo, somente na extensão de 260 milhas, até o porto de Buriti.

20. N.T. *Cheval de frise* é um aparelho de defesa, composto de uma peça de madeira atravessada por lâminas ou hastes aguçadas em ambas as extremidades. Era empregado para deter cargas de cavalaria. (V. Adolphe Chéruel. *Dictionnaire historique des institutions, mœurs et coutumes de la France*. Paris, Hachette, 1855.)
21. N.A. Também chamada Ribanceira da Martinha, nome de sua proprietária e uma de suas moradoras. Rio acima, a extremidade é a Barreira da Martinha propriamente dita. Ao centro chama-se Ribeira do Amâncio José. A extremidade oriental, rio-abaixo, é a Ribeira da Martinha.
22. N.A. Os barqueiros negam essa hipótese. Mas o motivo que alegam é que nunca viram o rio ali.
23. N.A. A causa desse fenômeno é o vento frio que, depois de alguns dias de sol quente e calma, torna o ar úmido. O povo chama a essas chuvas, normais em agosto, chuvas do caju, expressão que, sem dúvida, vem dos índios. Os moradores dizem que a estação chuvosa só começa em novembro, mas neste ano, erraram de todo.
24. N.T. Soldado e mártir romano em cerca de 258. Consta do *Martirologio Romano*.
25. N.T. Matias Cardoso de Almeida não matou nenhum ouvidor. Simplesmente viu-se envolvido no atentado contra o administrador-geral das minas da região do sul, D. Rodrigo de Castelo Branco, retirando-se da região. Manuel Francisco de Toledo, seu sobrinho fundou vários arraiais à margem do São Francisco no princípio do séc. XVIII. F. de A. Carvalho Franco. *Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil*, São Paulo, Comissão do IV Centenário da Fundação de São Paulo, 1953.
26. N.A. Saint-Hilaire (I, II, 428) lamenta «de n'avoir pu visiter la justice de S. Rumão», e define o símbolo de uma «justice» como «le poteau surmonté d'une sphère». Monsenhor Pizarro já havia feito uma descrição minuciosa a respeito.  
N.T. Grave lapso de Saint-Hilaire. O posto encimado pela esfera armilar era precisamente o símbolo da autonomia municipal. Ora, *julgado*, esclarece o velho Morais, é uma povoação «sem pelourinho».
27. N.A. Os brasileiros dividem a gameleira em preta e branca, baseando-se principalmente na cor da castanha. Koster (I, II) considera a última inútil, e que a primeira, após uma incisão, destila

um suco espesso, que serve de remédio para uso interno no tratamento da hidropisia e moléstias cutâneas. Segundo o *Sistema*, o leite picante do figo-branco (figueira-branca ou *Ficus doliaria*) é um anti-helmíntico, mas acrescenta que muitos outros figos têm a mesma propriedade.

28. N.A. Os habitantes alegam não dispor de pedra, embora o leito do rio seja uma pedreira.

29. N.A. III, I (p. 104).

30. N.A. Saint-Hilaire observa: «le mot *curioso* répond dans notre langue à celui d'amateur, mais il a un sens plus limité». No Brasil *aficionado* é um amador. *Curioso* compreende também o perito não profissional.

31. N.A. Esse lugar foi-me descrito como uma aldeola, com uma igreja em principio, no município de São Romão.

32. N.A. Na gíria brasileira «bode» quer dizer mulato.

33. N.A. Saint-Hilaire (III, II, 272) diz que *cabra* é um mestiço de índio e mulato, sinônimo do *chino* peruano. Mas nesta região o termo é empregado como designação geral àqueles que não são pretos nem brancos. Dirigida a um homem é um pesado insulto, mas já vi um canoeiro aplicar a expressão a si próprio, em tom de troça.

Os selvagens, segundo me disseram, davam o nome de «macaco da terra» aos africanos. Visitantes, contudo, afirmam que eles gostavam dessa carne de macaco e que suas mulheres tinham «um gout très vif pour les nègres». Há quem aconselhe, para evitar o extermínio do homem vermelho, a mistura de seu sangue com o do negro. Mas é uma solução no entanto antiantropológica. Não há necessidade de preservar uma raça selvagem e inferior, quando suas terras precisam ser aproveitadas de modo melhor. Nesse caso, a raça artificial seria ainda pior que as duas raças naturais.

34. N.A. Homens bem informados, tanto de Januária como de São Romão, falaram no rio e arraial de Corumbá. Espero que não tenham confundido com outro Corumbá, o grande afluente setentrional do Paranaíba. Normalmente os comerciantes embarcam para o norte na vila das Flores, cu Paraná (Segundo Saint-Hilaire, *Parannan*), cabeceira oriental do Tocantins. Segundo Castelnau (II, 106): «Le Paraná peut être descendu en canot jusqu'au Pará.» Meus informantes dizem que o rio é muito «bravo» acima de São João da Palma, na confluência do Araguaia, ou grande junção ocidental, e alguns levam seis meses na subida. Dai, dizem, mercadorias que custam \$700 no Pará, à beira-mar, serem vendidas na vila das Flores a \$5000, e uma garrafa de vinho, comprada por \$500, passar a valer 4\$000.

## CAPÍTULO LVIII

### DE SÃO ROMÃO A JANUÁRIA

#### Segunda travessia: 26,5 léguas

**Ilhas do vapor — O rio Urucuia — O arraial de Pedra dos Angicos — As quixabeiras — O rio Pardo — Proximidades da cidade de Januária — Vegetação na vila de Nossa Senhora da Conceição das Pedras de Marim da Cruz — Chegada ao porto do Brejo do Salgado — A atual cidade de Januária — Sua história e seu estado presente — O perigo de ser arrasada — Recepção — Pequeno furto — Amabilidade do senhor Manuel Caetano de Sousa Silva — O pequizeiro — Missionários e missioneiros — Excursão a Brejo do Salgado — Seu estado real — Lenda romântica sobre a origem do povoado.**

...outro se engrossa  
De São Francisco, com quem o mar se adoça

(*Caramuru*)

*Sábado, 21 de setembro de 1867* — A chuva incessante havia reduzido os homens, de certo modo, a um estado de entorpecida hibernação. Após uma partida dificultosa, seguimos uma extensa linha de baixios e ilhotas. Em certos lugares, era como se seis bancos de areia estivessem à vista ao mesmo tempo, todos de material finamente joeirado, sem o cascalho das coroas do rio das Velhas. Depois de passarmos pela roça de Porto Alegre e outras roças,<sup>1</sup> chegamos ao primeiro de muitos tipos de acidente geográfico com que iríamos topar até Remanso. Trata-se de um banco comprido e estreito, de areia dura, alteado nas duas pontas. Tem o formato semelhante ao de um vapor fluvial nos Estados Unidos. Em muitos lugares o mato

formava o que seriam as “rodas do vapor”, e os estratos de rocha, a linha de flutuação. Passamos a denominar essas ilhas de “ilhas de vapor” (*steam-boat lines*). A vegetação era, em geral, verde-amarelada, revelando a falta de húmus.

O vento soprava de frente, impelindo nuvens leves e azuladas e conduzindo-nos para a margem direita. O termômetro marcava 71° F, mas tremíamos de frio. Era consequência do ar em movimento, que parecia zombar de um sol quase a pino. Recolhendo o toldo, navegamos mais depressa em demanda do grande rio Urucuia.<sup>2</sup> A margem direita é revestida de uma vegetação realmente magnífica. Apareceu pela primeira vez a caraíba de flor roxa, árvore alta com flores cor lilás, que daí em diante se tornou comum. Observamos ali que todos os grandes afluentes ocidentais aumentam com suas águas o volume do rio. A foz do Urucuia tem cerca de 315 pés de largura. Por detrás da mata, a margem baixa, de argila amarela, é revestida somente de arbustos.

Uma novidade foi avistar uma casa caiada de branco, do lado baiano. Tomamos depois o rumo à esquerda da ilha do Afundá, cujo nome é interpretado como significando que as águas são ali profundas. A ilha é constituída de areia pura, amarela, facilmente fusível. A parte superior da ilha é de argila, coberta por diversas vegetações. Prosseguimos pelo meio do rio, passamos a segunda Afundá<sup>3</sup> e, após 11 horas de trabalho duro, desconfortável e tedioso, ancoramos em uma praia à margem esquerda.

22 de setembro. O vento norte, que não cessara de soprar durante toda a noite, cessou ao amanhecer. Partimos alegremente. As margens eram planas e, em certos lugares, cobertas de magníficos canaviais e algodoais. Mas apresentavam geralmente matas de segundo crescimento, onde outrora houvera esplêndidas florestas. Passamos, na margem esquerda, pela foz do afluente Acari<sup>4</sup> e deparamos com outro alto rochedo branco, com cerca de uma milha de comprimento, dividido em duas seções: a Barreira do Índio (“do Honório” segundo Halfeld) e a Barreira Alta. Notamos ali abundância de angico-preto, uma acácia que, naquele trecho do rio, tem uma copa muito feia. Sua madeira é seca demais para ser usada, mas a resina é empregada como remédio nas doenças do peito. A casca contém muito tanino, e a cinza, potassa.

Mais ou menos ao meio-dia, chegando à latitude de 16° sul, encontramos novo tipo de acidente geográfico, as Pedras (dos Angicos) e desembarcamos na margem direita para observá-lo. Uma muralha de cerca de quarenta e dois pés projeta-se de uma depressão

rasa, de frente para oeste, e empurra o rio para noroeste, prolongando-se por cerca de uma milha rio abaixo, terminando em nova depressão, mais funda, a nordeste de pequena povoação. O afloramento é, claramente, a base de uma elevação do terreno observada a leste. O solo, perto da água, é de pedra calcária, dura e azulada, do tipo que apresenta efervescência ao ser tratada pelo ácido muriático. Acima está um estrato de argila xistosa laminada, friável, revestida de um calcário mais azul, com deslocamentos, fragmentos de blocos e faixas horizontais variando em espessura de três polegadas a três e meio pés. Do alto das lajes existentes sempre a seis pés acima d'água caem gotas-d'água. Em certos trechos são revestidas de argila ferrosa, enquanto há uma pequena porção de conglomerado de quartzo ligada a um bloco. É um dos muitos lugares que poderão fornecer cimento hidráulico.

Na margem do rio e na povoação, vêem-se várias nobres árvores de quixabeira, imensos ramalhetes de verdura, cujas flores aromáticas e sombra perfumada atraem multidões de abelhas.<sup>5</sup> A capelinha de São José padroeiro da localidade, fica a nove pés acima da linha das enchentes, orgulhosa de seus alicerces de pedra. Andando pela rua arenosa, perpendicular ao rio, e com sinais de calcamento, encontramos a habitual depressão paralela ao barranco, que periodicamente fica coberta pela água. No solo de terra solta, o algodoeiro, planta amiga do sol, cresce mesmo sem trato, atingindo quinze pés de altura. A mamoneira chega a vinte pés. Na rua cujas casas e ranchos eram superiores aos de São Romão, há três vendas. Os homens, ou estão sentados fora do balcão ou dele se utilizam como mesa de jogo de cartas. Dois sapateiros e duas lojas de secos dão a impressão de fazer bons negócios. Ao sul da povoação havia três canoas vendendo boas melancias. Em baixo de um velho angico, de tronco coberto de musgo, estava o arcabouço de uma barca, solidamente construída de cedro.<sup>6</sup> Na margem norte as lavadeiras executavam seu mister, enquanto os filhos nadavam por perto ou brincavam com carrinhos de rodas, de uma só peça, algumas com dezoito polegadas de altura. Havia cavalos e burros descansando, depois de terem sido transportados através do rio. Uma pequena tropa de burros apareceu na margem oposta. Tudo isso explica a prosperidade e a civilidade do lugar. O delegado mandou imediatamente providenciar acomodações para nós. O arraial comunica-se com o rio Acari onde, a uma distância de dez léguas da foz, há mineração de diamante. São José das Pedras dos Angicos tem atualmente 95 casas e uma população de 500 almas. Saímos de lá convencidos de que tem um próspero futuro.<sup>7</sup>

Proseguindo em nosso caminho, debaixo de um sol excessivamente quente, passamos, logo adiante, na margem esquerda a barra do Acari,<sup>8</sup> que abre caminho através de uma coroa de areia. Abaixo de sua foz há três ilhas do tipo “ilhas de vapor”, do mesmo nome, e a ilha do Barro Alto, coberta de verdura. Em seguida vem a foz do rio Pardo,<sup>9</sup> com cerca de 140 pés de extensão. Aí começam os magníficos capões de cedro, vinhático e bálsamo (um *Myrospermum*),<sup>10</sup> encontrados em todos os rios e córregos. Dormimos em frente a esse ponto. O ar tornara-se úmido e tropical, como o das Índias Ocidentais e, pela primeira vez, desde que saímos do Rio de Janeiro, deixamos de usar cobertor. Não é preciso dizer que lembramos, com saudade, da encantadora paisagem do rio das Velhas: o ar claro, límpido e rico em oxigênio, o esplêndido cenário das florestas, nas margens desérticas, a música dos pássaros e de outros animais e mesmo do ruído das cachoeiras e corredeiras. Enfim, a alegria da natureza em geral.

23 de setembro — Depois de uma hora de viagem apareceu o Barro Alto, um barranco de argila branca na margem direita, onde o rio forma uma espécie de baía. Desembarcamos um pouco abaixo, na foz de um rio chamado Braúna, que se estende de sudoeste para nordeste e termina no que se chama uma “batida”, isto é, uma margem baixa de areia, coberta de lama. Encontramos ali a verdadeira formação diamantina, o “cativo”, a siricória, enfim todos os sinais, mas não a pedra preciosa. Esses sinais aparecem sem muita continuidade. Dizem que são aparentemente arbitrários, isto é, a fonte de onde se originam não foi ainda investigada.

Para além desse ponto, o rio apresenta, na margem esquerda, grande quantidade de pedras. À direita, ao fundo de uma paisagem pobre, ergue-se, no céu azul a serra do Brejo<sup>11</sup> que, vista daquele ponto, surge como um monte de forma cônica e cortado erguendo-se abruptamente entre árvores e areias. A estibordo passamos o riacho do Peixe, perto de cuja foz fica a fazendinha de um colono alemão, o Dr. Otto Karl Wilhelm Wageman. Mais adiante está o riacho dos Pandeiros,<sup>12</sup> cujo curso sinuoso permite a navegação de canoas na extensão de cinco léguas, mais ou menos. Quase em frente está o riacho do Mangáí. O limite setentrional do município de São Romão apresenta, na foz, um bosque de árvores magníficas e, um pouco abaixo, um grande leito de cascalho. Em frente eleva-se a notável montanha achatada, chamada de Itabiraçaba, que deu Piaçaba<sup>13</sup> por corruptela. A expressão é traduzida como “monte de fogo”. Estávamos evidentemente aproximando-nos de um lugar importante. A

vegetação primitiva desaparecera. As casinholas eram caídas e cobertas de telha e os moradores ofereciam peixe para vender.

Depois de alguns acidentes sem grande importância,<sup>14</sup> chegamos a um lugar que vínhamos presentindo desde muito tempo sob a forma de uma linha confusa na margem direita. Subimos uma série de degraus escavados pelas águas ao baixar. O leito é de bela pedra calcária branca, com pouco mais de 10 pés de espessura. O lugar chama-se Nossa Senhora da Conceição das Pedras de Maria da Cruz. A primeira versão da capelinha foi construída em 1725, mais ou menos, pelo paulista Miguel Domingos,<sup>15</sup> depois da derrota no rio das Mortes em 1708. Seu adro construído sobre um outeiro, é forrado de bom ladrilho e dele se contempla um magnífico panorama. O rio, forçado por bancos de areia e ilhas, faz uma bela curva de sudoeste para oeste e, naquele ponto, vira-se quase para o norte. A ondulada margem em frente é coberta de árvores imensas e, a cerca de oito milhas de distância, o horizonte é cercado, para o lado do poente, pela Itabiraçaba, de formato estranho erguendo-se bem acima da sua cordilheira.

A população do povoado está espalhada em casinholas de pau-a-pique, cobertas de telhas ou de sapé. Algumas mulheres, que trabalhavam com rendas de bilro, não estavam vestidas com o que chamaríamos de decência e à margem do rio estava uma jovem amarela com o busto descoberto, como se estivesse na baía de Biafra. Todas, porém, eram mais ou menos escuras e ali, como alhures, a cor supre as vestes. Havia bodes soltos pelo mato parecendo apreciar muito as suculentas folhas dos gigantescos crótons<sup>16</sup> que atingem um tamanho descomunal. Essa *Jatropha curcas* de muitos nomes fornecia o pavio para os lampiões de Lisboa e assim, durante certo tempo evitou que a população de algumas das ilhas de Cabo Verde morresse de fome. Seu *habitat* é amplo. Tenho-o encontrado em altitudes que variam do nível do mar até 3.000 pés. Os negros da Guiné empregam as sementes verdes como remédio, juntamente com a polpa. A dose creio que é a quarta parte de um coco, misturada com água, que é bebida.<sup>17</sup> No Brasil costumavam ministrar doses de meia dracma. Mas o remédio foi posto de lado como perigoso. Quando começam as chuvas, nasce por toda parte uma linda flor cor-de-rosa, muito parecida com a primula, solitária, coroando uma haste fina e frágil com cerca de um pé de altura. O povo chama a essa planta "cebola-brava", ou venenosa e afirma que o gado não toca nela.<sup>18</sup> Nos barrancos mais altos, não atingidos pelas enchentes, crescia a *solanácea* juá, ainda ostentando os frutos enegrecidos do ano anterior, o cactus órgão, a pitombeira (*Sapindus*

*edulis*), árvore grande, de frutos comestíveis, o pingui, aqui chamado imbaru, e a copada aroeira de Minas, também chamada capicuru. Esta última se parece com a *Mélia azadirachta* do Hindustão, mas as folhas não são amargas.

Avançando para o norte e curvando um pouco para nordeste, vimos a boa distancia uma capela caiada e três grandes casas de dois andares. À esquerda estava a ilha do Barro Alto, que é uma ilha de “tipo vapor”. Fomos obrigados a contornar longos e chatos bancos de areia a fim de poder chegar ao porto do Brejo do Salgado, pois o canal acima da localidade não dava passagem sequer para o nosso ajoujo. Esta é a localidade mais importante do alto São Francisco. Sua única rival é Juazeiro que fica a 190 léguas rio abaixo. A margem esquerda é um chapadão distante quatro ou cinco léguas da serra do Brejo, que é visto no horizonte, estendendo-se para o noroeste e o norte. Um tal Maciel, do qual voltarei a falar, construiu ali uma capela de tijolo e cal. Ajuntaram-se em torno moradores, e o bispo de Pernambuco designou para lá um cura, o padre Custódio Vieira Leite. A povoação principal, porém, ficava mais no interior, no sopé da montanha, e o lugarejo à margem do rio tomou o nome de porto do Brejo Salgado abreviado para Salgado. Como é natural, as duas localidades entraram em rivalidade e inimizade. Em 1833, o porto tornou-se vila Januária, em homenagem à princesa Januária, irmã do imperador D. Pedro II. Em 1837 a honraria foi transferida para a povoação no interior. Em 1846 foi devolvida ao porto. Em 1849, mais uma vez foi atribuída ao Brejo e, afinal, em 1853 voltou a ficar com a localidade da margem.<sup>19</sup> Alega esta última que a localidade ao pé da serra fica muito longe do centro comercial. A outra responde que, ao menos, não corre o risco de ver seus santos arrasados pelas águas do rio. O município, que é grande e abrange grande extensão de terras incultas, conta cinco distritos, que são: o da cidade, o Brejo, Mocambo,<sup>20</sup> Morrinhos, São João da Missão e Japoré, este último distante cerca de 20 léguas.

Tivemos de lutar energicamente contra a forte correnteza que apresentava sinais de uma cheia incipiente. Ultrapassamos o alto sobrado do capitão José Eleutério de Sousa precedido de uma dúzia de palmeiras altas e curvadas pelo vento e uma rampa de capim-çu, capim grande, que vem até o rio. Esse capim tem o brilho metálico, de um arrozal. Não é destruído pelas inundações e serve de alimento para o gado. O porto, nessa época do ano, é constituído por dois bancos de areia em frente da margem esquerda. Houve propostas para removê-los, mas as melhores autoridades concordaram em que eles defendem a margem para a qual corre uma forte corrente durante

as chuvas. O rio tem, nessa época do ano, mais de 3.000 pés de largura e a pressão da água provoca danos muito maiores que uma simples lavagem superficial. Não será fácil salvar a localidade. Há cerca de vinte anos metade da rua do Comércio tornou-se o leito do rio. Foram fincadas algumas estacas para servir de medida às enchentes e uma paliçada de troncos de árvores defende o barranco de argila arenosa, perto do qual, em posição muito perigosa há uma fileira de casas baixas, caiadas de branco e com telhados vermelhos. O maior perigo está, porém, acima da cidade, onde um pequeno canal admite um vasto afluxo de água das cheias. Seria fácil ali construir um daqueles aterros com os quais pusemos um dique ao Indo perto de Hyderabad.<sup>21</sup>

Encontramos no porto certo número de canoas e oito barcas, movidas a varas como habitualmente. A praia, como chamam a margem do rio, lembrou-me imediatamente um mercado africano. A cantoria dos negros, monótona, medindo o feijão, concorria para assemelhar as cenas a que assistira no distante Zanzibar. As mulheres, aqui mais numerosas que os homens, ou lavavam roupa no rio, ou andavam acima e abaixo transportando potes de água. Os meninos, mais que seminus, catavam pedaços de madeira ou navegavam em pequenas jangadas feitas de paus, pedinchando o pão de cada dia. Os barqueiros, escuros, vestidos de coletes (jalecos ou camisolas) e saiotos da Costa da Guiné, passeavam, ou, estendidos no barranco, brincavam com lindas araras<sup>22</sup> que haviam trazido de rio abaixo e cuja plumagem brilhava ao sol. Em plano mais elevado estavam fincadas sete barracas feitas de uma armação de madeira, esteiras e couro. Aqui os comerciantes, que não se dignam alugar uma loja, trocam sal e panos por mantimentos e provisões.

Logo que chegamos ao local, mandei meu cartão e as apresentações ao tenente-coronel Manuel Caetano de Sousa Silva. Januária demonstrou sua civilidade reunindo-se para examinar-nos com o maior interesse. Um rapaz completamente embriagado, com dentes pontiagudos como dos felinos — que aqui estão na moda — dirigiu-se a Agostinho tratando-o de “moleque” — jovem escravo —, o que é grave ofensa para um escravo maduro, provocando uma briga sem violência. Outro roubou um *Livro de bolso do engenheiro* e ofereceu-o à venda a um português, que imediatamente no-lo devolveu. As autoridades policiais não tomaram conhecimento do roubo, talvez porque o ladrão estivesse meio embriagado. Consolaram-nos com a advertência de que deveríamos esperar ser muito furtados rio abaixo. Tal não ocorreu, contudo. Januária foi o único lugar em que se deu uma tentativa no gênero.

Fomos em breve libertados de tal situação pelo Sr. Manuel Caetano que, acompanhado de alguns amigos, convidou-nos a visitar a cidade. Muito apreciei a vista do alto do barranco da margem. Para oeste os montes arroxeados estavam desmaiados, como nuvens flutuantes sobre um mar de névoa rosada, o último esforço do dia. Em frente ficava o vale do rio, tendo pelo menos doze milhas de largura e fazendo pensar na vasta expansão das águas durante as cheias. A cerca de duas léguas de distância, ergue-se o morro do Chapéu, com a forma curiosa de um barrete frígio. É um contraforte do longo paredão que se estende de nordeste a sudoeste, até onde alcançava nossa vista. Essa serra das Gerais de São Filipe é excepcionalmente rica e abastece o rio de toucinho, fumo e farinha de milho. Seus pontos mais notáveis são o Pico do Urubu, que, do ponto em que nos achávamos, parecia uma pirâmide regular; a serra das Figuras; o morro da Boa Vista, em forma de mesa, e três cabeços arredondados, conhecidos como Os Três Irmãos.

Nossa Senhora das Dores é mais uma capela do que uma igreja e, às vezes, segundo nos disseram, foram apanhados peixes dentro dela. O prédio tem à frente um alto cruzeiro, cercado por diminuto terreno de forma quadrada, fechado por pequeno muro baixo. Do outro lado da cidade fica a igreja de Nossa Senhora do Rosário, derrubada pelo vento e ainda não restaurada. As ruas são cobertas de areia e, em certos trechos, há passios feitos de lajes da pedra calcária azul, de Pedra dos Angicos. As árvores exigem um terreno menos pobre. Cada casa tem seu quintal, murado ou com cercas de estacas, mas a maior produção é o mamoeiro e uma palmeira aqui chamada garioba.<sup>23</sup> É alta, com um tronco castanho-escuro, copa pequena e fruta comestível do tamanho de um ovo mais ou menos. As ruas são retas, mas, como de costume, estreitas demais. Seus nomes estão cuidadosamente escritos nas esquinas, mostrando que a Câmara Municipal cumpre o seu dever. As casas são numeradas. Na praça das Dores está a cadeia, com janelas gradeadas. Ali as sentinelas e guardas se refestelam. Perto fica o modesto prédio da Câmara. Há grande necessidade de um hospital: vimos muitos aleijados pelas ruas.

O total das casas pode subir a 700, das quais ao menos um quinto são vendas. Em 1860, ano da fome na Bahia, a população chegou a 6.000 almas. Cinco anos depois ela caiu a 4.000. Agora deve estar em volta de 5.000, inclusive os escravos. Há anos passados houve uma evasão de escravos para o Rio de Janeiro e ainda há pouco seguiram 30 cabeças para lá. A cidade é mantida pela corretagem e

pelo comércio. Os “Quatro mãos”<sup>24</sup> do interior trazem-lhe pouco algodão, certa quantidade de açúcar e cachaça, excelente fumo e gêneros alimentícios, especialmente arroz e mandioca, plantados nos tabuleiros que ficam além do vale do rio. Belas canoas do melhor vinhático e tamboril,<sup>25</sup> de quarenta pés de comprido, custam 100\$000 e são mandadas rio abaixo, onde os troncos grossos são raros. A importação se faz principalmente via Juazeiro, que o povo localiza a uma distância de 220 a 240 léguas em vez de 190. Constitui-se principalmente de produtos secos e de sal. Os que não visitaram o interior do Brasil dificilmente imaginam como é necessário esse tempero para o progresso. Ele precisa ser dado a todos os animais domésticos, gado, burros e porcos. Ele faz com que os animais lambam todos os pontos que parecem fornecer essa necessidade e cheguem a mastigar ossos para obtê-lo. Sem o sal eles decaem e morrem. Na verdade aqui se pode definir o deserto como a região em que falta sal. Um sucedâneo popular é o óleo e a pólvora, o que não deixa de ser melhor do que nada. Em 1852 um carregamento de oito arrobas, transportado em lombo de burro, vindo do Rio de Janeiro (200 léguas),<sup>26</sup> via Diamantina, custava 45\$000. Atualmente custa de 15 a 16\$000 por arroba, isto é, quase três vezes mais. Por consequência a capital agora exporta somente quinquilharias e objetos de luxo. A Bahia (186 léguas) fornece couros e sal, louça, munições e ferragens. O preço do transporte varia de 12\$000 a 14\$000 por 32 libras. Goiás, assim como as terras das Gerais,<sup>27</sup> de ambos os lados do rio, fornecem gado e mantimentos, doces, queijos e um pouco de café e algodão. Algumas daquelas terras produzem pequena quantidade de trigo. “As fortunas colossais”, diz o *Almanaque*, são raras, mas há quem possua mais de £ 4.000 e o dinheiro rende, com segurança, de 24 a 36% ao ano.

Nosso anfitrião era um distinto “liberal” que preferiu a política ao comércio e à agricultura. Tornou-se conhecido na região por uma generosidade maior que de hábito. Ofereceu-nos as novidades do absinto e do conhaque, obrigou-nos a jantar com ele e pôs sua casa à nossa disposição. Preferi o ajuízo para ter mais liberdade e também para escapar à gritaria das crianças que, no Brasil, formam o fundo musical terrível e persistente nas casas. Creio que as mães sentem um prazer físico em serem importunadas pela criançada. Os pais não se opõem. É assim que os músicos nunca são punidos. Na verdade você é considerado grosseiro se se recusa a perder uma noite de repouso por causa de uma exibição que poderia ser resolvida num segundo. O único lugar onde as lamentações das mulheres e as manhas das crianças são silenciados é a ilha da Madeira.

O Sr. Manuel Caetano convidou-nos a visitá-lo em sua fazenda, onde tencionava dormir e prometeu-nos enviar animais ao amanhecer do dia seguinte. Mais, pelo que parece, o dia em Januária começa às 9 horas da manhã. Partimos, assim, a pé guiados por Cândido José Sena, ex-professor de primeiras letras. A estrada segue para o norte, através de um tabuleiro inundado, que parece destinado a desaparecer. Uma linha de nevoeiro indicava o córrego Seco, que precisa de um dique. Durante as chuvas ele extravasa. Depois ficam os poções, freqüentados pelas lavadeiras. Na frente e um pouco à esquerda, fica a montanha em forma de mesa que já foi escalada a cavalo. No sopé da mesma está a fazenda do capitão Bertoldo José Pimenta e, perto do cume, dizem que há um poço natural.

Depois de andar uma milha, chegamos a uma subida e mudamos da areia branca para um solo avermelhado, rico de húmus. Esse terreno nunca foi atingido pela inundação, nem mesmo pela de 1792-93, quando a água se elevou a trinta e oito e meio pés acima do rio. Em 1843 houve outra inundação. Foi quando um surubim foi pescado na igreja. Seguiu-se uma terceira em 1855. Em 1857 os habitantes da cidade refugiaram-se nesse terreno e passaram vários dias divertido-se com piqueniques. É chamado o Piquizeiro,<sup>28</sup> pela abundância, em outros tempos, da árvore selvagem *Caryocar*. Provavelmente vai tornar-se a margem esquerda do São Francisco. É evidente que desde agora é o lugar mais adequado para a povoação que uma linha de trilhos de madeira ligaria facilmente ao porto. O ar é mais fresco e mais saudável, a água é abundante, há excelente solo para a construção e a terra das proximidades, vermelha e solta, é excelente para a produção do algodão e da cana-de-açúcar.

Estão surgindo cabanas dispersas em torno do Piquizeiro, onde foi construído um novo cemitério. Nosso anfitrião abriu um rego para fornecer água aos construtores e o local está cheio de adobes e belas lajes de pedra calcária azul. Um alto cruzeiro de cedro sustenta um cruz menor e a inscrição: "*Salus*. P.R. G.C. 1867". Este cruzeiro foi erguido recentemente por frei Reginaldo Gonçalves da Costa, vigário destacado para uma campanha missionária, de sua paróquia perto de Montes Claros, pelo bispo de Diamantina. Arrecadou um vintém dos pobres e um tostão dos ricos. Cerca de 6.000 almas, na maioria femininas, encheram a planície, enquanto ele exaltava o Pão da Vida e os fogos de artifício, que encerravam o dia, dizem que produziam o efeito de um vulcão em plena atividade. Januária havia sido visitada nos últimos tempos por um trãnsfuga da religião, um espanhol, convertido ou pervertido, a soldo de certa Sociedade de Distribuição da Bíblia. Quando lá estive ele já se havia retirado

para obter mais trigo para o moinho no Rio de Janeiro e havia confiado a um clérigo português a obra de conversão, perversão ou diversão. Os padres de rio abaixo haviam ficado muito escandalizados com a distribuição de “Bíblia falsas”, e eu não posso deixar de simpatizar com a causa deles, sabendo como nesses países a mentalidade local fica perturbada com essas questões de somenos. Certamente chegará o tempo de protestantizar o mundo quando ele estiver cristianizado. Do mesmo modo o missionário<sup>29</sup> e o missionário, jesuíta ou anglicano, perderam seu tempo na Abissínia, cuja igreja data do século III e, sem dúvida, se assemelha muito mais à forma primitiva que as igrejas de Roma ou Londres. Uns poucos massacres constituíram o resultado direto e a campanha abissínica o indireto, daquelas piedosas interferências. Enquanto isso, até ultimamente, os Galas permaneceram na vizinhança, em pleno gozo de um selvagem fetichismo.

*Revenons!* Depois de um passeio de umas quatro milhas, chegamos a uma admirável plantação de mangas, talvez a mais bela que encontrei no Brasil, próxima à propriedade de nosso hospedeiro, a fazenda de Santo Antônio do Brejo do Salgado. A fazenda de Caraíba fica à margem direita do rio Salgado, que nasce em uma bela planície e deságua no São Francisco, um pouco abaixo da fazenda a que deu seu nome. Ele aqui o Boqueirão, uma falha na serra do Brejo, onde adquire um gosto salobro, o que faz supor a existência de salitre. Quando a inundação do rio principal bloqueia sua foz, pode ser subido por canoas, o que mostra que seu leito poderia ser transformado num canal. O povo evita beber sua água porque é altamente laxativa. Se um estrangeiro a bebe terá de contrabalançar os efeitos com uma laranjada feita com a doce, insossa e medicinal laranja da terra.<sup>30</sup> Em dois anos, essa água depositou nas calhas que alimentam o engenho uma camada de calcário com cerca de três polegadas de espessura. A cal e o sal proporcionam uma maravilhosa fertilidade ao seu pequeno vale, o lugar mais rico que até agora vimos no São Francisco, e durante toda a viagem, poucos veremos que o iguaem.

Entre as mangueiras reconheci, por sua coroa de frondes, um velho amigo de outro hemisfério, chamado coco-da-praia. Era uma espécie alta e robusta, *Cocos nucifera*, carregada de dezesseis cocos. Esta árvore existe em abundância na costa, do Rio de Janeiro ao Pará,<sup>31</sup> salvo, porém, à margem dos rios, e espalha-se numa estreita faixa nas regiões do interior, o que justifica a crença popular de que ele precisa de ar do mar. A distância dali ao Atlântico, em linha reta, era de 350 milhas, e eis que encontramos o coqueiro crescendo em

moitas, durante todo o caminho rio abaixo. A maior plantação fica no lugar da Aldeia do Salitre, sete léguas a sudoeste de Juazeiro. O fruto é exportado pelo Dr. Joaquim José Ribeiro de Magalhães que preferiu a lavoura e a abertura de estradas a exercer as funções de desembargador da Relação do Maranhão. Ambos esses dois lugares têm águas salinas ou salitrosas. O coco-da-bahia, como é chamado, é encontrado, porém, em vários lugares onde o solo possivelmente antigo leito marítimo, supre a falta do ar marítimo.

Nosso hospedeiro levou-nos ao seu jardim e mostrou-nos, encravado no chão, em ângulo de 45°, um fragmento semicircular de *cavitaria*, o autêntico granito branco e preto da baía do Rio de Janeiro, com dois pés de largura, dois e meio de comprimento e três de profundidade. Os lados haviam sido lascados e a face usada como pedra de amolar. Um velho “quatro mãos” afirmou que os Gerais tinham morros inteiros de tal rocha. Ninguém, porém, acreditou nele. Tinha sido provavelmente transportado de rio-abaixo. Nas proximidades de Juazeiro verificamos ser comum tal formação. Os enérgicos holandeses, deve ser lembrado, ergueram um Forte Maurício na foz do São Francisco e saquearam Penedo. É mais que provável que durante os trinta anos de guerra tenham subido o rio. O Sr. Halfeld observou que, na inundação de 1792, apareceram na margem do rio diversas telhas com mais de um pé de comprimento em ambos os lados e com cinco polegadas de espessura. Ele acredita que elas sejam do tempo dos holandeses.

A praga dos jardins é o cupim, e, a não ser o arado, nada poderá extirpá-los do solo fértil e rico. O café, plantado à sombra das mangueiras ou das luxuriantes jaqueiras, parece vítima da lagarta, mas não as folhas expostas ao sol. Vimos uma árvore que datava de 1828 e fomos informados de que, durante seus melhores dias, havia produzido quinze libras por ano. A cana-de-açúcar é excelente e, uma vez plantada, perdura quase que durante uma vida humana. A araruta (a *Maranta*) cresce bem. O feijão-guandu era comum e havia um capim grande cuja raiz, uma vez seca, se parecia com o patchuli. Como flores havia o perfumado bogari, que lembra uma rosa branca, lírios, gigantescos jasmims brancos como a neve e a bonina, espécie da nossa *pretty-by-night* (bela-da-noite).

A nordeste vimos a torre solitária de Nossa Senhora do Rosário, brilhante contra uma montanha verde. Para o sul estavam os telhados de Barro Alto, uma bela fazenda, e por trás de tudo, a fazenda do Boqueirão, bem como a garganta onde se encontra a igreja de Santo Antônio, em ruínas, construída pelo sertanista Maciel. Para o oeste-

noroeste, via-se o alto da igreja do Amparo, origem da cidade de Januária. Como pano de fundo ficava a serra do Brejo, coberta de mato ralo e ostentando paredões de rochedos cinzentos, de uma estratificação tão regular que parece artificial, manchada, aqui e ali, por um vermelho ferruginoso e brilhante.

Visitamos o engenho de açúcar<sup>32</sup> dispondo de escassa maquinaria, mas excelente material de trabalho. Em vez de gamelas, usam-se jacás, cones de taquara, cada um com a capacidade de quatro alqueires, escoando-se para orifícios que ficam embaixo. Havia bons burros pastando pelas proximidades. Os nativos custam 30\$000 e os que vêm da província do Rio Grande do Sul, passando por Sorocaba e São Paulo, — viagem que dura dois anos — valem de 50\$000 a 60\$000. Um jumento provou-me que o cruzamento é praticado aqui. Mais abaixo os asnos tornaram-se comuns. A carne é escassa. Uma vaca, da pequena raça curraleira, que fornece boa carne, vale de 8\$000 a 10\$000. Foi curioso ver onde são feitos os chapéus de aba larga do imbê vermelho, uma arácea, usada como o *tie-tie* africano. Suas fibras tomam boa cor. As roupas de couro eram macias como pano. Havia panos de algodão muito resistentes e panos de lã, listados ou em xadrez, tecidos pelas mulheres de Tamanduá<sup>33</sup> e tintos com anil e com uma cucurbitácea que é um poderoso purgativo, chamada bucha-dos-paulistas.<sup>34</sup> Almoçamos às nove horas da manhã, hora bucólica. Preferimos ao vinho de Lisboa, o de Minas, isto é, restilo, e o característico requeijão, que sempre acompanha o café. Encerramos a refeição com charutos feitos em Januária. O fumo vem das montanhosas gerais, a três léguas a noroeste da cidade, e a folha custa 3\$000 o alqueire. São charutos melhores que muitos havanas.

Cavalgamos, afinal, bons animais e, seguindo a estrada ocidental, visitamos o venerável arraial do Brejo do Salgado. Jaz na base oriental da serra, o que dá ao ar qualquer coisa de uma casa aquecida. Curiosos blocos de pedra calcária fumegavam com o calor. O povoado consiste atualmente de casas esparsas em torno de uma praça, em cujo centro está a igreja de Nosso Senhora do Amparo, que nada tem de notável, a não ser as portas vermelhas de boa madeira, com altas almofadas. Junto dela está um caixote de pedra com janelas gradeadas, representando a cadeia, e um alto teto de telhas necessitando completar as paredes. A população tinha a cor amarela de quem come peixe e mandioca.<sup>35</sup> Entre os habitantes havia um judeu polonês, Moses Mamlofsky, que não se referia ao novo lar em termos lisonjeiros. Era sócio de um correligionário alemão, Samuel Warner, que nos procurou em Januária. Este dizia ser natural de Nova York. Infelizmente não sabia falar inglês.

Fixara-se naquela região havia vinte anos. Ganhou dinheiro e gastou-o.

A glória do Brejo era o cônego Marinho, já antes referido como historiador e como político. Procuramos várias notabilidades locais que nos aconselharam, veementemente, a visitar Lapa de Santana, que ficava a duas léguas. Ali os antigos conquistadores encontraram, ou pensaram ter encontrado, cruzes de pedra feitas pelos índios, imagens de Santo Antônio etc.<sup>36</sup> Ouvimos também falar de outra gruta onde se podia soltar um foguete que não atingiria o teto. Talvez um viajante que disponha de mais tempo, ache que vale a pena visitar aqueles lugares. Contaram-nos do Brejo a lenda romântica de sua origem. Quando o bandeirante português Manuel Pires Maciel estava descendo o rio, foi atacado, no afluente Pandeiros, por um poderoso régulo que dominava 120 milhas da terra, entre a boca do Urucuia e a Carinhonha. Os vermelhos fugiram espavoridos e a mulher do chefe escondeu uma recém-nascida debaixo de um monte de folhas. Assim, dizem, faz o jacaré para proteger seus filhos. Os cães dos conquistadores encontraram a criancinha que foi batizada como Catarina, criada cristãmente e afinal veio a casar-se com o seu raptor. Deu-lhe duas filhas: Ana, que se estabeleceu com seu marido, João Ferreira Braga, no rio Acari, e Teodora que se tornou a mulher de Antônio Pereira Soares. O nome de Maciel misturou-se então com várias famílias portuguesas, Bittancourt, Gomes, Moreno, Proenças e Carneiros. A prole de Catarina forma hoje um clã de 4.000 almas, cujos cabelos pretos e lisos, tez acobreada e olhos oblíquos, algumas vezes *bridés*, ainda conservam os traços da Poca-hontas brasileira.<sup>37</sup>

Voltamos a Januária encantados com a nossa visita, mas tínhamos de resolver algumas dificuldades no recrutamento da tripulação. A gente de Guaicuí, recusou-se peremptoriamente a prosseguir, a despeito de ofertas liberais. Estavam, sem dúvida, ansiosos para reencontrar suas mulheres. O Sr. Manuel Caetano e seu cunhado andaram comigo pela cidade toda e descobriram que havia seis homens das barcas querendo partir sem encontrar tripulantes. Muitos dos barqueiros tinham sido recrutados para a guerra, outros haviam fugido de casa, outros recusavam-se a sair da cidade com medo de serem recrutados em terra estranha. Afinal é a época, como nos advertia a ventania terrível, que trazia a água do lado baiano, em que os campos deviam ser preparados. Finalmente, não há pobreza nesta parte do mundo. O pobre possui, ao menos, uma vaca ou uma égua para cavalgar, com poder ilimitado de pedir, ao vizinho ou tomar emprestado, o alimento necessário. Conseqüentemente, não trabalhará

senão compelido por necessidade próxima. Os que aceitavam, faziam-se de rogados, pedindo ao menos três dias de prazo. Um deles, livre, mas preto como minha bota, não podia partir sem ter fervido sua camisa.

De Januária a Juazeiro o aluguel de uma barca é de 1\$000 por dia, e os barqueiros habitualmente recebem 14\$000 por cabeça, quantia realmente pequena, mas é preciso levar em conta a alimentação. De nada adiantou oferecer 20\$000, incluindo, naturalmente, o fumo, a bebida e a comida. Afinal contratei um piloto e um remador que pediram 35\$000 e 30\$000. Meus excelentes amigos haviam enviado para bordo tudo que era preciso para uma viagem extensa.<sup>38</sup> Resolvemos partir imediatamente. O céu em face de nós, a oeste, apresentava um aspecto ameaçador, a trovoada roncava e os raios brilhavam em todas as direções. A nova tripulação sacudia a cabeça e comecei a temer a perda de, ao menos, metade do dia seguinte. Contudo encheram-se de coragem e partimos. Poucos minutos depois passávamos diante das ruínas da Igreja do Rosário.

Sentiremos saudade da hospitalidade franca e disposta de Januária, à medida que avançamos. Para diante as coisas seriam menos satisfatórias em matéria de recepção. Esta mudança nos fará lembrar sempre do amável e cordial acolhimento do tenente-coronel Manuel Caetano de Sousa Silva, de seu cunhado capitão Antônio Francisco Teixeira Serrão, do promotor público Luís de Sousa Machado, do Sr. Gonçalo José de Pinho Leão e outros que revelaram tanto interesse por estrangeiros em trânsito.

### Notas ao capítulo LVIII

1. N.A. O Sr. Halfeld chama a essa bela localidade de «Povoado de Porto Alegre». Os barqueiros chamam a esses povoados geralmente de «fazendas». O seguinte foi a Barra do Barão, roça à direita, comprida e baixa. A margem esquerda também apresenta benfeitorias, mas é inundada em maior extensão.
2. N.A. Também escrito Aracuaia, que quer dizer, segundo o povo, fartura, plenitude, referindo-se à fertilidade de suas margens elevadas. Esse rio recolhe as águas da encosta meridional do chapadão do Urucuaia. É separado do vale do Paracatu pela serra do Rio Preto. Sua área de drenagem compreende 2º de latitude e 1º30' de longitude. O rio, posto que interrompido por muitas cachoeiras, é navegável por ajoujos e canoas até Campo Grande, a 120 milhas da foz.
3. N.A. O Sr. Halfeld chama essa ilha de ilha das Caraíbas e em outro passo escreve *Caraiba*.
4. N.A. Segundo os pilotos, o verdadeiro Acari fica mais abaixo. É nome de um peixe (uma loricária, com muitas espécies). É

escrito *acary*, *acari* e *acarehy*. O nome tupi era acará, seguido das terminações *apuã*, *açu*, *tinga* e *peixuma*. Nesse rio encontramos o acari-de-pedra, o acari-de-casca (ou cascudo), o acari-de-lama e o acari-de-espinho. É o mesmo *juacanã*, que Marcgraf viu em Pernambuco, e o *cachimbo* ou *cachimbaru* de Ilhéus. Uma de suas espécies é provavelmente o cará-bandeira (*Mesonata insignis* Gunther), do qual Bates (II, 140) apresenta uma ilustração. Ele grunhe, tal como o mandim, e dizem os barqueiros que quando come a lama e ervas do fundo da canoa, esfrega a cabeça na madeira, produzindo um ruído peculiar. Segundo eles esse peixe vive em buracos, ao longo das margens. Muitos consideram-no venenoso e, quando pescado, é geralmente jogado fora, pela dificuldade de cozê-lo. Tanto a espécie branca como a preta tem escamas duras e pontudas, com linhas pontilhadas longitudinais, nadadeiras muito perigosas e ganchos acima das barbatanas da cauda. Outro conhecido loricarídeo e peixe grunhidor é o cascudo, muito comum dos rios do interior. Sua carne é apreciada, mas eu a achei mole, insossa e cheia de espinhas.

N.T. O padre Antônio Lemos Barbosa, em seu *Fequeno Vocabulário tupi-português*, Rio, São José, 1951, considera *acari*, ou *guacari* como sinônimo de cascudo. Teodoro Sampaio (*O tupi na geografia nacional*, 4.<sup>a</sup> ed. revista por F. Edelweiss, Bahia, 1955) registra *acará*, como «cascudo, o escamoso», e esclarece: «Nome comum de certos peixes fluviais no Brasil, cujo mais conhecido é o *Geophagus brasiliensis*». V. sobre o assunto A. Magalhães Correia: *Terra carioca*, Rio de Janeiro, Inst. Hist. e Geogr. Bras., 1939, especialmente o cap. XXI, e Frederico Edelweiss, «Os topônimos indígenas do Rio de Janeiro quinhen-tista», na *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro*, v. 275, 1967.

5. N.A. Também vejo escrito *quichabeira*. É uma sapotácea. A árvore cobre grandes trechos das margens do rio, antes e depois da grande cachoeira. Parece o *Zizyphus* (*Jujube tree*). Produz uma baga comestível e dá boa sombra ao gado. O *Sistema* menciona a quijaba e a catinga-branca (aqui chamada catinga-de-porco) *Croton adenocalix*, como leguminosas abundantes em *Stryphnum*.
6. N.A. As barcas menores custam em Januária 200\$000; as de tamanho médio, 500\$000 e as grandes (45 por 14 pés), 1:600\$000.
7. N.T. Pela lei n.º 1.356, de 6 de novembro de 1866, criou-se a paróquia do arraial Pedra dos Angicos. Em 1871, a lei n.º 1.755, de 30 de março, transferiu a sede do município da Vila Risonha de São Romão para o povoado de Pedra dos Angicos. Esta foi elevada a cidade pela lei n.º 2.416, de 5 de novembro de 1877, com a denominação de São Francisco. (Waldemar de Almeida Barbosa: *Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais*; Belo Horizonte, 1971.)
8. N.A. Este rio Acari não é mencionado nem pelo Sr. Halfeld, nem figura no mapa do Sr. Gerber. A boca tem cerca de 150 pés de largura. A elevada margem esquerda, de argila amarela, é recoberta de capim e árvores baixas. Na margem oposta a vegetação se estende quase até a água.

9. N.A. O rio Pardo recebe as águas das encostas meridionais do chapadão de Santa Maria. Sua extensão é de 1°30', mas só é navegável por canoas em 12 léguas.
10. N.T. Hoje prefere-se *mirozilo*.
11. N.A. Brejo do Salgado, que visitaremos em seguida.
12. N.A. O pandeiro é um instrumento cigano, um arco e uma cabaça, de origem africana. Os selvagens, como era de esperar, apreciam enormemente sua música. Daí o fato de seu nome aparecer em muitos lugares do interior. Perto desse Pandeiros faleceu há pouco um homem que diziam ter 107 anos.  
N.T. O autor parece referir-se antes ao berimbau de barriga. (V. Luis da Câmara Cascudo: *Dicionário do Folclore brasileiro*, 4.<sup>a</sup> ed., São Paulo, Melhoramentos e I.N.L., 1979).
13. N.T. No Livro clássico de Teodoro Sampaio (*O tupi*) encontra-se *Itabiraçaba*: s.c. itabira-açaba, a travessia da pedra empinada. É a lasca de pedra erguida e disposta em forma de ponte; a ponte de pedra natural. Minas Gerais.» *Piaçaba* é a fibra da palmeira *Attalea funifera*.
14. N.A. Ao meio-dia passamos por três pequenas ilhas perto da margem pernambucana. Uma hora depois avistamos a ilha das Pedras, de formação arenosa, com arbustos e algumas rocinhas e cães ladradores. Na margem oposta, havia arestas de canga. Além surgia, sobre base de argila dura, de cor clara, uma muralha de argila ferruginosa, preta e vermelha, com pedras soltas encravadas, variando, na espessura, de um a nove pés, e estreitando-se de norte para sul.
15. N.T. Aliás Miguel Domingues, sertanista de São Paulo que pertence ao ciclo das esmeraldas. Saindo em 1698 de Ouro Preto, foi ter a Itacambira onde encontrou ouro. Foi atacado por bandos denominados «papudos», mestiços baianos, cedeu terreno e foi fundar arraiais adiante. (F. de A. Carvalho Franco: *Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil*, São Paulo, Com. do IV Centen., 1954.) A matança do rio das Mortes foi em fevereiro de 1708.
16. N.A. É aqui conhecido como pinheiro-de-purga, ou pinhão-do-paraguai. Os dicionários de tupi mencionam *mandubi-guaçu* (amendoim grande ou *arachis*), mistura de termos africanos e americanos. Labat menciona *medicinier* ou *pignon d'inde* e quando descreve seus efeitos, fornece um sensato conselho aos viajantes: não comer frutas desconhecidas que os pássaros recusam.
17. N.A. Na África, a polpa não amadurecida, devidamente preparada, é também utilizada, penso eu, como poderoso medicamento.
18. N.A. Em outros lugares dizem que o gado é por ela envenenado.
19. N.A. Segundo o Almanaque, a paróquia foi criada pela resolução real de 2 de janeiro de 1811. O porto tornou-se sede do município pela lei provincial n.º 288, de 12 de março de 1846.  
N.T. A vila de Januária, criada em 30 de junho de 1833, só foi transferida para o arraial de N. S.<sup>a</sup> do Amparo do Brejo do

Salgado pela lei n.º 54, de 20 de abril de 1836. A sede foi novamente transferida para o povoado do Porto do Salgado pela lei n.º 279, de 11 de abril de 1845. Cinco anos depois (com a lei n.º 472, de 31 de maio de 1850), votou para o Brejo do Salgado. Valdemar de Almeida Barbosa, *Dicion.* cit.

20. N.A. Grande parte das terras do Mocambo não têm dono. Sua admirável fertilidade aconselha a colonização. As melhores terras na região custam 500\$000 por légua. Note-se que não se trata de uma légua quadrada, que teria nove milhas geográficas, mas um quadrado com meia légua de cada lado. A esse respeito não há regulamentação e cada um adota o seu próprio sistema.
21. N.A. Para se fazer um dique desse tipo é preciso abrir um fosso e retirar cuidadosamente as raízes das árvores e tudo mais que seja capaz de provocar uma infiltração. O dique deverá ter uma base de 3 : 1.
22. N.A. Como já observei, *ará* é um papagaio. O aumentativo *ará-ará*, tem a forma contracta *arara*, aplicada aos pássaros grandes. É lamentável que não tenhamos adotado essa bela onomatopéia em vez do grotesco mestiço *macaw*, vulgarizado com a forma científica, *arainae*. As variedades selvagens aqui são a araruna (arara-una) e o arari, também chamado canindé, ou arara azul. A primeira, como o nome o indica (*Psittacus hyacinthinus*) é negra, ou antes roxo-escura, de tamanho menor que o habitual; voa aos pares, no alto, soltando gritos altos como o papagaio. O arari (*Psittacus ararauna*) é o conhecido e o magnífico pássaro com o dorso do mais vivo azul e as penas do pescoço douradas. Saint-Hilaire (I, II, 376) assinala o erro de Marcgraf que deu o nome de araraúna, que significa papagaio preto, ao pássaro errado.
23. N.A. Ou guariroba (*Cocos oleracea*, Mart.).
24. N.A. Quadrumano. A palavra é usada na região como sinónimo de caipira.
25. N.A. Grande árvore leguminosa. Saint-Hilaire (I, II, 331) escreve *tamburi*, seguindo a pronúncia dos sertanejos.
26. N.A. As distâncias são aqui mencionadas conforme o que me disseram meus amigos de Januária. Segundo eles Diamantina fica a 70 léguas de distância e Lençóis a 76 ou 80.
27. N.A. Nessas regiões, o termo *Gerais* se refere aos cursos dos rios. Assim, Gerais das Palmeiras, Gerais do Borrachudo etc.

N.T. Segundo o engenheiro Gilvandro Lima Pereira «os gerais são de uma paisagem complexa, entrando em sua constituição as campinas, as chapadas, os brejos, os areais e as indispensáveis escarpas do chapadão de arenito. Os *gerais* são extensísimos e cobrem uma boa parte dos Estados da Bahia, Goiás, Piauí e Maranhão, sobretudo os dois primeiros. Neles são encontradas imensas planuras, com uma mudança insensível de declividade, a não ser quando caem em grandes escarpas para o lado goiano, piauiense ou maranhense» (Bernardino José de Sousa: *Dicio-*

nário da terra e da gente do Brasil, 5.<sup>a</sup> ed., São Paulo, Ed. Nacional, 1961 (Brasiliiana).

28. N.A. Segundo Arruda, *Acantacarix pinguis*. Essa árvore prefere o terreno arenoso dos tabuieiros e chapadas, onde é merecedora de todo estímulo. Sua altura é de 17 metros, com largura proporcional. Com sua madeira podem-se fazer canoas e o fruto, do tamanho de uma laranja, tornece um polpa oleosa, farinácea e muito nutritiva, apreciadíssima pelos habitantes do Ceará e do Piauí (Koster, II, 486-487).

29. N.A. Comentando um livro que escrevi ao voltar do Daomé, a *Saturday Review*, estranhou o uso do termo missioneiro (*missionner*) em vez de missionario (*missionary*). O redator parece não ter atentado para o fato de que, nos últimos anos, o termo *missioneiro* foi adotado pelo catolicismo romano, em contraposição ao *missionário* protestante. Talvez fosse mais antropológico adotar a primeira forma ao tipo de crença atualmente adotado pela Europa meridional, em oposição à Igreja primitiva, seguida pela Europa setentrional e pela Igreja grega, tão antiga quanto as mais antigas, que prevalecem na Europa de leste semi-oriental. Do mesmo modo observamos que, no mundo islâmico, certos artigos de fé não importantes — não importantes porque nem o Corão nem a tradição se pronunciaram a respeito — são adotados por certas escolas de teologia, só porque uma escola rival adotou outro ponto de vista. «*Rugban l'il Tasannum*», ódio dos sunitas, é a razão pela qual o Shiah adotou alguns de seus usos de importância secundária.

N.T. O livro do autor, a que ele se refere é o que tem por título: *A mission to Gelele, rei do Dahomé* (1864). A difusão de textos bíblicos pelos pastores protestantes no Brasil deu origem a uma acesa polémica em torno do que se chamava de «Bíblia Falsas». Além de não aceitarem alguns livros constantes das edições católicas, o texto divulgado mereceu, em 1862, expressa condenação do arcebispo da Bahia, Dom Manuel Joaquim da Silveira em carta pastoral.

30. N.A. O perfume da flor dessa laranjeira é muito apreciado pelas abelhas. Dizem-me que a fruta fica azeda ou insossa se não for periodicamente revigorada por meio de enxertos. Mostraram-me uma laranjeira com seis anos ainda estéril. Diz Saint-Hilaire (III, II, 409) a respeito de Salgado: «*Cette bourgade doit son nom à l'un de ses premiers habitants et non, comme on pourrait le croire, à la qualité, un peu saumâtre de ses eaux.*» Creio que é um erro. Pizarro explica a origem do nome corretamente. Observa que as águas eram estomacais, desobstrutivas, digestivas e capazes de curar ou diminuir o bócio.

31. N.A. Convém lembrar que *Cocos nucifera* não foi encontrado no Brasil pelos primeiros exploradores.

N.T. Segundo Luís Amaral (*História geral da agricultura brasileira*, 2.<sup>a</sup> ed., São Paulo, Ed. Nacional, 1958, Brasiliiana), o chamado coco-da-baía «que enfeita o litoral, desde o Estado que lhe deu o nome até o Ceará», é malaio, embora tenha

chegado depois de escalar em Cabo Verde. E cita Gabriel Soares de Sousa: «Foram os primeiros cocos à Bahia, de Cabo Verde, donde se encheu a terra». Hoehne admite que ele tenha chegado antes do descobrimento, conduzido pelas correntes marítimas.

32. N.A. O açúcar mais claro de Januária veio de Pitangui (120 léguas). Seria fácil cristalizá-lo e refiná-lo. Sugeri o uso do carvão animal. Mas ninguém se dará ao trabalho de fazer tal coisa quando encontra o barro pronto.
33. N.T. Em 1882 mudou sua denominação para Itapecerica.
34. N.A. A tradução literal seria *gun-wadding* dos paulistas. A espécie que nos foi mostrada era uma fibra contendo sementes oleaginosas escuras. Cerca de uma polegada quadrada dela é posta na água durante a noite e bebida na manhã seguinte como emético etc. pelos que sofrem de «ar» ou «estupor», resultante das febres do rio. O *Sistema* informa que, em São Paulo, a planta é conhecida como «purga de João Pais» (*Momordica opeculata*) e faz referência a vários empregos possíveis. Também nos falaram de uma variedade menor que seria de ação ainda mais violenta, dizendo-se que a planta se assemelha com a «flor da paixão». Trata-se com certeza da buchinha ou *Luffa purgans*, cujo extrato é usado como a colóquintida (*Cucurbita pepo*).
35. N.A. Não são porém de vida curta. O pai de nosso anfitrião, com 81 anos, monta a cavalo como um homem de 40. O vigário, padre Joaquim Martins Pereira ainda está vigoroso com 77 anos.
36. N.T. Estou longe de afirmar que tudo seja fantasia. A costa leste da América do Sul, muito antes dos tempos de São Colombo, foi certamente atingida por europeus e africanos, possivelmente cristãos, tal como as costas ocidentais podem ter recebido ocasionalmente asiáticos para ali arrastados. Reservo os fundamentos de minha conclusão para um futuro volume.
37. N.T. Manuel Pires Maciel, português de nascimento, foi sertanista famoso na Bahia. Explorando as margens do São Francisco, juntamente com Januário Cardoso de Almeida e outros, conquistou aos Caianó os sítios de São Romão e Tapiriçaba, formando hoje o município de Januária. Seu filho, Domingos Alves Ferreira Maciel, envolveu-se em vários motins do sertão, de 1736 a 1738, especialmente São Romão e Brejo do Salgado (F. A. Carvalho Franco: *Dicionário* cit.).
38. N.A. As provisões compradas em Januária foram as seguintes:

32 libras de fumo de rolo	6\$000
20 rapaduras	2\$400
1 garrafão empalhado de cachaça	1\$800
Toucinho	3\$500
Farinha	1\$280
6 medidas de arroz	1\$920
5 libras de carne	\$600
1 quarta de feijão	2\$000
<b>Total</b>	<b>19\$500</b>

## CAPÍTULO LIX

### DE JANUÁRIA A CARINHANHA<sup>1</sup>

#### Terceira travessia, 30,6 léguas

**Mau tempo — Remanescentes dos índios — A povoação e a grande igreja de N. S.<sup>a</sup> da Conceição de Morrinhos — Decadência e desolação — A povoação de Manga do Amador — Canto dos pássaros — Rio Verde, rio salobro — Rio Carinhanha — Povoação de Malhada e sua recepção — Tenente Loureiro — Visita à vila de Carinhanha — Dom Rodrigues — Noite má.**

Ergue-se sobre o mar vasto penedo  
Que uma angra à raiz tem naus de amparo,  
Onde as ramas no intrincado enredo,  
Causa o verde prospecto um gesto raro.

(Caramuru, VI, 18)

Foi uma noite abominável. A tempestade, como é freqüente no Brasil, assumiu a forma de um ciclone, passando de norte a sul, via leste; houve momentos em que pensei que o toldo da *Elisa* fosse arrancado pelo vento e pela chuva. Os novos tripulantes, tanto aí como depois, mostraram ser homens de bordo de verdade. Falaram muito, mas trabalharam ainda mais. E, melhor ainda, nenhum deles bebia, nem tinha sarna.<sup>2</sup> O piloto, José Joaquim de Sant'Ana, trabalhava vestido de preto, calado e compenetrado, raramente misturando-se aos barqueiros. Muito diferente era o temperamento de Manuel Filipe Barbosa, que se rejubilava com o apelido de Manuel das Moças ou "Barba de Veneno";<sup>3</sup> cantava, gritava, improvisava versos, falava como um marítimo. A fluência e a virulência de sua sátira haviam feito dele um "repentista"<sup>4</sup> digno da alcunha de Barba de Veneno. Contudo não ignorava as boas oportunidades e esperava ganhar dinheiro, investindo em bebidas, chapéus de palha e tijolos de laranjada e outros doces, que ele venderá rio-abaxo.

*Sexta-feira, 26 de setembro de 1867* — O mau tempo levou-nos a partir às 5 horas da manhã. Depois de passar por lugares sem interesse,<sup>5</sup> chegamos no paralelo do Mocambo, que já foi referido como um dos distritos de Januária. Além dele,<sup>6</sup> à margem esquerda do rio surge o morro do Angu, e sua comprida ilha, areenta e parcialmente cultivada. As elevações são visivelmente contrafortes da serra do Brejo, montanha coberta de arbustos, com paredes escarpadas de pedra calcária cinzenta, com manchas vermelhas. Logo depois, a chuva e os raios, vindo do norte, forçaram-nos a procurar abrigo em estreito canal formado por uma “ilha vapor”, junto à margem direita. O furacão revelou-se afinal uma “peta”.<sup>7</sup> Passada meia-hora, prosseguimos viagem. Logo ancoramos na praia do Jacaré, em frente ao arraial do mesmo nome. Estamos agora empenhados em seguir pelo lado baiano e evitar a vizinhança de árvores altas. Ao norte ergue-se o pico do Itacarambi,<sup>8</sup> termo que ninguém pôde explicar. Mais cedo, naquele mesmo dia, o pico se apresentava aos nossos olhos como uma alta pirâmide azul. Mas daqui de perto verificamos ser o contraforte meridional de uma série de montanhas espalhadas, na direção norte com tendência para leste. O cone pouco elevado tinha uma curiosa aparência: a cor era um pouco mais escura que a ardósia do céu que lhe servia de fundo e parecia expelir baforadas cinzentas de neblina pesada, que formavam linhas condutoras de vapores elétricos cercando os nimbos.

*27 de setembro* — A lua-nova trouxe consigo uma atmosfera ainda mais pesada e úmida. Agora a margem ocidental revelou uma larga ladeira areenta: a estrada para São João das Missões (ou dos Índios), distante três léguas do rio, e objeto de uma grande romaria no dia do santo patrono. Aqui, afastados dezoito léguas de lar primitivo — o belo Brejo do Salgado — um paraíso selvagem, estão aldeados os remanescentes de três grandes tribos: os Chavante, ainda poderosos, nas cabeceiras do Tocantins; os Acriabá (icriabá) e os Botucudo, ou índios de lábios estendidos, nome geral indefinido de diversas raças. Antigamente os Gerais eram povoados pelos Acroá, conhecidos geralmente pelo nome de Coroados, ou tonsurados, os Xerente e os Aricobi, que ainda inspiravam temor em 1715. Hoje os peles-vermelhas mais próximos estão em torno de Moquém,<sup>9</sup> em Goiás, a 125 léguas de distância.

Após uma sucessão de acidentes habituais<sup>10</sup> à 1,30 da tarde, avistamos Cascalho, na margem direita, e as lavadeiras, sinal costumeiro de povoação próxima. Subimos a rampa natural e entramos numa espécie de rua, muito estragada pela água. Dali, virando à direita, chegamos à grande praça, com seu cruzeiro central e o começo

de outro. Aqui nunca chegaram as inundações. Ao norte fica a casa da Câmara, de janelas fechadas, e a cadeia, com a porta aberta. As 21 casas, inclusive duas em ruínas, são das mais humildes e, rio abaixo, há duas linhas paralelas de uns treze a quatorze casebres. O lado oriental da praça é ocupado por Nossa Senhora da Conceição dos Morrinhos, que dá o nome à praça. É um *delubrum mirae magnitudinis*,<sup>11</sup> que goza de grande fama, o que leva o forasteiro a perguntar como isso veio parar aqui. Ela deve sua origem à piedade de certo Matias Cardoso, já mencionado que, com sua irmã, Catarina do Prado, casada em São Paulo com um português, estabeleceu-se na selvageria, e, em virtude de seus serviços contra os índios, obteve o posto de mestre-de-campo, dignidade que se transmitiu a três gerações. Ele, e depois seu filho Januário, construíram, naturalmente com o suor dos índios, o santuário. O último chegou a mandar vir da Bahia pedreiros e carpinteiros.

O templo, voltado um pouco para o norte do ocidente, eleva-se sobre uma plataforma de bons tijolos, com um palmo e quatro dedos de comprimento e duas polegadas de espessura.<sup>12</sup> Com eles, e com cal amassada com areia, é construído o edifício. Teria sido fácil construí-lo de pedra pois ali estão maciços blocos calcários, acima do solo. A fachada ostenta o frontão habitual, protegido por beirais de três filas de telhas, um esboço de rosácea, e janelas com postigos e grades de madeira acima e abaixo. A porta é de madeira maciça, guarnecida de grandes pregos de cabeça redonda. Ao que parece nunca foi aberta e vêm-se sinais de fogo perto do chão. Em torno dela estão pendurados pedaços de rosários, fragmentos de cruzes e escapulários estragados. As torres são maciças e terminam em pirâmides caídas, como as de São Bento no Rio de Janeiro. O tijolo, porém, está caindo de cima das janelas e umas traves apostas na fachada revelam que se pretende fazer reparos. Nos lados norte e sul há fragmentos de claustros, arcos em cima de seis grandes pilares quadrados. Tudo finaliza nas peças a leste destinadas à sacristia. Do lado de fora a cal está verde de umidade e manchada de vermelho pela terra de ocre que a recobre. Dentro, o claustro do lado norte está coberto de areia e excremento de cabra. Do lado oposto há montões de argila vermelha, indicando os lugares das covas. Há também um esquife sob os arcos e um caixão de defunto quebrado, junto à parede.<sup>13</sup>

Tivemos algum trabalho para encontrar as chaves. Afinal apareceu o sacristão com a cauda habitual. O interior estava em estado pior que o exterior. No teto faltavam algumas tábuas de cedro que o

cobriam. O coro estava em ruínas. É, em geral, por onde começa a decadência. Os púlpitos parecia que iam cair. As quatro capelas laterais na nave da igreja pareciam oratórios portáteis. Um arco ousado e bem construído, revestido de madeira de qualidade e grades de jacarandá torneado, conduz à capela-mor que não mostrava nenhum sinal de ter sido dourada ou pintada. Debaixo dele, uma laje quebrada de ardósia da Malhada, exhibia a inscrição:

AQVI IAS  
JANVARIO C  
ARDOZO DE  
ALMEIDA <sup>14</sup>

A data tinha sido esquecida e o sacristão só soube dizer-nos que em Morrinhos falecera recentemente um homem de 113 anos que afirmava estar o túmulo ali quando ele nascera.

Subimos ao alto de um outeiro em cujo sopé está a igreja. A substância é de pedra calcária, cortada, em alguns lugares, por faixas de quartzo duro, e capeada por arenito aglomerado. O solo, manchado por óxido de ferro, produz manchas vermelhas que marmorizam aquelas elevações. Antigamente Morrinhos produzia salitre. Hoje a produção está esgotada ou negligenciada. Do alto do morro verificamos que a margem esquerda tem formação semelhante e está mais sujeita a inundações. Dali contamos quatro elevações: morro da Lavagem, morro do Salitre etc.

A névoa fumacenta que saía de uma árvore flutuante, que deixava espuma em seu rastro deu-nos a ilusão espantosa do tão esperado vapor.<sup>15</sup> Descendo à direita de uma comprida ilha, a Manga do Amador, avistamos a aldeia desse nome, vantajosamente situada no lado “pernambucano”. Esta foi a primeira localidade não sujeita às inundações que encontramos no alto São Francisco. A vantagem dessa localização far-se-á sentir futuramente. Dois barrancos erguem-se á, pelo menos, 100 pés acima da margem do rio, escura e com algumas árvores, e são separados por profunda depressão que serve de escoadouro de uma lagoa que fica atrás da aldeia. A terra é de cor vermelho-escuro, o melhor dos solos, até chegar à argila branca da margem do rio. Contei dezessete portas na elevação do lado norte e o povoado, apesar de novo, não deixava de exhibir suas ruínas.

Depois de uma hora de trabalho, encontramos local para ancoragem perto da ilha do Carculo. À noite contemplamos as estrelas e os planetas como se fossem faces de amigos há muito tempo ausentes. Os vaga-lumes<sup>16</sup> cintilavam na escuridão das árvores. A

gaivota protestava em altos brados contra nossa invasão, o sapo-boi e o cururu (*Rana ventricosa*) coaxavam como a roda de um engenho posta em movimento. De novo ouvimos o lamento do João-corta-pau e do curiangó que nos fez lembrar com saudade do rio das Velhas. A rude umidade tornou-se suave e confortadora, os raios só apareciam no horizonte longínquo. Para o norte a noite estava clara, azul-escura. A esperança, na verdade, visitava-nos mais uma vez enganadoramente.

28 de setembro — Partimos, como de costume, às 5 horas da manhã, apesar de uma pesada chuva e, depois de três horas de trabalho, desembarcamos na margem direita, para examinarmos a foz do rio Verde Grande. Esse rio nasce nas montanhas ao norte de Montes Claros. Recebe o rio Verde Pequeno, vindo do sul, que recolhe as águas da vertente ocidental da serra das Almas, ramo da serra do Grão Mogol. Na outra vertente corre o rio Pardo que se une ao Jequitinhonha, curvando-se ambos para nordeste, nas fronteiras das províncias de Minas e Bahia. O rio pode ser navegado por canoas pela extensão de trinta léguas a partir da foz.

Na foz do rio Verde há uma larga praia que faz com que a correnteza flua ao longo da margem direita do São Francisco. Acima da margem do rio, que é coberta de lama, encontramos, como era de esperar, uma bela formação diamantina. As partes mais elevadas da praia eram ocupadas por uma família de negros. Junto ao rancho que ocupavam havia uma pequena plantação de feijão e melancia. Essa última cresce na areia, quase que inteiramente destituída de húmus, onde o milho só medra raquítico, curto. Os negros venderam-nos por três cobres cinco melancias, muito barato em relação ao que a fruta nos ia custar dali por diante. As abelhas estavam em atividade entre as flores e a crista-de-galo cor-de-rosa, parecida com o nosso *cockscorb*, e o sarrão (*Argemone mexicana*), com flor amarela, semelhante à rosa-canina, chamada cardo-santo, em virtude de suas reais ou supostas propriedades medicinais.<sup>17</sup> A partir daquele ponto iríamos ver sua folhagem verde-acinzentada ao longo de todo o rio. Outra planta com flor branca, estigma róseo, longos estames, folhas delicadas, que se dobram ao sol e haste viscosa, iria exhibir-nos seu verde-escuro nos lugares úmidos das povoações. É chamada mustambé, e o Sr. Davidson,<sup>18</sup> depois de examinar-lhe a tintura, declarou que se trata da *stink-plant* do vale do Mississípi. A tiririca, tão comum nos rios do Brasil, assemelha-se ao papiro, e cresce acima do capim-amargoso, de folha larga, muito apreciado pelo gado. Vimos poucas reses à margem do rio. Os criadores já haviam começado a levá-las para o interior. Alguns anos antes um criador perdeu trezentas cabeças devido a uma enchente do rio Verde.

Esse rio descarrega, através de uma alameda sinuosa de boa madeira, uma corrente considerável de cerca de 150 pés de largura. A água era de verde-sujo, lamacenta, “pesada”, observou a tripulação e visivelmente salgada sem, contudo, ter gosto de salitre. Os afluentes salinos do alto São Francisco foram examinados pelo Dr. Couto. Atraem cardumes de peixes que gostam, como os outros animais, de lamber o sal. Dali por diante vimos muitas formações semelhantes: o riacho do Ramalho, dez léguas abaixo do Carinhonha; o riacho dos Cocos, que desemboca no rio das Éguas do Norte, e outros. Merecem ser explorados. Salinas ou depósitos de sal-gema seriam mais úteis que minas de ouro e abririam uma fonte de riqueza para os homens empreendedores. A água poderia ser tratada com o salitre, transformada em barrela e posta a secar em grandes recipientes. Atualmente o sal para aquela região tem de ser importado da vila da Barra do Rio Grande, ou mesmo de Juazeiro. Em consequência custa de 8\$000 a 12\$000 a quarta.<sup>19</sup>

Na margem direita, além do rio Verde, há mais terras cultivadas. Encantou-nos a bela e agradável paisagem em torno da fazenda das Melancias, tendo ao fundo e serra da Malhada, braço do nordeste dos Montes Altos, último paredão do rio Verde Pequeno. Pouco depois passamos pela foz do Japoré, rio considerável, que recebe as águas dos Gerais reunidos em nossos mapas como chapadão de Santa Maria. A confluência é chamada barra do Prepecé, denominação que os barqueiros não souberam explicar. Acredito que fosse o nome de algum chefe indígena. O afluente seguinte, também da margem esquerda, foi o riacho da Ipueira. O Sr. Halfeld traduz essa expressão indígena por lagoa, ou tanque de água, mas a ipueira é temporária, enquanto a lagoa é permanente.<sup>20</sup> Ela se torna uma feição constante quando as margens dos rios se apresentam achatadas. Não vimos, como acima de Januária, ondulações de terreno alto perpendicular à artéria principal e dividindo os tributários do leste e do oeste. Faziam-nos falta aquelas elevações que muitas vezes se erguem acima da água, a salvo de qualquer inundação e formando um dique natural para conter o canal. As terras baixas junto ao rio são periodicamente cobertas pelas cheias, evitando que a água se estenda como no curso superior do rio. Posteriormente os brejos secam ou tornam-se “nateiros”,<sup>21</sup> isto é, lamaçais. Esplêndidas pescarias fazem-se nas ipueiras, principalmente de surubins e de traíras. Algumas partes do vale são literalmente adubadas com barbatanas. Um barco carregado é preso pelos ramos que se estendem sobre as águas, e que podem ser tocados pelas mãos.

Rumamos depressa para passar o pontal da barra do rio Carinhonha,<sup>22</sup> grande afluente ocidental que recolhe as águas da serra de Tabatinga e é a contravertente do Paraná, cabeceira oriental do Tocantins. É navegável, na extensão aproximada de vinte léguas até a serra que ele atravessa. A partir daí torna-se uma sucessão de cachoeiras e corredeiras. Nesse ponto são abatidas muitas árvores de grande porte, especialmente cedros: os troncos cortados são reunidos de forma a constituírem uma jangada, flutuando com mais segurança rio abaixo. Visto do sul, o solo baixo mostra-se inteiramente coberto pelas árvores. Mas, olhando-se de oeste, avista-se um rio com cerca de trezentos pés de largura, curvando-se através de vegetação cerrada e, provavelmente, deslocando-se para sudoeste, rio acima. A margem esquerda da foz é uma massa de areia disposta em linhas onduladas. Um pouco mais abaixo, formando uma linha escura, fica um belo depósito de bela ardósia roxa em lajes ou camadas. Não está inteiramente abandonado. Vi vários pedaços com duas polegadas de espessura e vinte pés de comprimento, e pedaços menores cortados em forma redonda ou oblonga. Não têm manchas ou sinais de piritas.<sup>23</sup> O Carinhonha constitui o limite ocidental entre as províncias de Minas Gerais e da Bahia e, no pontal, ou Ponto no Escuro, está colocado um guarda e cobram-se impostos sobre as mercadorias. O posto estava abandonado devido às febres tifóides malignas chamadas “carneiradas”, que liquidavam os homens como carneiros.<sup>24</sup> Desde 1852 a recebedoria foi transferida para a margem direita.

Seguimos para Malhada, ou, para dar o nome completo, Nossa Senhora do Rosário da Malhada, lugar sombreado onde o gado se reúne nas horas quentes do dia. Nesse ponto o rio São Francisco alarga-se chegando a 2.650 pés, e curva-se para nordeste. O Carinhonha descendo pelo canal esquerdo, enche a corrente principal de troncos flutuantes e galhos de árvores, forma um banco de areia e um baixio que se estende rio abaixo até certa distância. Fomos obrigados a contornar a extremidade setentrional do último e dirigir a *Elisa* para sudeste. Como a praia estava exposta ao vento sudoeste, que sopra com muita força, agitando o rio, mandei a embarcação “ensacar-se”<sup>25</sup> a sotavento da coroa Malhada, acima da povoação. Uma barca que ali estava ancorada seguiu o nosso exemplo. Mas as canoas permaneceram encostadas à praia.

O porto é um barranco de areia e argila, escavado em degraus em consequência das enchentes, com alguma vegetação, mas sem árvores. Alguns cavalos e burros vagueavam à procura de escasso alimento. Meninos pescavam e tomavam banho junto a um poço de

areia. A água é ali rasa demais para a temível piranha. A povoação é voltada para o noroeste. As casas na margem do rio são de barro batido e de telhas. Só uma delas é caiada. As fachadas, em que a porta ocupa o maior espaço, são voltadas para o rio e as cercas dos quintais servem de varais para secar a roupa lavada. A povoação consiste de um rua perto do rio e duas paralelas com um praça no centro. Ali fica a igreja do Rosário, ao nível do chão, tendo à frente um amplo pórtico. Diante dela está uma grande cruz escura, ostentando entre os instrumentos da paixão um galo rudemente feito, circundado de barbas-de-barata.<sup>26</sup>

As casas revelam um sinal de elevação da água de cerca de três pés. Acima de Malhada fica o sangradouro de Santa Cruz que, todos os anos, durante cerca de uma semana, em janeiro ou fevereiro, permite que a cheia quase cerque a povoação. Depois disso, o curso do rio permanece cercado de águas estagnadas, em certos pontos tão profundas que uma vara de barco não consegue atingir o fundo. É claro que este malefício pode ser facilmente remediado, mas quem se resolve a enfrentar uma solução para um problema que interessa a todos? Para o leste a terra torna-se arenosa e produz bom algodão, cana-de-açúcar, a mamoneira e o sempre verde juazeiro, gigantesca umbela, que protege os homens e os animais.<sup>27</sup> A altitude aqui começa a elevar-se acima da subida das enchentes, na direção da serra de Iuiu ou Iuiú,<sup>28</sup> que fica a seis léguas de distância. É o segmento de um arco estendendo-se de leste para sudeste, em oposição à concavidade do rio. Segundo parece há um cotovelo que se projeta ou um contraforte que forma um ápice em face do oeste. Dizem que é calcário e que tem salitre em abundância. A margem ocidental do São Francisco é uma vasta planície. A serra mais próxima fica a quinze léguas: a serra do Ramalho chamada simplesmente Serra, que é também calcária e se destaca da grande cordilheira que se ergue na fronteira da Bahia e Goiás.

Eu tinha uma carta para o tenente Silvério Gonçalves de Araújo Loureiro, administrador dos direitos devidos à Tesouraria provincial de Minas Gerais. Procuramos por ele em sua casa na rua do rio e lá ficamos conversando depois do café. Viera ele de Ouro Preto e, após passar doze meses naquele horrível buraco, em que haviam morrido um sargento e quatro homens de sua escolta, isto é, todos com exceção de um único, pretendia regressar quanto antes.

O tenente Loureiro deu-me um papel impresso, datado de 19 de outubro de 1860, demonstrando que as diversas "recebedorias"<sup>29</sup> haviam coletado um total de 600 a 800 libras por ano.<sup>30</sup> Aqui

tanto a importação quanto a exportação são taxadas e apenas o sal, que vai rio acima, está isento de imposto. Três por cento são obtidos do algodão, gêneros alimentícios secundários, tabaco beneficiado (inclusive o pixuá, espécie de Cavendish, preparado para se mascar), roupas, louças, canoas e madeira para marcenaria, redes, chicotes, selas etc. O café paga três e meio por cento. Seis por cento são cobrados de cereais, gêneros alimentícios brutos, inclusive aves domésticas, que é a melhor coisa do lugar, couros, ipecacuanha, quinino e pedras preciosas, excetuados os diamantes. O cavalo, que vale o equivalente a £5, paga 3\$160; o muar nativo, £8, é 4\$960, o de São Paulo, 5\$000, e o gado vacum \$600. Esses animais são levados para a Bahia através de uma péssima estrada, aberta pelos próprios cascos, que atravessa serras ínvias, sem pontes e sem qualquer benfeitoria, numa extensão de 130 léguas.

Enquanto conversava com o tenente Loureiro, aproximou-se de nós um homem branco que nos espantou pelo seu aspecto civilizado, entre tanta gente de cor. Foi-nos apresentado como o doutor em medicina João Lopes Rodrigues, formado no Rio de Janeiro e residente em Carinhanha. Ninguém cometeu a inconveniência de perguntar-lhe os motivos. Queixou-se da “preguiça do sertão” e da falta absoluta de interesse, salvo quando um estrangeiro passa por ali. O mesmo ouvi na sociedade de Dublin. Provavelmente o Dr. Rodrigues, como certo viajante da Abissínia, verificou que a adaptação do espírito era um processo lento e difícil. Sofria com o clima do vale do rio, sempre quente e úmido, ou frio e úmido, tão diverso do ar seco e das boas águas dos tabuleiros arenosos de ambos os lados, e situados, em geral, a pequena distância do rio. Não tinha nenhuma das maneiras e atitudes pretensiosas geralmente adotadas pelos baianos, que se consideram a nata das natas dos brasileiros, e aceitou prontamente o oferecimento de seguir no ajoujo até a sua casa, que ficava cerca de duas milhas rio abaixo.

Os moradores de Malhada têm a febre estampada no rosto e os lábios são tão descorados quanto as faces. Ouvei, contudo, de dentro das casas, cantos com acompanhamento de palmas, como na Guiné. Quando embarcamos, uma pequena multidão de mulheres reuniu-se para ver-nos. Vestiam saia de chita, ou algodão leve, uma camisa, ou melhor uma blusa, geralmente um xale, lenço na cabeça e chinelos.

Começamos a descer de novo a forte correnteza, ali traiçoeira e muito temida. O vento forte prende às vezes as embarcações no porto até quatorze dias; essas embarcações vão fortemente carregadas

e as ondas podem prejudicar o carregamento. O tempo estava muito feio, mas nosso companheiro consolou-nos dizendo que estávamos na dianteira da chuva. Os aguaceiros haviam ali começado havia apenas cinco dias. Eram chamados "chuvas de enramar".<sup>31</sup> A verdadeira estação chuvosa começaria só em novembro, quando o vento geral vira para o sul, quadrante normal. Escapamos de afundar com alguma dificuldade, mas não tardamos a chegar à ponta da ilha de Carinhanha, que divide o rio em dois canais, de profundidade aproximadamente igual.<sup>32</sup> O curso do rio volta-se então para o nordeste. O braço ocidental está visivelmente alargando-se; antigamente as crianças podiam atravessá-lo a nado. A ilha tem cerca de duas milhas de comprimento. É arenosa, mas extraordinariamente fértil. Produz bom algodão e, como no São Francisco para baixo, a mandioca plantada na vazante (março e abril) produz uma grande raiz com a qual é possível fazer farinha antes da época das cheias, de novembro e dezembro.

No lugar de desembarque há grandes blocos de piçarra, ou "saibro do rio",<sup>33</sup> argila feldspática, tingida de amarelo pelo ferro. O barranco tem de 55 a 75 pés de altura, ou 5 a 25 pés acima da enchente anual. É, contudo, muito cortado pela drenagem superficial, que não é um "esbarrancado",<sup>34</sup> mas um córrego durante as chuvas, dividindo-o em ondulações de terreno alto e baixo. Precisa urgentemente de um dique. São José de Carinhanha é uma localidade maior do que aparenta, vista do rio acima. Tem cerca de 450 casas,<sup>35</sup> nenhuma de sobrado, mas a maioria flanqueada por uma "grupiara" ou "água furtada".<sup>36</sup> Embora não falte aqui madeira de lei, emprega-se quase que exclusivamente madeira ordinária. Nos quintais os coqueiros crescem bem, e a produção da árvore adulta neste solo salino-nitroso é de 200 cocos por ano.

Ao norte da cidade encontramos uma enorme praça, o largo de Socavém.<sup>37</sup> Tem um cruzeiro e vestígios de uma capela. Para além da vila, um sangradouro de leito arenoso, tendo por base a dura argila avermelhada, atravessa a margem do rio, em uma brecha de cerca de 50 jardas. Durante as cheias forma uma água represada que não vai muito longe. As melhores casas ficam na praça do lado sul, onde umas poucas pessoas estavam sentadas em troncos de árvores, diante das portas. Há uma casa da Câmara e uma cadeia. Na última o nosso homem de Januária encontrou um amigo que ali estava há cerca de quatro anos, por ter esfaqueado um colega barqueiro numa briga em consequência de uma bebedeira. A matriz de São José de Carinhanha não sugere nada, a não ser uma velha casa de cupins. Mas o sino tocou o *Angelus* para nós.

Tornou-se difícil, de então para diante, colher informações locais. A grande província da Bahia está mais atrasada que suas rivais em referências topográficas populares e as que tem são enfadonhas e palavras para o viajante, ao passo que Minas Gerais tem seus almanaques e São Paulo dois manuais.<sup>38</sup>

Carinhanha, desmembrada de Vila d'ã Barra, foi elevada a cidade há trinta anos e é atualmente sede da comarca de Urubus. O município estendia-se então até o rio das Éguas, ramo ocidental do Paracatu. Ali, porém, foi criada uma vila recente, com o nome de Nossa Senhora da Glória do Rio das Éguas. Mesmo assim o município ainda tem cerca de 10.000 habitantes, dos quais 1.000 a 1.200 na cidade. Os escravos são raros e poucos fazendeiros têm mais de 40 a 50 cabeças. O correio chega três vezes por mês,<sup>39</sup> e cada margem do rio tem uma estrada, carroçável em tempo de estiagem, para Januária que fica a 30 léguas de distância.<sup>40</sup> As principais importações vêm de Juazeiro. Compreendem sal e secos e molhados. Não há ricos, e os homens mais importantes são criadores de gado para exportação. Também se vendem peles e couros, "sola".<sup>41</sup> Valem aqui 1\$250, e abaixo de Juazeiro, pelo menos o dobro, um pouco de rapadura e peixe seco. A terra poderia produzir arroz e algodão em abundância. Nos Gerais, próximos, cresce uma planta medicinal conhecida em todo o curso inferior do rio por calemba ou calunga.<sup>42</sup>

O Dr. Rodrigues levou-nos à sua casa, na praça, oferecendo-nos o luxo de um sofá e uma cadeira de balanço, velas de cera e um mapa da guerra. Além disso ofereceu-me uma fotografia. Mandeí uma carta de apresentação ao delegado de polícia, capitão Teotônio de Sousa Lima. Mas o jovem rapaz nem sequer acusou o recebimento, talvez porque, sendo liberal, mo tivesse visto em companhia do médico, que era conservador. Mais uma vez o estrangeiro tem vontade de dizer: — "Vão para o diabo com a política". Infelizmente para nós, o juiz de direito da comarca, Dr. Antônio Luís Afonso de Carvalho<sup>43</sup> estava na Bahia, em gozo de licença. Todos referiam-se a ele como um distinto "curioso".<sup>44</sup>

Chegamos ao ajojo a tempo de prepararmos-nos para uma noite infernal. Um vento frio, vindo do norte, atingiu o ar quente e precipitou o embrião de um dilúvio. Depois o vento virou para o sul e provocou um aguaceiro ainda pior. Houve uma pausa enganadora e começou tudo de novo, com o vento soprando e uivando de leste. O trovão rugiu e os raios cortavam o espaço em todas as direções. O rio agitou-se com ondas que varriam a *Elisa*, sacudida pelos choques com a canoa de reboque. Afinal, pouco antes de amanhecer, o tempo

melhorou e pudemos gozar alguns minutos de sono, tanto quanto podiam permitir nossas cabeças quentes, os pés frios e os latidos contínuos dos cães.

## Notas ao capítulo LIX

1. N.T. O autor escreve Carunhanha.
2. N.A. Desde tempos irremoriais costumavam os índios tratar de suas «sarnas» extraíndo, com um espinho agudo o *Acaris* (um aracnídeo) que a produz. A psoríase é muito comum entre os barqueiros do São Francisco, mas nunca adotaram o processo selvagem de curá-la. Alguns ficam repugnantes, com a pele manchada e riscada, mesmo depois que as feridas já se transformaram em cicatrizes. Tal como no baixo Congo, a moléstia é altamente contagiosa e muito difícil de ser curada. Na verdade muitos a consideram incurável.
3. N.T. *Das Moças e Barba de veneno*, estão em português.
4. NT. Em português no original.  
N.T. An *improvisatore*. Não é preciso dizer que essa prática vem de Portugal, onde a *justa*, ou duelo de força verbal, é ainda comum entre os camponeses. Aqui ele se uniu com o sangue do índio, que também tinha o hábito de improvisar cantigas.
5. N.A. A ilha da Boa Vista, à direita; a ilha do Rodeador, com casas na frente, e a ilha da Vendinha, à esquerda.
6. N.A. A barra do Pau Preto, pequeno rio amarelo da direita; a fazenda e a grande ilha do Amargoso; e a Varginha que exhibia uma casa coberta de telhas. Destarte passamos a ilha do Jatobá, penedo à esquerda do rio. No fundo do saco, o arraial do Jatobá, com canoas à frente e composto de casebres de barro com telhas, defrontava o rio que aqui deve ultrapassar as margens.
7. N.T. Em português no original.
8. N.A. Saint-Hilaire (I, II, 24) menciona a fazenda de Itacorambi, e interpreta o termo como *ita*, pedra, e *carambui*, pequena e beia. Mas isto não tem aplicação aqui. Melhor interpretação deu-lhe um espanhol do Paraguai, bom conhecedor do guarani: *itaaccabi*, montanha dividida em duas partes. Pizarro acredita que este lugar foi descoberto em 1698 pelo paulista capitão Miguel Domingos, Saint-Hilaire (I, II, 303) atribui a descoberta a Fernão Dias Pais.  
N.T. O *Índice dos topônimos*, de P. E. Vanzolini e N. Papavero, do I.B.G.E., registra *Itacarambí*. O *Dicionário de bandeirantes e sertanistas*, de F. A. Carvalho Franco, cit., menciona Miguel Domingues, sertanista paulista que foi ter a Itacambira, onde encontrou álveos aurinos. O *Dicionário hist. e geogr. de M.G.*, de Waldemar de Almeida Barbosa, cit., registra Itacarambi, município do alto-médio São Francisco, criado em 1962. Nos mapas que acompanham a memória de Teodoro Sampaio sobre O rio

São Francisco menciona-se o rio e o morro de Itacarambí. (*Rev. I.H.G.B.*, v. 167.

9. N.A. Já expliquei o que é esta palavra (e o verbo moquear) que o *Caramuru* define da maneira seguinte:

Chamam moquém as carnes que se cobrem  
E a fogo lento sepultadas assam.

Corresponde ao nosso *grushen*. O termo, porém, é aplicado também à carne defumada ou ligeiramente exposta à chama.

N.T. O *Dicionário do folclore brasileiro* de Câmara Cascudo, cit., define moquém: «Gradeado de madeira sobre o lume, para assar peixe ou carne de gado etc. pelo calor, sem contato com a chama».

10. N.A. A ilha do Capão, onde Halfeld coloca uma aldeia. Em frente dela, à esquerda, a fazenda da Barreira (Halfeld: As Barreiras). Em seguida a ilha areenta e Fazenda da Ressaca (Halfeld: Resacca) fizeram com que tomássemos o caminho da esquerda.
11. N.T. Templo espantoso pelo tamanho.
12. N.A. Não é o «templo de pedra», como diz o Sr. Halfeld.
13. N.T. O esquife serviria provavelmente para as missas em sufrágio de uma alma. Em muitos lugares do Brasil ainda é costume armar uma eça com um caixão meramente simbólico nessas celebrações.
14. N.T. Januário Cardoso de Almeida, filho de Matias Cardoso de Almeida, é figura importante na história do bandeirismo. Segundo Milliet de St. Adolphe (*Dicton. cit.*), fugindo de Ouro Preto, onde havia assassinado uma autoridade, fez, acompanhado de seus filhos, um estabelecimento rural nas terras dos índios Xacriabá com os quais fizeram aliança. Um deles assentou morada na margem do São Francisco, na atual Morrinhos. Segundo Basílio de Magalhães, Januário tornou-se o regente de um dos maiores distritos do interior do país. Veja-se a longa notícia a seu respeito no *Dicionário de bandeirantes e sertanistas*, cit.
15. N.A. No capítulo sobre a vila de Juazeiro narro em que consistiu nossa decepção.
16. N.A. *Vaga-lume*, também conhecido como *pirilampo* e *caga-fogo* (*Elater nocticulos*). Por esses exemplos vê-se como a língua portuguesa possui algumas das mais belas e das mais feias expressões.
17. N.A. Azara (I, 132) menciona seu emprego nas febres. O Príncipe Max (I, 391) refere-se a ela como remédio para mordidas de cobras. A palavra lembra o *Cardus benedictus*, do Velho Mundo, a propósito do qual podemos perguntar: *Benedictus!* Por que *benedictus*?
18. N.T. Thomas Davidson, naturalista inglês.
19. N.A. A velha bruaca, de 24 pratos cada uma, não é mais usada. A pequena medida é a de 4 libras; 20 medidas a 32 (em

Juazeiro), ou de 80 a 128 libras, formam a *quarta*, que varia por toda parte.

20. N.T. O *Dicionário da terra e da gente do Brasil*, de Bernardino de Sousa, cit., define: «Assim se chama 1.º Nordeste principalmente, aos lagoeiros formados pelo transbordamento dos rios baixos marginais, onde a água se conserva durante alguns meses. São geralmente piscosos.»
21. N.T. O *Dicionário de Aurélio* define *natéiro*: «Lodo que as cheias depositam nas margens dos rios», ou «camada de lodo formada pela poeira, detritos orgânicos e água da chuva».
22. N.A. Carunhanha. É assim geralmente escrito. Outras formas são: Carynhanha, Carinhenha, Carunhenha e Caronhanha (preferida pelo Dr. Vieira Couto). É considerada como uma corruptela de *arinhanha*, a lontra grande.
23. N.A. O Sr. Halfeld assinala a pedreira, e chama-a de filado, ou xisto argiloso.
24. N.T. Segundo o *Dicionário de Aurélio*, carneirada é o termo aplicável às epidemias de malária.
25. N.T. Em português no original.
26. N.A. Trata-se da *Poinciana pulcherrima*, belo arbusto da família das leguminosas, que se supõe tenha sido trazido da Ásia. Segundo o *Sistema* é rico em *stryphno*, principio adstringente.
27. N.A. *Zizyphus joazeiro* (*Acéifafa joazeiro*). É uma espécie de *Jujube tree*, relacionada com o pilriteiro, segundo Agassiz. Segundo o *Sistema*, a casca é ácida, amarga, adstringente e provoca o emetismo. No São Francisco, como no sertão do Ceará, a árvore conserva durante a seca sua folhagem, comida pelo gado.
28. N.A. Palavra tupi, que ninguém me pôde explicar. A serra é também chamada «da Malhada».  
N.T. Segundo o *Pequeno vocabulário tupi-português*, de autoria do Padre A. Lemos Barbosa, Rio de Janeiro, 1951, *yú* significa beber água.
29. N.T. Em português no original.
30. N.A. Em 1852-54, o Sr. Halfeld avalia as exportações em £ 21.200 e as importações de £ 34.500. O saldo a favor das últimas seria, pois, de £ 13.300.
31. N.T. Em português no original.
32. N.A. O Sr. Halfeld observa que o canal direito é raso e cheio de baixios. O barranco da margem oriental tem apenas a metade da altura do da margem ocidental.
33. N.T. Em português no original.
34. N.T. Em português no original.
35. N.A. Em 1852 eram 265.
36. N.T. Assim no original. Mas parece ter havido equívoco do autor ao tomar suas notas. Deveria ser *copiar*, ou *alpendre*, para con-

iliar com a afirmação anterior de que nenhuma casa tinha sobrado.

37. N.A. É o nome de uma vila em Portugal, mas ninguém em Carinhanha conhecia o significado.  
N.T. Deve ser Sacavém.
38. N.T. Pelo que se vê o autor não conheceu a *Informação ou descrição topographica e politica do rio de São Francisco*, pelo coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, publicada na Bahia, na tipografia Guaicuru, de Domingos Guedes Cabral, em 1847. Foi republicada na *Revista do Inst. Geogr. e Hist. da Bahia*, n.º 62, 1936. Poderia igualmente recorrer ao *Almanak administrativo, mercantil e industrial da Bahia* organizado por Camillo de Lellis Masson, que se publicou de 1854 a 1863.
39. N.A. Os dias 5, 15 e 25 são indicados. Essa entrega trimestral é de regra no rio. Naturalmente não se pode esperar que haja pontualidade.
40. N.A. Os caminhos serão retificados e as comunicações por terra, que se entrosam por toda parte, são pouco mais curtas que a via fluvial.
41. N.T. Em português no original.
42. N.A. A palavra vem provavelmente do termo africano *colombo* ou *colomba* (*Cocculus palmatus*) que dá a raiz *colombo*. É mencionada por Saint-Hilaire (III, I, 164-65). O *sistema* (p. 93) denomina-a erva-amargosa (*simaba ferruginea* ou *Pichrodendron calunga*). A casca da raiz e do tronco dessa rutácea, que é muito considerada como remédio, tem um gosto desagradável, amargo, ácido e adstringente. É estomáquico e antifebril. Vi falar dela por toda parte, mas não foi possível obter uma amostra num prazo de dois dias.
43. N.T. Chegou a desembargador e foi ministro da Justiça no segundo ministério do marechal Deodoro. Natural da Bahia, onde nasceu em 1828, e ali faleceu em 1892. Foi deputado e presidente de província no Império.
44. N.T. Em português no original.

## CAPÍTULO LX

### DE CARINHANHA A SENHOR BOM JESUS DA LAPA

#### Quarta travessia, 25,6 léguas

**Dia de São Miguel sem ganso — O lugar da Cachoeira — O rio Parateca e o discutido rio Ramalho — Jazidas diamantinas — Extermínio do Jacaré — O conde da Ponte — O assassino Guimarães — O morro da gruta sagrada, sua descrição — O arraial — A gruta sagrada, o arraial — O valente vigário, reverendo Francisco de Freitas Soeiro — Os uniformitários invejam os catastrofistas.**

...lapa que esconde alto mistério.

(*Caramuru*, VII, 8)

O dia de São Miguel<sup>1</sup> encontrou-nos sem ganso, cansados e mal-humorados. As canções foram silenciadas e as conversas foram abafadas. Após duas tediosas léguas, chegamos a um lugar chamado Cachoeira, famoso por sua cerâmica. A argila é transformada em *talhas* e *quartinhas*,<sup>2</sup> decoradas com *tauí*<sup>3</sup> vermelha, sobre fundo amarelo antes de cozida. O que aqui se compra por dois cobres, vale seis em Juazeiro. Os barqueiros fizeram pequenas compras, e a perspectiva de negócios reanimou-lhes o espírito. O lugar tomou o nome de uma saliência na rocha, que forma uma espécie de corredeira em diagonal através da corrente. Formou-se agora um banco de areia e passamos pelo local sem tomar conhecimento do velho obstáculo. Na margem esquerda, que se ergue acima das cheias e que é protegida por dois esquadouros, há umas poucas cabanas. Mais abaixo fica a fazenda dos Angicos<sup>4</sup> onde abunda a variedade amarela das acácias.

Fizemos uma parada ao meio-dia na margem esquerda, perto da fazenda do Espírito Santo. Há ali uma grande plantação de juazeiros, cuja casca é vendida para uso de curtumes. Os trechos em linha reta, às vezes de vinte milhas de extensão, e a estreiteza do rio, de 1.460 pés, aumentam consideravelmente a correnteza que tem a média de três nós por hora. A chuva da manhã diminuíra de intensidade. Era agora um chuveiro. Mas um forte vento soprou ao sul, voltando-se para oeste. Aqui o povo não grita.

*Honra seja dada a Mudjekeewis*, que é também da família Pau-puk-Keevis.<sup>5</sup> Esses sinais e sintomas induziram os tripulantes a calafetar a canoa de bombordo; tantas vezes tinha tocado no fundo que acabara formando uma fenda. Às três horas da tarde tivemos que repetir a operação, numa vasta praia à direita, em face da fazenda das Pedras. Encontramos ali pedaços de salitre puro e um tronco de braúna já quase transformado em línhita, ao mesmo tempo que aparecia a formação diamantina debaixo do nível da água e acima dele. Mais ou menos às cinco horas da tarde, paramos para pernoitar em uma comprida praia junto à foz do Parateca.<sup>6</sup> Embora chamem-no rio, não passa de um regato, desaguando na margem direita. Mesmo durante as chuvas não permite navegação em canoas por mais de duas léguas. Um carpinteiro preto consertava uma barca e algumas pequenas canoas. Disse-nos cinco mentiras em três minutos e que, ao que parece, tinha andado a cavalo vinte léguas para se aliviar. Referiu-se à barra da Ipueira como o mais belo trecho do São Francisco em Pernambuco, como os barqueiros ainda chamam a margem atualmente baiana. Era o penedo de grande altura, vermelho na parte de cima, branco na de baixo, com areia rio acima e vegetação rio-abaxo. Os ranchos bem acabados sobre o terreno plano fizeram-me lembrar, pelo pequeno tamanho e pelo aspecto limpo, as pequenas vilas de uma só rua no velho Calabar e dos rios do Gabão.<sup>7</sup>

30 de setembro — Choveu de novo à noite. Pela madrugada, havia nuvens baixas e pesadas sobre o Carinhonha. Vapores mais leves dirigiam-se de sudeste para noroeste, mas bem atrás de nós. O clima tornou-se agora semelhante ao de Malabar e, antes das oito horas, o piloto tirou o seu casaco preto. Cerca de meio-dia uma brisa sulina soprou na atmosfera lavada. Havia nimbos ao sul tanto quanto ao norte, mas não fomos importunados. O clima estava particularmente agradável, conveniente para o trabalho. Foi um *die notanda*,<sup>8</sup> este primeiro dia belo sobre o São Francisco.

Partimos às cinco da manhã. Após passar pelos acidentes de costume,<sup>9</sup> desembarcamos às sete e meia abaixo do sangradouro da

Volta de Cima, para visitar o grande rio Ramalho que, segundo o Sr. Keith Johnston, desembocava naquele ponto, à margem ocidental. Mas nada vimos, a não ser um simples riacho.<sup>10</sup> Quase todos os barqueiros afirmavam que o rio Ramalho é um ramo do rio Corrente, que fica mais abaixo, no São Francisco. Daí possivelmente, a confusão em nossos mapas, que mencionam um rio Corrente entrando pelo imaginário rio Ramalho, e, para o norte, um rio Corrente, que é o autêntico rio do Corrente. A praia forneceu de novo bons sinais de diamantes, inclusive o cativo, o cristal e a canga. Bargaosa, o Barba de Veneno, encontrou na praia um pé de cera, provavelmente um ex-voto perdido no caminho de Bom Jesus. Esqueceu-se de levá-lo para o santuário e todos os pequenos acidentes e contratempos ocorridos daí por diante foram atribuídos a esse descuido.

Passamos sucessivamente pela barra do riacho das Rãs, à direita, e Pitubinha e Pituba, outrora fazendas. O rio das Rãs, também a leste, é mero regato, cujas águas dizem ser fétidas. O lado oposto apresentava uma margem regular e plana, coberta de capim e adornada de altas árvores. Na ilha da Coroa Grande, que é uma extensão de areia com um bosque, havia um baixio e um rodaminho. Tomamos o canal da direita; tanto um quanto outro estão cheios de troncos flutuantes. O Sr. Halfeld diz a propósito desse trecho: "Há muitos caimãs (jacarés), de cor castanho-acinzentada e um com pescoço amarelo, chamado ururau, que é o crocodilo" (!).<sup>11</sup> "Apareceram, ameaçadores, numerosos. Meus barcos foram cercados por mais de trinta". Também fala ele de capivaras, que igualmente deixam pisadas.

Perto do rio das Rãs avistamos uma serra azul muito longa, normal ao rio; este, muito longe e avançando muito adiante para o interior.<sup>12</sup> Na foz do rio fica a ilha da Batalha, recordação de algum combate esquecido com selvagens. Às três e meia passamos pela ilha da Boa Vista, banco de areia no meio do rio. À margem esquerda ficava uma ilha com o mesmo nome. Aqui, nos velhos tempos da colônia começava a imensa propriedade de um português conhecido só como conde da Ponte<sup>13</sup>; há muito que sua família deixou o rio. A fazenda da Boa Vista pertenceu depois ao "assassino" (Antônio José Guimarães), que dezesseis anos depois matou seu irmão, o comandante superior José Guimarães. Foi depois assassinado em Goiás, segundo dizem, por um grupo de tropeiros. Havia uma canoa amarrada à margem do rio e contamos vinte ranchos, tendo à frente um cruzeiro, alto e fino. Os homens, indolentemente estendidos sob as árvores, responderam com mau humor às canções extemporâneas

e aos coros estridentes dos meus barqueiros. Contentam-se eles ali com um curral, para o gado quando vem do pasto, e umas pequenas roças de mandioca e milho, melancias plantadas na areia e, em poucos lugares, alguns pés de algodoeiro arborescente. O mobiliário e os utensílios dos ranchos constam de um jirau e um couro para dormir, poucos bancos, arreios, gamelas e panelas de barro. Por outro lado, a espingarda e a vara com o anzol não permite nunca os moradores terem fome. São humildes confortos, mas excedem de muito os que podem alcançar os moradores de perto da grande cachoeira. As choupanas são bem mobiliadas a ponto de não faltar, pendente do teto, a palmatória para castigar as mulheres.

Perto da fazenda de Volta de Baixo, à margem direita, ouvimos o ruído da chuva caindo. Às 5:30 da tarde desembarcamos para passar a noite em uma das três ilhas do Campo Largo. A areia clara, seca, fazia um ruído peculiar quando pisada, tal como a neve debaixo do peso dos sapatos. Aqui encontramos, de novo, depósitos diamantinos em linhas paralelas ao rio. Estávamos aproximadamente na latitude da serra das Almas, cujo ramo oriental, a serra de Sincorá, é uma das mais ricas zonas diamantíferas do Brasil. É evidente, pelo estado da areia, que ela veio flutuando de longe.

*1º de outubro* — A chuva caiu durante a noite e tivemos certa dificuldade na partida. Ao observar os cirros e os cirros-cúmulus no alto, o piloto lembrou um provérbio semelhante ao nosso.<sup>14</sup> O canal entre a margem e o banco de areia estava cheio de madeira flutuante. À direita, ficava a foz da Ipueira que forma pequena lagoa no curso central, mas retorna ao curso central acima de Lapa. Abaixo fica a ilha do Medo, outra lembrança dos dias sombrios e sanguinolentos. Ao fazermos uma curva para a direita, ou nordeste, surge-nos o serrote da Lapa, alto e abrupto, sobre a vegetação na margem do rio. Em cima havia ligeira depressão central e um corte amarelo que indicava a posição da gruta misteriosa. Abaixo dela corre, em diagonal, uma espessa avenida do Jacaré,<sup>15</sup> e outras árvores revelando onde a ipueira retorna ao rio.

À medida que avançávamos para o norte, o serrote, visto de oeste, foi mudando a forma até assumir a de uma esfinge sem cabeça, ou de um leão agachado, que é a comparação popular. Podíamos agora distinguir as peculiaridades do espetáculo, cuja novidade havia sido elevada à santidade. Trata-se de mero esqueleto de montanha, disposto no rumo de nordeste para sudoeste, isolado em terreno plano. É notável pelas perpendiculares que se erguem no ar, com ressaltos que parecem remates ou pináculos. Os lados, ornados e rendilhados

como arcobotantes de templo gótico, são cortados em ângulos salientes e aguçados por efeito do tempo. É mais uma clivagem do que uma estratificação. Fendas negras profundas, em alturas que vão de três a dez metros, correm horizontalmente, formando gigantescas massas de cantaria. No lado nordeste, essas linhas são ligeiramente deslocadas, inclinando-se para a depressão coberta de mato, bem ao centro. O lado sudoeste é um precipício vertical, com uma larga lista amarela, de onde a pedra foi removida. A cor da massa é, de um modo geral, ardósia-cinza, quase azul, com belos cristais do mais claro calcário.<sup>16</sup>

Poucas casas, com telhas, uma delas caiada, erguendo-se ao pé do morro, acima das árvores e arbustos, guiaram-nos ao porto. Desembarcamos à margem direita da ipueira que, durante as cheias, torna-se um porto de refúgio. Um barranco alto, fortemente atingido pela água, conduz a uma planície gramada, com arbustos e árvores altas. Uma destas, uma acácia de flores douradas, desprendia forte cheiro enjoativo. A natureza do terreno revelava-se nas fortes escavações feitas para a fabricação do adobe: areia e argila, com algumas pedras calcárias. Eis por que a agricultura floresce ali. Os moradores plantam alho, cebola, melões e melancias, abóboras, especialmente o jerimum, feijão, mamona, quiabo, arroz e um pouco de milho, batata-doce e excelente algodão. Passamos também por um campo muito bem cercado, cujo capim, recém-cortado, conservava o aroma do feno.

Entramos logo na povoação, que é detestavelmente situada: até mesmo os africanos evitam a vizinhança dos grandes rochedos. Há dezoito casas, dispostas em arco, voltadas para a igreja inacabada, com sólida base de pedra. Todas as casas são ao rez-do-chão, com alicerce de pedra calcária grosseira. Uma delas é de sólida construção, com pilastras rústicas. O total das casas deve ser de 200 e, como são todas habitadas, a população deve ir a 1.000 almas.<sup>17</sup> Encontramos carne fresca e compramos bolos de tapioca, enquanto todos os vendedores nos solicitavam remédios. Não era de admirar que eles sofressem de psoríase, erupções cutâneas, febres terríveis e inflamações conseqüentes da *opilação*.<sup>18</sup> Além da reverberação da pedra calcária, ainda gozam de todo o proveito do grande brejo da ipueira. Assim, a pedra faz subir a temperatura e o veneno do pântano, mais pesado, acorre para ocupar seu lugar.

No crescente formado pelas habitações, um grupo de peregrinos estava montando seus animais e despedia-se com a saudação — “Bom Jesus da Lapa te guie”! Dirigimo-nos para o sudoeste, observando na face ocidental do rochedo várias entradas ogivais, sem dúvida

naturais. Contudo, nos níveis superiores, a rocha havia sido degradada em terra. As árvores ostentam a folhagem verde-clara da primavera. São mais notáveis o juazeiro, o angico e a delicada mirtácea, a pitombeira. A pedra revestida de líquen e de plantas aéreas, cinzentas como ela própria. Na extremidade sudoeste fica a parte mais elevada do rochedo, que contém a gruta. Ali ameaça cair uma imensa coluna, quebrada horizontalmente em três partes e separada da parede principal por uma fenda perpendicular. No sopé da rocha fica o canal da ipueira, onde grandes fragmentos de pedra calcária, cortados pela água em formas curiosas, bloqueiam áreas que antes davam passagem.

Seis rudes degraus de pedra calcária azul levam à Lapa, que fica em frente ao oeste. Uma forte porta de madeira, com uma respeitável fechadura e, acima dela, duas janelas com rosáceas e um cano de escoamento, são flanqueadas por finas pilastras de tijolo queimado e cal. Constitui isso a entrada. Dentro, dez degraus de tijolo, postos em quina e, constituindo um perigo para os aleijados, conduzem ao corpo da gruta sagrada. Procurei em vão algo que justificasse a viva imaginação de Rocha Pita, que diz ter visto ali uma entrada tão grande que poderia conter uma cidade, um sino de pedra feito pela mão da natureza, maravilhosas colunas de estalactite e um altar-mor, com altares laterais, prontos para serem usados pelo homem.<sup>19</sup>

A caverna tem a forma muito vulgar. Inclina-se para a direita, estendendo-se quarenta passos em profundidade até a extremidade final. O chão está coberto de terra, que sendo semelhante à da serra miraculosa, é recolhida pela gente de cor para ser usada como remédio. É empregada como decisiva para dor de cabeça. Perto da entrada o teto é chato, desgastado pela água e pela fumaça. Sobre o altar é um tanto arqueado. Ao longo da pedra calcária azul corre uma faixa amarelo-clara, formando estalactites truncadas. Na vizinhança dos degraus há uma estalactite parecida com um fálus indiano. As extremidades mais estreitas, de ambos os lados da gruta, são forradas de alvenaria. À esquerda de uma das aproximações do altar, degraus de madeira conduzem a uma tribuna coberta de seda vermelha e um pano rendado. A proteção desse púlpito é uma elevação de pedra. Adiante, em recesso profundo, foi enterrado algum eremita. Do lado oposto na parte mais larga do túnel, projeta-se a varanda ou balcão, uma abertura natural na parede. Ali, sentados em um banco, alguns desocupados, sobretudo negros, gozavam o ar fresco, vindo do braço do rio abaixo. A atmosfera lembrou-me a de Yambu<sup>20</sup> embora o termômetro marcasse apenas 85° F<sup>21</sup>

O altar-mor fica na extremidade mais distante e mais larga da caverna. Ali se chega por uma plataforma elevada de deslocados oblongos de madeira, que revelam velhos túmulos. O altar tem defronte um alto arco central, entre dois de tamanho menor, todos três cintados de madeira pintada, e repletos de ex-votos. À direita abre-se um corredor estreito atrás do portal. A subida é difícil. O piso de madeira ameaça cair e paira um cheiro de morte. Talvez o calcário seja daquela espécie vulgarmente chamada pedra fedorenta. O arco da esquerda é a entrada de um recesso coberto de cabeças, rostos, braços e pernas de cera e outras partes do corpo, que comemoram os poderes curativos do lugar.

Na parte mais alta, sob o arco central, e protegido por um teto de madeira abobadada, fica o Senhor do Bonfim da Lapa. O pequeno crucifixo é moderno, a se julgar pelo horrível estilo do colorido. Um devoto bem educado assegurou-me que ele havia sido encontrado aqui e que, apesar de muitas tentativas, ninguém pôde tirá-lo do lugar.<sup>22</sup> No ressaltado inferior há pequenas imagens e dois castiçais com velas acesas. No altar em baixo há mais imagens e seis velas; uma lâmpada de prata maciça e cara, trazida da Bahia, pende do teto. Além da grade de madeira pintada, ficam altares portáteis de Nossa Senhora, cada um com dez pés e altura, guarnecendo o altar-mor. Também, e mais importante que tudo, uma sólida caixa de ferro, ostentando um enorme letreiro — “Papel cobre” — atrai o olhar.

Este centro de peregrinação tem a mais alta reputação possível. Há devotos que afluem de todas as direções, de enormes distâncias, até mesmo do Piauí. Há, às vezes, uma multidão de 400 visitantes.<sup>23</sup> A média da receita diária, segundo fui informado, atinge 20\$000, nos domingos 50\$000. As esmolas são pagas a certo tenente-coronel Francisco Teixeira, que é o procurador do santuário. A minha tripulação, quando exortados à visitação, sob pena do patrão ser chamado de herege, alegou que “quem reza, paga”. Foram, contudo, e o piloto deu quatorze vinténs; os demais, dois. Eu deixei alguma coisa ao pé do crucifixo. O velho sacristão não a encontrou logo, e apressou-se em mandar-me um recado, perguntando pelo valor de minhas esmolas.

Deixamos o santuário muito pouco impressionados, salvo quanto ao calor e à umidade. Nosso próximo passo foi em direção ao Porto, à margem direita da ipueira. Aqui fica o centro de negócios. Encontramos poucas casas, meia dúzia de barracões, uma barca e cinco canoas. A atividade principal é a fabricação do salitre, que é encon-

trado em grande quantidade na encosta sudeste do serrote. É composto de todos aqueles solos calcários, efeito da decomposição da pedra calcária pela atmosfera. O processo de extração consiste em simples lixiviação. A terra, cor de chocolate, misturada com pedra, é lançada em um *bangüê*.<sup>24</sup> Consiste este numa pirâmide quadrada de madeira com a base voltada para cima. Serve para extrair o salitre ou a lixívia. As pessoas mais pobres empregam um couro, sustentado por quatro estacas, e, num caso ou noutro, o processo é semelhante ao do transporte da geléia. Quando submetidas à água quente, as partículas nitrosas dirigem-se, devidamente filtradas, para um tubo que conduz a um *cocho*<sup>25</sup> ou calha, muitas vezes fragmento de velha canoa. A *decoada*,<sup>26</sup> como é então chamada, é um líquido fino e esverdeado, que precisa ser fervido em um *tacho*<sup>27</sup> ou panela de metal, muitas vezes montado em uma casa de cupim. É purificado pela repetição do processo e surge em colunas regulares de seis lados, de cor branco-amarelada. Custa aqui seis cobres. No alto rio das Velhas vende-se por 10\$000 a arroba. No sertão o salitre é usado como remédio em lugar do nítro. Perdi infelizmente minhas amostras e não pude verificar se o material é realmente o nitrato de sódio, como o do Chile que, apesar de empregado utilmente em compostos do ácido nítrico, atrai tanta umidade que não serve para a fabricação da pólvora.<sup>28</sup>

Apresentamos-nos ao vigário, o reverendo padre Francisco de Freitas Soeiro, natural de Lamego, perto do Douro. Falou com muita reserva acerca dos milagres do lugar e declarou que a imagem deve ter cerca de 100 anos. O santuário da Lapa, porém, data de 1704, e foi fundado por um lisboeta, o padre Francisco de Mendonça (ou da Soledade), homem de muitos haveres. Ele instalou as imagens de Nosso Senhor do Bom Jesus e de Nossa Senhora da Soledade. O arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide,<sup>29</sup> depois de mandar ali um visitador, criou uma capela na Lapa, confiando-a ao padre Soledade.

De algum modo não tão reticente ou sensato foi o padre Balduino, de Vila da Barra, que estava em companhia do vigário. Afirmou gravemente que todo o Serrote era abençoado por Deus. Em consequência devia conter ouro e diamante. O crucifixo, segundo ele, devia ter pelo menos 367 anos, datando da descoberta do Brasil, e era adorado pelos selvagens antes de ser encontrado pelos cristãos. Seu rosto vermelho tornou-se ainda mais rubro, quando perguntei se outro crucifixo não faria o mesmo papel. Afirmou, com diversos argumentos, que a eficiência residia naquela imagem particular; que

ela era obra de um milagre; que fora formada por um milagre e por milagre permanecia. Não poderia ser substituída por coisa alguma e todas as virtudes provinham da Lapa. Ouvi dizer, mais tarde, que aquele sacerdote fora outrora homem de amplos conhecimentos, mas seu culto de Baco tinha atenuado parte de sua inteligência.

O vigário curara-se, havia pouco, de um abcesso na perna que, apesar de Lanman e da salsaparrilha de Kemp, quase o matara. Quando falamos em subir o Serrote, ele esqueceu seu estado e ofereceu-se para guiar-nos. Foi, realmente, muito prestimoso e fez a subida de chinelos. Na base do morro começava uma fraca produção de xiquexique, que aqui é uma espécie de cansação ou *Jatropha urens*. É um arbusto alto, com espinhos agudos e venenosos, irradiando de um centro comum. Vai até o cume do morro, em moitas, e é muito temido pelo povo. Outra planta desagradável é uma pequena bromélia com serras cortantes. Na parte mais baixa encontrei várias conchas de um caramujo, cor-de-rosa nas bordas, que aqui atinge um tamanho extraordinário (*Achatina n<sup>o</sup> 2*). John Mawe (I, cap. 12) registra seu espanto ao ver os ovos postos por essa “nova variedade de hélix”. O ar estava perfumado com o odor da hortelã-pimenta de uma florzinha azul, que parece não ter nome. Subimos pela depressão coberta de mato, do lado ocidental, atrás do rochedo principal, onde havia um caminho íngreme, aberto pelos lenheiros. O termômetro marcava à sombra 94<sup>o</sup> F. A formiga vermelha mordida sem dó e enormes iguanas olhavam-nos preguiçosamente, não se dignando fugir. Agarrado à cal, encontramos um arenito vermelho duro, com manchas pretas, parecidas com sienita e sílex, com uma fratura conoidal, com a coloração e a consistência do “rosso antigo”.<sup>30</sup>

Chegando ao alto, espantamos bandos de urubus, que tinham feito uma limpeza no cume do morro. Não há ali nada no chão, a não ser pedra decomposta em seus elementos originais. A superfície acidentada lembra as ondas de um mar agitado. Em certos lugares dá a impressão de que gotas de chuva caíram sobre substância macia. Uma triangulação grosseira, feita embaixo, considerou o morro com 150 pés, ou um total de 180 pés a partir do rio.<sup>31</sup> Entre os penhascos gozamos de um belo panorama do São Francisco, cujas inundações se estendem, em certos lugares, até três léguas de distância. A larga faixa que brilha ao sol, como ouro e prata, serpenteia em curvas majestosas em torno da ilha do Bom Jesus, da bem cultivada Canabrava e a Itaberava, ou Pedra Brilhante.<sup>32</sup> Ao norte há um monte verde, o Brejo de São Gonçalo. Para além, o rio Corrente e, para nordeste uma linha comprida e roxa, a serra do Bom Jardim, e dois

morros baixos perto de Urubu. Mais perto fica a fazenda de Itaberava, onde só a margem do rio sofre a inundação. Seus bons pastos estão repletos de cavalos e de gado vacum. Ao pé de nós estendia-se o arraial, com três pequenas ruas irradiando-se do núcleo, o largo.

Naquele grande penedo de pedra calcária não há sinal de convulsão ou catástrofe. O crescimento ou elevação deve ter sido tão gradual que as longas linhas horizontais ainda mal estão quebradas. É muito de desejar-se que algum catastrofista ao escrever sobre a “dinâmica geológica” estabeleça o fundamento em que ele crê que as antigas oscilações, deslocações e inversões das camadas não são totalmente explicáveis por fenômenos existentes tendo atrás deles as eras indianas e as tropicais e glaciais. E quando os uniformitarianos tenham ganho o dia — presumo que os que acreditam na continuidade, no “mecanismo ordenado”, de vagarosos e demorados movimentos, rompidos por periódicos paroxismos, vencerão, compreendendo quanto venceram<sup>33</sup> — é de se esperar que farão melhor que o Cosmos, que inclui no vulcanismo os “movimentos da crosta”, juntamente com os terremotos e os vulcões. Foi proposto o nome de Arqueu para honrosamente designar esse vagaroso crescimento que pertence à terra e a outras coisas inanimadas. Assim também Enosigeu. Queremos alguma coisa que não nos faça voltar tanto para trás.

## Notas ao capítulo LX

1. N.T. O dia de São Miguel é em geral largamente comemorado na Inglaterra.
2. N.T. As expressões grifadas em português no original.
3. N.T. Em português no original.
4. N.A. O Sr. Halfeld, como notei, chama de povoações aquilo que os pilotos chamam de fazendas. As palavras são quase sinônimas. A fazenda é um estabelecimento de criação e de lavoura, frequentemente contendo uma capelinha e uma dúzia de casebres, pertencentes a vários proprietários em condomínio.
5. N.T. Pau-puk-Keevis. Personagem do poema *Hiawatha*, de Longfellow. Pau-puk-Keevis é um mágico maligno que acaba transformado numa água.
6. N.A. Esse rio também revela sinais de diamantes em suas margens.
7. N.T. Calabar ou Bongo, rio da África que desemboca no golfo de Guiné. Gabão, parte da Guiné superior. É regada por diversos rios entre os quais o Gabão (Gabon).
8. N.T. *Alboque dies notanda lapillo* (Horácio).
9. N.A. Uma ilhota verde do lado de Pernambuco, precede as Barreiras, penedo vermelho, ondulado, com projeções e reentrâncias. A depressão central é a única parte que fica coberta de água

durante as enchentes. Depois apareceu a ilha da Volta de Cima. Ai o rio curva-se para este-nordeste. É uma tira de vegetação verde-amarelada, com um rude penhasco de uma légua de comprimento e um sangradouro.

10. N.A. Algumas autoridades me disseram que existe um pequeno riacho perto de Pitubinha; o Sr. Halfeld indica um riacho, mas não lhe dá o nome.

NT O mana que acompanha a obra de Teodoro Sampaio: *O rio São Francisco*, cit., menciona o rio Ramalho, sem qualquer afluente, e muito abaixo o rio Corrente (p. 364).

11. N.A. Trata-se, com certeza, do jacaré-de-papo-amarelo que é considerado o mais perigoso dos comuns, *Crocodilus sclerops*; não sei se há qualquer diferença específica entre os dois.
12. N.A. O mapa do Sr. Keith Johnston coloca ao longo do rio uma serra que não existe.
13. N.T. Os condes da Ponte, de velha nobreza portuguesa, aliaram-se pelo casamento aos Guedes de Brito, possuidores de imensas propriedades ao longo do rio São Francisco. Segundo Antonil, «Os herdeiros do mestre-de-campo Antônio Guedes de Brito possuem desde Morro do Chapéu até a nascente do rio das Velhas, 160 léguas». João de Saldanha da Gama Melo Torres Guedes de Brito, 6.º conde da Ponte, foi governador da Bahia. Foi ele que recebeu Dom João, príncipe-regente, ao aportar ao Brasil em 1808. Salvador de Moya, *Anuário genealógico brasileiro*, II, 1940, p. 145; Pedro Calmon, *História da Casa da Torre*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1939, p. 73.
14. N.A. Céu pedrento,  
Ou chuva ou vento,  
Ou mudança de tempo.
15. N.A. Assim chamada por causa da casca, grossa e escamosa. Trata-se provavelmente da contração de *jacaré ihuá* (ou *igá* — canoa), que fornecia aos índios canoas de uma só peça, com vinte a trinta pés de comprimento.
16. N.A. O coronel Accioli chama-o de formação granítica. É, porém, pura pedra calcária.
17. N.A. O Sr. Halfeld fala em 128 casas e 250 almas, proporção muito rara, salvo onde o absenteísmo é a regra.
18. N.T. Em português no original.
19. N.T. Eis a fantástica descrição de Rocha Pita: «É fabricada esta prodigiosa lapa de natural estrutura em forma de um perfeito templo, com capela-mor e colaterais, tendo o cruzeiro trinta e três passos de largura, oitenta de comprimento toda a estância. Nos lados se vêem cubiculos proporcionados, que formam vistosas capelas, metidas nas fortíssimas paredes, as quais, com primorosas colunas sustentam em competente altura a pesada máquina da sua abóbada. Abre este formoso côncavo sobre o rio uma varanda descoberta de cinqüenta palmos por onde, penetrando a luz, lhes faz todos os lugares claros. A este todo se

entra por uma portada igual à de uma cidade, e, por maior assombro, e prova de que esta misteriosa lapa estava destinada para tempio católico, tinha pendente do teto e nascido da abóboda, um sino de pedra, obrado pela natureza em forma de coluna, com braça e meia de comprimento, e o instrumento que o toca, também de pedra, com meia braça, o qual estando pegado ao sino pelo lado de fora, foi por arte desunido dele para poder tocar, e preso em uma corda passada a um buraco que a coluna ou sino tem no alto, ferindo-o faz soar com tão retumbantes e sonoras vzes como as de metal mais fino, ouvindo-se de parte mui distantes. A matéria de toda esta grande fábrica são brilhantes jaspes de cores diversas, que refletindo a benefício da luz, representam o céu. No teto parece que descobre a fantasia, com os resplendores em que a vista se emprega, entre formosas nuvens, luzentes estrelas, dispostas em ordem de constelações várias e diferentes figuras (...)» Sebastião da Rocha Pitta, *História da América portuguesa*, Lisboa, 1880, p. 226.

N.A. O sino de pedra, presumo eu, corresponde a uma placa fina de pedra, que poderia ser usada como um gongo. Os únicos sinais que lá existem, agora, são dois pequenos, pendurados na habitual armação de madeira, protegidos por pequeno telhado.

20. N.T. Porto na Arábia, perto de Medina.
21. N.A. O Sr. Halfeld registrou 95°F, quase a temperatura do sangue. Os morcegos, de que ele se queixa, desapareceram sem deixar sinal, e os mortos já não são enterrados dentro da gruta.
22. N.A. Assim, no Cairo e em outras cidades muçulmanas, os mortos são enterrados nas paredes das casas residenciais. Isso ocorre quando os carregadores do caixão se vêm impotentes, diante de cadáveres obstinados, que insistem em escolher a própria sepultura, tornando-se tão pesados que ninguém os agüenta.
23. N.A. A partir de Januária, a melhor estrada é a que acompanha a margem leste do rio.
24. Expressão em português no original.
25. Expressão em português no original.
26. Expressão em português no original.
27. Expressão em português no original.
28. N.A. A pólvora de contrabando, porém, é freqüentemente trazida de Minas, mesmo quando era monopólio real. A última, em 1816, era vendida por 4\$600 por arroba no Rio de Janeiro. Uma análise recentemente feita do salitre castanho da Bahia revela uma boa composição.
29. N.A. Este eclesiástico publicou as Constituições do Arcebispado da Bahia em 1707.
30. N.A. Isso parecia ser um sinal de ação ígnea. As nossas lentes não permitiram perceber sinais de conchas na pedra calcária. O carvão férreo vitrificado e conglomerados espalhados perto da base sugerem uma exposição ao calor.

31. N.A. O Sr. Halfeld calcula-o com 240 palmos (172 pés).
32. N.A. Itaverava ou Itaberaba, «pedra que luz» e, conforme Rocha Pita, o nome de toda a Lapa. A Fazenda pertenceu outrora ao conde da Ponte.
33. N.A. No começo do século atual, o Sr. Bobée e outros explicaram o aparecimento de aerólitos, blocos erráticos e problemas semelhantes, imaginando que a Terra reduzira a pedaços uma estrela ou planeta menor. Não passa isso de um semibarbarismo que vê no plano mundial desordem e destruição, obra de divindades ofendidas. Buckle (I, 800) queixa-se, com razão, de que muitos cientistas ainda se guiam, na geologia, pela hipótese de catástrofes e, na química, pela hipótese das forças vitais.

## CAPÍTULO LXI

### SENHOR DE BOM JESUS DA LAPA AO ARRAIAL DO BOM JARDIM

Quinta travessia, 26 1/6 léguas

**O rio Corrente — Povoado do “Sítio do Mato” — O “Olho de Boi” e a tempestade — Visita à vila de Urubu — Urubu não será uma metrópole — Seguimos viagem — Completa mudança de clima e aspecto da região — Povoação de Extrema — Bom Jardim — Seu ribeirão e jazidas diamantinas — O verdadeiro itacolomito — Bom Jardim, bom lugar para uma grande cidade.**

Os três reinos aqui que a opulência,  
E bases são da humana subsistência,  
Em minas e animais e vegetantes,  
Tão ubérrimos são e tão patentes  
Que não resolve a subida sutileza  
Por onde mais pendeu a natureza.

(Frei Francisco de São Carlos,  
*Assunção*, Canto VI.)

Demos adeus ao bom vigário e seguimos viagem, apesar de ser bem tarde. Logo uma séria tempestade seguiu-se ao pesado mormaço, vindo violentamente do sul. Os raios, vistos através da chuva, parecem fogo branco, ao passo que são rosados no ar seco. Completamente molhados, e não muito satisfeitos da vida, aportamos, ao cair da noite, no Sítio do Mato, ilha bem cultivada. Jantamos e preparamo-nos para “abençoar o homem que inventou o sono”. De envolta com os ruídos humanos, o grito da garça noturna parecia o de uma onça. Os peixes juntavam um soprano ao soturno baixo do rio.

*Quarta-feira, 2 de outubro de 1867* — Cirros de novo e céu encarneirado preparavam para mais mau tempo. Partimos, contudo, às 4,45 da manhã, e descemos margeando a ilha que nos acolhera. Ela se afinava e mostrava-se ainda mais bem cultivada que acima. Ao fim da alta margem esquerda, apareceu o rio Corrente,<sup>1</sup> assim chamado devido à sua forte correnteza. Passamos a foz desse grande rio, com cerca de 500 pés de largura, que corre de oeste para leste. Sua margem direita projeta-se em comprido banco de areia, e uma avenida escura à esquerda indica o curso de um afluente: o riacho da Barra.

Abaixo do porto, que está inundado, o barranco da margem eleva-se a 35 pés, impelindo a corrente principal para o nordeste. O terreno alto é dividido em duas ondulações e, na depressão situada entre elas, existe uma manga, comunicando-se com o embarcadouro de gado, de onde é ele transportado, em ajojo, para Sincorá e a Chapada Baiana. Acima, fica a aldeia de Sítio do Mato, que se estende, aproximadamente, na direção norte-sul. É constituída de uma fila de ranchos de barro e três casas caiadas. Desembarcamos abaixo do povoado, pisando o tauá,<sup>2</sup> argila branca e dura, que formava a base de uma rampa arenosa. Em frente ficava a imponente casa, com os cantos do telhado ornados de pombos de gesso branco etc., pertencente ao criador de gado Teodoro Antônio de Oliveira. Este virou-nos as costas, quando passamos por perto. Provavelmente era um “cabra” ou um “bode”, provavelmente o último. Mais ao norte havia um telheiro, abrigando um altar portátil com um cruzeiro e seu sudário. Atrás fica um pequeno cemitério e um monte de adobes, provavelmente destinados à construção da capela mortuária, que mal iniciada, foi levada pelas águas em 1860.

Para o interior, o mato se estende até o povoado. As terras em torno, ao que se diz, são boas para o cultivo do algodão e da mamoneira. Na direção oeste, mas não à vista, ergue-se uma serra chamada A Ribeira;<sup>3</sup> entre ela e o povoado há muitas pequenas lagoas e ipueiras, o que não recomenda o Sítio do Mato para uma futura capital. A povoação propriamente dita fica ao sul. Ali a água das cheias penetra entre as ondulações do terreno e estende-se até as habitações situadas atrás da *manga*.<sup>4</sup> As pequenas indústrias consistem na fiação do algodão e na produção da lixívia. Encontraremos agora o bangüê por toda parte. Os animais eram os insuportáveis cães latidores, porcos e aves domésticas, especialmente perus. Ao querer-mos comprar peixe, o vendedor se recusou a vendê-lo, sob a alegação de que tinha uma grande família. Sob um frondoso juazeiro, encontramos, em excelentes condições, o velho e querido *tronco*,<sup>5</sup> o banco da aldeia, que só recentemente desapareceu da zona rural inglesa.

Consiste em duas compridas pranchas, colocadas em boa altura e perfuradas com dez buracos, com acomodação para cinco homens, "no madeiro" como dizem os africanos. É às vezes usado como pelourinho, mas é preciso que a ofensa tenha sido muito grave.

Prosseguindo do Sítio do Mato encontramos água tão profunda que as varas não atingiam o fundo do rio. O efeito produzido pelo rio Corrente é um grande saco para a esquerda e depois outro para a direita. O barranco da margem ocidental tem só três metros de altura e o da outra margem é ainda mais baixo; durante a época das chuvas as canoas atravessam o terreno até a vila de Urubu, não obstante o perigo das árvores submersas e da praga dos insetos. Ao lado fica a fazenda da Bandeira e, abaixo dela, uma parte da margem oriental, a grande ilha de Santo Antônio,<sup>6</sup> da qual um outro atalho dirige-se, a nordeste, para Urubu e junta-se ao primeiro. Apareceu um avestruz,<sup>7</sup> caminhando ao longo da praia, mas os barqueiros não se interessaram em matá-lo para aproveitar-lhe as penas.

À uma e meia da tarde, enquanto navegávamos para nordeste, surgiu diante de nós, em toda a sua plenitude, um panorama que vínhamos avistando confusamente havia cinco horas, e que nos preparou para uma alteração de topografia e de clima. Na margem esquerda, surgiu como que uma língua de boi, projetando-se em outeiros de formato regular, de cor avermelhada, escura e sem árvores. Era um contraforte da serra Branca, que, segundo o Sr. Halfeld, é uma montanha calcária. As amostras que me foram apresentadas, porém, eram de saibro-arenito,<sup>8</sup> revestidas de quartzo. Atrás da serra começa o chamado Alto do Paranã, que sobe, quase imperceptivelmente, até as elevações onde estão as nascentes daquele rio. Ao longo do lado meridional dessa encosta começa a estrada real para a cidade de Goiás,<sup>9</sup> que, dizem, fica a uma distância de 150 léguas. A estrada, segundo informaram, é boa e não lhe falta caça e água. O único inconveniente é um trecho desabitado, numa extensão de 30 a 40 léguas, em que os mantimentos têm de ser transportados pelos viajantes. Na margem direita, em segundo plano, fica um reto paredão azul, a serra do Boqueirão, três léguas além de Urubu. O terceiro plano, mais para oriente, consiste num monte de lombada côncava, de uma serra e de dois cabeços maciços, partes dos Gerais, ligados à serra do Boqueirão.

Pouco depois, a margem direita, vermelha em cima e branca em baixo, mostrava o povoado do Mangal, com sua igreja do Rosário e a fachada em ruínas. Para além de sua ilha, o rio curva-se para nordeste e, atrás de uma illota central, rubro-viva, divisamos os

pontos brancos de uma cidade. Mas os efeitos do céu encarneirado já se faziam sentir. Surgiram nuvens pesadas do oeste e do sul, escondendo os morros com cortinas de chuva. Para o nascente surgiu o agourento “olho de boi”,<sup>10</sup> ou fragmento do arco-íris, anunciando temporal. Acompanhamos com pressa e disposição a margem de barlavento, onde às 4,15 a tempestade nos obrigou a ancorar e enramar a *Elisa*.<sup>11</sup> Passamos a noite sem o menor conforto. As galinhas-d’angola gritavam no povoado até o amanhecer, além de outros aborrecimentos. Até então tínhamos dormido perto das coroas ou praias para evitar os insetos, que são muito apropriadamente chamados de “imundícies”. Aqui o mau tempo obrigou-nos a nos empoleirarmos debaixo de um barranco, simples trilha de gado, e solo de grande riqueza para a criação de um diminuto mosquito cuja picada era como a pontada de uma agulha. Via de regra, o rio tinha estado maravilhosamente livre de insetos e também de troncos submersos. Aquele lugar, era, porém, uma exceção. Quando menos precisávamos de calma, o temporal amainou e, quando eram inúteis as luzes, as estrelas começaram a brilhar num céu sem nuvens. Os barqueiros disseram que havíamos escapado da chuva para cairmos sob o poder do vento. Ver-se-á que eles tinham toda razão. Nosso curso era contra o sol, que em breve iria trazer consigo tempo chuvoso; mas os pesados aguaceiros que agora caíam atrás de nós, deviam aumentar a evaporação e abrir caminho para o vento frio e seco.

*3 de outubro de 1867* — Logo ao amanhecer, começaram a soprar violentas rajadas do avermelhado céu do nascente, riscado por cirros de cinabre opaco e pintalgado de nuvens tão pesadas e sólidas como se fossem recortadas em papel cinzento-escuro. Esse aspecto do céu em breve tornar-se-ia muito familiar, provocando impaciência. O rio volta-se sempre para leste, de sorte que cada lufada era uma ventania pela proa. Na margem esquerda ficava a povoação de Pernambuco, lugarejo de ranchos de barro aglomerados no sopé do Ponto do Morro, contraforte sudeste da serra Branca. Ali divide-se o rio em dois ramos pela rica e fértil ilha de Urubu, uma massa de capim, arbustos e árvores de uma légua de comprimento e de formato parecido com um pernil, com o pé voltado para jusante. O canal da esquerda é mais largo, mais fundo e mais reto; seguimos pelo da direita, junto ao qual está construída a vila e encalhamos logo num banco de areia. Ambas as margens são baixas e sofrem as inundações das cheias. À direita, em um *porto*, só identificável pela presença de mulheres carregando potes, fica a cruz do sangradouro que, durante a estação das chuvas, permite a navegação de canoas até o sítio de Santo Antônio.

Desembarcamos logo para visitar a vila de Urubu. A planície ribeirinha é baixa e coberta de lama, que logo se transforma, quando pisada, em poeira impalpável. Um pequeno bosque de araticum — arbusto de que os habitantes da região enumeram três espécies — mostra o limite da área inundada. Além fica a vegetação habitual da terra seca e estéril. Vi, pela primeira vez, o faveleiro, *Jatropha*<sup>12</sup> arborecente de folhas onduladas, descrita por Gardner; seu tamanho varia entre o de uma amoreira e o de uma macieira. Seu aspecto rijo e esquisito chama logo a atenção. As folhas parecem-se com as do carvalho, mas é preciso cuidado ao tocá-los por causa dos espinhos, cruéis e venenosos, que, como ocorre tantas vezes com plantas do campo, são apenas terminais e não axiais e implantadas em tufos, nas extremidades dos galhos. Essas folhas são usadas para narcotizar a água e para pegar passarinhos. O fruto, descrito como semelhante ao da mamona, fornece óleo comestível. A resina, cor de ruibarbo, levemente cheirosa, é comparável à goma-arábica e da madeira fazem-se colheres de pau. A família dos aloés exhibe-se fortemente, especialmente a *fedente babosa*; o caldo de sua folha, misturado com óleo, chamado *óleo de babosa*, é empregado no combate à calvície. Um rebanho de carneiros brancos, imundos, com a lã despedaçada pelos espinhos, andava ao léu, procurando o que pudesse pastar.

Uma caminhada de 200 jardas levou-nos à vila, que consiste na habitual fileira de casas, comprida e estreita, voltada para noroeste. Compõe-se de capela, casas de adobe, ranchos cobertos de folhas de palmeiras, quintais rodeados com cercas de pau, pouco cuidados, onde se destaca o coqueiro com sua coroa de folhas. O logradouro principal, rua de São Gonçalo, percorre toda a extensão da povoação e fica acima do nível das inundações. Duas casas exibem o requinte da civilização com janelas de vidraças entre as rótulas, janelas de pau e pedaços de pano. Das duas, uma era a Casa Nobre.<sup>13</sup> Remeti meu cartão ao juiz de direito, Dr. Joaquim Rodrigues de Seixas, que nos fez entrar, ofereceu-nos café e expôs-se corajosamente a um bombardeio de perguntas.

Queixou-se o juiz de ter perdido a memória, ao viver em tal buraco, e concordei logo com ele. O clima, como ocorre tantas vezes em lugares secos, desagradavelmente próximos de lugares úmidos, é perigoso. As febres, ou melhor, os acessos são benignos, e cedem facilmente à medicação comum, tártaro emético e quinino;<sup>14</sup> geralmente, porém, provocam doenças do baço. Em agosto as pleurisias são perigosas quando tratadas com os remédios habituais, fatais quando submetidas à prática científica de lancetas e sanguessugas, copiosas sangrias, tártaro emético, doses carregadas de nitrato de

potássio e tisanas de certo hibisco emoliente,<sup>15</sup> a única parte inofensiva do tratamento.

Santo Antônio do Urubu era antes conhecida como Urubu de Cima, em oposição a Urubu de Baixo, belo nome mudado hoje para Propriá ou Propiá, no baixo São Francisco. Segundo seus habitantes, começaram ali as descobertas diamantinas, que logo se expandiram pela Chapada Diamantina, que era então o distrito da vila do Livramento do Rio das Contas. Observe-se, porém, que em 1755 foram descobertos diamantes em Jacobina, no flanco oriental da Chapada Baiana, e que o primeiro ministro marquês de Pombal proibiu a exploração dos grandes tesouros ocultos, com receio de que a agricultura fosse prejudicada. Os efeitos daquele tempo de ignorância perduraram até 1837.

O juiz congratulou-se pelo fato de ter havido em sua jurisdição apenas quatro homicídios em quatro anos. O município só tem 3.051 votantes; em 1852-1854 o Sr. Halfeld atribuiu ao distrito 731 fogos e 7.204 habitantes de ambos os sexos e de todas as idades. A vila não pode ter mais de 300 casas e, quando muito, de 1.600 a 1.700 habitantes. Vivem na maior ignorância. Espantei-me com a ausência de qualquer progresso nessas regiões ocidentais da grande província baiana, cuja capital foi outrora a metrópole do país e cujo litoral é, atualmente, uma das partes mais prósperas e mais populosas do Império. Tudo que vimos ali denota miséria, atraso e negligência. As fazendas do interior de São Paulo e Minas são iguais às vilas desta região. Embora o majestoso São Francisco corra diante de suas moradas e existam excelentes vias de comunicação, tanto com o litoral, como com o interior, os habitantes as ignoram de todo. Tal fato é, ao mesmo tempo, a causa e o efeito do seu semibarbarismo; eles se deixam estar sentados, apelando para Hércules, o Governo Imperial, mas não dão a mão na roda.

Urubu não será uma capital. O porto é mau, as terras estão sujeitas todos os anos à invasão das águas. A serra do Boqueirão é distante demais para ser utilizada. Ouvi falar de olhos-d'água que possivelmente existem ali, e essas formações metamórficas talvez sejam ricas em minerais. Todos exaltam a fertilidade da região mais para o interior, a leste e sudeste. Afirmam que quatro arbustos fornecem três libras de algodão em rama, produto outrora exportado para a Bahia. A chamada batata-irlandesa é pequena, mas muito boa, e as cebolas dão com sementes próprias e não importadas. Além dos produtos habituais, a terra produz pepino, amendoim (*Arachis hypogaea*), que na zona se chama mandubi, mundubi ou manobi e

o sésamo-oriental (gergelim). Laranjas e limas<sup>16</sup> são cultivadas e o tamarindo, se bem que enfezado, fornece muitos frutos que os africanos sabem preparar, mas os baianos não. Também ouvi falar de terrenos onde a mandioca-braba torna-se espontaneamente aipim ou macaxeira (mandioca-doce). O juiz de direito e o juiz de paz, Dr. Claro Francisco Negrão, também me afirmaram ter visto filhotes de três mulas cobertas por garanhões, acrescentando que eram todos animais disformes.

A principal "curiosidade" que nos foi mostrada foi um fragmento de alume compacto não cristalizado, procedente de Macaúbas,<sup>17</sup> vila situada a 14 léguas a sudeste. Segundo dizem, ele aparece à semelhança de estalactites nas cavernas do Maxixe. Quando descíamos rio abaixo, para noroeste, o piloto indicou-nos um ponto branco que afirmou ser a mina, em uma serra bem atrás de nós. Os habitantes ignoram a fácil arte de purificar a pedra-ume.

A avermelhada resina do angico que forma, na zona, verdadeiras florestas, é considerada excelente peitoral e expectorante, e a resina amarela do jatobá, leve como o âmbar, serve para calafetar embarcações. A principal das pequenas indústrias é a fabricação de chapéus, para os quais a palmeira aricuri<sup>18</sup> fornece a matéria-prima; custam \$200 e são vendidos no curso inferior do rio por \$500.

Percorremos até a rua da Palha, paralela à de São Gonçalo, e mais afastada do rio. Duas fileiras de casas humildes levam a uma praça quadrada, atrás da matriz de Santo Antônio. Este templo é de tijolos, misturados com seixos *rolados*<sup>19</sup> da localidade fronteira Ponto do Morro, e com pedra de ferro das barrancas do rio; faltam ainda as torres. Há uma casa da Câmara, uma cadeia separada e uma casa do vigário-geral, mas não há registros paroquiais ou documentos públicos.

A planície, seca e arenosa, é coberta com o quipá, uma cactácea com cerca de oito polegadas de altura e espinhos finos, semelhantes a fios de cabelo, mas aguçados, que irradiam de pontos brancos. A forma chata contrasta curiosamente com a de outras cactáceas que o rodeiam: o alto, semelhante a um órgão, parecido com um candelabro de cinco lados (*C. candelabrisformis*), o que tem a forma de um cilindro curto e grosso (*C. brevicaulis*), e os que têm a forma de serpente. Meus amigos mostraram-me no quipá algo que se parecia com uma teia branca, mas, que ao ser esmagada, manchava os dedos com um sumo cor-de-rosa. É a cochonilha, inseto que se estende por toda a ribeirinha seca. É considerada, como de costume, como todas as coisas desconhecidas, uma formidável fonte de riqueza. Mas

muitos anos terão de passar até que ela possa tornar-se útil ao comércio.

Falei aos meus companheiros a respeito de Tenerife, que importara do México o succulento e grande nopal e o gordo inseto. Eles defenderam o conterrâneo quipá<sup>20</sup> que tem menos caldo que uma sola de sapato, afirmando que, durante as chuvas, ele incha, ficando três vezes maior do que estava. Ali, como em todo o Brasil, os homens têm o espírito do *mieux ennemi du bien*. No que diz respeito aos conselhos são menos irredutíveis que as moscas. O espírito deles deve evoluir como o das crianças e dos índios, mais pelo exemplo do que pelo preceito; embora inteligentes e imitativos, sempre exigem que os melhoramentos sejam sujeitos aos seus olhos crentes.

Nossos amigos acompanharam-nos por algum tempo, deram-nos laranjas e limas e levaram-nos até o embarcadouro às onze horas da manhã. O vento do nordeste, frio apesar do sol escaldante, soprava em fortes lufadas, freqüentemente repetidas até três horas da tarde, prejudicando nossa navegação. Notamos então que ocorrera completa mudança no solo e na formação, clima e fisionomia. Urubu era uma fronteira e a porta das montanhas. A região de pedra calcária, com sua grande capacidade produtiva — e a rica argila de massapé — cedem lugar ao arenito e às margens cobertas de árvores altas se seguiram as terras cobertas de carrascal, ou mato baixo. Esse terreno, em certos lugares, produz milho miúdo, mas a agricultura e a criação de gado só se desenvolvem nos Gerais, regiões mais afastadas do rio. Este, que antes se espalhava por um vale largo e plano, estreitava-se agora, apertado por elevações, entre as quais seus maiores afluentes tinham de serpentear. A parede oriental ainda se manteria com rupturas até perto das grandes cachoeiras, a margem ocidental até Vila da Barra. Não há um nome geral para essa cadeia de montanhas, batizando cada lugar sua própria seção: a da direita é geralmente chamada — A Serra —, ao passo que perto de Urubu, o paredão fronteiro é a serra Branca, depois torna-se serra de Santa Catarina, o Furado (ou serra Furada) etc. O efeito desses paredões é formar um funil, através do qual o vento, que se tornara nosso inimigo mortal, sopra violentamente. A evaporação muito aumentada é levada para o sul. Daí resulta que as terras do curso mais alto do rio são bastante úmidas, ao passo que o trecho que agora percorremos é de todo seco.

Essas serras são dispostas em linhas retas e em ligeiras ondulações, que, vistas da corrente, parecem grande luas e crescentes, aproximando-se e afastando-se. A regularidade de suas formas, a

planura da linha dos cumes, os degraus e plataformas que as acompanham em linha reta, dão a idéia de que foram formadas sob as águas, e que logo se elevaram para se tornarem os contornos do rio. Como o leito, cujo curso é de sul para norte, serpenteia entre elas, a elevação de uma das margens é, freqüentemente, confundida com as elevações da outra margem. Dos terrenos planos que ligam seus sopés com as margens dos rios, erguem-se outeiros, ora isolados, ora em grupos, ora perpendiculares, ora paralelos às serras; em certos pontos formam alcantis que incidem sobre o rio em ângulo reto. O material de todas essas elevações é o arcnito, em alguns lugares revestido de quartzo contendo ouro, segundo afirmam os habitantes da terra. Vimos muitas vezes os estratos em flancos alcantilados diante do rio. Mais abaixo iríamos encontrar ferro nos outeiros das terras planas. A superfície dessas formações é um mato ralo e enfezado, sobretudo de plantas espinhosas. Ali uma cactácea gigantesca, a acácia e a mimosa são rainhas.

Cerca de 3 horas da tarde tocamos em Estrema, na margem direita. Apesar de ficar sobre um barranco alto, é lavada pelas grandes enchentes. Ali há uma casa caiada, alguns ranchos e muitas cercas de madeira. Ouvimos dizer que o proprietário tinha um bode para vender, mas ele estava ausente e tivemos uma decepção. Ao pôr-do-sol fomos diretos para uma coroa, em frente a um lugarejo, o riacho das Canoas. A tripulação estava vivendo de um pedaço de bacalhau seco, enquanto o peixe saltava no rio em todas as direções, mas não havia isca. Envergonhado por causa deles, mandei o jovem Agostinho preparar um anzol com uma isca de carne. Em poucos minutos tínhamos o suficiente para a alimentação de um dia. O pior peixe é a corvina.<sup>21</sup> O matrinchá<sup>22</sup> não é mau e uma espécie de pirá<sup>23</sup> morde a isca com freqüência.

*4 de outubro* — Tanto o crepúsculo vespertino como o nascer do sol tinham sido vermelhos. Nada poderia ser mais belo do que a aurora. Mas sentíamos que, como no Industão, o meio-dia e a tarde iam nos impor ilimitados sofrimentos. As rajadas de vento que tinham soprado durante a noite, às vezes, diminuíram muito de intensidade, o que, contudo, não iludiu as suspeitas do piloto. Aqui o próprio rio oferece condições de primeira ordem para o vento; alarga-se por uma milha e meia e divide-se em canais, muitas vezes da mesma profundidade, ambos repletos de árvores flutuantes e troncos submersos. As ilhas do rio são de tamanho muito maior. Dentro em pouco passaríamos por uma com cerca de uma milha de largura por cinco de comprimento. Essas formações, na maior parte, são de areia, coberta por fina camada de húmus, verde pela camada de capim nos

lugares cultivados, e com árvores altas, entre as quais destaca-se o grão-de-galo.<sup>24</sup>

Depois de alguns acidentes geográficos secundários<sup>25</sup> e de uma prudente alta em uma *espera*<sup>26</sup> do lado baiano, avistamos, no fundo de grande curva, o arraial do Bom Jardim. Apareceram casinhas cobertas de telha na margem direita, uma ondulação de terreno elevado que partia da serra. Estavam a cerca de cinco milhas atrás, para o leste. Essa serra é manchada de verde, dando impressão de ser mais bem irrigada do que os montes em torno de Urubu. A superfície mais próxima dá a impressão de que o mato foi queimado. Talvez fosse uma nuvem que o estivesse manchando de sombras. Rios e lençóis escuros, aparentemente espalhados por uma erupção, invadiam uns aos outros, alternados e lutando pela supremacia. Afinal, intrigado, subi uma encosta da montanha e verifiquei que os pontos escuros eram produzidos por um arbusto aromático, com ramos castanhos e sem folhas, que cresce entre as pedras, realçados pelo brilho do capim amarelo cor de ouro.

A margem oposta a Bom Jardim fica em nível mais baixo, massa de floresta emaranhada cortada por uma ipueira e, a não ser um caminho elevado protegido por um dique, torna o caminho utilizável. A curva tem em frente a montanha que limita o vale pelo ocidente, a serra Furada, paredão alto e regular, que corre de norte para sul. Naquele ponto, fica a umas sete milhas de distância do rio, mais abaixo, porém, apenas uma légua. Junto da água há um lugarejo, Passagem (do Taí ou Bom Jardim) com uma capela arruinada de Nossa Senhora do Bonsucesso. Ali podem-se pescar estacas e traves de madeira no rio. A ninguém ocorre colocá-las debaixo do soalho das casas, de modo a assegurar a ventilação e escapar das inundações.

Desembarcamos no riacho de Santo Onofre,<sup>27</sup> acima do povado. Nasce a sudeste, recebendo, juntamente como afluentes o Boqueirão, as águas da encosta noroeste da serra das Almas, Sincorá e Lençóis.<sup>28</sup> As encostas orientais dessas serras constituem a vertente cujas águas são recolhidas pelo grande rio Paraguaçu. Canoas pequenas podem subir aquele rio durante as cheias, por algumas léguas, até Vargem de Nossa Senhora da Guia. Mas na estiagem ele é quase seco. Seria fácil criar reservatórios com calhas e regos nos níveis inferiores. A foz, sob uma alameda verde, tem cerca de 13 metros de largura. Sua ponta esquerda é de arenito e a direita uma plataforma de pedra, composta de uma canga ferruginosa e conglomerado de cascalho, composto com hidrato de ferro. Futuramente isso será um cais para vapores. O rio serpenteia em sua direção, e permite uma aproxi-

mação em água profunda. O local fica inundado certo número de dias por ano, mas um dique mais elevado, evitaria, se preciso, esse inconveniente. Atualmente só usado para lavar roupa. Os poços rasos e as panelas apresentam os mais belos sinais de diamantação. O povo que o deixa inexplorado diz que são sinais trazidos por um afluente de leste, o riacho do Pé da Setra, onde ainda há mineração de ouro.

Abaixo da foz do rio fica o pequeno arraial. A água espuma de encontro a um barranco de pura argila própria para olaria, de um branco sujo, cheia de orifícios feitos pela língua dos animais. Nos níveis superiores está misturada com areia. A povoação consiste principalmente de uma única fila de casas, cujos quintais, limitados por cercas, se dirigem em direção ao rio. Além dessa fila, e em direção oposta ao rio, há algumas casas esparsas, inclusive um rancho para viajantes. Deve haver um total de quarenta casas, enquanto que em 1852-1854 havia 300 habitantes em 103 fogos. Os habitantes vivem da criação de gado, agricultura e pesca. Compramos provisões para três dias do bom caçunete<sup>29</sup> por dez cobres, \$400. Para além do arraial estende-se uma planície arenosa, com cerca de 100 passos de largura, com um pasto ralo e apresentando sinais de inundação. Para diante, o terreno coberto de arbustos eleva-se bem acima do nível das cheias e ali será localizada a aldeia. Por enquanto só existe ali a igreja, destituída de vigário, de Nossa Senhora da Guia, cuja fachada sem janelas fora caída havia pouco. Como o arraial, está voltada para o sudoeste. Junto de sua parede estava um montão de pedras de enxurrada, com sinais evidentes de diamante e ouro. Eram grandes fragmentos de arenito quartzoso laminado, na verdade o verdadeiro itacolomito. Em sua maior parte eram avermelhados, como tijolo queimado, extremamente compactos e riscados e pontilhados de mica fina disseminada. Outros eram completamente brancos, e a contextura mais grosseira mostrava distintamente os grãos. A formação é encontrada nas montanhas dos Gerais, de três a seis léguas a nordeste da margem direita do rio. Os estratos muitas vezes espessos e sólidos demais para serem usados; fornece contudo chapas para grandes fornos que são iguais, em tamanho, às “pedras de forno” que eu havia visto perto de Camilinho de Diamantina.

Ficamos muito impressionados pela aparência geral e pelas possibilidades da terra. Até o fleugmático alcão exclamou: “É esta uma das mais agradáveis paragens à beira do rio São Fran-

cisco".<sup>30</sup> O povo tinha aparência comparativamente saudável depois das fisionomias sinistramente pálidas de Urubu. Até os cavalos pareciam de melhor raça. O aspecto geral é encantador, e isto deve sempre ser levado em consideração ao avaliar-se o futuro valor do lugar. O canal é estreito, compacto e livre de baixios. A correnteza não é demasiado rápida. Curva-se para nordeste e freqüentemente para noroeste. Assim o rio empurra sua corrente principal de encontro à curva, e como o vento geral é sempre de leste, soprando sobre uma região alta e seca, ficam corrigidos os males provenientes de ipueiras, lagos e lagoas. Há imenso espaço para construção. Não falta material e a vizinhança é constituída por montanhas que permitirão mudança de clima.

Bom Jardim, nome de bom augúrio, é a única localidade já vista merecedora de tornar-se uma grande cidade, ou que pode aspirar a vir a ser capital da província ou território há tanto esperado. Em certos pontos, especialmente no que se refere à navegação fluvial, é melhor, e inferior em outros, como sua rival Xique-xique. A posição é central, quase equidistante de Januária, ao sul, e Juazeiro, ao norte. Fica quase a oeste de Salvador, metrópole da opulenta província da Bahia, e quase a leste de Palma, uma das cidades mais importantes da província de Goiás, rica em agricultura e criação de gado, onde o navegável Paranã, ou ramo sudeste, se une com o rio Maranhão para formar o Tocantins. Está, assim, ligado ao Atlântico por dois caminhos, mais ou menos retilíneos. A via fluvial é pelo São Francisco abaixo. A via terrestre é através do rio Paraguaçu, que passa pela cidade de Cachoeira, ponto terminal da navegação baiana a vapor. Nada direi sobre a estrada de ferro, que se pretende fazer correr ao longo do vale meridional daquele rio, uma vez que o terreno, para além de Cachoeira me é completamente desconhecido. Uma vista-d'olhos no mapa, porém, revela que o traçado apresenta a vantagem de uma planície ribeirinha, ao passo que as linhas tronco anglo-brasileiras, tanto na Bahia como em Pernambuco, cortam visivelmente "através do interior". Tal traçado tem sido vivamente defendido pelo Sr. John Morgan, da Bahia, que tem vantagem de 35 anos de residência e, segundo fui informado, as obras foram iniciadas com pleno êxito.

Enfim, Bom Jardim está ligada, por água e por terra, com o mediterrâneo brasileiro, o Amazonas. Podemos prever seus altos destinos, dos quais ele próprio, ingenuamente, não tem hoje consciência.

## Notas ao capítulo LXI

1. N.A. Esse grande afluente drena o espigão meridional que separa a Bahia de Goiás. As canoas podem navegá-lo, apesar dos troncos submersos, até Porto de Santa Maria, a 28 léguas de sua foz. Suas margens, segundo dizem, são altamente cobertas de florestas e, em alguns trechos, cultivadas. Um de seus muitos tributários é o rio das Éguas, vindo do norte. Esse, por sua vez, tem um afluente considerável, o rio Acanhuão.
2. N.T. Segundo o *Dicionário de Aurélio*, tauá vem do tupi *ta'wa*, argila amarela. Argila aluvional colorida por óxido de ferro.
3. N.A. Na margem direita via-se uma serra azul comprida, que o povo chama de Sant'Inofre, aliás Onofre ou Onófrío.
4. N.T. Em português no original.
5. N.T. Em português no original. O tronco consistia geralmente de duas vigas horizontais, com os orifícios destinados a prender os pés, e às vezes pés e mãos dos condenados.  
N.A. Saint-Hilaire (I, II, 42 e III, II, 101) descreve minuciosamente o tronco, mas considera-o como o «tornilho», uma punição militar, e diz que o pescoço da vítima pode ser colocado no pelourinho. A invenção cabe provavelmente aos árabes, cujo *Makantarah* se estende até a costa de Zanzibar, na costa oriental da África.
6. N.A. O Sr. Keith Johnston localiza na margem direita a meio caminho entre Lapa e Urubu, a vila de Santo Antônio, que é antes uma fazenda ou sítio, defronte da grande ilha.
7. N.T. Trata-se evidentemente da ema brasileira.
8. N.A. Os habitantes de Urubu declaram que, dessa serra, um velho negro, que estava pesquisando ouro, trouxe alguns grãos duros, que se mostraram refratários na cçpela. O descobridor morreu e o descobrimento perdeu-se no caminho da Bahia. Supõe-se que se tratasse de platina, da qual o povo vira pouco e ouvira muito.
9. N.A. A região que fica a oeste da cidade é uma das poucas que, no Brasil, ainda oferece interesse ao explorador, em oposição ao viajante.
10. N.T. Em português no original.
11. N.A. Para evitar que as ondas varram essas embarcações rasas, os pilotos adotam a prática sensata de cortar copas de pequenos arbustos, ou ramos cheios de folhas de árvores, colocando-os longitudinalmente ou transversalmente sobre o barco. Atuam como anteparos protetores.
12. N.T. *Jatropha phyllacantha*. Arbusto grande da família das euforbiáceas.
13. N.A. Pertenceu ao Sr. Gualtério José Guimarães, comerciante que, por ocasião de nossa visita, estava peregrinando na Lapa.

14. N.A. O sulfato de quinino é muito usado pelo povo no Brasil, com pouca prudência. Assim, enquanto alivia uma doença, provoca outra. A homeopatia prestou muitos benefícios, combatendo o abuso e substituindo por pilulas as doses de seis a dez grãos.
15. N.A. Cozimento de altéia, que Morais traduz por malvaíscio (*Hibiscus*). O *Sistema* também se refere à altéia (60) e descreve o uso da *Sida althaeifolia*.
16. N.A. A doce lima (*Citrus limonium*) é conhecida como limão-doce. A lima azeda ou limeto (*Citrus limetta*) é simplesmente limão ou lima.
17. N.A. No mapa do Sr. Keith Johnston, Macaúba.  
N.T. No *Índice* do I. B. G. E., Macaúbas.
18. N.A. Pronuncia-se geralmente *ouricuri*. Também se escreve aliculi, aracuí, e arari (*Cocus schizophyllia*). Segundo o *Sistema*, o suco é usado na Bahia para curar oftalmia.
19. N.T. Em português ou original.
20. N.A. O figo dessa cactácea é comestível, mas cheio de caroços.
21. N.A. Gardner escreve curvinha, o Sr. Halfeld, caruvina. O peixe tem cerca de dois pés de comprimento, quando crescido, escamoso e amarelo; a carne é branca, mole, tudo que há de delicioso. A cabeça contém um osso branco que é socado e usado como remédio para várias doenças.
22. N.A. Gardner escreve matrixam. É um dos salmonídeos, menor que o dourado e muito comum nas águas superiores. Amarelo e escamoso, cresce até três ou quatro palmos; é o alimento preferido dos pescadores.
23. N.A. Também chamado tamanduá. É um peixe de cabeça grande de cor azul-clara, com cerca de dois pés de comprimento e passavelmente bom como alimento. Há uma variedade que é o pirá-de-couro, outra o pirapitanga (segundo Halfeld, pripetinga). Há também um peixe do mar com o mesmo nome.
24. N.T. Uma das abutuas.
25. N.A. Uma hora depois passamos ao largo da ilha verde do Saco, e, na margem esquerda, quando o talvegue fica à direita, está a fazenda (segundo Halfeld povoado) do Saco do Militão. Uma serra abrupta em frente, aparentemente do lado de Pernambuco, e na realidade do lado balano, apresentou logo picos e vários planos. No ar puro parecia estar pertinho. Mais uma hora nos levou à ilha do Gado Bravo (segundo Halfeld, ilha do Barreiro), com cerca de duas milhas de comprimento. Seguimos o caminho normal, o canal de oeste, e, de frente para o nordeste, fomos forçados a ancorar com vento pela frente, o que, com uma correnteza semelhante a uma calha de moinho, acarretou forte ondulação.
26. N.T. Em português no original.

27. N.A. No mapa de Keith Johnston, o «R. S. Onófrío» é assinalado por meio de pontos e apresentado como vindo da vertente ocidental, de onde parte, para o Atlântico, o rio das Contas.
28. N.A. Em mapa recentemente publicado pelos concessionários da linha do vale do Paraguaçu, o Paramirim é o maior rio da vertente ocidental, correspondendo ao Paraguaçu a leste. Os pormenores do texto foram-me fornecidos pelos moradores de Bom Jardim. Estão, pois, sujeitos a dúvidas.
29. N.A. Peixe com poucas espinhas, muito apreciado e considerado uma espécie de surubim.
30. N.T. Toda a frase aspeada em português no original.

## CAPÍTULO LXII

### DO ARRAIAL DO BOM JARDIM À VILA DA BARRA (DO RIO GRANDE)

#### Sexta travessia, 29,5 léguas

**A carnaúba, ou palmeira de cera — Vinténs oferecidos a Santo Antônio — Primeira vista da serra do Araçuaá — Concentração de gaivotas — Grandes garças — A toca ou gruta de Santo Antônio — Os espinhos — As aldeias do Pará — O casaca-de-couro e o camaleão — Proximidades da vila da Barra do Rio Grande, Capital proposta — Rio Grande, afluyente importante — Descrição da vila.**

Onde a natureza  
Bela e virgem se mostra aos olhos do homem  
Qual moça indiana, que as ingênuas graças  
Em formosa nudez sem arte ostenta.

Bernardo J. da Silva Guimarães, *Poesias*.<sup>1</sup>

Como o vento diminuía, alcançamos a margem direita, e desembarcamos abaixo de Cachoeirinha. Naquele ponto, uma curta projeção de pedra faz com que a água corra com força a rumorejar, mas de nenhum modo prejudica o talvegue. Atravessamos o mato cerrado e demos com uma planície arenosa entre o rio e uma colina de arenito espesso, situada a uma distância de cerca de cem passos. A superfície subia ao afastar-se do rio, em direção a uma depressão coberta de lama. Deve ser um curso de água durante a época das chuvas. Todo o terreno era cortado de estradas, levando a diversas fazendas. O gado pastava o capim fino e os carneiros, além de gordos, tinham lã e não simples pêlos.

Entre os angicos e as mirtáceas, uma das quais o “Menino” tomou por uma jabuticabeira que — ai! nunca mais! — observamos

um arbusto coberto de clara inflorescência, muito parecido, tanto no perfume quanto no aspecto, ao *may* inglês. Vimos aí pela primeira vez a linda palmeira chamada no Brasil carnaúba ou carnaíba (*Corifa cerifera*, Arr.) ou (*Copernicia cerifera*, Mart.), a caroudai na América espanhola. Seu *habitat* é a terra ribeirinha, nos rios de Pernambuco, Paraíba, Ceará e Piauí. Nos últimos anos tem sido introduzida nos quintais do litoral.

Ao aparecer, a carnaúba não passa de uma aglomeração de folhas projetando-se do solo. À medida que cresce, o tronco cobre-se de uma completa armadura de espinhos. As folhas, quando caem, deixam seus pecíolos castanho-escuros formando espirais que se dirigem ora à direita, ora à esquerda. Quando não é mais alta que um homem, o jovem tronco produz, quando esmagado na água, uma fécula semelhante à tapioca, branca como a mandioca e útil nos tempos de seca ou de fome. Quando mais velha, estende uma haste fina, macia, limpa e cinzenta, como seda, que contrasta estranhamente com os seis pés dos enrugados *chevaux de frise*, os impressionantes espinhos que lhe protegem a base. Assume toda a beleza depois do quinto ano. As folhas espinhentas, com uma forma de leque bem distinta, e com longos raios que se elevam de um estípe, que atinge o máximo de trinta e cinco pés, são especialmente pitorescas. Nos pés mais velhos, o tronco eleva-se, à maneira das outras palmeiras, sobre um maciço cone de fibras ou radículas aéreas, de um pé de altura. Alguns exemplares anômalos apresentam estreitamentos e dilatações do tronco. Outros proporcionam às trepadeiras formarem massas sobre os pecíolos da fronde em baixo e lembram uma saia arregaçada. A vitalidade da árvore é enorme. Resiste às mais severas secas e vi troncos cortados em que a fronde continuava viva, lutando contra a morte até o fim. Vive muitos anos; os moradores, em geral, não dizem quantos.

A carnaúba é considerada, com justiça, tanto pelo homem como pelos animais, a mais valiosa palmeira do sertão. Sua resina é comestível e as raízes são usadas como a salsaparrilha. As nervuras centrais das folhas são empregadas, no curso inferior do rio, para erguer cercas, e a fibra é utilizada para confeccionar fortes cordames. As folhas servem para alimentação do gado,<sup>2</sup> são excelentes coberturas para casas e a fibra é, ainda, empregada para confeccionar chapéus de palha e fios para redes de pescar. O fruto se apresenta em grande cachos que caem e, em certos lugares, cobrem o chão. Quando verde, o coco parece uma azeitona pequena. Quando maduro torna-se negro-brilhante e chega ao tamanho de um ovo de pombo. A polpa, fervida para remover a adstringência, torna-se macia como

milho cozido. É considerada boa e saudável, especialmente se comida com leite, e os animais engordam rápido com ela. O coco maduro é, geralmente, comido cru.

A mais notável propriedade dessa palmeira, de acordo com Koster, foi descoberta em 1797 pelo naturalista português Dr. Manuel de Arruda Câmara.<sup>3</sup> Este a comunicou a frei José Mariano da Conceição Veloso, que fez uma comunicação ao Palácio Português. As folhas da árvore jovem, quando esta atinge dois pés de comprimento, por largura correspondente, são cortadas e secadas à sombra. Desprendem-se, então, da superfície, escamas poeirentas amarelo-pálido-acinzentadas que, ao serem derretidas ao fogo, transformam-se numa cera castanha. A matéria cerosa é também obtida ao ferverem-se os cocos verdes<sup>4</sup> e, principalmente, raspando-se a haste central que prolonga a árvore. A cera aparece misturada com substâncias heterogêneas, casca ou fibras e perde muito quando peneirada. O material é inosso e macio ao toque. O cheiro pode ser comparado ao do feno novo. Seu principal defeito é a fragilidade; isso, contudo, pode ser remediado, misturando-se três partes da cera vegetal com uma parte da cera animal, ou 1/8 a 1/10 de sebo. No litoral fazem-se velas com cera de carnaúba, mas só vi uma no São Francisco, onde, um pouco ao norte, a palmeira é encontrada formando florestas. A cor era a do ruibarbo ou do açúcar mascavo, e a luz não se comparava com a da pior vela de parafina.<sup>5</sup>

Mais uma légua e chegamos à ponta da ilha da Pedra Grande, a maior que tínhamos visto, e onde o rio tem mais largura em terra do que em água. Seguimos pelo canal da direita, embora o da esquerda estivesse assinalado no mapa. A população talvez não quisesse desembarcar na gruta de Santo Antônio, maciço de pedra (morro da Imagem de Santo Antônio), perto de um notável contraforte, o o morro do Pixaim. Limitou-se a jogar um vintém na água, o que me fez lembrar minha escolta em Beloch<sup>6</sup> e de seu donativo ao santo mais colérico Shayk, que fica à margem do rio Pangani. Iludimos os mosquitos ancorando em uma praia de areia abaixo da fazenda do Barro Alto, onde nos regalamos com a música dos cantos e pandeiros até alta madrugada.

*5 de outubro de 1867* — Na palidez do amanhecer, surgiu-nos em primeiro lugar a fazenda do Limoeiro, tendo ao fundo o serrote do Limoeiro, conjunto de cabeços e morros de arenito, aqui unidos por costelas e saliências. A parede continente esvai-se para o nordeste. Da fazenda Grande, mais abaixo, um homem surgiu oferecendo à venda uma sela nova semelhante a uma sela egípcia para jumento, por

8\$000. No Caraíbas, um barco cheio de festeiros da noite anterior saudou-nos com gritos com os quais também retribuimos. O cerimonial do rio era antes estabelecido com certo rigor que, contudo, desapareceu rapidamente, diante das “tendências niveladoras da idade”. A canoa, em outros tempos, deveria parar e cumprimentar o ajojo, tocando as trombetas de chifre. O ajojo, por sua vez, deveria ter a mesma deferência para com a barca, mas a embarcação saudada passava orgulhosamente ou sem se dignar responder.

Pouco antes do meio-dia, quando passávamos pelas ilhas do Meleiro e do Sabonete, o vento parou e fez-se perfeita calma; toda a natureza parecia fazer a sesta. A atmosfera não tinha uma só nuvem e a longa planície fronteira mostrava uma faixa de prata, estreitando-se para o horizonte até tornar-se um fio. Atrás de nós, estendia-se uma bela paisagem, estratos de areia dourada sustentando matas de esmeralda, um rochedo escarpado elevando-se de uma montanha de arenito, um plano de montes arredondados, roxos e, muito ao longe, picos azuis. Mais ou menos ao meio-dia, passamos pelo riacho das Canoas;<sup>7</sup> é o pouso que fica a meio caminho para os pilotos do Juazeiro, como em vila da Barra fica o dos pilotos de Januária. Assim as embarcações se entrosam.

O rio, ali curvando-se para leste, mostrava uma elevação achatada, aparentemente na margem esquerda, e muito próxima. Era o morro do Pará, na margem direita e bem distante. Em seu sopé parecia abrigar-se o penedo da Toca, amarelo em cima de capim seco e escuro embaixo de arenito vitrificado pela água. O fundo do horizonte era cortado, do lado baiano, por uma alta serra, com uma elevação piramidal, elevação arredondada no centro, ligada por um paredão baixo, como um “*lion couchant*” à esquerda. Foi a primeira vez que avistamos a serra do Araçá.

Ao nos aproximarmos do contraforte do Penedo, a súbita curva tornou veloz a correnteza do rio, formando, perto da margem esquerda, um redemoinho que os barqueiros chamam de “remanso”.<sup>8</sup> Um banco de areia à direita mostrou-nos uns espécie de “concentração de gaiotas”. Os *larus* e os *sterna*, aves essencialmente errantes e inquietas talvez se estivessem reunindo para preparar uma viagem durante as chuvas que se aproximavam. Entre elas o colhereiro-rosado (*Platalia ajaja*) reunia-se em bandos que formavam canteiros de flores, e o guará, ou íbis-vermelho (*Ibis rubra* ou *Tantalus rubra*),<sup>9</sup> com plumagem ainda mais brilhante, faziam-me lembrar as companhias de flamengos. No meio da variedade dos feios mergulhões e das alva-

centas garças, grandes e pequenas, permanecia de pé o jaburu (*jabirus*),<sup>10</sup> ali chamada tuiuiú (ou touyouyou, *Mycteria americana*, Linn). com cerca de quatro pés de altura, cabeça preta sobre plumagem ligeiramente branca. Frequenta os barrancos, as margens dos rios e os bancos de areia, onde passa o tempo pescando.<sup>11</sup> Por isso o povo não o come, dizendo que ele tem gosto tanto de peixe como de ave. Iríamos vê-lo muitas vezes rio abaixo, especialmente de manhã, voando bem baixo para poder ser alvejado. Entre os gritos das aves menores, sua voz soa como o canto de frade. Davidson comparou-o ao *sandhill crane* (grou-das-dunas) da Flórida.<sup>12</sup> Por meu lado não pude deixar de lembrar-me do *ajutant-bird* (marabu) dos antigos.

Rumamos para a margem esquerda, fomos arrastados rio abaixo pela correnteza e, com as varas, dirigimo-nos a um ponto de desembarque, na base de um rochedo. Um rude cruzeiro a leste, levou-nos à toca de Santo Antônio — as grutas sagradas estão se banalizando. Esse túnel, com sete passos de comprimento por seis de largura, abre para o sul uma boca de oito pés de altura. O teto é aberto por uma fenda natural. O chão é de lama seca e a mais alta marca de água fica a dez pés de altura à entrada. Encontramos dentro um bando de morcegos, cujo cheiro era exatamente o oposto do agradável, e havia uma casa de abelhas castanhas, na parede, enroscada como uma cravelha de fuzil. A formação é o itacolomito duro, vermelho e laminado, com pontos e partículas de mica. A inclinação é quase vertical.

Visto de frente do rio, esse penedo parece um rochedo abrupto, algo semelhante a um chapéu colocado de banda, virado para o noroeste. Externamente o perfil tem uma direção aproximada de norte para o sul e as linhas de clivagem apresentam uma inclinação de 45°, cortadas por outras fissuras mais ou menos em ângulos retos. Não conseguimos escalar o paredão oriental que era pior que um precipício. O cume, a 100 pés acima da planície, é erigido de lajes denteadas e dispostas quase em sua beira. O itacolomito era atravessado por largas faixas de quartzo branco e a junção pode ser o berço do diamante. A pedra de quente, teria facilmente assado um bife. Contudo abrigava os curiangos, que voavam aos pares, passando velozes como uma seta escondiam-se, pousando a poucas jardas de nossos pés. Também os coelhos procuram refúgio naquelas rochas. O mocó-castanho (*Caira rupestris*)<sup>13</sup> saiu de casa, olhou com curiosidade para ambos os lados e, pressentindo perigo, voltou para trás com a rapidez de um coelho. Os moradores das margens caçam esse animal e dizem ser a sua carne excelente. É

congênera da variedade domesticada que conserva a voz, muda o pêlo durante o processo de domesticação e ilude o mundo ao ser chamado de *guinea pig* e *cochon d'Inde* (porquinho-da-índia). É fácil indagar na Guiné se ele ali existe.

Santo Antônio não foi tão bem sucedido com os espinhos como São Pedro com as rãs. Travamos um desagradável conhecimento com a macambira,<sup>14</sup> bromeliácea cujos espinhos, semelhantes às esporas dos galos de briga, são afiados como sovelas. O gregário quipá faz o possível para espetar. O pior de todos é a urticácea aqui chamada cansanção-brabo (*Loasa rupestris*), verdadeira praga. A alta haste é guarnecida de cerdas curtas e afiadas, que parecem autômatos, procurando no ar o caminho. Piores que qualquer *Dolichos*, penetram na pele às dúzias, provocando violenta coceira e provocando uma erupção que só desaparece depois de supurada.<sup>15</sup> A única árvore não espinhenta crescida naqueles rochedos era uma cecrópia enfezada e prateada. Era assim que os antigos índios encontravam crescendo juntas as duas plantas: a grande urticante e a árvore da preguiça, que fornecia fibras para seus tecidos, espessos, pesados e duradouros.

Do alto do rochedo descortina-se um belo panorama sobre a magnífica planície ribeirinha embaixo. O rio, pontilhado e manchado de ilhas, forma um comprido saco de sul para nordeste. Os morros do Pará e do Torrinha, à direita e à esquerda, parecem plantados para mantê-lo no lugar devido. A nordeste a serra de Araçuá descobre suas enormes ondulações e encostas. Longe, para sudeste, rampas gigantes estendem-se entre o chão e as nuvens. No meio dos blocos havia um terreno inteiramente plano, que, de acordo com alguns informantes, se estende até as cabeceiras setentrionais do vale do grande Paraguaçu.<sup>16</sup> A planície ribeira é populosa e bem cultivada. Mostra os aspectos habituais: grupos de cabanas, roças vicejantes, bosques verde-escuros e capinzais amarelados, com quatro queimadas, donde partia um novelo de fumaça arroxeadada.

Mais uma vez atravessando o redemoinho, alcançamos a curva em cuja margem direita fica a povoação do Pará, onde Barbosa das Moças cantou:

Não me querem bem, não me querem mal  
Pará é longe, não vou lá.<sup>17</sup>

A foz do Pará-mirim, ou, como diz o piloto, Paraná-mirim,<sup>18</sup> mostra-se como uma faixa verde, ao sul do lugarejo e forma uma praia de areia na qual o gado descansa. As casas de barro vermelho e cobertas de palha cinzenta, erguidas junto de algumas abóbadas de

refrescante verdura, estendem-se enfileiradas para o sopé sudoeste do morro de cor sombria. O acidente geográfico seguinte foi o morro da Torrinha, elevação pedregosa, começando junto da água e formando uma linha dupla, sendo mais alto o cume mais distante. Naquele ponto havia árvores altas e acima cresciam arbustos escuros. Aquela fazenda foi estabelecida pelo comendador Antônio Mariani,<sup>19</sup> e as dez cabanas e casas estão dispostas de tal modo que os moradores podem fugir das inundações para o alto do morro. Passando por algumas ilhas, todas mais ou menos habitadas, ancoramos ao anoitecer perto de um banco de areia abaixo da ilha do Timbó. Nossa visita perturbou centenas de aves aquáticas e, à noite tornamos a ouvir o som de cânticos e pandeiros. Não falta alegria naquelas paragens. Na véspera, contudo, um cego branco pedia esmolas, com voz lamurienta de um pedinte profissional — acidente bastante raro para ser registrado.

*6 de outubro* — À noite o vento geral cedeu lugar à brisa oeste da terra e a sensação dói do frio habitual. Quando acordamos, o rio havia subido umas dezoito polegadas, fazendo flutuar um de nossos remos e colocando-nos a alguma distância do banco de areia.<sup>20</sup> Esses “repinhetes”, como o chamam os barqueiros, são dilatações e rebaiamentos precursores das cheias anuais. Segundo os pilotos ocorrem de três a quatro vezes sucessivamente. A manhã foi agradável, mas mostrou sinais indistigáveis de ventania. À medida que o sol, entre as seis da manhã e o meio-dia, ia aquecendo a terra e a água, a brisa fria alternava-se com rajadas mais fortes, até que, cerca de duas horas da tarde, o equilíbrio na atmosfera se restabeleceu. Sucedeu então, aos poucos, uma calmaria que muitas vezes dura até o anoitecer. Perto de Remanso, teríamos alternadamente um dia de vento e outro de chuva.

Tendo partido cedo, avistamos logo, a uma distância de quatro a cinco milhas, a serra do Brejo, montanha que limita o vale ao poente, dirige-se para oeste e curva-se para o norte. Fica defronte da serra do Assarauá, que se elevava como um paredão gigantesco, coberta no alto por uma nuvem branca, como um segundo andar de uma ilha, no céu azul e claro. As margens do rio eram de barrancos chatos e cobertos de capim, produzindo em abundância a jurema, dura, nodosa e de casca escura.<sup>21</sup> As árvores eram cobertas, nas pontas dos galhos, de ninhos com cerca de dois ou três pés de comprimento, feitos de gravetos secos e espinhentos, com uma pequena abertura, e comodamente forrados com capim macio. Provavelmente recebem um “anexo” anual como a casa do João-de-barro. O morador desses ninhos é chamado casaca-de-couro.<sup>22</sup>

Tivemos de lutar contra os ventos e as pequenas ondas que se formavam como por um passe de mágica e, na fazenda do Angical, o inimigo levou a melhor; tivemos de fazer uma fazenda de três horas. Angical é uma grande fazenda de criação de gado, situada em um saco da margem direita, que é arenosa e produz coqueiros, carnaúbas e quixabeiras. De um ponto abaixo dali, as canoas, durante as cheias, atravessam, por terra, encurtando muito o caminho até a ipueira de Xique-xique.

Aproximando-nos da ilha do Camaleão,<sup>23</sup> vimos adiante as casas brancas da povoação, ligadas a um enorme maciço que se projeta sobre a verdejante margem esquerda. O caminho norte para a vila da Barra do Rio Grande segue a estreita corredeira ou canal, formado, perto da margem ocidental, pela comprida e estreita ilha semelhante a um navio, a ilha do Laranjal; para leste fica a linha principal do São Francisco, uma massa de bancos de areia e de praias. O caminho é então através da foz do rio Grande, que ali corre para nordeste e desemboca no São Francisco. Sua ponta direita lança, partindo de terrenos cobertos de matos e inundados, uma ponta de argila, coberta de mato ralo, no centro do qual há um capão. A correnteza da confluência, onde 1.200 pés de largura correm para encontrar 6.100 pés, investe fortemente sobre o pontal, projeção que avança para sudeste, separando os dois rios. O material, felizmente para a cidade, consiste em um barranco perpendicular de argila dura, fortalecido com hidróxido de ferro e, nessa época do ano seis pés acima da água. Estende-se por algumas léguas a jusante, na margem esquerda do rio São Francisco. Da menos acentuada das elevações, podemos avistar o baixo vale do rio Grande, serpenteando a partir do sudoeste, onde há uma ruptura na cortina azul que se estende além da planície. É um delta chato, de vegetação densa, de pelo menos vinte milhas de comprimento em linha reta. Essa confluência acarreta um risco duplo, partido tanto da artéria principal, como do afluente. As pesadas chuvas ali são muitas vezes dilúvios locais e, assim, um dos rios pode provocar danos quando o outro se encontra com inclinações pacíficas. Na noite anterior o rio Grande subira várias polegadas, ao passo que o São Francisco descera. Os moradores declararam que jamais haviam visto tal coisa acontecer tão cedo e começaram a prever que faltaria água quando mais ela fosse necessária.

A vila estende-se de oeste para leste, ao longo da margem setentrional do rio Grande,<sup>24</sup> começando cerca de uma milha a montante e estendendo-se até o Pontal. O aspecto é mesquinho,

casas baixas e pequenas, com quintais rodeados de cerca para o lado do rio, onde as inundações impedem as construções. Várias delas estão inacabadas. Algumas são meros telheiros sem paredes. Aqui e ali, nos níveis mais altos, há uma plataforma de pedra e cal, trazida de Porto Alegre, seis léguas a jusante. Essas plataformas sustentam casas caiadas de branco, ou metade branco e metade amarela, com janelas pintadas de verde. O porto<sup>25</sup> é um sujo desembarcadouro de areia e argila e é o esgoto comum. De manhã torna-se um mercado de peixe; durante o dia torna-se uma confusão de varais para secar roupa, crianças de envolta com cães, jumentos, aqui característicos, porcos de pernas compridas, patos e galinhas, misturados com grous semidomesticados, brancos e cinzentos, e mulheres lavando roupa.

A água usada para finalidades caseiras tem de ser trazida do rio, a montante da vila; junto dela, é escura, cheia de espuma e suja. Algumas canoas e barcas oscilam, amarradas às estacas no ancoradouro. Uma embarcação muito apreciada é a bolsa, ou jangada de frondes de buriti. Os feixes compridos são amarrados uns aos outros, em cinco ou seis lugares, e mantidos em posição por peças transversais; ficam a um pé acima da água e como são elásticas, estão menos sujeitas aos baixios e cachoeiras. Transportam rio-abaxo enormes pipas cheias de cereais e “trens”<sup>26</sup> semelhantes; chegando ao destino são desmanchadas para serem aproveitadas em moirões e cercas, razoavelmente duráveis.

Há uma grande festa no dia do padroeiro, São Francisco das Chagas. Ao nos aproximarmos da cidade, os homens importantes, envergando ternos pretos, cavalgavam pequenos cavalos e mulas ainda menores, ao longo da imunda praia, dirigindo-se ao ofício divino. O resto da multidão ostentava chapéus de todos os tipos, altos, de palha de buriti ou de feltro, metidos em ternos brancos ou marrons de algodão. Não faltava o habitual negro velho grotesco, vestindo um sobretudo de casimira azul, da mais grossa qualidade, em uma atmosfera de 98° F. As mulheres permanecem todas nas igrejas até o fim das cerimônias e os homens se juntam à porta, como um enxame de abelhas. A “função”<sup>27</sup> não tardou em terminar, com uma girândola de fogos de artifício — era ainda dia claro. Mas parece que proporcionou muito conforto espiritual. Saiu uma procissão a percorrer as ruas. Os dignitários, com suas opas vermelhas e brancas, causaram grande sensação. Moças vestidas com as cores mais vivas, e crianças com roupas mais leves, e muito pouca roupa, corriam desabaladamente, procurando as esquinas “para ver outra vez”.<sup>28</sup>

Visitei à noite a capelinha de Bom Jesus que tem uns cotos onde deveriam estar as torres — como um homem fardado sem dragonas. A iluminação não era brilhante, mas mostrou-me que o elemento feminino predominava. O dever principal parecia ser ajoelhar-se diante de uma mesa e beijar os pés diminutos do santo — e principalmente depositar alguns cobres em mesa próxima. A noite apresentou muitas das cenas que seriam de esperar em porto comercial quando há festa. O Sr. Halfeld fala com entusiasmo dos habitantes da cidade.<sup>29</sup> Achei-os civis e corteses, como na verdade é de regra no Brasil. Mas o baiano não brilha em face do paulista e do mineiro. Minha carta de apresentação ao tenente-coronel Joaquim Francisco Guerreiro não produziu o menor resultado. Em compensação o tenente-coronel Carlos Mariani, neto de um corso emigrado no Brasil nos dias da República Genovesa, foi imediatamente procurar-me, levou-me à sua casa e mostrou-me todas as suas curiosidades. Tinha pedaços octaédricos de ferro magnético que se encontram espalhados nas fazendolas e na vereda do Cural das Éguas, do outro lado da serra que delimita o vale do lado ocidental. Seus cristais e rocha provêm de um serrote do lado oriental, ao passo que a cadeia de Tauatinga e Natividade, no vale do Tocantins, forneceram o arenito vermelho com ligação de quartzo, mostrando na junção linhas regulares de ouro livre e traços difusos de cobre. Disse-me ele que um viajante alemão fora recentemente roubado de algumas opalas que dizia ter encontrado perto da vila de São Domingos, na estrada Cuiabá, Mato Grosso.

Passei muito tempo caminhando pela vila e procurando descobrir seus méritos latentes. Começando a leste, e fazendo uma volta pelo norte, verificamos que o local é uma grande várzea, com uma altura de 18 a 20 pés somente acima do nível da corrente. Alguns lugares que ficam atrás da vila, sofrem a enchente até seis pés e ainda mais. Para o norte há um grande brejo com escoamento para leste. Muitas casas naquela direção apresentam sinais de água a 3 e 4 pés de altura. Algumas afundaram vinte e quatro ou trinta e seis pés em suas fundações encharcadas e arenosas. É possível, contudo, que isso possa ser atribuído aos depósitos deixados pela inundação. O Mississipi deixa em alguns lugares, anualmente, uma camada de lama e areia de quase um metro de espessura. A noroeste há um cemitério de muros caídos e, mais além, outro de barro. Nessa parte fica também o Tesozinho (pequena elevação) da Conceição, retiro onde os habitantes se reúnem quando as casas ficam embaixo da água. É o resistente penedo que impede que a planície seja varrida pela água. Na extremidade ocidental encontramos a origem de todos os males.

Fica ali o “transbordamento”,<sup>30</sup> onde as águas do rio Grande entram, formam uma ipueira e, com ajuda do brejo, transforma o lugar numa ilha.<sup>31</sup> A entrada da ipueira dificilmente pode ser fechada. É larga demais e o terreno muito frouxo e lamacento para que se possa fazer um dique. Como a cal é cara, a argila utilizada é a local e os profundos buracos abertos para procura desse material, sob um sol que queima às seis da manhã, são outros propagadores da febre palustre. O único remédio será remover a vila para um lugar melhor. Mas o problema é como encontrá-lo.

A localidade tem a forma habitual, estreita, com logradouros lamacentos e arentos. Adiante, ao norte da rua do Rio, fica a rua do Santíssimo, além da do Rosário, em cuja extremidade ocidental há uma praça, um imenso cruzeiro e uma capela térrea com duas janelas. Mais para o norte, fica a rua do Amparo, um subúrbio selvagem e, mais adiante ainda, o Retiro. Essas ruas mais compridas são ligadas entre si, como de costume, por travessas. Há poucos sobrados e meio-sobrados, tendo em frente os habituais passeios de tijolos e ostentando vidraças com orgulho. As casas são, pela maior parte, pequenas, com os beirais dos telhados salientes. Muitas, mesmo nas partes mais altas parecem um pouco enterradas. Há poucas casas comerciais de artigos secos e um estabelecimento fotográfico, que vende cartões de visita à razão de 8\$000 a dúzia. Um açougue fornece carne tolerável e uma quantidade de vendas negocia em cachaça e rapadura, cebola e alho.

O coração da vila é o largo da matriz. A população resolveu mostrar seu ânimo, construindo uma igreja de grandes proporções dedicada a São Francisco. Tais coisas começam sempre com muito entusiasmo no Brasil. O governo provincial concedeu o correspondente a £400 que, com esmola e contribuições se elevou a £2.400. Procurou-se na Bahia um projeto e um arquiteto. A pessoa escolhida foi um alemão, Heinrich Jahn que levou consigo a família. A pedra fundamental foi lançada a 4 de outubro de 1859. A igreja tem ou melhor, terá 100 pés de comprimento por 50 de largura, com duas torres e um presbitério. O material de construção consiste em tijolos e cal, com alicerces de pedra. A frente tem as habituais três entradas e cinco janelas, e o frontão gradeado introduziu uma pequena mudança na habitual monotonia das fachadas. No interior, paredes divisórias separam duas sacristias, o que diminui seriamente o espaço. Atualmente está tudo cheio de andaime de tronco de carnaúba e as obras paralisadas por falta de dinheiro. A idéia da construção da igreja foi inteiramente despropositada em relação ao tamanho da localidade e a vila da Barra parece ter-se tornado um anexo de sua matriz.

A sudeste da praça da igreja fica a Casa da Câmara, isolada, com um sino e seis janelas em cima. Uma grade revela a existência da cadeia em baixo. Em certas ocasiões as enchentes tornaram necessário salvar o arquivo em barcos. Os presos parecem tão bem dispostos como os demais habitantes da cidade e ali não precisam cantar como o estorninho: — “Não posso sair”. A força militar, paga pela província, consiste em um sargento e dez soldados, cujo dever parece consistir especialmente em tocar corneta. A sentinela da porta da cadeia encosta-se na parede; não tem colarinho nem sapatos e a sua única arma é uma baioneta. Fez-nos lembrar a composição de certos corpos militares da Costa do Ouro, agora desfeitos. O último edifício público é o Hospital de São Pedro. O governo subvencionava uma irmandade, cuja mensalidade era de 1\$000 e continuou a subvencionar durante algum tempo. A casa ainda existe, mas os internados são, no máximo, dois. Pode-se dizer que a boa instituição virtualmente está abandonada.

A Vila da Barra data de 1753-1754. Seu município é de 10.000 a 12.000 almas. Há uma só freguesia: São Francisco das Chagas. Em 1852-1854 o número de casas da vila era de 660 e a população de 4.000 habitantes. Não houve aumento até 1867. A ligação com o litoral é muito precária. A estrada para a cidade de Lençóis (60 léguas, cada uma de 3.000 braças), não passava de uma “picada”<sup>32</sup> em 1855, cheia de passagens a vau, lamaçais e montanhas, meramente passável, mas enfim transitável. A melhor estrada para a Bahia é a que passa pela velha cidade de Jacobina (75 léguas), longo caminho na direção do nascente. Descrevem-na como atravessando uma planície em três jornais ou estágios de doze a quatorze léguas cada uma, sem água durante a seca. As tropas de burros, porém, cobrem cada uma em 24 horas. Em seguida vem a serra do Tombador, conduzindo à cidade, ladeira pedregosa para a qual, no entanto, as mulas estão desferradas. Finalmente, de Jacobina à cidade de Cachoeira o terreno é relativamente plano.

Os habitantes e vila da Barra criam gado vacum e algum muar. A principal atividade, porém, é o comércio<sup>33</sup> como ocorre nos portos da África ocidental. Servem de intermediários entre os forasteiros os habitantes do interior. Estávamos, então, nas proximidades das grandes formações salinas, o que não impedia que o sal fosse importado do litoral, via Juazeiro. O material salino é depositado pela água principalmente na vizinhança dos rios e o sal-gema não foi encontrado. Visitamos, mais abaixo no rio, vários lugares onde o sal fora lançado, isto é, misturado com a terra, com o fim de espalhá-lo

e, de certo modo, ser cultivado. Os salineiros coletam-no entre os meses de julho e outubro. É tratado como o salitre, coado em bangüês, evaporado no fogo e deixado cristalizar. Às vezes é exposto em cochos à ação solar e essa simples operação poderia ficar mais compensadora se fosse feita em larga escala. O que é mais necessário é a separação de outros sais, do magnésio, por exemplo, que são igualmente desagradáveis e nocivos. Por vezes o sal é branco e fino como o marinho. Muitas vezes, porém, é amargoso e escuro, só servindo para os animais. Depois da purificação é ele acondicionado para exportação em sacos de couro chamados surrões.<sup>34</sup>

A Vila da Barra do Rio Grande goza de alta e merecida reputação. Cedo verifiquei de onde provinha. Os mineiros querem que Januária seja a capital da nova província. Os baianos preferem Carinhanha à Vila da Barra, e a causa desta última foi habilmente patrocinada pelo ex-ministro e senador João Maurício Wanderley, barão de Cotegipe. Esse influente conservador é filho do lugar e tem interesse filial por sua prosperidade. Minha convicção é a de que a vila é um dos piores lugares que já vi e que só tem condições de ser um porto ou um posto de acesso para Bom Jardim ou Xique-xique.

## Notas ao capítulo LXII

1. N.T. Trata-se da obra *Poesias* (Paris, 1965) de Bernardo José da Silva Guimarães, um dos mais populares poetas mineiros.
2. N.A. Li a respeito, mas não vi. A parte geralmente dada ao gado é o miolo.
3. N.T. Manuel de Arruda Câmara era brasileiro, natural de Pombal, na Paraíba. Foi religioso carmelita e formado em Medicina em Coimbra e Montpellier; secularizou-se. Exerceu a medicina em Pernambuco e realizou notáveis trabalhos de pesquisa. Deixou numerosos trabalhos de botânica, desconhecidos pelo autor que se limita a dizer:  
N.A. Publicou no Rio de Janeiro duas brochuras que foram analisadas por Koster.
4. N.A. Isso também consta dos livros. Não acredito que o fruto seja usado para se extrair cera.
5. Diz Koster (citando o vol. XXXI, p. 14 das *Transactions of the Philosophical Society*, 1811) que o conde de Galveias (ministro de Pombal, conde de Oeiras) mandou do Rio de Janeiro a Lorde Grenville uma amostra de cera de carnaúba, como sendo um artigo de exportação produzido entre o 3º a 7º de latitude N. O pó, de cor amarelo-escuro, foi tratado com ácido nítrico e exposto ao ar em pratos de vidro. Depois de três semanas tornou-se de cor amarelo-clara, com uma superfície quase branca.

A mesma mudança foi alcançada reduzindo-se a cera a camadas muito finas e pingando-se uma solução aquosa de ácido muriático. Transformada em velas, com um pavio devidamente proporcionado, queimou uniformemente e com combustão perfeita. Verificou-se que diferia das outras espécies de ceras vegetais, tais como a *Myrica cerifera*, laca e laca-branca. A mais recente notícia sobre o assunto é a *Notice sur le palmier de Carnaúba*, publicada em Paris em 1867 pelo Sr. M. A. de Macedo.

N.T. Marcos Antônio de Macedo, naturalista brasileiro, natural do Piauí. Escreveu várias obras científicas além da mencionada.

6. N.T. Episódio constante de uma de suas narrativas de viagem à Índia, sobre a qual Burton escreveu quatro obras.
  7. N.A. O Sr. Keith Johnston considera o rio Canoas como tendo suas cabeceiras perto do rio Corrente, a sudoeste; é um regato de pouca importância. Junto à foz está Passagem, pequeno estabelecimento bem situado em uma ondulação do terreno. Vive, ao que parece, da exploração de uma balsa utilizada por passageiros e animais que se destinam à Chapada Diamantina e à capital da província.
  8. N.T. Em português a expressão entre aspas.
  9. N.A. Esse íbis tinha grande importância entre os índios, que usavam suas penas em trajes de cerimônia. Há deles várias espécies, o branco e o verde (*Tantalus cayannensis*) que os Tupi chamavam de garaúna, íbis preto, ou escuro e que por corruptela deu *carau*.
  10. N.A. O Sr. Bates (I, 282) menciona o jaburu-moleque (*Mycteria americana*) ave volumosa da família das cegonhas, com 41/2 pés de altura.
  11. N.A. O príncipe Max (III, 146) ouviu dizer que ele era uma ave de rapina, que devora outros voláteis. O piloto negou-o. O tenente Herndon encontrou o tuiuiu cinzento no Amazonas. O casal que ele conseguiu transportar para os Estados Unidos era branco. Também ele faz menção de um «grande grou branco chamado jaburu» (p. 229).
- N.T. Capistrano de Abreu considera o jaburu símbolo da nossa terra: «Tem estatura avantajada, penas grossas, asas fornidas e passa os dias com uma perna cruzada na outra, triste, triste, daquela *austera e vil tristeza*.» (Carta a João Lúcio de Azevedo).
12. N.T. *Grus mexicana*, de tamanho menor.
  13. N.A. Era chamado *kerodon* pelo Sr. Frederico Cuvier, e é mencionado por todos os viajantes do interior do Brasil, desde Koster até os dias presentes. Nas *sierras* do Peru o tenente Herndon (cap. 4) parece ter encontrado um prato de porquinho-da-índia cozido que muito lhe apeteceu.
  14. N.T. Segundo o *Dicionário de Aurélio* a macambira (*Bromelia laciniosa*) tem folhas rígidas e espinhosas e é muito dispersa nas regiões secas nordestinas, onde o povo, premido pela fome,

prepara com as folhas dela uma espécie de pão, sem qualquer valor nutritivo.

15. N.T. Cansação é denominação comum a várias espécies da família das euforbiáceas (*Jatropha urens*) e a loasácea (*Loasa parviflora*).
16. N.A. A estrada passa por uma povoação chamada Nosso Senhor do Bom Caminho. Não obstante, muitos informantes queixam-se de seu péssimo estado.
17. N.T. Em português no original.
18. N.A. Este é o Paramirim que o mapa do Sr. John Morgan faz abranger o riacho do Bom Jardim. Segundo os habitantes locais é um curso de água muito sem importância e, a se julgar pela foz, não tem longo curso.  
N.T. No mapa ilustrativo da famosa obra de Teodoro Sampaio cit. o Paramirim é um rio de grande extensão.
19. N.T. José Mariani foi ministro do Supremo Tribunal de justiça e Antônio Mariani Primo foi barão de Campo Largo.
20. N.A. Como disse, levamos uma âncora que não se revelou muito eficaz. Geralmente, os ajojos e mesmo as barcas são amarrados em estacas verticais e têm ocorrido muitos acidentes quando se soltam. Os barqueiros esforçam-se muito, especialmente se querem alcançar uma cidade a tempo de tomar parte numa festa. Não se empregam vigias noturnos e a embarcação estaria na cachoeira antes que os dorminhocos acordassem.
21. N.A. Essa acácia foi observada pela primeira vez perto de Malhada e Carinhanha, onde é tida como fornecendo excelente carvão. Iria se tornando abundante à medida que nos aproximavam das Grandes Cachoeiras. Os habitantes falam em duas qualidades (espécies?): a jurema (aliás jerema ou gremma, *Acacia jurema*) e a acácia pesta. A proliferação de acácias e mimosas, angico, barbatuirão e ingá, combinada com solo salino dessa parte do vale, mostra quanto ela é adequada a criação de camelos.
22. N.A. Talvez seja o mesmo jibão-de-couro (*Muscapa rupestris*). Não vi o pássaro. O príncipe Max (III. 95) descreve ninho semelhante do *Anabatis rufifrons*, ou *Sylvia rufifrons*, com uma abertura na parte inferior. Ele encontrou o pássaro no andar superior e, na parte inferior, uma espécie de rato-do-mato (*Rat des catingas*, *Mus pyrrhorhinus*).
23. N.A. O autor de *Caramuru* afirma (III, 58) que o camaleão alimenta-se de vento. No Brasil, porém, o camaleão é um lagarto (*Lacerta iguana*) que muda um pouco a cor da pele, mas não pode ser comparado a um verdadeiro camaleão. Esse animal, nas partes mais atrasadas do sertão, é considerado como tendo uma carne mais delicada que a da galinha. Não é uma gente muito exigente. Come carne de onça, de jacaré, de gato-do-mato, de siriemá e outras no gênero.
24. N.A. O Sr. Halfeld fez o levantamento desse grande afluente e dedicou-lhe três mapas. Merecendo bem seu nome, ele recebe

as águas da vertente oriental da cadeia de montanhas da fronteira norte de Goiás. A foz fica aproximadamente a 12° 10' de latitude sul e 1° 3' de longitude oeste (Rio de Janeiro). É navegável na extensão de 45 léguas até a vila de Campo Largo, onde ainda tem 350 de largura. A profundidade é de 4 metros, ou quase o dobro do Sena em Paris. Além desse ponto começam dificuldades, mas pequenas canoas podem ir até 20 léguas além, alcançando Limoeiro. O rio Preto, seu grande braço do nordeste fornece uma linha navegável de 30 léguas via Santa Rita a Formosa, mas é uma viagem dificultosa. Dessas terras são exportados arroz, farinha, milho, legumes, rapadura e outros mantimentos. Produz-se também algum sal na barra do Boqueirão, 16 a 18 léguas da foz do rio Grande. O rio Preto é a corrente que o tenente Moraes atiraria através das montanhas no lago Parnaguá. Aludi a esse portentoso projeto no cap. 6.

25. N.A. Não compreendo porque o Sr. Halfeld diz que «este porto parece artificial». É raro encontrar-se uma coisa mais desgraçadamente natural.
26. N.T. Em português no original.
27. N.T. Em português no original.
28. N.T. Em português no original.
29. N.A. «O nobre e leal caráter dos habitantes da Vila da Barra, especialmente das classes elevadas, revela-se em todos os seus atos, civis e religiosos, cordialidade, a mais cavalheiresca educação e, na vida social, uma extrema polidez que rivaliza com as cortes mais civilizadas.»
30. N.T. Em português no original.
31. N.A. Depois do pequeno dilúvio de 1792, a vila já foi ameaçada de destruição diversas vezes, especialmente em 1802, 1812 e 1838. Em 1857 a vila escapou melhor que Januária. Esta, assim como Urubu, não foi tão atacada quanto a primeira em 1865.
32. N.T. Em português no original.
33. N.A. A seguinte lista de minhas compras mostrará os preços vigentes na Vila da Barra:
- |                                    |        |
|------------------------------------|--------|
| 1 garrafão (4 garrafas) de cachaça | \$500  |
| 1 quilo de sal                     | \$130  |
| 5 quilos de carne de vaca          | 1\$000 |
| 8 quilos de toucinho               | 3\$000 |
| 5 quilos de arroz                  | 1\$600 |
| 1 réstia de cebola                 | \$100  |
| 1/2 quarta de farinha              | \$800  |
34. N.A. A medida varia em toda parte. No local compreende 24 pratos, isto é, 50 libras.

## CAPÍTULO LXIII

### DA VILA DA BARRA (DO RIO GRANDE) À VILA DO PILÃO ARCADO

Sétima travessia, 29 léguas

As dunas de areia — Complicada aproximação de Xique-xique — Descrição da localidade — A cactácea xiquexique — Bons carneiros — Aluguel de animais para viagem às lavras de diamantes — O velho preto forro — Árvores e aves — Fazendas de criação — Bosques de carnaubeiras — Lagoas — Escaladas de morros — O serviço ou minas de diamantes de “Pintorzinho” — Arraial de Santo Inácio — Origem das lavras e outras particularidades — Regresso a Xique-xique — Reinício da navegação — Os portais — Tempestade — Chegada a Pilão Arcado.

*Ce beau pay peut se passer de l'univers entier.*

(Voltaire)

Não passamos uma noite agradável. A atmosfera, durante as primeiras horas estava parada e pesada (82° F). Em seguida o vento frio da terra começou a soprar. A princípio um canto longo e monótono tornaram as horas tediosas. Depois vieram os ruídos do chapinhar na água da piranha, o “peixe do diabo”,<sup>1</sup> e o ruído abafado do rio que parecia possuído de más intenções.

Abaixo da Vila da Barra o São Francisco alarga-se. As elevações que o contêm retraem-se, e o vale torna-se amplo. O calor aumentou muito, embora o leito corresse entre o norte e o nordeste, na direção do vento geral. Às vezes as embarcações ficam encalhadas durante dias nos bancos de areia e as tripulações se regozijam por

terem doze horas livres. Os acidentes são tão comuns que é raro encontrar um barqueiro que não tenha naufragado ao menos uma vez. Súbito, estando a atmosfera claríssima, o vento varre com força a superfície das águas, formam-se ondas, e a canoa ou o ajojo submerge. É preciso o maior cuidado e estar atento aos menores sintomas, especialmente os redemoinhos, colunas de areia que se erguem a sessenta ou setenta pés de altura, ao mesmo tempo que se deslocam sobre o terreno. Em tais casos as embarcações devem navegar a barlavento, ao longo da margem mais abrigada, ou procurar depressa um refúgio antes que comece o vendaval.

Não pudemos partir antes da 9,30 da manhã. O vento começou cedo. A primeira légua mostrou-nos à direita um canal sem saída, a Ipueira Funda, que durante as enchentes dá comunicação direta com Xique-xique. Um pouco adiante Cajazeira,<sup>2</sup> do capitão José Vicente, há outra ipueira, que também não pode ser navegada nesta época, convergindo para sua vizinha do sul. Essas ipueiras precisam ser examinadas com cuidado. As aberturas estreitas, tornadas praticáveis para permitir a entrada de embarcações durante todo o ano, facilitariam muito a navegação para Xique-xique e livraria aquela localidade da maior dificuldade que enfrenta: a falta de uma aproximação direta. Dizem que o leito do rio poderia ser melhorado sem dificuldade. Dentro e pouco tempo iríamos acompanhá-lo quando viajamos por terra, indo de Xique-xique para o interior. Por outro lado, deve ser verificado se tal abertura não lançaria o talvegue para a direita, aumentando consideravelmente o volume das enchentes.

Há fazendas e fazendolas espalhadas por todas as direções em ambas as margens. Desembarcamos à direita para examinar um local tido como contendo pedra calcária. Vimos que se tratava de simples barreiro. Depois de passarmos por diversas roças<sup>3</sup> e bosques de carnaubeiras que se erguiam como altas paliçadas, o furioso vento obrigou-nos a ancorar na ponta de um pequeno banco de areia, a ilha do Mocambo do Vento. Essa ilha, com nome de mau agouro e bem adequado, é considerada um dos piores lugares. O leito do rio curva-se para leste e sudeste. É extremamente largo e corria dominado pelo vento. Na coroa, encontramos cristais diamantinos. Havia muitos acaris, peixe revestido de couraça, jogados fora depois de colhidos na rede. A pele dura se mumificara, mas o aspecto era ainda o das vascas da agonia.

*Terça-feira, 8 de outubro de 1867.* O vento após feroz luta durante toda a noite, fez menção de parar. Voltou, contudo, com o sol e cobriu a coroa com uma cortina de areia que me trouxe à

lembrança os desertos da Arábia. Mesmo à 1 hora da tarde, quando partimos, era difícil avançar. A margem esquerda estava pontilhada de pequenos morros isolados e, entre Areia Branca e Icatu<sup>4</sup> entramos em um terreno de lençóis, como diziam os antigos exploradores portugueses. Camadas planas e montículos de areia branquíssima, degradação do itacolomito, brilhavam ao sol, como os que existem em torno de Diamantina. Aqui e ali, havia pontos negros, matagais de verde-escuro que, de vez em quando, a miragem transformava em altas florestas. Em certas partes a substância torna-se amarela e se assemelha muito às dunas baixas que acompanham a costa marítima. A rocha subjacente é, provavelmente, pedra calcária e a formação ir-se-ia estender por muitas léguas abaixo, em especial na margem esquerda. Não havia nada mais pitoresco do que aquele trecho do Saara, particularmente tendo ao fundo um pedaço sombrio do céu setentrional — ali sinal de vento e não de chuva — e, diante, o rio brilhante como aço, colorido pelo ouro do sol poente.

O canal principal do leito do rio corre muito para noroeste de Xique-xique, mas não havia água suficiente para que navegássemos em direitura. Tem cerca de duas milhas de comprimento, passando ao sul das ilhas do Gado<sup>5</sup> e do Miradouro.<sup>6</sup> Fomos, portanto, forçados a ladear toda a margem ocidental da última dessas ilhas, que tem pelo menos sete milhas de comprimento, e quatro milhas de largura no máximo. Na extremidade nordeste, o canal navegável, continuação da ipueira sem saída, vira para o sudoeste a fim de chegar a Xique-xique. São, pelo menos, oito milhas de extensão, sem contar as numerosas voltas. É a barra da Picada, assim chamada por causa de um lugarejo que há na sua boca. Há outra passagem, praticável noutras ocasiões, entre o curso do rio principal e a ipueira: chama-se barra da Esperança. Passa entre a ilha menor do Gado e a do Miradouro. Esse trecho do São Francisco é muito complicado e a rede de canais dificilmente pode ser entendida sem um mapa.

A grande artéria alarga-se para mais de uma milha e é marcada por montículos de areia branquíssima, colocadas na mais virente e escura vegetação, em frente da boca da barra da Picada. Esse canal começa com uma largura de 500 pés entre a terra firme e o Miradouro, que é sua extremidade nordeste, finaliza numa ponta pantanosa, a ponta da Ilha. A largura logo diminui para 200 e 150 pés onde ele se encontra com a ipueira a nordeste de Xique-xique, alarga-se para 700 jardas. No começo faz uma longa curva em feradura para o oeste. Depois disso o curso é direto. A profundidade permite barcos em qualquer época do ano e a largura não é bastante para permitir a formação de ondas. A tranquilidade, especialmente

depois das dificuldades opostas pelo grande rio, fez-me lembrar as lagunas da África Ocidental, que, acompanham as praias do mar agitado e que tanto ajudam o embarque dos navios negreiros. As margens baixas, de ambos os lados, a vegetação densa, às vezes interrompida por um barranco nu, e as pequenas manchas de roças, com seu verde-claro, rodeadas de rudes cercas de pau, traziam-me ao espírito, com nitidez, a lembrança do Whydah de Daomé.

Passamos por algumas casinholas cobertas de telhas na margem direita do canal e a capela, caiada de branco e o lugarejo de Santa Ana do Miradouro, na margem leste da ilha. Entramos então na larga boca da ipueira — nessa época do ano um braço sem fim — e encontramos ancoragem segura onde o incômodo vento do norte não podia acarretar muito dano. No porto havia algumas conoas de pescadores e vendedores de melancias. Estava também uma barca amarrada à margem. Outra estava sendo calafetada à margem. Acima de nós erguia-se a cidade que não era menos “divertida” que suas vizinhas. Pandeiro e canto, dança, risadas, gritos de aplauso, prorrogados até a madrugada, revelavam que, apesar da ausência de festa, não faltava a folia.

O dia seguinte começou tão mal, com nuvens de vento, que decidi dar folga à tripulação e proporcionar a mim mesmo uma curta visita às lavras de diamante mais próximas. Começamos por visitar Xique-xique. O “porto”, ao longo da margem oriental, é formado por um molhe natural, pequeno rochedo nessa época do ano cerca de quatro pés acima da água. O material é um silicato de cal cinzento esbranquiçado, tendo em certos lugares, granulações de carvão férreo e apresentando conglomerados de quartzo grandes e bem disseminados; como contém sílica e boa proporção de argila,<sup>7</sup> pode fornecer o melhor cimento hidráulico. As principais pedreiras de cal são esta e a da Lapa. Xique-xique envia acima e abaixo do rio anualmente, entre Vila da Barra e Juazeiro, de 1.500 a 2.000 alqueires. Na praia estavam canoas cheias da melhor melancia. Os cavalos estavam sendo lavados pelo processo usual de atirar água sobre eles de uma grande cabaça. Rapazes *in naturalibus* prepararam-se para tomar banho. Lavadeiras e carpinteiros ocupavam-se com seus afazeres. Os colhereiros (*Platyrrhynchus*) passeavam entre as pequenas canoas de uma só peça que haviam trazido peixe em quantidade para ser vendido. As aves não progrediram com a civilização. A delicada plumagem rósea tornara-se cinzenta com a lama.

No alto do barranco verificamos que se deixara um amplo espaço junto ao rio, com cruzeiro central, apoiado em pedestal de pedra. No

fundo, voltada para oeste-noroeste, está a capela do Senhor Bom Jesus do Bonfim.<sup>8</sup> É uma pobre e mesquinha igreja de tijolo e cal com alicerces de pedra. A fachada grotesca, como de costume, tem quatro janelas e não há torres para campanários. O interior, outrora lugar de enterramentos, ostenta um altar azul e dourado, com um teto pintado com afrescos e dois altares laterais, onde fizeram ninho as andorinhas. As paredes exibem um único papel certificando a ocorrência de um milagre, datado de 1804, e a irmandade consiste em três velhas, duas de hábito preto e a terceira com o cordão branco de São Francisco.<sup>9</sup> A cidade estende-se de ambos os lados e por trás da igreja, formando uma cruz truncada. As casas próximas do rio mostram uma marca de água de dois pés de altura. Serão facilmente elevadas por meio de plataformas. As enchentes não atingem as partes mais altas, e os moradores alegam, com razão, sem “assento”<sup>10</sup> é o melhor que há em relação ao rio. As chuvas pesadas começam em outubro e vão, com interrupções, até maio. As cheias duram cinco meses, de novembro a abril. Na verdade já há um braço de rio de seis palmos e o fato do curso de água ser indireto em Xique-xique faz com que a elevação de quatro ou cinco pés no São Francisco corresponda a um pé na povoação.

É interessante visitar e descrever esses lugares, hoje as mais atrasadas das “rancharias”, mas destinados a se tornarem centros de poderosos Estados. Xique-xique se estende mais ou menos do norte para o sul; como de costume as ruas são paralelas ao rio, retas, e ali têm largura quase suficiente. O calçamento é ainda desconhecido, mas fragmentos de carvão férreo esparsos no chão tornam impossível a poeira e a lama. Uma praça triangular, a sudeste da igreja, cerca uma câmara-cadeia isolada. As barras de ferro da última estão presas em armações de madeira. Mais para o norte fica um cemitério bem cuidado, com muros caídos e catacumbas incipientes. Uma casa nobre, com sacadas de grades de madeira espalhafatosamente pintadas e alguns meio-sobrados foram construídos. O resto são casas térreas, com grandes quintais e “jardins suspensos” pequenos de gerânio, manjerição e alfazema,<sup>11</sup> de cebolas e verduras. Esses jardins consistem em geral de uma canoa velha sobre estacas, fora do alcance das formigas e dos porcos. As casas devem chegar a umas 180 mas muitas só se abrem nos dias de festa, quando 1.500 almas ali encontram acomodação.

A região por trás da cidade é um campo com vários cactos, formando um contraste. O anão da família é o quipá, com seu grande figo carmesim, tão apreciado pelo papagaio (*Psittacus cactorum*) que seu bico se torna vermelho. Outro pigmeu é um

bulbo de cerca de um pé de diâmetro (*Melocactus* ou *Echinocactus*, enrugado como um melão e protegido nos ângulos por temíveis espinhos. Ao alto há uma inflorescência, semelhante ao fez usado pelos turcos, chamado cabeça-de-frade.<sup>12</sup> Os cavalos acostumam-se a apreciar a substância esponjosa e macia que a planta tanto se esforça por preservar. Isto os mantém em boas condições e alcançam preço mais elevado que os animais que se recusam a essa alimentação. O povo afirma que os cavalos e bois aprendem a abrir o exterior bem defendido da planta, quebrando-o com o casco. Há também a *Opuntia* comum e o xiquexique,<sup>13</sup> que é plantado em sebes e deu o nome à localidade. Segundo o Sr. Halfeld, esta é uma espécie de cactus que, assada e descascada, tem gosto de batata ou batata-doce. Essa expressão quase geral é usada diferentemente em diversos lugares. Nesta região, aplica-se especialmente a uma cactácea semelhante a um órgão, que é quase uma árvore; os ângulos variam com os anos: na juventude tem muitos lados e no fim da vida é quase cilíndrica. O formato também é diverso. Ora estende-se como uma serpente pelo chão, ora levanta-se firme, verticalmente. Uma espécie tem uma flor carnosa e branca, semelhante à flor-de-serra; outra (*C. mamillaris*) é manchada com uma lanugem branca, que parece tirada de um carneiro e que quase oculta a flor vermelho-escura. No curso inferior do São Francisco ainda encontraremos outras formas.

Surpreendi-me ao ver, em lugar tão rico em cactus, cabras tão pequenas e raquíticas, ao passo que os carneiros eram os melhores do Brasil e sua carne, com justiça, preferida à carne de vaca. Dificilmente poder-se-ia encontrar uma pastagem naquelas terras, salvo de espinhos. No entanto há uma perfeita assimilação do alimento, como na Somália e nas campinas orientais dos Estados Unidos, que mantém os animais em ótimas condições. Os cordeiros têm lã espessa, que desaparece no adulto. Destes alguns são brancos, outros castanhos, todos com lã escassa e não poucos têm barba. Sua criação não dá trabalho. Os donos, contudo, têm o cuidado de, durante a noite, prender os carneiros em currais de trinta a quarenta animais em cada um.<sup>14</sup> O preço habitual é de 2\$000 a 3\$000 quando o animal é muito gordo. Os cavalos pequenos, mas resistentes e com sinais de bom sangue, custam 60\$000. Mulas, resistentes para viagem, que vão até Jacobina (sessenta léguas curtas) em quatro dias, valem de 80\$000 a 100\$000. O gado tem bom aspecto e não parece ser atacado por carrapatos e bernes. Além da criação de gado, a região fornece anualmente, de 1.000 a 2.000 alqueires de sal ao alto São Francisco. A mandioca, plantada antes e colhida depois das chuvas, dá boa farinha; milho e excelente fumo vêm da serra de Assuruá. Os habi-

tantes se orgulham de que sua terra é das mais ricas, senão a mais rica das proximidades do rio: produz ouro e diamante, peixe e sal. e as carnaubeiras crescem, formando vastas matas.

Depois de alguma dificuldade, consegui alugar por 3\$000 cada um, um cavalo e uma mula, com o dono servindo de guia. Ciriaco Ferreira era um negro velho, alto e magro, com um aparelho mastigatório dos mais esquisitos, testa pequena e franzida. Consultou-me, sem qualquer vexação, diante de sua mulher, a respeito de certa enfermidade galicana. Aqui mesmo os brancos conversam sobre esse assunto na presença das famílias, como se se tratasse de um resfriado. As freqüentes mutilações que agora começam a chamar a atenção procedem do uso, ou melhor, do abuso dos mercuriais, aos quais se ajuntam a ignorância e a falta de cuidado dos pacientes que, mesmo quando os ossos faciais estão atacados, continuam a tomar bebidas alcoólicas e rapé.

O nosso negro tinha sido um escravo bom e fiel. Uma falsa idéia de caridade o emancipara e, com a liberdade, surgiram os males de sua raça. Festejando, como um cachorro de estimação, os que conheciam sua origem, tornou-se um mastim em relação a nós: grosseiro, teimoso como uma mula, demorava-se quando queríamos avançar, andava em nossos calcanhares a todo momento e, com real estilo servil, começou a dar ordens. Os viajantes que têm aversão visceral por uma briga, às vezes são forçados a aceitá-la. Quando isso acontece o único recurso é "ir para frente"<sup>15</sup> com toda disposição. Foi o que aconteceu. Algumas palavras violentas e ameaça de vias de fato fizeram logo o escravo voltar à sua posição, mas, de vez em quando, ele ainda deixava escapar um arrebatamento de homem recentemente livre.

Descendo a rua das Flores, entramos num campo livre, em direção a uma serra comprida e pedregosa com o cume chato, a sudeste da localidade. Essa serra do Pintor seria visível por vários dias rio-abaixo. Parece um cone truncado, com um segundo plano erguendo-se acima, em uma serra em aclave. Algodoeiros de tamanho menor que o habitual cresciam nos arredores. A zona seguinte, Praia Grande, apresentava argila cortada por piritas de ferro que, não sendo neutralizadas pela cal subjacente, devem produzir o nocivo ácido sulfúrico. Nosso caminho acompanhava a margem esquerda da grande ipueira funda que, ao alargar-se, forma uma lagoa em torno de uma ilha central, coberta de mato; subindo para a nascente, ela envia a sudeste um canal, ou braço navegável, que iríamos em breve ver. A fazenda da Prainha era instalada sobre solo mais sáfaro que produzia

somente espinheiros anões. Ligado ao rancho, contudo, havia um grande curral feito de troncos de palmeiras. Em torno dele vagueavam os carneiros mais gordos. Encontramos pouca gente na estrada. Todo o mundo estava armado, e a maior parte falava acerca de um assassinio em três atos: uma cachaçada, uma facada e um tiro. Um velho proprietário viajava com duas enormes garruchas saindo do coldre, acompanhado de um escravo com uma espingarda ao ombro. Cena típica era a de um homem a cavalo e a mulher a pé, carregando a criança. Os tropeiros em suas maioria andavam a cavalo. Mas estávamos entrando na região do boi de carga. Aqueles homens afirmavam que viajavam o dia inteiro e não só até o meio-dia como os tropeiros das províncias do sul e que assim percorriam número bem maior de léguas. Quase todos eles, porém, iam montados em selas suportadas por duas bruacas,<sup>16</sup> que levavam sal e cereais. Além do mais as léguas são aqui mais curtas e é fácil fazer duas em hora e meia.

Meu companheiro não podia viajar sem querer beber água, o que divertia muito os brasileiros. Para esse fim paramos na fazenda de Suassica, uma das muitas fazendas de criação — casinholas de telha, ranchos e grandes currais — espalhados a curtas distâncias uns dos outros. Dois rapazes, filhos de um proprietário vizinho que, com meia dúzia de mulatos em torno, jogavam dominó em um quarto rebocado de barro, com redões estendidas, chegaram à porta e nos convidaram a aprear. Terminado o café vieram as perguntas do costume: “Pois que trouxeram de negócio?”<sup>17</sup> A resposta inevitável constituiu uma charada para todos os espíritos. Devem ter pensado que haviam acolhido indesejáveis “diabos”,<sup>18</sup> homens do governo e não viajantes nada angélicos. Mas mantiveram a cortesia até o fim e seguraram nossos estribos no momento em que montamos.

Além de Suassica o solo é coberto de uma areia funda, cor de ferrugem e, pouco depois, passamos, como indicavam as paredes das casas por uma argila vermelha cor de sangue. Tinha manchas de cal e devia ser fertilíssima. A faveleira (*Jatropha arborea*)<sup>19</sup> raquítica perto de Xique-xique, era agora uma árvore alta e vigorosa. As espinhentas mimosas e acácias estavam carregadas de flores douradas e prateadas. O encantador imbuzeiro perfumava o ar. O terreno era baixo ali e a árvore quase roçava no chão os galhos carregados, como as figueiras selvagens nas margens do rio Congo. Muitas árvores tinham as cascas lisas e as hastes retas das mirtáceas, especialmente o pau-branco, que fornece duríssima madeira, contrastavam curiosamente com a retorcida imburana<sup>20</sup> (*Bursera leptophlocus*,

Mart.) cujo tronco é coberto de saliências amarelas, uma cutícula que, descascada, expõe a camada verde-azulada de baixo. Essa árvore produz uma resina ou bálsamo de cor amarelo-esverdeada, parecida com a terebentina. Seu cheiro é muito apreciado pela abelha silvestre, como se vê pelos muitos lugares cortados a machado para se alcançarem as colmeias.

Aquelas faixas de florestas abrigam, principalmente nas orlas, grande variedade de aves. Lavadeiras atravessam os espaços abertos, grandes papagaios verdes gritam nas árvores e araras, das duas espécies comuns, a vermelha e a preta, aparecem-nos pela primeira vez em estado selvagem. A grande pomba-azul e de asas-brancas de Diamantina, aqui chamada pomba-verdadeira, é uma visitante das montanhas. Segundo parece, prefere as formações de itacolomito. A alma-de-gato, grande coprófaga de cor castanho-claro procura lagartos e outros animais pequenos. Nos galhos mais altos, sobretudo nos arbustos, embalança-se uma ave branca como a neve e com as penas das asas negras. Era provavelmente uma muscicapa. Pela primeira vez a víamos. La no alto do céu voa o urubu-caçador, de cabeça vermelha e asas com listas prateadas.

Atravessamos devagar aquele interessante trecho de mata e então chegamos a um pedaço de cenário africano: sebes de cactos cercando um vasto campo, cujas árvores tinham coisa de três anos de idade. Era a fazenda do Saco dos Bois, com uma capelinha de Nossa Senhora do Amparo e algumas casinholas habitadas pelos proprietários em parceria. Fomos civilmente recebidos por um homem que estava descansando *status in umbra*, sob um copado e então e então florido juá.<sup>21</sup> O local é elevado, nunca inundado, ainda que a poucas jardas do canal, o braço sudeste da ipueira, pelo qual passamos perto da fazenda da Prainha. A água estava então correndo para a lagoa de Assuruá que ela enche durante as chuvas e da qual serve de sangradouro durante o período da estiagem. Estava coberta de aves aquáticas, mas o líquido era tão lamacento e sujo que nossos animais recusaram-se a tocá-lo. O bem-educado agricultor, já que não posso chamá-lo de roceiro, aconselhou-nos a não perder tempo. A montanha, que antes parecia paredão azul, agora parecia próxima e podíamos distinguir faixas de rochas brancas e manchas de capim queimado pelo sol. As distâncias são porém ilusórias naquela atmosfera límpida. O calor era o habitual, mas pesadas nuvens de tempestade surgiam para o lado do poente — o especialmente chuvoso.<sup>22</sup> Os montes devem atrair todas as chuvas para a serra e o ar úmido vem de todas as direções. Estavam todas rezando pelas

chuvas "da mangaba" (*Hancornia*)<sup>23</sup> ou do puçá (*Mouriria pusa*, Gard.), chuvas que acompanham o aparecimento dessas frutas.

Deixando a fazenda do Saco às quatro horas da tarde, novamente entramos na areia funda, com um labirinto de caminhos entrecruzados entre touceiras de capim enfezado. A poucos metros ficava a orla setentrional de um grande carnaubal que se estendia por quatro léguas de distância, de nordeste para sudoeste, bastante grande para abastecer o rio inteiro com velas. Encontram-se aqui todas as formas, idades e tamanhos da palmeira, desde a infante de um pé de altura até a alta e fina adulta, que um sopro poderá derrubar. As copas sopradas pelo vento, faziam tremenda força, e alguns troncos caíram prostrados pelas ventanias nordeste, como as finas aléias que a metralha abre numa coluna de homens. Em outros lugares a água permanecia no chão lamacento e os troncos das árvores, segurando as ervas flutuantes, mostravam a altura da enchente: efeito curioso quando as palmeiras são numerosas. Durante as maiores inundações grande parte do carnaubal tem de ser atravessado em canoas.

Depois de uma cavalgada de duas horas a carnaubeira começa a entremear-se com exemplares estranhos: a árvore chamada baú, o murici (*Byrsonima verbascifolia*), o puçá e a mangabeira. Pouco depois o bosque desapareceu de todo e avistamos à direita a lagoa do Pintor, rodeada de vegetação, com cerca de 200 jardas e largura, com uma ilha central, coberta de plantas aquáticas. Durante as enchentes fica ligada com o ramo sul-oriental da ipueira e em certas ocasiões aparece quase seca. Entre as árvores, para além da água, há algumas cabanas, cujos moradores não parecem tomar conhecimento da riqueza que têm diante deles. A lagoa recebe das encostas das montanhas alguns regatos diamantíferos e as pedras devem nela depositar-se. É preciso, porém, a dragagem artificial e tais operações estão completamente fora das possibilidades dos atuais habitantes da terra.

Logo depois, chegamos ao pé do monte, atravancado com blocos pequenos e grandes de pedra, rolados das alturas. Este é o contraforte da serra do Assuruá, cadeia meridional que prolonga a formação da Chapada Baiana. A ladeira é uma sucessão de degraus, pedras soltas e lajes, entre os quais aparece o solo areento. Chegando ao cume do monte, voltamos para ter uma vista do "Tabuleiro"<sup>24</sup> sobre o qual passáramos. As grandes salinas que fornecem sal ao rio lá estão, em manchas brilhantes, e a lagoa de Assuruá, com cerca de uma légua de comprimento, está cercada de montes de areia, como os lençóis do rio São Francisco. A lagoa recebe as águas da serra do

Pintor, e a aldeia Itaparica, sita em sua margem, nela pesca peixes no valor equivalente a £300 por ano, o que não é importância desprezível no lugar. Os moradores falam a respeito de enormes cardumes que aguardam exploração.

Descendo a contra-escarpa da elevação vimos, abaixo de nós, um pequeno “serviço”, com uma só casa e alguns ranchos de capim, de ambos os lados de uma estreita garganta de pedra. O riacho do Pintorzinho corre, como os cursos de água vizinhos, de nordeste para sudoeste, e alimenta a lagoa do Pintor. Não tínhamos cartas de apresentação, mas batemos à porta e apresentamo-nos ao proprietário, capitão José Florentino de Carvalho, que após os labores diários, descansava à sombra de uma figueira. Essa figueira, seja dito, era uma figueira-selvagem, que leva apenas oito dias para cobrir-se de densa verdura, tal é a fertilidade excepcional daqueles solos de itacolomito nos raros lugares em que são férteis. O capitão e sua mulher vinham mineirando diamante naquela ravina desde 1864. Deu-nos um surubim excelentemente cozido, com os acompanhamentos habituais de pirão e molho de pimenta. A “Dona”<sup>25</sup> ofereceu-nos uma xícara de cheiroso café, as redes foram armadas num quarto sob a figueira e teríamos dormido como justos não fora a pesada chuva que caiu à meia-noite e o tremendo ronco do Sr. Ciriaco Ferreira. Não posso chamar aquilo de ronco; o ruído era como o de alguém que estivesse rasgando uma peça de morim mais forte e mais nova que encontrasse. Quando ele não roncava, tossia — o lugar era muito próximo; como o leopardo não pode mudar as manchas da pele, a pele do negro, mesmo de um homem livre, continua negra. A convivência com um hamita não nos dispõe a seu favor.

A manhã seguinte foi quente e agradável, mas chuviscava e parecia anunciar chuva para a tarde. Nosso guia sem graça era oito ou oitenta. Assim resolvemos visitar sozinhos Santo Inácio. O caminho seguia por uma sucessão de morros de bela variedade, formando regos em formato de prismas, cujas águas cristalinas, deliciosamente límpidas e puras, iam cair na lagoa Assuruá, onde o itacolomito se apresenta em toda a sua grotesca originalidade. Formava figuras de animais estranhos, cabeças colossais, máscaras, arcos, túneis e funis, formados e trabalhados pelo vento e pela chuva. Enormes portais, paredes ciclópicas a sotavento, lisas e sólidas, do lado do vento costuradas em filas de alvenaria com imponente seqüência. O quartzo granular não era tão finamente laminado como na formação do Serro. Uma parte era branca, dura e polida como bloco de mármore, e, à primeira

vista, poderia com facilidade ser confundida com pedra calcária, como mostra o leito do rio que, ali como em Diamantina, guarnece o arenito. É também mais geralmente manchado como o óxido de ferro e tem largos veios de quartzo que, às vezes, formam camadas externas. O quartzo cristalizado e a matéria ferruginosa externamente vulcanizada, apresentam-se esparsos. Uma feição característica também notável na Chapada Baiana a leste, é um conglomerado em bloco, não de cascalho que se parece com o *old red* (vermelho velho) da Escócia. Os enormes blocos, muitos deles pesando várias toneladas, continham seixos proporcionados, alguns rolados, outros angulares, ora inteiros, ora fragmentados, como caroços de amêndoas pela metade. A dura pasta do arenito, com incrustações de pórfiro multicolorido, pode ser cortada em lajes de grande beleza.

Atravessamos o riacho Largo, estreito valo à frente de alto penedo; sua água deliciosa, prerrogativa das terras do itacolomito, irriga uma pequena faixa gramada muito verde. Além dele, em três lugares a rocha se degrada em areia de um branco estonteante e esta, nos níveis baixos, onde crescem os espinheiros, passa para o solo, ficando castanha, em virtude de leve camada de húmus. Chegamos enfim ao ponto mais alto; um largo lençol de arenito que apresenta depressões e buracos como as marcas deixadas pelos cascos dos cavalos. A vegetação era a mesma do Serro: a mimosa anã e a canela-de-ema (*Vellozia*), com poucas polegadas de altura, quando em Minas Gerais alcançava alguns pés. À direita a vista alcançava as planícies arenosas reveladoras das enchentes e onde brilhavam outras salinas; à esquerda ficava uma antiga exploração de diamantes, da qual se retirara a areia, retida pelos grandes rochedos. Em frente e abaixo de nós ficava a pequena aldeia de Santo Inácio, à margem esquerda de um córrego, cujo estreito vale limitado, no lado mais afastado, por um íngreme paredão de pedra, disposto em camadas, montões e picos. A vegetação verde e amarela revelava a pobreza do solo.

Entramos a pé na aldeiazinha de mineração, provocando grande espanto dos moradores. A povoação tinha uma rua Formosa, um alargamento com o nome de praça, uma miserável capela, por cortesia denominada igreja, e homens com chapéus "panamá", casacos pretos e macacões brancos. Toda segunda-feira há uma feira, freqüentada pelo povo distante e longínquo. Umas 150 a 200 libras podem mudar de mão. Os preços são elevados. O que custa na costa \$100, chega aqui a 1\$000. Encontramos a loja de um mineiro de Formiga, que surgiu excepcionalmente civilizado entre os "atrasados",<sup>26</sup> da raça

dos provincianos, que ainda se gabam de ser a capital eclesiástica do Império. O pequeno estabelecimento negociava em quinquilharias provisões, latas de pólvora inglesa, panelas e terrinas, cebolas, alho, sardinha em lata e cachaça em garrações. Como a mulher não estava bem, não pudemos almoçar, mas tomamos café e comemos biscoitos sob as vistas do homem de pele trigueira, cuja principal função parecia escarrar. Esse hábito é generalizado no Brasil como nos Estados Unidos. Talvez o clima do Novo Mundo tenha contribuído para preservá-lo da extinção. Os brasileiros disseram-me que ele é preservativo da obesidade.

Desde 1803 sabia-se da existência do ouro na serra de Arassuá e foi lavrado em 1836. A lavagem do diamante começou em 1840, em Santo Inácio, de onde foi então transferido da municipalidade de Urubu para a de Xique-xique, e a primeira escavação, perto da Pedra do Bode, um pouco abaixo do córrego, ainda não se exauriu. Em 1841 a chapada do Coral, cerca de vinte léguas ao sul, revelou ter cascalho, do qual se extraíram peças de ouro pesando quatro libras. Em 1842-1843, Mucujé, na comarca de Rio das Contas,<sup>27</sup> tornou-se Santa Isabel do Paraguaçu, cabeça de sua região. Atualmente são encontrados depósitos diamantinos em Lençóis, assim chamada por causa dos lençóis de rocha encontrados no pequeno rio desse nome, cabeceira ocidental do grande rio Paraguaçu. Esse lugar não passava de um povoado no município de Rio das Contas. A descoberta foi reivindicada por um Sr. Fertin, francês, depois estabelecido na Bahia. Narra-se, contudo que antes de 1844, um grupo de escravos havia recolhido em vinte dias cerca de 700 carats que ofereceram à venda. Esses "garimpeiros"<sup>28</sup> foram postos na prisão, mas se recusaram a revelar as explorações. Foram então postos em liberdade, vigiados e presos ao trabalhar a meia-noite. Em 1845 Lençóis, que pertencia ao município de Rio das Contas, foi autonomizada. Atualmente uma migração de 20.000 almas ocorreu ali. A cidade ganhou importância.<sup>29</sup> O Sr. Reybaud, cônsul de França na Bahia, calculou, da data do descobrimento (1º de agosto de 1845), uma produção de 1.450 carats por dia, num total de 400.000 carats, quer dizer 18.300.000 francos.

Na costa, subimos pelo córrego para visitar a lavra de nosso amável hospedeiro. A parte inferior do leito pertence a outro dono, que dispendo de água com facilidade, pode lavar durante o ano inteiro. Ali encontramos uma fenda da rocha convertida em "canoa" ou "batedor". O cascalho é ali lançado e os diamantes são detidos por travessas. Seguindo pela margem esquerda, chegamos a um

poço com cerca de 20 pés de profundidade. Ali o proprietário, sentado em uma cadeira de braços, tendo na mão um livro e uma boceta de rapé, superintendia os trabalhadores que poderiam, de outro modo retirar-se ou deitarem-se a dormir se, ao menos, não encontrassem nada que furtar. Dois homens, munidos de alavanca e almocafre, retiravam do barranco uma pedra e raspavam o desmonte de areia da inundação, que era levado para junto do poço por uma rapariga, um rapaz e um menino, todos negros. O cascalho precisa esperar pelas chuvas para ser lavado. Aqui as grandes inundações ou as chuvas, mesmo escassas, são bem-vindas. O nosso hospedeiro queixou-se de que o alto custo dos salários não permitia qualquer lucro, o que não me surpreendeu. As obras de profundidade em tão pequena escala não podem ser compensadoras. A formação é ali chamada pé-de-bateia, pequenas pedras escuras, semelhantes a limalha de ferro, que permanecem no fundo da bateia. Há também a fava, a ferragem e fragmentos de argila clara ou verde-clara, deslealmente chamada bosta-de-barata. O capitão mostrou-me um picuá,<sup>30</sup> com pedrinha amarela. Os diamantes são, pela maior parte, pequenos, sendo maiores os produzidos pelo poço de meio vintém, um grão, ou um quarto de quilate. O riacho do Pintorzinho chegou a produzir uma pedra de dois vinténs e um córrego vizinho, uma de quatro vinténs. Em ano anterior foi encontrado um diamante de meia oitava (quatro quilates) e disso resultaram “dificuldades”, terminando num assassinato e desaparecimento da pedra.

Despedimo-nos do nosso amável hospedeiro, o capitão e a “Dona” e regressamos a Xique-xique, com a maior presteza possível. Aquela curta excursão provou-nos que a “cidade do cacto” tem em torno de si terras de grande fertilidade, montanhas de clima saudável, mal arranhadas na pesquisa do ouro e diamante; em resumo, todas as condições necessárias a uma capital. Está ligada ao litoral via Jacobina, Lençóis e Caitité<sup>31</sup> e, para oeste às províncias do Piauí e Goiás. Podemos facilmente prever que, não obstante o satírico, alguém poderá no futuro orgulhar-se de

#### *Ser barão de Xique-xique*

*11 de outubro* — Deixamos facilmente a barra da Picada, que é, no entanto, ainda mais tortuosa do que consta do mapa do Sr. Halfeld, e depois de três horas tomamos a artéria principal. A esquerda continuava a mostrar os outeiros limitando o vale, ora escuros de vegetação, ora manchados de areia branca ou amarela. Essa paisagem se repetiria por onze léguas rio abaixo. A terra é árida em toda parte e os principais aspectos eram o carrascal e a salina. À

tarde passamos pelo arraial da Boa Vista da Esteira, povoado com a capela e cerca de cinqüenta casinholas, à margem direita. Pouco depois ancorávamos numa coroa, chamada ilha da Manga ou da Porta. Existe ali rica formação diamantífera e as gaiotas, impacientes como sempre, com a presença do homem, gritaram durante toda a noite, justificando o epíteto de “bicho aborrido”<sup>32</sup> que lhe deu Agostinho.

*12 de outubro* — Estávamos na iminência de entrar em Porteira ou funil, onde o rio, depois de se espriair até cinco vezes a largura, era comprimido em 1.500 pés. De ambos os lados erguiam-se enormes penedos, alguns nus, outros elevando-se sombreados pelas linhas verdes dos arbustos aquáticos, alguns enfezados, outros caídos formando blocos que o enfrentam de alguma distância. Descendo ao longo da praia de areia, passamos com infinita dificuldade pela primeira porteira. À margem direita fica a pequena vila de Tapera de Cima, com uma larga ipueira. Do lado oposto ergue-se a Pedra da Manga, projetando para o sul na corrente, um morro semelhante ao de Santo Antônio, de forma prismática, com cerca de 100 pés de altura e metade da largura, vermelha em cima e escura embaixo. Aqui começa o grande depósito de ferro magnético, de itabirito ou jacutinga que já visitamos em Sabará e Gongo Soco. Ainda não foi feito nenhum exame do ouro, ao que eu saiba. A direção do metal é norte, tendendo para oeste, e sul, tendendo para leste<sup>33</sup> e se estende nos dois lados do São Francisco.

Abaixo desse portão principal, o rio, correndo para nordeste, alarga-se consideravelmente. O vento geral que havia sido intermitente na madrugada, trouxe-nos agora uma brisa fria e chuva violenta, que nos deixou tremendo de frio, embora o mercúrio marcasse 73° F, acima da temperatura de um confortável clube nas Índias Ocidentais. Acostamo-nos a uma coroa até que a tempestade esgotasse a sua fúria e enfrentamos então o segundo portão. Outra vez ali os penedos de ambas as margens se defrontam e ambos são continuados por praias de um morro arredondado. Ao norte ficavam as cabanas da Tapera de Baixo, tendo atrás um morro arredondado e ao sul as pedras “do Ernesto”. Desembarcamos na última, curta fileira de cabanas com uma única casa de paredes caiadas. Ali, o espinhaço da rocha, prolongando a elevação atrás, dirige-se a noroeste; é dividido em blocos, apresenta clivagem, bem como estratificação. Fragmentos de pedras, tomados ao acaso, movem a agulha magnética em torno da rosa-dos-ventos. A substância parece mais dura e compacta que a que víamos em Minas Gerais.

Ao deixar a segunda porta, que termina num rochedo arenáceo à esquerda, de novo alargou-se o leito do rio. Mais uma vez os nimbos cinzentos no céu roxo do norte mandaram-nos fortes rajadas de vento e a chuva obrigou-nos a ancorar por três vezes. O piloto concluiu afinal que estávamos na época das chuvas e lamentou ter saído de casa. Pouco depois chegamos a um banco de areia no rio e preparamo-nos para passar a noite. A oeste ficava um pico azul perdido na distância. Estávamos então colocados quase paralelamente a Paranaguá, no Piauí, nas cabeceiras do grande rio Parnaíba do Norte,<sup>34</sup> na serra que separa os dois vales, chamada nos mapas serra dos Dois Irmãos e ali serra do Piauí.

*13 de outubro de 1867* — Como não tínhamos nenhum trabalho que fazer naquele dia, resolvemos experimentar uma noite em lugar de menor interesse. A lua estava quase cheia e os troncos submersos já não metiam tanto medo. De novo a lama amarela da margem revelava que o São Francisco tinha descido seis polegadas. Observávamos cuidadosamente todos os sintomas, desejando o máximo de enchente possível tendo em vista as cachoeiras. Às 3,10 da tarde manifestou-se uma neblina, ou melhor, um chuvisco, a primeira garoa que víamos desde que deixáramos o encantador rio das Velhas e, sob sua influência o rio apresentou um aspecto marítimo. Às 7 da noite avistamos na margem esquerda, coberta de verdura, o Serrotinho (Serrote do Verde, segundo o Sr. Halfeld), com dois cabeços de um verde mais claro. Um pouco ao sul dali, desemboca o baixo rio Verde, cuja foz tem cerca de 230 pés e cuja corrente permite uma ligeira navegação. Como seu xará, tem água bem salgada. A nordeste fica a serra do Boqueirão, comprida linha de penedos que se esvaem no horizonte, formando três blocos distintos. Na margem esquerda eleva-se uma colina sobre a qual está situada a vila do Pilão Arcado, fim desta travessia altamente interessante.<sup>35</sup>

### Notas ao capítulo LXIII

1. N.T. A expressão aspeada em português no original.
2. N.A. Deriva provavelmente de acaíá ou acajá (*Spondius venulosa*, em tupi *ibametara*), uma burserácea semelhante ao imbu ou imbuzeiro.
3. N.A. Sa nbaíba, povoado com milho estendido a secar em um «varão», ou armação de três paus; arraial de Porto Alegre, perto de uma elevação coberta de carnaúba e caatinga etc.
4. N.A. Água boa.

5. N.A. Essa ilha do Gado Menor fica a oeste da ilha do Miradouro, Há uma outra ilha do Gado (maior) que é o espaço que fica entre a ipueira sem saída e o leito do rio. Fica ao sul da Miradouro e só se torna ilha na época das cheias.
6. N.A. No mapa do Sr. Keith Johnston, Sant'Ana do Miradouro é dada como um vilarejo na margem oriental o São Francisco.
7. N.A. A pedra calcária hidráulica comum contém 15% de argila; a boa 16% e, nas que dão o melhor cimento, a proporção eleva-se para 25 e mesmo 30%.
8. N.A. Segundo o Sr. Halfeld, Nossa Senhora do Bonfim.
9. N.T. Existia no interior a Arquiconfraria dos Mínimos do Cordão de São Francisco, sodalício composto de gente modesta que teve vários atritos com a aristocrática Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. (V. Fritz Teixeira de Salles: *Associações religiosas no ciclo do ouro*. Belo Horizonte. Univers. de Minas Gerais, 1963, p. 102.)
10. N.T. Em português no original a expressão aspeada.
11. N.A. As mulheres apreciam em extremo essas ervas perfumadas e enfeitam seus cabelos com as flores.
12. N.T. O nome vulgar é coroa-de-frade.
13. N.A. Gardner escreve Shuke-shuke, conforme a pronúncia inglesa. Eu teria preferido a forma Chique-chique para a vila e xique-xique para a planta, mas a distinção não é aceita.
14. N.A. A variedade brasileira chamada no Amazonas «carneiro de cinco quartos» não se encontra na região.
15. N.T. Em português a expressão aspeada.
16. N.A. Essas sacas quadradas para selas de montaria são geralmente chamadas surrões de couro.
17. N.T. Em português a expressão aspeada.
18. N.T. Em português no original.
19. N.T. Segundo nota Mário Guimarães Ferri, não se trata de *Jatropha*, mas de *Cnidoscopus phyllacanthus*. (Ed. da USP, p. 264).
20. Saint-Hilaire (I, II, 105) explica imburana pelo guarani *ibirañae*, que significa *baril, sébille, tirviri*. Mas na língua geral a expressão *rana* equivale ao português *bravo* ou *bravio* e significa venenoso.  
N.T. Teodoro Sampaio, *Dicion. cit.*, define imburana como corruptela de *ymbu-rana*, o imbu falso, semelhante ao imbu (*Bursera leptophloeus*) do norte do Brasil.
21. N.A. Esse é o nome local do espinhoso juazeiro ou *Zizyphus*.
22. N.A. Segundo outros, o Nordeste é o quadrante chuvoso por excelência.
23. N.A. Saint-Hilaire (II, II, 215) menciona duas espécies de *mangaba, speciosa*, Gomes e a *M. rubescens*, Nées e Mart.
24. N.T. Em português a expressão aspeada.

25. N.T. Em português a expressão *aspeada*.
26. N.T. Em português a expressão *aspeada*.
27. N.A. Geralmente escrito Rio de Contas. O *índice* do IBGE registra Rio de Contas.
28. N.T. Em português a expressão *aspeada*.
29. N.A. Também se tornou cabeça da repartição ou Departamento Diamantino. Os bilhetes expedidos aos fiscozinhos custavam anualmente \$020 por braça quadrada. Agora custam 2\$000. Dão licença para estabelecer um garimpo.
30. N.A. A palavra tupi *pequeá* significa madeira em geral; é aplicada a um tubo de bambu de algumas polegadas de comprimento, do qual as pedras podem ser atiradas fora para que se deixem cair. Castelnau (II, 343) descreve *picois* «sorte d'étui fit d'une écorce très flexible». Os mineradores têm várias superstições acerca desses objetos.
31. N.A. Aliás Vila do Príncipe. A palavra é escrita de variadas formas, e. g. Caiteté, Caitité. Trata-se de uma corruptela de *Coatê*, floresta virgem. É assim sinônima de Caeté. Nos dias de Spix e Martius suas vizinhanças eram famosas pelo algodão. Chama-se hoje Caitité segundo a grafia do IBGE.
32. N.A. A palavra é originariamente *aborrecido*, detestável, enjoado, expressões fortes de *desprazer*. É contraída em *aborrido*. O caipira pronuncia-a *aburrido* que, se tivesse significação, quereria dizer *burricado*.  
N.T. Engano do autor. Trata-se do participio de *aborrir* e é empregado por autores de nota.
33. N.A. No mapa do Sr. Halfeld, a direção é aproximadamente de norte para sul. Provavelmente enganei-me. Aquelas formações desorientam de tal maneira a agulha magnética que são precisos cuidados especiais,
34. N.A. Saint-Hilaire (III, II, 250) interpreta Paranaíba como corruptela de Paraíba «rivière allant se jeter dans une petite mer». O Sr. José de Alencar fornece a verdadeira derivação: *Pará*, o mar; *nhanha*, correr, e *hyba*, braço corrente do mar. Três palavras da língua geral são facilmente confundidas: *hyba*, braço; *ayba*, aiba, botão; e *hybá*, *ibá* ou *iná*, árvore, especialmente frutífera, e usada freqüentemente como desinência.  
N.T. O *Dicionário* cit. de Teodoro Sampaio, especialmente a quarta edição revista por F. Edelweiss, Bahia, 1955, fornece uma interpretação mais correta. Paraíba vem de *pará-ahyba*, o rio ruim, impraticável. Paranaíba deriva de *paraná-ayba*: o grande caudal ruim, ou impraticável. Paranaíba, do Maranhão-Piauí é corruptela de paranaíba.
35. N.A. No mapa do Sr. Ketih Johnston e linha pontilhada do rio Verde é colocada a certa distância abaixo de «Pilau» quando ele entra no São Francisco a cerca de duas milhas a montante de Pilão Arcado.

## **CAPÍTULO LXIV**

### **DA EX-VILA DO PILÃO ARCADO À VILA DE SENTO SÉ**

**Oitava travessia, 31 1/2 léguas**

**Descrição de Pilão Arcado — Arruinada por guerras particulares — Grandes formações ferríferas — Novas tempestades — Má chegada à vila de Remanso — Descrição da vila — Reinício do trabalho — A grande curva para oriente do rio São Francisco — A palmeira tucum — Pedra calcária — Um morro de ferro: o serrote do Tombador — Conchas — O minhocão, verme monstruoso — Os salgueiros — Chegada à vila de Sento Sé.**

«Os rios Missouri e Mississipi, com as centenas de tributários, dão à bacia central do nosso continente seu caráter e seu destino.»

(Mr. Everett, 4 de julho de 1861)<sup>1</sup>

Pilão Arcado é ainda um mero lugarejo. Os fundadores encontraram aqui um pilão de madeira torto, daí o nome fruto de uma corruptela.<sup>2</sup> Um molhe natural de argila revestida de ferro projeta-se para o nordeste e arrebata a corrente para a margem direita, onde ela forma um saco. A corrente então escapa para o nordeste. A praia revela um conglomerado, constituído por um xisto macio, verde que é atravessado por veios de quartzo. Três ruas sem nome ou que não foram nominadas, correndo paralelamente à água, contêm cerca de 200 casas, inclusive a Casa Nobre, com janelas de madeira. A igreja de Santo Antônio é uma mera tapera.<sup>3</sup> O terreno que se ergue atrás da povoação mostra um solo castanho, onde cresce toleravelmente o algodão e cactos em quantidade; mais acima, está espalhado

no terreno quartzo branco e ferruginoso, com fragmentos de itacolomito de várias cores. Aqui o Sr. Halfeld localiza o começo do gnaiss ou gnaiss-granito, que logo depois passa a verdadeiro granito.

Nos velhos tempos, Pilão Arcado tirava ouro de seus morros, fabricou açúcar, que era escuro, mas toleravelmente pesado e de bom sabor, e, sendo o centro das Salinas, forneceu sal para as povoações de acima e abaixo do rio.<sup>4</sup> Tornou-se uma vila, sede de um termo e residência de um juiz de direito. Atualmente perdeu esse privilégio — “desvilou-se”.<sup>5</sup> As autoridades passaram para Remanso, a dezesseis léguas de distância. A causa principal dessa decadência foi uma guerra privada que durou várias gerações e que traz à lembrança as dos Percies de Northumberland. Tais coisas eram nos primeiros tempos comuns por todo o Brasil, como haviam sido na Europa, e traços de Montagues e Capuletos ainda são encontrados em muitas cidades do interior. As casas rivais eram aqui as de Guerreiro e Militão, nomes bem adequados com a ferocidade delas. O chefe da primeira, nos últimos anos era Bernardo José Guerreiro, enquanto a segunda era capitaneada pelo comendador Plácido da França Antunes, O famoso “valentão”<sup>6</sup> nove ou dez anos desafiou o poder do Governo Imperial, talvez caso único, e parece ter sido como o temível Defterdar do Egipto, um homem dotado de uma excepcional coragem pessoal. Em Vila da Barra eu vi uma de suas vítimas que tinha perdido ambas as mãos e ouvi falar de outra que, por uma ofensa mais grave, ele tinha castrado. Morreu em 1865<sup>7</sup> com a idade de sessenta e dois anos, e como foi dito de certo São Paulo da Escócia, Militão merecia o epitáfio: “Aqui jaz alguém que nunca teve medo da face de um homem”. Desde a morte dessa violenta personalidade, que será por muito tempo recordado como o “Brigador Militão”<sup>8</sup> Pilão Arcado e sua vizinhança conheceram dias tranqüilos. Mostrou-se-me como novidade velas aplicadas a um grande barco de transporte através do rio.

Resumindo nosso trabalho, encontramos o rio tendendo geralmente para nordeste, mas muitas vezes, quebrando para oeste, enquanto uma multidão de ilhas e bancos de areia faziam o curso muito sinuoso. O canal, às vezes com duas milhas de largura, continha mais terra seca do que água. Os braços eram às vezes maiores que o rio das Velhas e, em certas regiões, especialmente na margem esquerda, formara-se um estreito canal natural, “o paramirim” no Amazonas, pelos terrenos insulados, compridos e finos. Um pouco acima do Remanso Superior (Remanso do Imbuzeiro), o rio se curva subitamente, de nordeste para leste, com certo avanço para o sul. A região era agora populosa e, na margem esquerda, os

campos eram rodeados de cercas. Nas proximidades do rio cresce em abundância o capim-cabeludo, e acima há uma ondulação de terreno coberta de mato, com um cone verde azulado no plano superior. Na outra margem fica a serra do Boqueirão, extremidade setentrional da serra de Assaruá. Os blocos, separados por terreno baixo, por onde passam os cursos de água, eram bem definidos pelas sombras das nuvens e faziam face ao rio como rochedos em frente do oceano. Perto do cume há longas linhas brancas de um paredão perpendicular, regulares como se tivessem sido levantadas fortificações pelos Titãs. Abaixo fica a rampa marrom-avermelhada, aparentemente revestida de arvoredos anão, com as encostas nos ângulos habituais. O material é itacolomito, baseado segundo o Sr. Halfeld, em granito ou gnaïsse (granito xistoso).

No Boqueirão Grande, entre os penedos, o rio de novo se curva para nordeste e, um pouco abaixo, na Fazenda da Praia, há um rochedo perigoso no meio do seu leito. Logo depois passamos por Carauá,<sup>9</sup> na margem esquerda, uma grande casa branca e outras casas forradas de telhas, do “Brigador Militão”. Um olho de boi nos olhou ferozmente do lado do nascente e uma chuva com sol, bem africana, advertiu-nos de que deveríamos ser prudentes. Dirigimo-nos ao norte de uma coroa, chamada ilha do Bento Pires, devida a uma povoação composta de alguns ranchos, existentes na margem esquerda. Ali encontramos uma grande barca amarrada, na expectativa do temporal. Este só chegou depois que escurecera. Em compensação durou a noite toda.

*14 de outubro de 1867* — Avançamos cautelosamente pelo leito do rio, que nesse ponto é raso e eriçado de pedras. O vale é irrigado a leste pela serra do Boqueirãozinho, prolongamento da do Boqueirão. No cume há um tabuleiro alto, com belas terras férteis. Às 11 desembarcamos perto do Serrote Velho, o mais meridional dos três contrafortes em forma de pião que tinham sido avistados desde o amanhecer, parecendo então azuis e pequenos. O estreito barranco ostenta alguns ranchos miseráveis e apresenta um mato ralo em uma argila vermelha, ferruginosa demais para ser fértil sem cal. Depois de atravessarmos uma água imunda, atrás da povoação, galgamos a encosta da montanha. Há espalhados nela itacolomito vermelho, cortado por veios de quartzo com ferro magnético, a mais dura jacutinga possível, negra e amorfa. Como o combustível é abundante, e está à mão, o transporte fluvial e a força hidráulica farão algum dia aquele material se mostrar valioso.

Do alto do morro tem-se uma bela vista do rio, que ali é estreito, e o leito se torna perigoso em consequência dos troncos submersos, baixios e um grande rochedo no centro. Aqui também o Sr. Halfeld controlaria o rio por meio de faxinas — trabalho irrealizável. Passamos para a margem esquerda, com um chão pedrento, notavelmente rico em conchas que são agora comuns no rio e se prolongarão até as grandes cachoeiras. As que jaziam nas margens areentas estavam vazias. O animal parece preferir águas rasas perto das margens. A tempestade havia se voltado para o sul e o espetáculo parecia ameaçador, como a embocadura do rio Gabão antes de um tornado. O céu estendia sobre a terra nuvens quase negras, com nevoeiro branco-acinzentado em forma de algodão e a água brilhava com uma cor amarelo-pálida. Dois homens tomaram o leme agora. Súbito os rebojos<sup>10</sup> caíram sobre nós, impelindo a *Elisa* com fúria e despedaçando a superfície do rio. Fomos compelidos a remar através do rio, processo sempre arriscado, pois as ondas provocadas pela ventania encharcam a embarcação; tufo de arbustos emergindo revelavam o local onde antes havia uma coroa. Uma ondulação em arco à direita indicou a margem sobre a qual desembarcávamos, até que a *Elisa*, violentamente empurrada e sacudida, alcançou o lado seguro. No fim do trecho reto que vai de sul a norte, avistaremos Remanso. A localidade está numa ondulação de terreno que desce, gradualmente até a água funda e parada que deu o nome ao lugar.<sup>11</sup> De longe o aspecto é notável, mas a perspectiva de perto não proporciona muita coisa que se admire.

Uma única barca estava em construção no banco argiloso do rio, onde havia várias embarcações desmanteladas. A vila de Remanso, que há ainda oito anos era um simples arraial, estende-se ao longo do rio, de norte para sul. As casas amontoam-se em direção à água e os subúrbios se espalham pelo terreno mais alto. Em frente há uma grande ilha chata e, abaixo, o leito do rio estreita-se com bancos de areia e pedras. Para oeste, uma montanha azul se projeta da cadeia que divide os vales do São Francisco e do Parnaíba.<sup>12</sup> A jusante ficam o morro do Marco e a pitoresca serra do Sobrado, cujos cones retorcidos, cunhas e planaltos formam uma linha que parece um mar encrespado, estendendo-se em direção ao noroeste.

As casas da nova vila devem chegar a umas 300 e muitas delas mostram os sinais das cheias a dois pés de altura. As chuvas haviam deixado poças em todas as ruas e o calor úmido lembrou-me Zanzibar. Uma praça cheia de buracos ao norte ainda mostrava o coreto erguido para comemorar o dia da independência provincial, a 2 de julho. Há outro espaço aberto ao sul e a capela de Nossa Senhora do

Rosário, que parecia tão grande vista do rio, mas não passava de uma capelinha com uma sacristia arruinada ao norte.

O número de habitantes é de 1.500, mais ou menos. Os homens são ali tão pouco curiosos que, depois de viverem trinta anos num lugarejo de cinqüenta casas nunca haviam tido a curiosidade de contar o número de telhados e cabeças. Encontramos, contudo, um sinal de civilização: o alfaiate estava trabalhando e a cerveja, sempre prova de civilização, — encontrava-se à venda no comércio. Salinas e boas terras para a criação de gado<sup>13</sup> em ambas as margens do rio. A tez dos habitantes, contudo, revelava indícios de discrasia e um caixeiro-viajante francês, cobrando as dívidas de seus patrões baianos, queixou-se de febre e declarou que a vida em Remanso era *Heute roth morgen todt* (Hoje vermelho, amanhã morto). Os curandeiros haviam dado algumas sugestões dietéticas, e aconselhavam os doentes a preferirem os amargos aos doces. O tenente-coronel José Cirino de Sousa, que tomou conhecimento em pessoa, por uma visita, de minha carta de apresentação, espantou-se ao ver o Sr. Davidson devorando açúcar, à moda americana, depois de sofrer de uma aguda malária.

Partimos às 4 horas da tarde e, tendo descido o rio por uma légua, ancoramos em uma coroa diante da serra do Sobrado, Ali parecia estarmos destinados a passar a noite de

*Mali culices renaeque palustres.*

Além dos borrachudos, as muriçocas, que, durante o dia haviam-se comodamente alojado no toldo do ajojo, começaram a cantar e a picar. As últimas, porém, partiram depois de alguns minutos. Somente algumas, persistentes, passaram a noite conosco. Logo que o sol sumiu, bandos de grandes morcegos, cor de ferrugem (*noctiliones*) começaram a voar e passar de raspão pela superfície do rio. O termômetro caiu rapidamente para 68°-70° F e o vento forte, combinado com a atmosfera saturada, fez-nos tremer de frio. Ao mesmo tempo silenciou o concerto dos sapos.

*15 de outubro de 1867* — Este tempo horrível, dizem ser efeito da lua-cheia, e o vento dá sinais de querer diminuir de intensidade. Na margem direita elevou-se subitamente um bloco de montanhas da baixada, prolongando-se até o rio. À esquerda fica a abrupta serra do Sobrado com cones e prolongamento. As partes mais altas são castanhas e as mais baixas já começam a ficar verdes. O rápido escoamento das águas é a causa provável desse fenômeno excepcional. O Sr. Halfeld chama o material de itacolomito com hidróxido de ferro e piritas, sinal de formação aurífera. O nome é derivado de uma formação que se tornará comum daqui por diante, uma alta

colina de pedra branca, emergindo do mato, o que realmente lembra uma casa de dois pavimentos. Quando nos aproximávamos (7,25 da manhã) da baixa e arenosa ilha da Tapera (do Moniz), um olho-de-boi nos levou através das ondas que varriam a plataforma da embarcação, e em pouco encontramos abrigo entre os baixios da esquerda. Ali passamos o dia prisioneiros do vento nordeste. Felizmente eu trazia comigo alguns clássicos de bolso, tormento de minha juventude, negligência de minha idade madura e alegria de minha velhice. Com Hafiz e Camões, Horácio e Marcial, não me faltou ocupação.

Para além de Remanso, o leito do rio se curva diretamente para leste e corre reto em vários trechos, mais ou menos no rumo norte, mas voltando-se às vezes para o oeste. O tempo úmido iria então cessar. A estação chuvosa começaria em meados de novembro e duraria apenas quatro meses. Os aguaceiros que, noutras partes, marcam o início e o fim das chuvas de verdade, muitas vezes não ocorrem. O céu conservar-se-ia de um azul ultramarino e a evaporação seria excessiva. As capas do rio iriam enrugar-se de novo e a tinta secar no tinteiro. A sensação foi a princípio de um "verão de São Martinho"<sup>14</sup> e, embora fôssemos ameaçados pelo sol, com todas as espécies de sofrimento, achei o clima saudável. Por outro lado, tínhamos entrado num funil, bom condutor de vento e as barcas às vezes levam quinze dias para percorrer as 108 milhas<sup>15</sup> que existem daquele ponto a Juazeiro. A ventania iria prolongar-se algumas vezes, mesmo durante uma noite inteira e, verifico no meu diário, que cada dia o vento era pior que no anterior. A seca aumentou, porque o solo se tornava cada vez mais arenoso e eram freqüentes trechos de rica jacutinga. Abaixo de Remanso também deixamos de ver a coroa de formação diamantina e isso leva a crer que o material do curso superior não é transportado pela água a grande distância.

16 de outubro de 1867 — Apesar do vento pela frente, partimos ao amanhecer. Ao passarmos pela ilha Grande de Zabelê, ilha monstruosa, vimos no rio blocos de rocha de pedra esbranquiçada que verificamos ser pura pedra calcária.<sup>16</sup> Depois de duas horas fomos obrigados a refugiarmo-nos à margem direita. A terra é ali inundada e a mandioca pequena tem de ser colhida antes das cheias. As roças são defendidas contra o gado por uma quantidade de madeira. O solo de brejo produz os maiores e mais espinhentos tucuns. As estipes têm pelo menos trinta pés de altura, dobro do tamanho normal e os espinhos são bastante fortes para furar um couro de boi. Essa palmeira (*Asrocaryum tucum*)<sup>17</sup> parece-se tão

pouco com as palmeiras que Sellow não quis admiti-la na família e, à primeira vista, o visitante sente-se inclinado a concordar com ele. Cresce à beira-mar e até altitudes de 1.000 pés, onde prefere os lugares sombreados. Habitualmente "une frêle palmier" tem doze a dezesseis pés de altura e cinco a seis polegadas de diâmetro. O coco preto e duro produz uma amêndoa comestível. A fibra é extraída dobrando-se o folíolo e puxando-se a nervura do parênquima com uma pancada especial. O novato que não sabe como torcer, sem dúvida quebrará a folha antes que a fibra seja retirada e nua; mesmo um trabalhador com muita experiência só pode fazer um oitavo de libra de tucum por dia. O uso deriva, sem dúvida, dos índios que faziam as cordas de seus arcos com fibra de tucum, algodão ou fibra de bromeliácias. Foi experimentada a maceração, mas sem êxito, pois a folha apodrecia em uma semana. No litoral a fibra de tucum é usada para redes de pescar e os fardos de fibra esverdeada valem dinheiro, com o valor médio de 2\$000 por libra. No rio São Francisco o tucum é também usado para fazer esteiras. As folhas, quando jovens fazem bons tapetes e cestas. Quando velhas servem para coberturas de casas. Cortamos muitas dessas palmeiras espinhosas para fazer bengalas. São resistentes, pesadas e elásticas, tomando uma bela cor escura quando envernizadas, como as da palmeira brejaúba (*Astrocaryum ayri*).

Encontramos ali um caminho de gado e o seguimos. Rumava para oeste. A superfície era arenosa, com plataformas de lajes ou blocos compactos ou dispersos de carbonato de cálcio, quase mármore. Nada poderia haver de melhor que o solo, que, em certos lugares estava alagado com as chuvas últimas. Ficamos encantados com a vegetação. O ingá, uma mimosa, estava carregada com seus frutos brancos e macios. O juazeiro (*Zisiphus*) e a faveleira, florescidos, produziam um cheiro muito agradável. O pau-pereiro (uma *Cassuvia*)<sup>18</sup> dá frutos semelhantes à maçã. Fornece ainda cera. A casca é usada como remédio para febres. Um extrato da planta mata, como o mercúrio, os bernes que aparecem nas feridas do gado. O pau-de-colher,<sup>19</sup> leguminosa, congênera do afamadíssimo pau-brasil, levanta suas flores semelhantes às do azevinho, como a galinha arrepiada suas penas, o convólculo apresenta belezas especiais e as espécies de bignoneáceas (?) conhecidas pelo nome geral de açoita-cavalo,<sup>26</sup> ultrapassam as árvores, formando lindos docéis com perfumes deliciosos. Uma ostentava flores semelhantes à madressilva da mais bela cor-de-malva e outra, prateada, com folhas de verde claro, era uma festa para os olhos. Iríamos vê-la muitas vezes rio-abaixo. Muitas das plantas tinham cheiro de especiarias. As cactáceas estavam

em toda parte e não faltavam as bromeliáceas. A espécie *Vellozia aloifolia* ostentava compridas espigas de flores cor-de-rosa-escura com orla roxa e azul-clara. Outra, chamada pelo nome geral de caroá (*Bromélia variegata*),<sup>21</sup> tinha riscos transversais de verde-esbranquiçado sobre a superfície verde-escura e um esporão afiado como um ferrão de escorpião, que lembrava o *hig* da Somália. Essa espécie produz a melhor fibra branca para redes de dormir e fica mais forte quando macerada na água.

Não tardamos a alcançar o serrote do Trombador em seu sopé. Era um contraforte isolado, então acidente comum. Visto de vários ângulos apresenta-se como circuiar, piramidal ou cuneiforme. Por falta de comparação parece mais alto do que realmente é. O material é ferro magnético<sup>22</sup> dos quais se encontram traços na argila do barranco do rio. É baseado em pedra calcária, seu fluxo natural. O minério era quase puro e grandes fragmentos poderiam servir de bigorna. Quebrava-se sob a forma de romboedros, brilhantes como a mica finamente difundida. Tem faixas de quartzo branquíssimo e é, ora aqui ora acolá, revestido de uma pasta de pedra-pudim. A agulha imantada era de tal modo afetada por ela que fomos forçados a guiarmo-nos pelo sol. Havia, espalhado em torno, cristal de rocha, a "flor de prata", e o quartzo tinha incrustações de mica preta, que brilhava como galena.

Uma saliência alcantilada, orientada para leste-oeste, servia de crista do morro, que devia ter uns 250 pés de altura. O flanco norte era alcantilado, mas a escalada era fácil pelo sul e sudeste. As mimosas e árvores espinhentas tornaram-se raras à medida que subíamos e, em pouco, desapareceram. A bromélia caiu para três ou quatro polegadas de comprimento, sem nenhuma redução de seus espinhos malfazejos. Os cactos cilíndricos caíram em decadência e pela clivagem irregular do alto do morro, a macambira lançava sua alta flor em espigas que oscilavam no ar. Iguanas e lagartos, verdadeiras salamandras, diante da luz solar, ali moravam. Passamos pelas terras do pequeno mocó, e os caramujos de conchas brancas (nº 4), raros em baixo, eram comuns em cima. Nessa época do ano estão infelizmente todos mortos. Os da nova geração só vão aparecer quando as chuvas chegarem em definitivo. Um casal de belos gaviões de penas cinza-pérola (*Falco plumbeo?*) gritou aos ver-nos, voou sobre nossas cabeças e pareceu preparar-se para uma luta. O ninho estava, com certeza, perto. Essas aves têm o vôo rápido e dizem que são boas caçadoras.

Do alto apresentou-se-nos uma paisagem que nos revelou, ao primeiro lance, a escala gigantesca do desnudamento.<sup>23</sup> O rio amarelo

corria em larga faixa aos nossos pés através de uma planície sujeita a inundações com uma largura mínima de seis léguas. Era flanqueado por certo número de cones ilusórios, como aquele em que nos encontrávamos, alguns coloridos de cinzento pela pedra calcária, outros escuros com o oligistro; a maior dureza preservava-os da destruição comum. Ambos os lados do vale constituíam-se de elevações. Para o norte, as formas eram menos regulares, e as partes menos rígidas haviam sido carcomidas. Ao sul apareciam três longos terraços, curvando-se em diversas reentrâncias. Abaixo, as superfícies horizontais das elevações superiores, longas linhas brancas de paredes perpendiculares, como os rochedos marítimos, cobriam suas encostas com uma regularidade que parecia terem sido colocados pela mão do homem.

Ao descermos o morro, encontramos o vento a quebrar as águas do rio de modo a formar espumas amarelas que rolavam contra a correnteza. Abrigamo-nos provisoriamente sob um jirau de quatro postes com teto de faxina, recolhemos as conchas de caramujo zebrado espalhado pelos campos. Esses campos tinham como plantação principal e maniba,<sup>24</sup> a mandioca-anã, que amadurece em seis ou sete meses. Às duas e meia embarcamos, mas, pouco depois, um olho-de-boi opalescente, coroando uma fina coluna de chuva que caía em extensos lençóis por toda a parte, levou-nos a ancorar sob as Queimadas. Ali o barranco, com vinte e dois pés de altura, é cortado em largos degraus pelas enchentes que se espalham por duas milhas pela região. O povo interpreta essa extensiva escavação<sup>25</sup> do lado em que, pouco a pouco, o rio forma uma passagem estreita, como artes do minhocão, em dias do passado. Nenhum, porém, ousa afirmar que viu o verme.

O pequeno povoado conta cerca de cinquenta cabanas cobertas de palha. O povo pesca, cria gado, carneiros e porcos de perna longa, cultiva milho e mandioca, e envia, a remo, laranja-lima plantada na outra margem do rio. Não obstante o pôr-do-sol do mais puro amarelo-dourado, o forte vento leste soprou a noite inteira e fez baixar o mercúrio a ponto tiritante de 60° F. O descanso não foi confortável e a pequena canoa reboque chocou-se toda a noite com a *Elisa*, e a última sacudidela sacudiu-nos como aquele grande navio que permitiu a entrada de uma vaca no camarote das damas. Um ébrio local que nos visitava pediu fogo a toda hora, até alta madrugada, e a cadela Negra recebia-o com latidos furiosos.

*17 de outubro de 1867* — Um belo céu e um sol promissor de calor eram condições perfeitas para uma tempestade. Passamos pela

fazenda do Monteiro, na margem direita, uma roça com casinhas cobertas de telha. Atrás fica o morro do Monteiro. É um cone visto do oeste, mas de leste, uma elevação arredondada com um complemento menor. A cor é cinzenta e só colhemos arenito e quartzão ferruginoso. Depois de três inúteis esforços, ancoramos em Traíras, na margem sul. Há um morro ali também, que apresenta itacolomito e quartzão.<sup>26</sup> Do lado oposto, a serra da Piedade, com seu cônico morro do chifre, forma um segmento de arco, cuja concavidade é o rio. É uma massa baixa, com *flancs tourmentés* e cortes que, devido ao tempo, dão a impressão de crateras parasitárias. Uma grande ípueira corre perto de seu plano meridional.

Prosseguindo viagem à tarde, chegamos pouco depois à fazenda do Oliveira, a seis léguas de Sento Sé. O lugar regurgitava de negrinhos e de aves domésticas entre elas um jacu (*Penélope*) manso e um pavão, que nos surpreendeu com seu grito melancólico. Um bom porco capado, gordo, valia 10\$000. O proprietário, tenente-coronel Antônio Martins, estava do lado de fora da residência, mas não nos dirigiu palavra porque não havíamos levado cartas de apresentação. Se fosse um paulista ou mineiro, teríamos conhecido mais o interior que o exterior de sua casa.

18 de outubro de 1867 — Uma séria calmaria ao amanhecer foi mau sinal. O rio havia baixado muito durante a noite. Encalhamos pesadamente no começo e, mal tínhamos prosseguido caminho, quando começou a soprar o cortante vento leste que nos empurrou para a praia, enquanto pesadas nuvens azul-escuras nos ameaçavam manter *in quod*. Todas as tentativas de escapar da prisão foram improficuas até a tarde, quando, aumentado o calor, houve mudança de viração para o sul. Passamos por uma povoação constituída por cabanas de palha, tendo entre elas, esparsas, uma casa coberta de telha. Era chamada Areias e dos Carapinas,<sup>27</sup> tendo ao fundo altas ondulações de areia branca. Depois de lutarmos cinco horas para percorrermos nove milhas, fomos impelidos para a margem direita, perto da povoação de Lagoa. Um brejo, por trás do lugarejo regurgitava de aves aquáticas. Na margem norte, oposta, há um pequeno rio, o Barras das Intãs.<sup>28</sup>

19 de outubro de 1867 — Naquele dia o tempo refletiu o da véspera. Partimos às 5 horas da manhã e logo depois fomos obrigados a abrigarmo-nos sob a proteção de uma coroa. Na margem norte, erguendo-se em um matagal cor de chocolate, surgiu uma cúpula coroadada de branco, com um cabeça caivo e, mais para leste, o pico de Santarém, pequeno cone aguçado. Ali a tripulação vendeu parte

de seu estoque a um rapaz muito robusto, cuja vestimenta principal consistia em um pedaço de couro. Podia sempre pescar e vender os peixes, e manifestava a maior indiferença do mundo por tudo que não fosse chapéu de palha ou doce. As areias nos forneceram uma farta coleção de conchas, com caramujos vivos ou mortos.

À uma e quarenta da tarde, quando a ventania já se extinguiu, voltamos a serpentear entre a ilha, bancos de areia e baixios, que tornavam difícil a tarefa da pilotagem. A margem direita, populosa, cheia de fazendas e aldeias, era uma terra muito rica. Havia canoas amarradas na praia e pilhas de madeira, cortada e amontoada, pronta para a venda. O rio era margeado de arbustos, cujas belas formas já havíamos há pouco notado. O povo chama-o mangui (aqui *Hibiscus*). É todavia um salgueiro-anão, crescendo em grupos e fornecendo fortes e flexíveis vimes. As folhas são espinhentas nas bordas, mais ou menos como a azinheira,<sup>29</sup> mas não muito bem armadas. O resto do arbusto faz-me lembrar o *Salix humboldtiana*, Willd, da Amazônia, que é, segundo Spence, a única espécie do verdadeiro salgueiro conhecido nas planícies equatoriais.

À medida que avançamos, o rio apresentava um leito mais limpo e passamos pelas barras de dois rios, na margem direita, o da Ipueira e a do Santo Sé.<sup>30</sup> O primeiro recebe as águas de uma lagoa a oeste-sudoeste, e o último as águas das montanhas meridionais. Às quatro horas da tarde, gastando de novo cinco horas para percorrer nove milhas, chegamos a um ancoradouro — o porto de Santo Sé.

## Notas ao capítulo LXIV

1. N.T. Edward Everett, homem de Estado e orador americano.
2. N.A. A rigor «Pilão Arqueado». A expressão *pilão* e dos *pilões* é freqüentemente adicionada ao nome de rios, montanhas e novos povoados no interior. Ou foi encontrado no local um rude pilão usado pelos aborígenes, ou havia nas proximidades picos ou outros acidentes que os recém-chegados acharam parecidos com pilões.
3. N.T. Em português a expressão *tapera*.
4. N.A. Saint-Hilaire (III, II, 293) refere-se ao sal de Pilão Arcado deformado e, Pilões Arcados, da província de «Fernambom», hoje Bahia.
5. N.T. Pilão Arcado reassumiu sua condição de vila já na República, a 31 de outubro de 1890.
6. N.A. Não é preciso advertir ao leitor que não devemos dizer como na tradução francesa das *Viagens de Koster* que «le valent-toens s'agenouilla».

7. O Sr. Halfeld (*Relat.*, pp. 105-111) refere-se a esse valente como quem já havia deixado este mundo.
8. N.T. Em português a expressão aspeada.
9. N.A. O Sr. Halfeld escreve *caraná*. Mas em tupi é carauá e carauata corrompido coroaá, coroaá, caragatá, gravatá (na baía do Rio de Janeiro) e (*Bromelia haratas*) para os botânicos. Em próximo volume terei algo a dizer sobre esse importantíssimo gênero, cujo fruto comestível fornece espírito e vinagre e cuja fibra, valiosa para confecção de redes de pescar e de dormir, serve de moeda em certas regiões do país.
10. N.A. Rebojo é um vendaval semelhante ao pampeiro do sul do Brasil. No plural é sinônimo de refregas.
11. N.A. No momento em que passei no «remanso», em frente da cidade, o mesmo se transformara em forte correnteza.
12. N.A. A serra não tem importância, pois nela só nascem pequenos afluentes.
13. N.A. Apanhamos ali os primeiros carrapatos, desde que deixáramos Urubu.
14. N.A. Os barqueiros chamam-no de fato de veranico, que interrompe a estação chuvosa em dezembro ou janeiro. No Peru ocorre aproximadamente perto do Natal, sendo, por isso chamado, «El verano del Niño». Os espanhóis, note-se, são muito mais pétricos no pensamento e nos sentimentos, do que os portugueses, e os árabes que os romanos. Por outro lado, os portugueses produziram muito melhores poetas que os espanhóis.
15. N.A. Os barqueiros que, como já foi dito, exageram sempre as distâncias, falam em 40 em vez de 36 léguas de Remanso a Juazeiro, e 18, em vez de 16 de Reinanso a Sento Sé.
16. N.A. O Sr. Halfeld (*Relatório*, p. 117), chama-as «rochas vivas». Não importa o que significa.
17. N.A. Trata-se do «tucum» do padre Yves d'Evreux (1613). É mencionado por Piso e por Manuel Ferreira da Câmara (*Descrição física da comarca de Ilhéus*. Arruda (*Cent. Plant. Feru*) tem muito má opinião acerca dessa fibra e a descrição que dela faz foi analisada por Kestre (*Apêndice* vol. II). John Mawe tentou fazer o mesmo e foi devidamente criticado pelo príncipe Max (I, 118). No *Compêndio de língua brasileira*, de F. R. C. de Faria (Para, Santos & Filhos, 1858) vemos que os Tupi chamam de *tucuma* o fruto do tucum. Bates (I, 124) escreve tucuma. Os peruanos chamam-no *chambira*.

N.T. Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá: *Ensaio de descrição física e econômica da comarca de Ilhéus*, Lisboa, 1789. Arruda deve referir-se a Manuel de Arruda Câmara, botânico pernambucano, autor de uma «Dissertação sobre as plantas do Brasil que podem dar linhos próprios para muitos anos da sociedade e suprir a falta de cânhamo», publicada no *Auxiliador da Indústria Nacional*, 1810. Está transcrito por Koster nas suas *Viagens ao Nordeste do Brasil*, trad. bras. São Paulo, Ed.

Nacional, 1942, Brasileira, p. 570. (Centúria de plantas pernambucanas) 'Pern. e não Peru'. Francisco Raimundo Correia de Faria é autor do *Compêndio da língua brasileira*.

18. N.A. *Pereiro* é como figura no *Sistema*.  
N.T. Segundo o *Dicionário de Aurélio* pau-pereiro é uma *Aspidosperma pyrifolium*.
19. N.T. Árvore da família das apocináceas (*Peschiera lacta*), segundo o *Dicionário de Aurélio*.
20. N.T. Açaita-cavalo é nome genérico das *Lúhea*, segundo o *Dicionário de Aurélio*.
21. N.T. Da família das bromeliáceas *Neoglaziovina variegata*. *Dicionário de Aurélio*.
22. N.A. Ferro oligisto, segundo o Sr. Halfeld (*Relatório*, p. 118).
23. N.A. Trouxeram-me à lembrança a descrição feita pelo Sr. Bates dos mcrros de cume chato entre Santarém e o Pará, na parte estreita do vale, perto de Almeirim, elevando-se a 800 pés acima do nível atual do Amazonas.
24. N.A. Usualmente maniba ou maniva, é a haste da mandioca. A raiz é a mandioca propriamente dita. O caldo é a manipuera e as folhas, manisoba (manicoba). A última é provavelmente a *manacoba* que Garoner aplica a uma espécie de *Jatropha*. A raiz era alimento de importância para os índios brasileiros, e os civilizados herdaram deles uma imensa terminologia descritiva da planta. Com ela poder-se-á facilmente encher um volume.
25. N.A. Desmoronamento. O Sr. Halfeld (*Relatório*, p. 119) também ouviu essa lenda.
26. N.A. Nesse ponto o Sr. Halfeld encontrou veios de clorita e piritas.
27. N.A. Carapina, na língua usual é traduzido como carpinteiro. É possivelmente uma corruptela indígena da mesma palavra. Mas é usual em Minas Gerais e no São Francisco.
28. Também se diz *itãs* e *intanhas*. Itã em tupi significa, de modo geral concha.
29. N.A. Na *Revista da Real Sociedade de Geografia*, vol. 36, p. 90, de 1866, o Sr Davidson observou que, naquelas terras, tudo é espinhento, até mesmo o salgueiro. Não me descuidei de colher amostras desse curioso arbusto. Infelizmente perderam-se.
30. No mapa do Sr. Keith Johnson, encontramos abaixo de Sento Sé, a boca de uma linha pontilhada, *r. do Salitre*, que, num curso de umas 35 léguas, drena os contrafortes ocidentais da serra da Chapada da Diamantina. Asseguram-me, porém, que o rio que desemboca acima de Sento Sé é de extensão muito limitada e, como se vevrá, o riacho do Salitre entra na artéria principal pouco acima de Juazeiro. Aqui os afluentes diminuem muito em número e em importância. As serras que flanqueiam o rio aproximam-se do vale e tornam-no muito diferente da corrente mais acima.

## CAPÍTULO LXV

### DE VILA DE SOBRADINHO DE SENTO SÉ À CACHOEIRA DO SOBRADINHO E VILA DE JUAZEIRO

**Nona travessia, 18 1/2 léguas**

**Descrição de Sento Sé — Indolência do povo — O porto — As mulheres — Longos atrasos devido ao vento — Bela região — Vila perto da ilha de Sant'Ana — Enfrentamos a cachoeira de Sobradinho, o primeiro obstáculo após 720 milhas — Nossa vida no rio — Precauções com a saúde — Chegada à vila de Juazeiro.**

O prospecto que os olhos arrebatava  
Na verdura das árvores frondosas  
Faz que o erro se escuse a meu aviso  
De crer que fora um dia o Paraíso

(*Caramuru*, VII, 75)

O porto de Sento Sé<sup>1</sup> consiste em cabanas de pescadores em fila, separadas por um alto cruzeiros de madeira. Poucas dessas construções são cobertas de telhas e as paredes revelam a marca da água até três pés de altura. Todas têm um pequeno quintal plantado de arbustos, especialmente a mamona. O solo é branco e areento e as enchentes penetram fundo, terra adentro. É difícil compreender porque os primeiros povoadores não preferiram a margem oposta, onde poucas jardas acima, o canal é claro e há duas ondulações que as águas não alcançam nunca. Andamos pela vila de Sento Sé cerca de uma milha (1550 jrdas) para sudoeste. A planície seca e pobre, então uma grossa areia amarela, torna-se o leito do rio durante as enchentes. Vimos ervas arrastadas pelas últimas enchentes ainda presas aos troncos dos arbustos. Estava repleta de palmeiras de

carnaúba que parecem deleitar-se com a situação de extrema secura e excessiva umidade. À esquerda do caminho havia um pouco de água que, com sua fila de palmeiras em torno e uma ilha central, parecia artificial. O silencioso colhereiro passeava por ali sua delicada plumagem cor-de-rosa, mas o mergulhão fugiu, gritando quando nos aproximamos.

A vila fica ao pé desse “brejo seco”. Para o sul e para oeste o horizonte é limitado pelas carnaubeiras que assinalam o curso do rio. Cerca de meia légua para trás, havia dois morros maciços, exibindo pedreiras vermelhas e cinzentas, cortadas por linhas e manchas de arenito e quartzo branco. Aqui formam penedos e paredes, ali contrafortes isolados; a cor geral é a do solo, queimado pelo sol e parecem fumegar com o calor. Essa serra do Mulungu<sup>2</sup> é, ao que parece, um ramo da serra do Brejo, que rio-acima, mostrava os paredões de seus rochedos e que agora se curvava de sudoeste para noroeste. O material é granito, que irrompe através do arenito, e formações secundárias. Estávamos descendo rapidamente para o solo da rocha, coração da terra e começávamos a sentir, sem que nos dissessem, que devíamos estar numa sucessão de cachoeiras.

À entrada da vila passa-se pela cadeia, casa de pau-a-pique, coberta de telha e com grades de ferro pregadas em armações de madeira. Em frente a ela fica a igreja de São José que só tem de notável os excelentes tijolos e a cantaria de granito quartzoso, com manchas de mica negra sobre o fundo azul-acinzentado da matriz.<sup>3</sup> Com exceção do bloco isolado que nos fora mostrado em Brejo do Salgado, era o primeiro que víamos desde que deixáramos as montanhas da costa. Dali por diante ele se estenderia, com intervalos, por todo o baixo curso do São Francisco.

Ao lado da igreja, de frente para o noroeste e acima do alcance das enchentes, havia meia dúzia de casas caiadas de branco cobertas de telha. Atrás ficavam ranchos cobertos de palha. A única casa decente e a do vigário. O viajado “Menino” zombou daquela vila, onde encontramos carne fresca e cachaça, mas não conseguiu encontrar ao menos, pimenta-da-terra. No chão viam-se sinais de um ferreiro,<sup>4</sup> mas nem sinal de forja. Preferem ali o pão de milho, “pão de sete dias”, sem fermento, feito de farinha de milho amassada com água fervendo. Outro alimento predileto é a farofa, ou paçoca, carne socada, misturada com farinha, fubá ou mesmo banana.

A vida desses lugares do interior é de uma bárbara uniformidade. Os habitantes dizem que a terra é “muito atrasada”,<sup>5</sup> mas revelam em suas pessoas as razões do atraso. É objetivo de cada homem fazer o

menos que possa, e limitar suas atividades aos trabalhos da menor Fazenda. Esses vadios acordam tarde, comem cedo, talvez uma batata-doce e a inevitável xícara de café. Às vezes há uma mesa, mas outras um simples tapete estendido no chão, mas não falta uma toalha. É então a hora *ku amkia*, como dizem os Sawahilis, de dar um pulo nos vizinhos e de perder tempo com a mais mesquinha das conversinhas. As horas quentes passam-se na rede, balançando-se, cochilando, fumando e comendo melões. O jantar é às 2 horas da tarde; um prato de mais resistência de peixe, carne e mandioca com legumes às vezes e, por toda parte, salvo em Sento Sé com molho de pimenta. O café e o tabaco servem para encurtar as longas horas de tédio, e a tardinha é dedicada a uma pequena caminhada, ou a "tomar fresco",<sup>6</sup> que consiste em sentar-se a uma sombra, protegido do vento, ou receber visitas. A ceia ocorre ao cair da noite e, em qualquer oportunidade, o canto, o tambor, a dança e a bebida prolongam-se até o amanhecer. Assim é que desperdiçam energia, perdem a memória e não se convencem a empreender o que quer que seja. Todo esforço lhes é absolutamente impossível. Em Sento Sé, os habitantes conversam languidamente acerca do canal que deve ser aberto a partir do São Francisco pelo custo de £ 1.680. Mas ninguém sonha em fazer qualquer coisa a não ser conversar. "O Governo" deve fazer tudo para eles; nada farão por si. Depois de um dia ou dois de estada nesses leitos aquecidos pela indolência, comecei a sentir-me como um dos que eram ali criados. . .

Voltando ao porto, divertimo-nos em examinar o povo. Disse-ram-nos que dois velhos poderiam dar-nos informações interessantes. Mas estavam fora, e a coisa mais próxima à humanidade existente no lugar era um rapaz trajado com um terno de algodão marrom e um chapéu de pêlo de gato-do-mato. Conseguimos, porém, descobrir uma velha moradora inteligente, que fez o possível para esclarecer-nos. As lavadeiras, consideradas oficialmente brancas, trabalhavam com o peito nu; o resto da indumentária consistia numa camisa que expunha pelo menos um ombro, revelando os contornos mais que o necessário, uma saia e um xale de algodão de cores vivas, geralmente colocado sobre a cabeça. Pés descalços, mas cabelos, mas admiravelmente espessos e lustrosos, partidos ao meio e penteados até abaixo das orelhas, onde caíam numa densa massa de cachos rígidos, lembrando os da Núbia. Algumas mulheres e muitas crianças tinham o cabelo erguido às vezes à moda de tiara do Papa, com um topete erguido até oito polegadas como o "mop" do Somali ou de um negro papua. Uma rapariga tinha como animal de estimação um cão de cor de chumbo, sem pêlo,<sup>7</sup> cuja pele nua apresentava um

contraste curioso com a cabeça da dona. O único sinal de atividade era o som de um “jango”, ou arco de música africana que, nas mãos de um rapazinho, produzia um som não desagradável.

Antes da noite uma pequena frota de barcas, retida pelo mau tempo, e que o ajojo havia ultrapassado, chegou como numa regata, acompanhadas com businas e cantos, o ritmo das remadas. Nas cheias essas barcas podem ir em 24 horas de Remanso a Juazeiro. Gastam agora nove dias. Era aquela a última viagem do ano e estavam todos ansiosos por terminá-la. Em quase todas as barcas mulheres a bordo, com vestuários tão sumários como as da praia. O patrão, por seu lado, envergava, muitas vezes, roupas de procedência francesa, sinal de que estávamos nos aproximando da civilização.

*20 de outubro de 1867* — Partimos às três horas da madrugada. Nas barcas todos dormiam. O termômetro marcava 78° F, o que nos animava, esperando mormaço, tempo nublado e sem vento. Não nos decepcionamos, pois foi um dia de proveito. À direita, estendendo-se do sudoeste para o nordeste, estava a serra da Cumeeira,<sup>8</sup> de formato semelhante a um grande mirante. Dois dias antes, havíamos avistado claramente seus rochedos brancos como neve, semelhantes a paliçadas de dolomita, e rampas terminais, ligeiramente côncavas. Essa serra é prolongada pelo morro do Frade de formação semelhante, que toma seu nome de uma coluna isolada ou tubo de órgão a que se segue um precipício abrupto. Os formatos das montanhas mudam, na região, para planaltos e cunhas, saliências, blocos e rochedos pontudos de um terreno granítico. São, provalvemente, ramificações de cadeias primitivas do litoral. O rio assume a importante largura de 4.870 pés, e sua margem direita, perto do sítio de Jiquitaia,<sup>9</sup> era agradável de se observar. Perto da margem, cheia como os hibiscus no curso superior, cresciam em moitas, de verde fresco e aveludado, pontilhadas por folhas murchas de ouro-escuro, as grandes flores, semelhantes à madressilva e cor-de-malva da sensitiva chamada canudo, que, entretanto, com toda a beleza, só serve para envenenar o gado. Em terreno mais elevado, pontilhado de carnaubeiras, ficavam plantações de mandioca-anã (maniba) e pastos, onde jumentos e cavalos de excepcional aspecto pastavam. As cercas, feitas de fronde de carnaubeira, protegem eficientemente as roças contra a voragem da capivara e chegam até a margem do rio, aqui e ali, abrindo-se passagens para a água. O roceiro é, sem dúvida alguma, mais trabalhador que o cidadão. Fiquei surpeendido ao ver tantas provas de civilização onde, conforme se supõe no Rio de Janeiro, o atraso é generalizado.

Desde o amanhecer observáramos o surgimento de rochas em meio à corrente, em ambos os lados. São provavelmente de pedra calcária, que o Sr. Halfeld chamada "pedras vivas". Perto de Encaibro há um depósito de matéria calcária explorada em certa extensão. Pouco adiante, descemos para o almoço. A margem era vermelha de ferro e pintado de piritas. Ao longo da margem do rio há blocos de calcários, desgastados pela água em forma curiosas: fêmures, articulações, círculos, protuberâncias e espinhas dorsais. Perto, à margem oposta, ficava o Riacho da canoa, que dizem correr próximo de rica salina. Daí, com certeza, a capela vizinha, bem coberta de telhas e cuidadosamente caiada de branco, para a qual grupos de pessoas em roupas de missa se dirigiam em canoa.

O sol estava quase a pino e quentíssimo. Contudo, sob o todo o calor, temperado pela brisa, nunca vai além de 87° F. Na praia ficava em torno de 90° F. Às duas horas da tarde avistamos, na margem esquerda, a Casa Nova, uma grande casa caiada de branco e coberta de telha, perto da foz de seu riacho.<sup>10</sup> Defrontava um extenso banco de areia, coberto em parte pela água e uma vegetação raquítica, ao que parece, no fundo. Daí para baixo a margem do rio estava verdejante, com o adocicado capim-cabeludo,<sup>11</sup> o capim-d'água, o taquaril, bambu fino, usado para pequenas canaletas e para foguetes, e com o zozó ou sosó, espécie de *Pistia*, semelhante à *P. stratiotes* dos lagos da África central. Nos barrancos, cobertos de pedrinhas soltas, e nos bancos de areia cresce o angari, também chamado aramataia ou jarumataia, que não morre, mesmo quando inteiramente coberto pela água. Este arbusto, rijo e lenhoso, que se parece a um forte vime, iria mostrar-se dali para diante até as Grandes Cachoeiras. O araçá era-nos familiar desde o curso médio do rio das Velhas. Ao pôr-do-sol o São Francisco ofereceu-nos um grande espetáculo, com uma imensa largura, liso como óleo, refletindo o sol e a terra, como um espe'lho de aço. A sua formação típica surgia agora claramente demonstrada em ambas as margens. Já não víamos os montes arredondados e ondulados, que são a regra nas regiões montanhosas no Brasil. Em muitas partes contudo havia cadeias que continuavam a exhibir faces pedregosas e faixas brancas em cima. Em frente, um bloco distante, a serra do Capim mostrava um bloco arredondado e baixo, que brilhava como a neve em verão suíço. Também para além da Fazenda Matias, na margem direita, avistamos um baixo serrote, com o formato das costas de um camelo.

Fizéramos, naquele dia, 33 milhas em nove horas, — feito excepcional — e ao pôr-do-sol, ancoramos perto da margem esquerda,

acima da ilha de Sant'Ana. Tínhamo-nos preparado para o agradável repouso, quando caiu sobre nós o vento nordeste e atirou as pequenas ondas do rio sobre o que chamávamos nosso tombadilho. Mudança de mau para pior e vice-versa ao amanhecer.

21 de outubro de 1867 — O vento estava “danado” como disseram os pilotos, o rio tornou a descer e, apesar da maior velocidade da correnteza, não conseguíamos avançar. Ancoramos, de novo, portanto, mais uma vez na margem esquerda e fomos caçar provisões que já se tornavam escassas. A margem do rio apresentava amostras esparsas de granito e calcário, onde estavam disseminadas conchas quebradas e exemplares de quartzo laminado, maciço, da maior brancura. A superfície da planície ribeirinha é arenosa; os aguaceiros só duram quatro meses, havendo dois de chuvas mais leves. No entanto o solo, enriquecido pelo material calcário de baixo, sustenta rebanhos de carneiros e cabras. Ali o convólculo de flores cor-de-rosa (*Ipomoea arenosa*), era uma reminiscência das costas da África. Dentro em pouco chegamos a uma picada que levava a dois ranchos, junto dos quais havia uma roça de bom algodão, protegida por cerca de madeira. Os moradores, porém, estavam esfarrapados, e os farrapos, ainda que na Inglaterra não lhes demos muita atenção, aqui chocavam. As mulheres não se haviam dado ao trabalho de aproveitar os fios dos algodoeiros que cresciam quase à porta das casas. Havia um jardim-jirau de alfazema e gerânio para enfeitar os cabelos, mas ninguém pensara em plantar laranjas ou melancias, bananas ou verduras; nem mesmo arroz havia ali. A região é capaz de produzir todos os artigos essenciais. Mas nada produz. Os moradores poderiam viver na abastança. Mas estão em farrapos. Comparei o estado deles com aqueles que viviam poucas léguas acima e só posso explicar a inferioridade destes por certa dificuldade de comunicação.

Depois de andar 400 jardas atravessamos uma terra baixa inundada e alcançamos o que poderíamos chamar de verdadeira encosta. Aqui a subida era margeada de cascalho lavado e de gorgulho, em filas regulares. O solo era mais seco do que costume e, entre as cactáceas, erguia-se, alto o mandacaru ou mandacuru (*C. brasiliensis*, Piso). Tem um desenvolvimento singular, alcançando às vezes trinta pés de altura por dois de diâmetro. As enormes ramificações, gurnecidas de rijos espinhos, elevam-se verticalmente. A madeira é de cor amarelo-brilhante, com riscos brancos, longitudinais. É excelente para caibros e, na parte mais baixa fornece excelentes remos. O peso, contudo, torna-a pouco manejável e a madeira recém-cortada, ao cair na água, afunda como chumbo.

À tardinha — tudo por uma mudança! — despencamos duas milhas rio abaixo para a vila de Sant'Ana. Aqui está projetado que durante a estação seca, estacionará o vapor que, durante as cheias, ficará em Juazeiro, a nove léguas de distância. Aogar não passa de um conjunto de pobres choupanas, construídas pouco acima do barranco, cujas pedras soltas e manchadas de ferro iriam acompanhar-nos rio abaixo. Por quatro patacas (1\$140)<sup>12</sup> contratamos um piloto para atravessar o rápido chamado do Sobradinho ou do Vidal Afonso.<sup>13</sup> Durante as últimas 720 milhas, não encontramos obstáculos maiores que as águas encrespadas pelo vento. Ali estava a porta de uma nova região, e o São Francisco iria oferecer-nos dificuldades sempre crescentes, culminando com um obstáculo intransponível. Examinamos atentamente a disposição da terra e do rio. Em frente a Sant'Ana está o ilhote do Junco, mera faixa de areia, tendo atrás de si a ilha do Junco ou de Sant'Ana, habitada e cultivada, com quatro milhas de comprimento por uma e meia de largura. O rio, que corre de oeste para leste, curva-se, no fim da ilha de Sant'Ana para sudeste e avança entre rochedos esparsos durante uma légua, o que torna de impossível navegação o canal do lado direito. Na margem esquerda, as serras da Cachoeira e do Sobrado aproximam-se do rio com uma direção de nordeste para sudoeste. No lado oposto a serra de Tatauí, estendendo-se do sudeste, completa a extremidade de um amplo arco, formado com a serra da Castanheira<sup>14</sup> que vem do sudoeste. Esta última tem um contorno semelhante a um beiral de telhado curvado no meio. Perto do rio, projeta um morro branco, a serra do Capim. Os recifes não são mais do que prolongamentos subaquáticos dessas linhas de granito.<sup>15</sup>

*22 de outubro de 1867* — Apesar do vento e do sol e das “advertências”, com que o povo nos precavia contra os acidentes, eu assumi a responsabilidade. Embarcamos o piloto Jacinto José de Sousa e largamos às duas horas da tarde para enfrentar a cachoeira de Sobradinho. Percorrendo durante uma hora as águas tranqüilas ao norte da ilha de Sant'Ana, chegamos à extremidade da ilha da Cachoeira — estreita faixa de terra bem arborizada — com cerca de quatro milhas de comprimento, havendo um estreito canal entre ela e a margem esquerda do rio. O curso principal, ainda pela direita, é interrompido por certo número de ilhotas cobertas de mato. O piloto declarou que seria um suicídio seguir aquela rede de recifes, que vai de nordeste para sudoeste, formando a cachoeira do Junco e terminando na pingosa cachoeira de Tatauí.

O canal navegável da esquerda é chamado braço da Cachoeira ou do Sobradinho. A boca superior, com 200 metros de largura.

estreita-se logo para a metade e a direção geral é sudeste, com desvios para sul e para leste. Ali terminam as águas tranqüilas e a velocidade da correnteza aumenta consideravelmente, jamais excedendo, porém seis milhas por hora.<sup>16</sup> O primeiro obstáculo era uma pirâmide no meio do rio, com uma plataforma de rocha “en cabochon”, projetando-se a margem esquerda. O material é um granito de grandes buracos, nos quais os salineiros evaporam a água salina, que obtêm, coando a terra.

Logo abaixo da pirâmide, o canal é de novo dividido por duas ilhotas, as ilhotas da Cachoeira. A de cima tem vegetação baixa; a de baixo ostenta árvores. Naqueles lugares o juazeiro e o jatobá, únicas plantas de certa importância, desenvolvem-se livremente em consequência da excessiva umidade do ar. Em 1857 a ponta da segunda ilhota foi levada pela corrente, que também levou um trecho da própria margem esquerda do rio, na qual havia quatro casas. Até que seja detido pelo granito o rio continuará a fazer o mesmo e assim a natureza será seu próprio engenheiro. O caminho livre deixa, à esquerda, a ilhota de cima, cuja ponta é guarnecida de rochedos maciços, e segue, como de costume o vértice de um triângulo; duas pequenas brechas, atravessadas em menos de 4 minutos, fazem a água agitar-se e reverter de ambos os lados. As pedras maiores ficam à direita, onde está se formando uma ilhota e podem ser facilmente removidas por meio de explosões.

Abaixo da segunda ilhota fica a verdadeira cachoeira do Sobradinho, que se distingue por belo conjunto de árvores frondosas à direita da extensa ilha. Do lado esquerdo há casas e cercas ao longo de todo o caminho abaixo. Esse obstáculo principal é uma muralha erguida através da corrente com uma brecha central<sup>17</sup> em que a água se precipita por dois lugares. As barcas preferem aqui serem arrastadas por meio de sirga. Os prestimosos moradores à margem ajudam a operação, em pé num rochedo baixo, do lado esquerdo. Mas os acidentes não são de modo algum raros.<sup>18</sup> Viramos a popa para diante, trocamos os remos pelas varas, e tomamos, com o vento pela frente, o lado esquerdo da brecha. A abertura entre os dois blocos de rochedo, escavados em caldeirões e sulcados pela água, é tão estreita, que quase arranhamos os flancos da embarcação. As pedras submersas abaixo desse ponto foram facilmente evitadas.

Após duas horas de trabalho chegamos à cachoeira do Bebedor, em frente ao lugarejo do mesmo nome. Também ali os rochedos e os troncos submersos não ofereceram dificuldade. Veio em seguida a cachoeira Criminosa, que o qual tem de pior é o nome. Os rochedos

submersos, contudo têm de ser contornados com sucessivas voltas de um lado para outro. Estávamos agora no sopé sul-ocidental da serra do Sobrado, notável formação que há muito vínhamos avistando. Vista de Santa Ana, ao sul, é uma massa em forma de cunha, com linhas brancas inclinando-se para a encosta em direção ao rio. Parece estar à direita, quando na verdade está à direita na margem esquerda, comprimindo o leito do rio. Vista de mais perto revela que três quartas partes da montanha estão revestidas de mato denso, com altas árvores, cuja altura, porém, vai diminuindo à medida que a altitude aumenta. Abaixo dos cumes, há dois blocos quase paralelos de pedra nua, inclinados para o rio e separados um do outro por uma vegetação viçosa, mais baixa. No rochedo inferior, surge a entrada escura de uma caverna. Mais abaixo dizem que existe um túnel maior.

O maciço tem o aspecto de ser composto de pedra calcária, baseada em granito com afloramentos no rio.<sup>19</sup> A peculiaridade de seu aspecto originou várias lendas. Segundo diz o povo, uma "corrente", foi encontrada do topo até o fundo. Nosso piloto, homem destituído de imaginação, ridicularizou a corrente, mas afirmou que às vezes, perto da estação chuvosa, ocorrem na montanha estrondos, o último dos quais fora capaz de amedrontá-lo. Como observei, são comuns no Brasil os casos contados a respeito de montanhas que roncam. Em certos lugares, esses ruídos misteriosos talvez possam ser explicados por uma súbita elevação ou depressão da montanha.

No sopé da serra do Sobrado, evitamos, passando para a direita, uma sucessão de barreiras menores. Uma pequena corredeira foi o último obstáculo e, às 4 e 25 da tarde, chegamos à Boca do Braço, onde a extremidade sul-oriental da ilha da Cachoeira projeta alguns blocos dispersos de pedra no leito principal do rio, então limpo e estreito. Gastamos assim, na travessia de Sobradinho, duas horas e 45 minutos. Mas o vento esteve sempre contra nós. Desembarcamos Jacinto José de Sousa na margem esquerda e agradecemos-lhe muito. Ao partir gratificamo-lo. É um bom homem, cuidadoso, competente e — coisa maravilhosa de contar-se: trabalha em silêncio.

A obstrução, em seu estado atual e nesta estação, é fatal à navegação a vapor. Durante as enchentes o único obstáculo deve ser o ímpeto das águas. A abertura de um canal nas rochas graníticas não parece solução e no atual estado de civilização, não parece justificar-se o emprego de comportas. A remoção das rochas dispersas e dos bancos conduzirá a água para o talvegue central e permitirá uma passagem segura que, uma vez feita, não será provalmente obstruída. O Sr. Halfeld calcula o custo em £39.000, que é talvez o mínimo, se

ao menos as três milhas forem entregues à navegação para rebocadores a vapor através do ano inteiro. Ao mesmo tempo a cachoeira do Sobradinho é o primeiro indício, do sul, das grandes cachoeiras e interessa tanto ao engenheiro quanto ao geógrafo.

Continuamos a descer o rio, que se estreita de duas milhas para um quarto dessa largura e logo atingimos outro indício das cachoeiras: a primeira ilhota de rocha avistada. Essa cumiada no meio da corrente é a prolongação de um serrote na margem norte. Entre as lajes quebradas. Da parte inferior, meio mascarada pela vegetação espessa, há uma caverna com má fama. A novidade desse fenômeno como de costume, gera fábulas. Embora feios, jamais os barqueiros dormirão aqui, com medo da sereia de cabelos de ouro, que ali jaz à espera deles. Conhecem-na como ilha da Mãe-d'água. Mas as "pessoas sérias", que desaprovam a lenda de Mélusine de Lusignan,<sup>20</sup> chamam-na de Santa Rita, uma santa que costuma resolver os impossíveis e que, pouco conhecida na Inglaterra, é festejada a 12 de julho no Brasil, com novenas e foguetes, o que torna o dia insupportável. Ao anoitecer ancoramos no banco de areia do Lameirão. Estávamos agora a 9º 20' do Equador, o grande astro já passa quase a pino. No entanto o tempo mantinha-se frio e borrascoso. Cinco pequenas cabanas à vista na margem esquerda, marcavam o *Pau da História*,<sup>21</sup> a divisa entre a Bahia, ao sul, e a província de Pernambuco, ao norte.

23 de outubro de 1867 — Após remarmos hora e meia, o vento, proveniente de nuvens turvas, empurrou-nos para a margem direita, onde ancoramos. Uma moita de figueiras silvestres, cobertas de erva-de-passarinho (*Polygonum*)<sup>22</sup> e nascidas em leito de macia, curta e verde *graminha*, o capim local da Bahia, abrigou as esteiras de maneira mais agradável que qualquer barraca. Essas demoras eram inevitáveis e o único remédio era tirar delas o máximo prazer. A paisagem ajudou muito. O brilhante céu azul, aprofundando-se através das folhas carnosas e escuras, servia de moldura. O quadro era o grande rio, louro como o Tibre, desfilando atrás dos retorcidos troncos e das raízes reforçadas das gameleiras. Não faltavam vida e ação ao poema. Beija-flores, pouco maiores que libélulas, com bicos vermelhos e plumagem de verde opalino, olhavam para o forasteiro, pousados nas mais finas e leves pontas de galhos. Depois paravam imóveis no ar, com as penas da cauda para cima e as asas oscilando, enquanto mergulhavam o bico de agulha no cálice de uma flor, ou esvoaçavam a seu lado.<sup>23</sup> A seguir, cortavam o ar como uma seta lançada pela mão do homem, para procurar algum cacho mais rico e mais novo.

Em comparação com os demais colibris brasileiros que são, contudo, mais frágeis e delicados que a menor das carriças européias, aquele pássaro era como a Vênus de Canova ao lado da Esfinge. E aqueles corpos diminutos contêm poderes formidáveis de amor e de ódio. Lutam tão furiosamente quanto amam, e nenhum bípede sem penas jamais morreu de *heinweh* tão pronta e certamente quanto um beija-flor aprisionado em uma gaiola.

Nosso dia se passa da maneira seguinte: levantamo-nos antes do amanhecer e, depois da colação do café com biscoitos e roscas, cuidamos de escrever diários ou arrumar as coleções. Os tripulantes comem feijão com toucinho entre 7 e 8 horas da manhã. Eu adio minha refeição até as 11 horas, quando o grosso do trabalho diário já foi feito. A proa de uma das canoas é bom lugar para um banho frio e não há melhor preparo para as horas mais quentes. Depois do meio-dia o trabalho torna-se mais leve, e entram em jogo as pequenas atividades adquiridas pelo viajante africano. Exemplo: a confecção de grosseiros cigarros com fumo de três cordas comprado em Januária. Ler é, sem sombra de dúvida mais agradável do que escrever, em uma jangada vacilante em cima de um colchão recheado de palha de milho que serve de mesa, e o desfilar das paisagens do rio das montanhas, combinados com a sutil delícia do simples movimento é um antídoto contra o *ennui*. Quando a brisa se transforma em ventania, exploramos o vale, procurando conchas e metais, ou galgamos os morros para apreciar a paisagem. Mas se o demônio da preguiça resolve dominar-nos, estendemo-nos sob as árvores, gozamos a sombra perfumada e uma vida macia como o musgo, aproximando-nos da terra silenciosa. Quando se aproxima o pôr-do-sol, alimentamo-nos humildemente com arroz, quando há, e carne ou peixe, dentro das mesmas e restritas condições. Quando as aves noturnas começam a despertar do sono diurno, procuramos um local bem abrigado onde as imundícies não nos perturbem e emborcamos. É uma vida perfeitamente à vontade e o único receio ou dificuldade é que a noite seja fria demais, ou o dia muito quente, ou o vento muito forte. A *spes finis* é e será a última coisa em que confiamos.

Durante perto de quatro meses de viagem, descendo o rio São Francisco, com alternativas de tempestades e de chuvas, vento frio e quente, névoas e sol escaldante, não tiver uma hora sequer de doença. Davidson, é verdade, teve sezões. Mas já chegara ao rio doente e seu estado de saúde, na verdade, melhorou. Por outro lado não se poderá esquecer que não viajamos na época má; que no São Francisco, como em todos os demais rios brasileiros, ocorre quando

as águas baixam e secam. Adotei poucas precauções e quase todas compreendidas no meu velho sistema de alterar a dieta o menos possível. É minha íntima convicção que, apesar de permanecer no estrangeiro durante certo tempo, o viajante não deve conformar-se a seguir "os hábitos e costumes do povo". No que diz respeito à água potável, o único cuidado necessário é lavar todas as noites as vasilhas e deixar que se decantem os elementos estranhos, o que prontamente ocorre, sem necessidade de alúmen ou óleo de amêndoas. O café mantém o calor vital e o caldo de lima corrige a tendência para o escorbuto, que muitas vezes acompanha os desarranjos intestinais. Nas manhãs frias, e todas as noites, eu me esquentava com um cálice de bebida, bom conhaque (assim chamado) quando encontrado, ou cachaça, quando não havia outra coisa. Religiosamente evitamos estimulantes, mesmo vinho e cerveja, durante o dia. Dois gramas de quinino corrigiam prontamente uma depressão nervosa. Minha principal preocupação era estar vestido agasalhado ao dormir, precaução que adquiri com os árabes da África oriental. Andar e conversar são condições necessárias de higiene, mas, acima de tudo, atividade de espírito, "sempre que fazer", bom humor e, de novo, não pensar em *spes finis*.

24 de outubro — A noite estava tão tranqüila que uma vela sem proteção queimaria até o fim. Não se deu o mesmo na manhã seguinte. Passamos à direita da Barra do Riacho do Salitre. O riozinho salobro pode ser navegado por canoas durante as cheias.<sup>24</sup> A barranca é aqui elevada e branca com blocos camadas e fragmentos da melhor pedra calcária. As pedras são bem cercadas e até o carnaubal é rodeado de espinhos. Mais abaixo encontramos um labirinto de rochas submersas a acima da superfície. Não há, contudo, necessidade de melhoramentos. Depois de ficarmos, mais uma vez encharcados, passamos a bombordo da ilha do Fogo e encontramos abrigo em uma pequena angra<sup>25</sup> na extremidade oriental da vila de Juazeiro, defendida por uma capoeira de arbustos que chegam até o rio. Os mercadores, em geral, ancoram mais a oeste.

## Notas ao capítulo LXV

1. N.A. Millivet (*Geogr. Dict.*) deturpou a expressão, conforme a gramática e fora do bom-senso, o nome da povoação para Santa Sc. c que foi adctado pelo Sr. Keith Johnston. O Sr. Halfeld, seguindo a pronúncia, escreve indiferentemente Santocé, Sentocé, Centocé; no mapa, Sento Sé. Há muitos nomes semelhantes nessa parte do rio, como Urucé e Prepecé (que já mencionamos).

Sento Sé, como Sabará, era o nome de um cacique índio ao qual pertenciam as terras. Segui a grafia adotada pela família Sento Sé.

2. N.A. Mulungu (provavelmente termo africano) é o nome de uma árvore espinhenta, leguminosa, que dá favas vermelhas e pretas, semelhante, mas muito maiores, às de *Abrus precatorius*. São esmagadas e aplicadas às feridas dos animais quando entra o «bicho».  
N.T. Segundo o *Dicionário* de Aurélio, espécie de ingome, de origem africana.
3. N.A. O Sr. Halfeld (*Relatório*, 124) chama a rocha de gnaiss-granito e afirma que nela encontrou piritas que podem ser auríferas.
4. N.A. O ferro, conforme nos disseram, é trazido da fazenda vizinha de Sento Sé, de João Nunes, no rio desse nome.
5. N.T. Em português a expressão *aspeada*.
6. N.T. Em português a expressão *aspeada*. O autor escreve «tomar fresca».
7. N.A. Diz-nos o príncipe Max (I, 219) que nunca viu um espécime desses horríveis caninos, que agora não são raros na Bahia. Ele se refere a Humboldt (*Ansichter der Natur*, p. 90) que os menciona na América do Sul espanhola.
8. N.A. De *cume*, cimo de uma serra, assim como dizemos *cume* de um monte. O Sr. Halfeld, p. 126, a propósito de *Cumeira*, opõe-na a *caibros* que suportam as *ripas* que suportam as estreitas tábuas longitudinais sob as telhas.
9. N.A. O Sr. Halfeld escreve *Giquitala*, e traduz (*Relat.* p. 126) por «pimenta socada com sal».  
N.T. O *Índice* do IBGE grafa *Jiquitala*. O *Dicionário* de Teodoro Sampalo, cit., traduz: «*Corr. yiquitaí*, o que é picante; o molho; a formiga urente.
10. N.A. Acima de Casa Nova, o Sr. Kelth Johnston coloca o rio Casa Nova, que ele transforma em fronteira entre Bahia e Pernambuco, correndo cerca de vinte léguas do grande rio, mais ou menos a oeste da longa cadeia de serras divisorias das águas dos vales do São Francisco e do Parnaíba. Como se verá, a fronteira corre na légua 241 e não 234. O Sr. Halfeld, dispõe corretamente.
11. N.A. Essa útil planta é desconhecida no curso superior do rio. Seu nome deriva da aspereza do caule e da parte inferior da folha.
12. N.A. As barcas pagam 4\$000, e quando nada perdem.
13. N.A. *Sobradinho* é um penedo em geral no alto de um morro. É menor que o *sobrado*. No que diz respeito ao nome antigo, de Vidal Afonso, do que se encontra nos livros não posso dar a menor informação.
14. N.A. O Sr. Halfeld chama-a serra do Saco do Meio.

15. N.A. Atrás dessa larga seta, e como que formando sua ponta, está a serra do Salitre ou do Mulato que se parece, pela rampa marrom pouco acentuada e pelo penedo branco do alto, com a serria da Cumeira, abaixo de Sento Sé. Ao aproximar-se de Juazeiro a parte mais alta dessa serra, parece usar um barrete como a do Pintor em Xique-xique.
16. N.A. Refiro-me evidentemente ao momento em que passei por ali. Mesmo então as seis milhas podiam ser reduzidas a uma média de quatro milhas por hora.
17. N.A. O Sr. Halfeld chama a essa parte *O caixão*. Ele calcula-o em 5,70 a 7,1 pés de largura, quase que estreito demais para deixar passar as barcas. A maior altura do rochedo acima da água é de 8,60 pés. A corrente central é de 4,17 milhas por hora e a altura é de 3,6 pés.
18. N.A. Foi nesse ponto que a barca do Sr. Halfeld, *Princesa do Rio*, arrebentou o cabo da sirga e quase se perdeu. Lê-se no *Relatório*, p. 132. «Informaram-me que o piloto que havia dirigido minha embarcação na descida do rápido morreu no mesmo lugar.» Informaram-me que Manuel Antônio, piloto em causa, caíra de sua canoa e se afogara em águas tranqüilas, naturalmente depois de haver «bebido demais». Coisa alguma, a não ser um completo descuido, pode provocar um acidente em Sobradinho.
19. N.A. O piloto afirmou que o material era mármore. O Sr. Halfeld (p. 133) descreve-o como itacolomito, alternado com extratos xistotalcoso e quartzo, correndo de sul-sudoeste para norte-nordeste com inclinação para oeste.
20. N.T. Mélusine de Lusignan é a lendária antepassada dos Lusignan. Raimundo de Lusignan, seu marido, havia tomado o compromisso de jamais vê-la aos sábados. Desobedecendo ao compromisso descobriu que nesse dia ela se transformava parcialmente em serpente. Com isso, ela desapareceu mas aparece nos fossos do castelo e dá gritos angustiados cada vez que um descendente está ameaçado de morte. Daí a expressão «pousser des cris de Mélusine».
21. N.T. Divisa entre as províncias.
22. N.T. Designação de diversas plantas parasitas da família das lorantáceas e não *Polygonum*, como por equívoco, diz o autor.
23. N.A. Na região o povo acredita que o beija-flor transforma-se em mariposa (*Macroglossa titan*). Bates tratou do assunto.
24. N.A. O Sr. Keith Johnston coloca um rio muito acima de Juazeiro e outro muito abaixo. Mas nenhum perto dela.
25. N.A. Aqui chamada *ressaca* ou *resaca*.

## CAPÍTULO LXVI

### A VILA DE JUAZEIRO

**A vila não merece o grande nome que tem — Descrição da vila — As redondezas — Preços atuais das mercadorias — A vinha — O coronel Sento Sé e o vapor “Presidente Dantas” — Visita à ilha do Fogo — As estradas de ferro da Bahia e de Pernambuco para Juazeiro — O malogro das estradas de ferro no Brasil — Negligência das comunicações fluviais — A Companhia Baiana de Navegação e uma pequena viagem férrea ao longo das cachoeiras, o verdadeiro sistema de explorar o São Francisco.**

Encrespava-se a onda docemente  
Qual aura leve quando move o feno;  
E como o prado ameno rir costuma  
Imitava as boninas como a espuma.

(*Caramuru*, VI, 44)

Havia muito que ouvia falar nesse lugar como o ponto terminal onde se encontrariam as grandes linhas férreas. No alto São Francisco falava-se dela como de um centro de civilização, uma pequena Paris, e o governo provincial da Bahia determinou que se levantasse um plano minucioso do lugar, para ser conservado em seus arquivos. Muita coisa para a imaginação. Passemos agora à realidade.

Juazeiro tem um ar de família com a Vila da Barra do Rio Grande. É uma extensa linha de casas defronte do rio, que aqui alcança cerca de 2.500 pés de largura e flui em linha reta de oeste para leste. As margens elevam-se de 21 a 25 pés acima do nível da água, mas muitas construções revelam sinal de água. Todos os habitantes declaram que o Sr. Halfeld, enganou-se quando declarou no *Relatório* (p. 140), que “a grande enchente de 1792 atingiu 45 palmos”, acima de 32 pés, “acima do nível usual; de modo que nessa

ocasião a igreja foi inundada até 11 palmos, e assim, mais ou menos, todas as habitações”. Em 1865, asseguram eles, a inundação igualou a de 1792, e embora atingisse o cemitério, ficou a dois ou três palmos abaixo da igreja e da rua principal.

Algumas casas defrontam o rio, especialmente no quarteirão mais civilizado, no bairro do Ceste. O centro apresenta uma escada, arruinada, de largos degraus, e as casas apresentam ali as paredes do fundo e os muros dos quintais voltados para o rio que lhes arrancou o reboco e pôs a nu o esqueleto de adobes, ou de pau-a-pique. O solo arenoso exige alicerces de pedra calcária ou de cantaria, de que a região é uma reserva. As ruas, contudo, são totalmente destituídas de pavimento e só as melhores construções dispõem de uma pavimentação de tijolos. Algumas raras árvores, a cuja sombra se vende sal e se fazem pequenas transações, estão esparsas pela praia que é coberta de seixos, pedra-pudim e quartzos cimentados de cimento, nos níveis mais baixos. A vila só tem um sobrado, pertencente a cerca de quatorze proprietários e, mesmo esse, não tem sinal de vidro nas janelas.

Há um cemitério a oeste, de muros caiados e cobertos de telhas, incluindo uma pequena capela. Daí sai a rua do Mourão, que fica em face do rio. Por trás desse beco fica a rua do Açougue, e, ainda mais para o lado da terra, a rua Recuada, ambas compostas de fileiras irregulares de casinholas miseráveis, na maioria cobertas de palha. Essas ruas têm a pretensão de se equiparar às do Rio de Janeiro, mostrando as direções dos veículos por meio de indicações, quando não há uma só carruagem num raio de 300 milhas.

A meio caminho, na prolongada depressão, fica a praça do Comércio, em cuja areia solta os pés se enterram até o calcanhar, e que forma excelente refletor do calor solar. Sua principal finalidade parece ser a de servir de arena para briga de perus. Fizeram-se tentativas de arborização com tamarindeiros, que estão enfezados, e com a almendra de folhas carnudas,<sup>1</sup> de oito anos de idade, mas pouco desenvolvidas em comparação com as que encontramos mais no interior. Ali ficam as principais casas de comércio. Antes de 1857 eram cinquenta e duas, mas muitas falências reduziram-nas a quatorze, sem contar as vinte e cinco vendas. O termômetro da civilização, que é a agência postal, é também uma loja de secos e molhados. O caixeirinho, não com muita vontade, permitiu-me ver as “cartas retidas” que jazem numa caixa de água de colônia sem fechadura. O correio deve partir no 3º, 13º e 23º dia de cada mês, e chegar no 2º, 12º e 22º. Estávamos no dia 24º e não havia sinal de chegada.

Mas quem se preocupava com isso? Há na vila uma única farmácia e o capitão, que a mantém, receita ele próprio. Não há médicos: a mortalidade é, pois, pequena. A população não é, de modo algum, uma raça saudável. A altitude, acima do nível do mar, não vai além de 1.000 pés. Abundam os resfriados e pleurisias, para não mencionar outras doenças. Uma das habitantes tinha o nariz comprido como a tromba de um elefante e um olho nas mesmas condições. Essa horrível afecção é chamada cabungo ou erisipela.

A parte principal da praça é ocupada pela nova matriz de Nossa Senhora das Grutas feita de pedra, tijolo queimado e cal, naturalmente inacabada. Eu pensava que se tratava da falta de fundos. Mas os habitantes disseram-me que não era esse o caso, e sim a política, provavelmente. O pequeno templo original, que se diz ter sido construído pelos jesuítas e seus auxiliares índios, não mais satisfazia. O novo tem duas janelas abertas, ou antes, dois buracos. Abaixo há um par correspondente, fechadas com finas hastes de madeira. Os campanários, como os de Siena dos Terremotos, são meras paredes com aberturas nas quais os sinos estão suspensos. Esquisitos remates dão a impressão de orelha de burro levantadas, quando o animal se espanta.

Além da igreja fica a rua Direita, fragmento de rua que acaba perdendo-se no espaço. O rio é aqui defrontado pela rua dos Espinheiros, cujas poucas palhoças e vendas mantêm um comércio pouco ativo. Um barracão de madeira vasto, coberto de telhas pela metade, abrigando enormes roscas de madeira e carroças novas de estilo antigo, representa a alfândega, onde o vapor será lançado — quando chegar.

Juazeiro foi desmembrado de Santo Sé, sob cuja tutela chegara a freguesia, e tornou-se vila a 18 de maio de 1833. É hoje sede de comarca e residência de um juiz de direito. Possui uma Câmara Municipal e uma cadeia. O município é bastante povoado. Conta 1.500 votantes. A população urbana era de 1.328 almas em 1852. Atualmente deve ir a umas 2.000; uma quarta parte é de escravos, ao passo que as casas, cujo número não aumentou, são 344, sujeitas ao imposto chamado da décima urbana.

A situação de Juazeiro é comercialmente boa. É um ponto onde se cruzam quatro vias principais: o curso superior do rio, o inferior, a grande estrada real para a Bahia e as estradas para as províncias do norte. Essa posição central assegura-lhe importância na projetada província de São Francisco. Ela espera naturalmente tornar-se capital. Mas qual a vantagem de uma capital junto à

fronteira? Sua posição será a de um grande empório, transmitindo ao litoral a produção do sul do Piauí e do leste de Goiás. Outrora mantinha ativo comércio com Ceiras (oitenta léguas), ex-capital do Piauí, e esse comércio se mantém, mesmo depois que Teresina, noventa léguas mais longe, tornou-se capital. Encontrei no porto somente duas barcas: a viagem redonda, que vai e vem à cidade de Cachoeira, ponto final da navegação a vapor do Recôncavo Baiano, teve seu custo elevado ultimamente de 15\$000 para 25\$000, ou mesmo 30\$000 por mula, carregando ao máximo dez arrobas — cerca de 10 xelins por 32 libras. A viagem de ida, via Vila Nova da Rainha, leva de dez a treze dias, sendo o deslocamento mais rápido, o de oito léguas por dia. Dizem que uma estrada tecnicamente construída reduziria a distância de noventa e duas a setenta léguas.

As terras circundantes de Juazeiro, especialmente do lado baiano, são pobres, duras e secas. As chuvas duram de outubro a março e não caem as chuvas fertilizantes da estação seca. O preço é assaz caro. Duas léguas quadradas dificilmente podem ser adquiridas por menos de £ 2.000 libras. Há alguma coisa feita em matéria de criação de cavalos e burros, gado bovino, carneiros e cabras, porcos e aves domésticas, especialmente perus. Sal, salitre, pedra calcária e açúcar com gosto de sal, são fornecidos pelo riacho do Salitre. Esse rio nasce perto de Picuí e recebe os tributos do Jacobina Novo e do Jacobina Velho, desembocando no São Francisco, depois de um curso de quarenta e uma léguas. Um lugar chamado Brejo, distante da vila coisa de quatro léguas para sudoeste, é o celeiro local e, como é pequeno, os mantimentos têm de ser importados do curso superior do rio. O Brejo produz, em abundância, abóboras, melancias, especialmente no começo das chuvas. As laranjas são pequenas e verdes, como a variedade selvagem, não encontrando clima apropriado. Abaixo de Boa Vista, não medram de modo algum. As limas não têm caldo e a metade delas é de caroços. A cochilha não foi aperfeiçoada e não há tabaco, para o qual o solo nitroso é bem adaptado. Fui aconselhado por um rapaz que passara, há pouco, em Boa Vista a prover-me de razoável reserva de feijão, farinha de mandioca, arroz e milho, já que não encontraria nada disso nas famintas localidades entre Juazeiro e as Grandes Cachoeiras. Tomei a precaução por segurança, mas, como se verá, era de todo desnecessária, além de ter causado considerável incômodo. Não conseguimos comprar uma libra de arroz com casca. O preço era elevado e o artigo vermelho e ordinário, digno apenas de um *kruboy*.<sup>2</sup> O peixe era abundante, e o surubim, o salmão do rio era pescado por meninos. Alguns queixavam-se de que o aumento da correnteza,

o fundo rochoso e a agitação das águas, dificultavam a criação de peixes e que o São Francisco já não é um Mississípi, o pai dos peixes. Outros afirmam, e com razão, que o que falta são pescadores e não peixes, que jamais se atira uma rede em vão e que as lagoas, enseadas e ipueiras produzem grandes cardumes.

Na margem oposta, ou setentrional, fica o porto da Passagem do Juazeiro, ultimamente chamado Petrolina de Pernambuco. Consistia numa capelinha, de Nossa Senhora de Tal,<sup>3</sup> e meia dúzia de casas, com teto de telha, de frente para o rio, e tendo por trás umas poucas cabanas, numa ondulação de terreno mais alto e saudável do que a margem direita. As duas povoações são ligadas por um barco de transporte que aproveita e utiliza o “*vent traversier*” e conduz de vinte e cinco a trinta cabeças de gado. Cada passageiro paga, por viagem, \$080, cavalo ou burro \$400 (a carga e o tropeiro não pagam) e gado vacuum \$300. A situação mudou pouco desde após 1863, quando Halfeld calculou o movimento em 7.500 a 8.000 almas, 10.000 reses e 1.300 burros e cavalos, bravos e mansos, velhos e novos, destinados ao mercado baiano.<sup>4</sup>

Minha carta de apresentação destinava-se ao comandante superior da Guarda Nacional, tenente-coronel Antônio Luís Ferreira, que dela não se dignou tomar o menor conhecimento. Procurei então José Vieira, jovem comerciante, que havíamos conhecido rio-acima. Seu armazém ficava na rua do Mourão, a rua do lado oeste, de frente para o rio, tendo em frente um cruzeiro de madeira preta em pedestal de tijolo e cal. Dos homens que estavam ali reunidos, nenhum foi capaz de me dar uma informação sequer dos nomes das ruas. Felizmente travei conhecimento com o capitão Antônio Ribeiro da Silva Júnior, filho de português e nascido na localidade. Já estivera na Europa e imediatamente convidou-nos para jantar e conversar.

O capitão falou a respeito de uma gruta que descreveu como tendo uma descida para a entrada semelhante à da gruta do Mamute.<sup>5</sup> Estende-se por três ou quatro milhas, e fica distante 19 léguas do leito do riacho do Salitre. Há velhas lendas de minas de prata perto de Santa Ana e cobre na fazenda da Caraíba, a dezoito léguas a leste-sudeste. Nosso hospedeiro havia descoberto uma formação diamantina, abrangendo ao menos vinte léguas quadradas, na rica terra de agricultura e café, das quais Jacobina Novo é o centro. Serviu-nos um excelente doce de batata-doce, que tem aqui uma variedade vermelha como a beterraba, com lista branca. Seu jardim tinha cinco belas parreiras, com cinco anos de idade, formando um caramanchão, mas que quase não podiam manter-se. Esta é uma terra da uva e quase toda

casa tinha seu parreiral. As parreiras produzem, durante todo o ano, uma *uva durencina*, que é vendida em Juazeiro por \$240 e na Bahia por 2\$000 a libra. Muito se tem escrito sobre a capacidade de produzir o Brasil seu próprio vinho. Na minha opinião isso só será possível nesses climas em que a estação quente é também a estação chuvosa. O mesmo cacho contém uva madura, uva meio madura e uva verde, o que faz um bom vinagre. Não há cura para os males sofridos por esta

*Non habilis Cyathis et inutilis uva Lycae.*

Por outro lado, onde o tempo chuvoso começa com o solstício de inverno e onde o verão do hemisfério sul for seco e ensolarado, a uva, acredito, está destinada a prestar bons serviços.

Minha visita seguinte foi ao Sr. Justino Nunes de Sento Sé, natural da cidade cujo nome usa. Aqule cavalheiro me apresentou à sua senhora e às suas belas filhas que, depois de uma experiência de três meses em Juazeiro, preferiam a Bahia, cidade natal delas. Seu nome fora escolhido pelo conselheiro Manuel Pinto de Sousa Dantas para superintender o vapor que, desde 1865 deveria ser lançado às águas do alto São Francisco. Infelizmente para o projeto, o Sr. Manuel Pinto de Sousa Dantas assumiu a pasta da Agricultura e Obras Públicas e seu sucessor como presidente da província não se mostrou, de modo algum, interessado bastante em levar avante os planos do antecessor.<sup>6</sup> Sento Sé queixou-se muito da oposição de particulares. Um proprietário juazeirense, tenente-coronel Domingos Luís Ferreira, oferecera o correspondente a £ 1.600 para receber o vapor das mãos do governo, no porto das Piranhas, limite atual da navegação a vapor no baixo São Francisco e transportá-lo desmontado por cavalos e burros para passar as Grandes Cachoeiras, depois em barcaças. Seus amigos ficaram ressentidos com a rejeição da proposta e espalharam a informação de que o candidato preferia gastar inutilmente £ 6.200, que as peças do Presidente Dantas estavam espalhados pela estrada da Bahia e que um engenheiro, mandado do Rio de Janeiro para montar a maquinaria, tinha, depois de quatro meses de espera improfícua, regressado em julho de 1867.

Então o navio, que os jornais tinham anunciado haver chegado a Juazeiro, e que Sua Excelência esperava estar em serviço ao mais tardar em setembro de 1867, não se encontrava, de fato em lugar algum. Sento Sé parecia aborrecidíssimo com o caso e falou em organizar uma empresa privada para a navegação a vapor do São Francisco. É lamentável ver uma grande idéia assim destruída por ciúmes e mesquinhos interesses particulares. Por mais que eu tenha

lamentado a utilização de engenheiros estrangeiros neste império, onde podem ser encontrados profissionais do país, há casos em que a designação de um estrangeiro não lançará contra ele cem inimigos, como acontece com um brasileiro.

Ficamos retidos em Juazeiro até que os dois homens contratados em Januária concordaram, por consideração, em me deixar em Boa Vista; o pessoal não gozava ali de bom conceito e contavam casos de vários barqueiros ladrões de seus patrões e deixando-os "limpos". Bebem e são perigosos. Assim os homens de abaixo de Boa Vista são sempre preferidos. José Joaquim e Barbosa "Barba de Veneno" conquistaram para sempre a minha gratidão ao concordarem em acompanhar-me até mais abaixo, não assim o "Menino" que, à noite, voltava à *Elisa* arrastando-se como um réptil, enquanto o escravo Agostinho andava abatido com o enjôo e tornara-se muito malcriado.

Foi um momento bem desagradável, como são todas as paradas forçadas perto das cidades. Os negrinhos saltavam na água junto a nós, e os jovens mulatos chegaram a regatear chapéus de palha, bilhas e conserva de laranja. Estávamos ancorados no meio das lavadeiras, que eram objeto de espírito grotesco. Uma delas usava como proteção à cabeça, uma cabaça, o que me trouxe à lembrança o Tritão, cantado por Camões (V, 17). Era muito feio e

*Na cabeça por gorra tinha posta  
Uma mui grande casca de lagosta.*

Em nenhum lugar no Brasil vira tão grande exposição de ombros; ultrapassava a moda da quitandeira baiana. Tornava-se realmente notável desde que deixáramos Minas Gerais.

Quando me fartei de ombros, visitei a ilha do Fogo, pequeno Monte de São Miguel, pelo qual pássamos acima da vila. Trata-se de uma formação interessante e foi o primeiro que vi no gênero: uma ilha fluvial compósita de rocha terminando em uma comprida ponta de areia; as partes planas eram cobertas de arbustos e um esplêndido jatobá não era a menor contribuição para sua beleza. O braço setentrional em que se divide o São Francisco é, embora navegável, perigoso, devido às pedras submersas; por isso, provavelmente, Juazeiro localizou-se à direita.

Desembarcamos entre os blocos e saliências da extremidade ocidental. O material era granito cinzento, revestido em alguns lugares de uma substância vítreo-arroxeadada, semelhante ao ferro que tivesse sido exposto a grande calor. Havia várias massas amigdalóides e veios de quartzo, mas não encontramos piritas.<sup>7</sup> Foi fácil escalar a torre de

lajes quebradas, com cerca de oitenta pés de altura. Alguns visitantes diligentes haviam aberto um caminho entre macambiras e cortado o quipá. O cume do morro domina uma extensa vista do São Francisco, panorama de planície bem dotada, com morros baixos e serras anãs, postos avançados das grandes paredes dos vales ribeirinhos. A leste da ilha do Fogo, há dois pequenos afloramentos da mesma rocha, emergindo de plantas espinhentas.

Juazeiro, como eu já disse, é o ponto final escolhido para as duas estradas de ferro anglo-brasileiras, a de Pernambuco e sua mais nova, a da Bahia. Ambas derivam da lei de 26 de junho de 1852, que decretou a concessão da linha D. Pedro II. Uma garantia de juros de 7% (cinco por parte do Governo Imperial e dois por parte do Provincial) facilitou a abertura das vendas das ações. Os relatórios acerca de uma região rica e fértil, que aguardava somente ser cortada por trilhos, determinou a direção da rota em relação ao rio São Francisco. Iniciaram-se os trabalhos com a ousadia característica das grandes expectativas. Não foi organizada uma comissão para traçar o plano dentro do qual a grande linha central deveria correr. Dever-se ia constituir para fazer aturados estudos preliminares do terreno. Não se ligou a isso. Vi no Brasil calcular-se cortes para aterros baseados num levantamento cujos níveis foram abertos baseados num plano feito por alto, fixados pelo Sympiesometer. O resultado era o que se poderia esperar. As linhas foram lançadas e construídas com todos os defeitos concebíveis. Partiram de lugares errados, correram em direções indevidas, e têm um custoso acabamento onde poderiam ser simples. Ficaram dispendiosas quando poderiam ser baratas. Construíram-se túneis onde as terras poderiam ser adquiridas por uma ninharia. Desse modo os orçamentos foram vergonhosamente excedidos e os sete por cento transformaram-se em tremenda desilusão. Não foram construídos ramais, nem as adutoras. Daí as queixas e recriminações. Os acionistas tomaram prejuízo e o Governo achou-se sobrecarregado indefinidamente, com uma enorme dívida que terá de ser paga pelo crescente aumento das tarifas. Aqui, e aqui somente, a máquina a vapor concorreu para decivilizar uma região estabelecendo a dívida acerca de comunicações, que eram bastante más, e hoje são piores. Somente aqui os burros podem com êxito competir com a máquina; os escritores antibrasileiros compararam o progresso do país com o da preguiça. E realmente, nesse passo, ele ficará para trás até do Canadá. Finalmente aquelas duas linhas-tronco pararam a poucas milhas das capitais provinciais onde começaram e construíram suas últimas estações; ou na floresta virgem, ou em área campestre,

pouco mais produtivas que as favorecidas em torno de Suez. No presente momento pode-se dizer que os empreendimentos ferroviários no Brasil acham-se paralisados, e o Império sofreu descrédito no mercado financeiro da Europa, por culpa da má administração, cujas responsabilidades cabem principalmente a estrangeiros.<sup>8</sup>

Por outro lado a navegação a vapor prosperou e, de Juazeiro para baixo, iríamos verificar que a chegada, todas as semanas de uma pequena embarcação do porto das Piranhas,<sup>9</sup> galvanizou toda a região, num raio de 270 milhas, até o Crato, no Ceará. Homens vestidos de couro, que nunca haviam deixado a terra natal, estão agora carregando de algodão seus animais e fazendo compras, com as quais nunca haviam sonhado ainda alguns meses passados. Em 1852, o Sr. Halfeld observou “por causa das grandes cachoeiras do São Francisco, tanto acima como abaixo de Cabrobó, o tráfego fluvial pouco se desenvolveu”. Esse trecho é obsoleto em 1867, demonstrado como está, mesmo nessa rarefeita população, o efeito do progresso nas comunicações. Espero ver a Bahia Steam Navigation Company (Limited)<sup>10</sup> aumentar sua frota de dezesseis para cinquenta barcos. Ela seguiu o caminho certo, com energia e economia, deve progredir.

## Notas ao capítulo LXVI

1. N.A. Nunca vi a flor ou fruto dessa árvore, que parece a *Sterculia*. Cresce na atmosfera de Pernambuco, que não é úmida, e foi plantada, talvez, pelos antigos portugueses de Quiloa, África Oriental.
2. N.A. A lista de preços é a seguinte, levando-se em conta que o alqueire é quatro vezes maior que o da Bahia:
  - 1 alqueire de feijão (em 1852, 11\$500) : 20\$000
  - 1 » de farinha de mandioca (6\$400) : 12\$000
  - 1 » de sal (12\$000) : 24\$000
  - 1 arroba de toucinho (7\$680) : 10\$000. Este foi o preço que paguei, mas estava 3 s. e 3d. a mais.
  - 1 » de farinha de trigo (\$240) : 14\$000 ou 16\$000
  - 1 » de biscoito (10\$000) : 16\$000
  - 1 » de cera da região (5\$000) : 6\$400 (o mel é também barato e abundante.)
  - 1 » de cera de carnaúba (5\$000). Não se faz atualmente.
  - 1 » de carne-seca (3\$400) : 6\$000 a 7\$000
  - 1 » de algodão em rama (2\$500) : 2\$000
  - 1 » de algodão limpo: 8\$000
  - 1 » de açúcar (7\$000) : 4\$000 a 5\$000
  - 1 libra de aço: \$400
  - 1 » de chumbo, em barra ou em grãos: \$400
  - 1 » de salitre: \$080
  - 1 » de enxofre: \$320

1 vara (jarda de 43 polegadas) de tecido de algodão (\$320) : \$400  
 1 » de fumo em rolo: \$160  
 1 rapadura de Januária (\$240) : \$160  
 1 rapadura (pequena e salgada) do rio do Salitre: \$080  
 Folha-de-flandres: \$240  
 Tábua de madeira (1\$600) : 2\$000  
 1 garrafa comum de vinho de Barcelona (\$640) : 1\$000  
 1 » de Porto: 2\$500  
 1 » de vinagre (\$320) : \$800  
 1 » de cachaça de Jacobina, fraca: \$200  
 1 » de cachaça de milho de Santo Amaro (a melhor): \$500  
 1 vidro de óleo de rícino: \$240  
 1 » de óleo de azeite doce (1\$000) : 1\$600  
 Por côvado (cúbico de 26 1/2 polegadas) de chita (média): \$280  
 Couro bruto de boi (1\$280): 2\$800 a 3\$000  
 de bezerro, conforme o tamanho, a partir de \$800  
 de carneiro ou cabra: \$320

3. N.T. A padroeira de Petrolina é Santa Maria Rainha dos Anjos.
4. N.A. O imposto sobre o transporte é recebido na vila da Boa Vista, que deveremos visitar rio abaixo.
5. N.T. A gruta do mamute (*Mammoth cave*) é uma enorme gruta calcária situada no Kentucky, EUA. O total da extensão dos túneis é estimado em 150 milhas. Há duas espécies de peixe ali encontradas, uma delas completamente cega e a outra sem ter sequer olhos rudimentares.
6. N.T. O sucessor de Manuel Pinto de Sousa Dantas na presidência da Bahia foi o Conselheiro Ambrósio Leitão da Cunha, barão de Mamoré.
7. N.A. O Sr. Halfeld descreve a rocha como granito com veios de quartzo. Ele encontrou talco, manganês e piritas.
8. N.T. A Estrada de Ferro baiana alcançou afinal Juazeiro muitos anos após. Em 1871 resolveu o governo contratar os estudos do prolongamento de Alagoinhas até Timbó com o engenheiro Antônio Maria de Oliveira Bulhões. A estrada alcançou aquela localidade em 1887 V.: Nascimento Brito, *cit.*, p. 161. No final do Império chegou, finalmente, a Juazeiro. A Viação Férrea Federal Leste Brasileiro vai a Juazeiro, a 570 km do Salvador. Petrolina, que lhe fica em frente, é o início de outra linha que vai terminar em Paulistana, já no Piauí.
9. N.A. O primeiro vapor comercial partiu de Penedo no dia 3 de agosto de 1867 e chegou a porto das Piranhas no dia 5 do mesmo mês.
10. N.A. Essa companhia foi organizada em 1861. O estatuto foi aprovado pelo Governo Imperial em 1862 e ela começou a funcionar, como companhia inglesa a partir de junho daquele ano. O seu capital é de £160.000, do qual cerca de £150.000 foi realizado. As subvenções concedidas pelos governos do Império e da Província vão a £20.000 por ano, equivalendo a uma citava parte ou 12,5% do capital. O contrato atualmente em vigor durará até

1872 e um decreto imperial (n.º 1.232, de 1864) autoriza o governo a, no fim daquele prazo, rever e prorrogar o contrato e as subvenções por mais dez anos. As obrigações da companhia compreendem a comunicação com os principais portos do litoral brasileiro, estendendo-se para o norte, da Bahia a Maceió e, para o sul, a Caravelas ou São Jorge dos Ilhéus; igualmente a navegação interna do Recôncavo, da capital da província às cidades de Cachoeira, Santo Amaro, Nazaré, Valença e Taperoá, tocando nas vias intermediárias; em terceiro lugar a navegação do rio São Francisco, de Penedo a porto das Piranhas; em quarto a navegação das lagoas do norte e Manguaba, na província de Alagoas. A frota compõe-se de 16 vapores seguintes, seis dos quais empregados na navegação costeira e dez na navegação interna, isto é, na Bahia de Todos os Santos e na navegação fluvial:

1	São Salvador	280	toneladas de registro	150	H. P.
	Dantas	295	»	»	165 H. P.
	Gonçalves Martins	298	»	»	126 H. P.
	Sinimbu	312	»	»	126 H. P.
5	Santa Cruz	178	»	»	103 H. P.
	Cotinguiba	195	»	»	103 H. P.
	São Francisco	153	»	»	60 H. P.
	Dois de Julho	261	»	»	50 H. P.
	Jequitaiá	250	»	»	60 H. P.
10	Santo Antônio	153	»	»	40 H. P.
	Boa Viagem	153	»	»	40 H. P.
	Itaparica	62	»	»	30 H. P.
	Lucy	30	»	»	12 H. P.
	Vitorina	3	»	»	3 H. P.
15	(Em construção)	200	»	»	75 H. P.
	(Em construção)	200	»	»	75 H. P.

No que concerne a propriedades imóveis, a companhia possui na cidade da Bahia, oficinas para a manutenção da frota e armazéns convenientes para material e carvão. Na cidade acabaram recentemente a construção de novos molhes para embarque e armazéns para carga. Também construíram-se desembarcadouros convenientes em todos os portos da baía.

Essas informações foram-me fornecidas pelo Sr. Hugh Wilson, da Bahia, superintendente da companhia, enérgico e amante do progresso. Ouso esperar que seus pontos de vista sejam aceitos com a habitual liberalidade pelo Governo Imperial e que uma pequena linha férrea ligue em breve o porto das Piranhas a Juazeiro. É claro que essa devia ter sido a primeira providência tomada. Mas se for a última, não nos queixaremos.

## CAPÍTULO LXVII

### DA VILA DE JUAZEIRO À VILA DA BOA VISTA

#### Décima travessia,<sup>1</sup> 22 léguas.

**Considerações gerais sobre a travessia, o jardim do São Francisco — Os “Dois irmãos” — A cachoeira do Jenipapo — A vila da Boa Morte, outrora Capim Grosso — Sua origem — Sua escassa civilidade — Continuação da viagem — Beleza das proximidades da vila de Boa Vista — O projeto de canal — Ainda outro canal — Chegada à vila — O comandante Superior — Recrutamento dos conservadores — Origem da vila — Descrição de seu estado atual — Engajamento de nova tripulação — O piloto Manuel Cipriano e o remador “Capitão Mole” — Novos remadores para as corredeiras.**

Terra feliz, tu és da Natureza  
A filha mais mimosa; ela sorrindo  
Num enlevo de amor te encheu d'encantos.

(Bernardo J. da Silva Guimarães, *Poesias*.)

Entramos agora numa região que me deixou as mais agradáveis impressões. Entre Juazeiro e Boa Vista fica o jardim do curso inferior do São Francisco, talvez um trecho mais belo que perto de Pirapora. A correnteza se precipita, na média de quatro nós por hora, e, posto que as rochas submersas apresentem alguns riscos, a viagem é muito mais agradável e a agitação e efervescência da água mostram que há uma profundidade considerável. Há fazendas e campos de ambos os lados, cada qual com seu espantalho para espantar as capivaras e as aves que roubam a plantação. Não há aridez, posto que o ar seja intensamente seco, como resultado da evaporação. O orvalho é pesado

os ventos secos arrebatam as partículas das chuvas do curso superior. As margens em declive são todas virentes de mandioca, milho, feijão e capins selvagens. O vale é pontilhado de morros piramidais, dos quais às vezes até cinco juntos ficam à vista. Atrás deles estendem-se ondulações de terrenos cobertos de mato ralo ou espesso. Essas catingas altas<sup>2</sup> se sucederão até Várzea Redonda. O cajueiro e o caju rasteiro são agora comuns.<sup>3</sup> As principais produções são os cactos, o gigantesco mândacaru, o facheiro, cuja madeira seca serve de tocha, o equinocacto, cabeça ou coroa-de-frade, o xiquexique, o nopal achatado costumeiro e o anão quipá. Os principais arbustos são o araçazeiro (*psidium*) e o tingui (*Magonia glabrata* St. Hil.). As maiores árvores são pau-pereira (*Aspidosperma*), a leguminosa caraíba, cujas vagens verdes, grandes e amargas são apreciadas pelos bodes e os veados, a leguminosa catinga-de-porco,<sup>4</sup> cuja folha se parece com a do barbatimão; o salgueiro<sup>5</sup> e o pau-preto, cujo tronco parece crestado pelo fogo.<sup>6</sup> Em muitos lugares falta combustível perto do rio. Atrás de nós ficava a formação diamantina e os campos de ferro. Aqui encontramos piritas, traços de ouro e grandes depósitos calcários. Os ventos, na presente estação, são violentos, mas cessará o poder deles após Boa Vista. Aqui as árvores e gramados são curvados para o rio pela persistência e poder da ventania. Fomos advertidos de que devíamos esperar ventos contínuos, de noite, e frios, ainda de dia. As manhãs são frias e nevoentas, mas o sol começa a castigar-nos a partir das dez ou onze da manhã e permanece até bem tarde.

*Sexta-feira, 25 de outubro de 1867* — Providenciamos para partir às 11 da manhã e deixamos de lado Juazeiro Velho, à margem direita. O lugar ficou superado desde seu abandono pelo canal do rio. Os ventos regulares eram moderados, mas turbilhões de areia e redemoinhos,<sup>7</sup> turbilhões de areia, rolando sobre as largas margens do rio, obrigaram-nos a baixar o toldo. Dos cinco morros à vista, só um bloco, branco e coberto de mato, ficava próximo ao rio, cujas numerosas ilhas, bancos de areia e ilhotas, dividiam-no em correntes independentes, ao menos em duas. Pedras vermelhas e rochas vitrificadas, espalhadas pelo leito, produziam o som costumeiro das cachoeiras.<sup>8</sup> Ao nos aproximarmos demasiadamente da margem esquerda, encalhamos e, durante alguns minutos ficamos suspensos na crista de uma pedra submersa que não percebêramos. As margens estavam verdes com o duro capim-cabeludo, que é plantado para servir de forragem no período da seca. Quando não é afogado pelas enchentes, vive, segundo me disseram, vinte anos.

Depois do pôr-do-sol ancoramos ao largo das cabanas de Mato Grosso, na margem direita. O curso do rio São Francisco aqui segue para o norte com ligeira declinação para leste, e o leito não é tão largo como acima de Juazeiro. Em oposição a nós, ou quase em pleno oeste, fica um belo ponto de referência: o pico da serra do Aricori ou Ouricori,<sup>9</sup> ligado a uma serra maciça, cuja direção é noroeste. Ainda que distante cinco milhas suas características eram visíveis.

*26 de outubro de 1867* — A tripulação, ansiosa por avançar, começou a trabalhar às 5 horas da manhã, e passamos rapidamente pela ilha de Maniçova<sup>10</sup> e outros incidentes sem importância. Fomos, porém, obrigados a parar ancorados de nove da manhã até uma e meia da tarde, enquanto a terra estava sendo soprada e aquecida. A terceira légua revelou-nos a fazenda do Pontal; aqui, na margem direita ou meridional, uma série de cones esparsos, conduzem a corrente de nordeste para sudeste. Defronte dela penetra o riacho do Pontal,<sup>11</sup> e abaixo dele, a ilha do mesmo nome, de grande comprimento. Mais abaixo, do lado baiano, surge o pequeno arraial da Boa Vista, com sua capela de N. S<sup>a</sup> dos Remédios. Por mais de uma hora fitamos o estranho serrote dos Dois Irmãos, pirâmides gêmeas, com encostas suaves e semelhantes de ambos os lados. As faces alcantiladas de pedra branca destacavam-se do mato, então verde de arbustos. Ao pôr-do-sol uma sombra cinzenta espalhou-se sobre eles. Começado o crepúsculo, apressamo-nos. Passamos por Cachoeira da Missão, pedras sem importância a estibordo, e logo depois desembarcamos na margem de Pernambuco, em um lugar chamado Pontalinha, em frente da ilhota do mesmo nome. Eu dera condução, desde Juazeiro, a um moço que ali morava. No desembarque apareceram três mulheres e levaram na cabeça, com relutância afetada, as poucas rapaduras e dúzias de garrafa de cachaça que ele trouxera para revender. Eram seres de aspecto selvagem, as cabeças muito pequenas, estavam enquadradas por vastas cabeleiras, os olhos surgindo, pequenos e redondos dentre uma profusão de cachos mal tratados, fazendo lembrar as bruxas.

*27 de outubro de 1867* — Passando os Dois Irmãos, fomos levados a ancorar no começo da cachoeira de Jenipapo, pequeno obstáculo, com a respectiva brecha, cerca de oito milhas acima da grande cachoeira. Com um atraso de 7 horas da manhã às 2 horas da tarde, do lado da Bahia, vimos a Barra Grande<sup>12</sup> do Curaçá. A foz tem cerca de 230 pés de largura e a ponta direita projetada no rio principal uma grande abóbada de Pedra. A montante o rio apresenta

linda paisagem com muita verdura. Mais ou menos três milhas abaixo fica a Cachoeira Grande do Jenipapo, com casas na margem direita e pedras esparsas pelo rio. Encontramos, porém, um caminho livre pelo centro. Longe, a nordeste, surgia uma serra maciça, com uma superfície castanha, verde e riscada de branco, cuja margem de estibordo mostrou, alternando-se com xistos graníticos cinzentos, grandes blocos alvíssimos de pedra calcária. Pela colocação dispersa são muitas vezes confundidos com habitações humanas.<sup>13</sup> Em Barrinha, pequeno curso de água e aldeia, mais abaixo, dois fragmentos quebrados de um rochedo, estendem-se paralelamente um e outro ao longo do leito do rio do sudoeste para nordeste. O vento nos impelia furiosamente, a corrente corria muito rapidamente; quase fomos esmagados quando o piloto nos fez ir de encontro a uma dura ponta. Ele se queixou de sezões, atribuindo-as às subidas e descidas do rio. Na verdade ele sofria os efeitos de excesso de café e de jacuba.

Ao cair do sol vimos de longe, à margem direita, uma pitoresca vila: era a vila do Senhor Bom Jesus da Boa Morte, que os vizinhos persistem em denominar de Capim Grosso, nome original. Defrontando o nordeste e em face do rio, uma igreja caiada e coberta de telhas, no estilo baiano, com coruchéus em lugar de torres e uma fachada que brilhava com as incrustações de fragmentos de louça, colocada no alto de uma elevação. Ao longo do rio havia dois sobrados e uma fila de casas brancas que precediam cabanas castanhas. As cercas estendiam-se até junto ao rio e no barranco das margens havia árvores frondosas que pareciam gigantescas diante dos arbustos espinhentos.<sup>14</sup> A meio caminho no barranco, a seco, e há muito tempo em terra, estava uma velha barca, ali encalhada desde as últimas enchentes.

Ancoramos num lugar abrigado, sob a pedra que defrontava a igreja. Mas o rio é aqui interrompido por duas ilhas, a ilha das Torres, ao sul, e a ilha do Jequi<sup>15</sup> junto à margem esquerda. Mal tínhamos ancorado quando se espalhou a notícia de que chegara o vapor. Despencou pela ribanoeira um *posse comitatus* de notáveis, na maior parte “bodes” e “cabras”<sup>16</sup> metidos em sobretudos escuros, paletós (palavra que aqui se tornou *pariatoca*, com os complementos brancos. Só um homem aproximava-se da raça branca. Era provavelmente o professor de primeiras letras. Agachou-se como um indiano em uma pedra e principiou a lavar o rosto com ambas as mãos, enxugando-se depois com um lenço que tirou do bolso. A decepção causada pelo ajojo provocou gargalhadas. As pilhérias mais sem graça diziam-se com voz alta e da maneira mais grosseira. Parecia-

me ouvir, mais uma vez, o som do órgão do Ugogo africano. Coisa raríssima de se ver no Brasil, todos ignoraram a presença de forasteiros e faziam observações indelicadas acerca da possibilidade de uma embarcação daquele tipo poder chegar a Várzea Redonda. Eu era ameaçado de naufrágio desde a partida de Sabará. Pouco depois, ao saberem que ia ser abatido um boi, correram todos como urubus.

Capim Grosso, que merece o título de Vila Grosseira, era arraial até 1853. Foi elevada a município pela supressão de Pambu (a 283 léguas).<sup>17</sup> As casas podem agora atingir o número de setenta e as almas 350. As ruas largas não são excessivamente mal-feitas e o logradouro paralelo ao rio está atravancado de lajes de dura ardósia talcosa e de granito listado de quartzo, que podem fornecer bom material para construção. A cadeia, repleta de recrutas para a guerra, espiando por trás das grades de madeira, era guardada por quatro soldados. Identificava-se a Câmara pelos papéis colados à porta. A igreja, de tijolo queimado, sobre alicerces de gnaisse era totalmente desproporcionada com o que se via. Na praça do costume encontramos algumas lojas e uma "Aula Pública Primeira".<sup>18</sup> Andamos em seguida por um caminho coberto por espessa camada de areia até o cemitério e o barracão que lhe servia de capela, atrás da povoação. Daqui por diante começam as espinhentas catingas altas, onde parece que o algodão se adapta bem. O chão era coberto de seixos e blocos de quartzo de todas as cores e tamanhos. A pedra parecia aurífera. Dali tinha-se bela vista da serra do Roncador, na outra margem onde, segundo se diz, o vento ronca furiosamente. Cerca de uma légua e meia para leste está a serra da Capivara, comprido bloco interrompido, que todos dizem conter ouro, posto que o metal nunca tenha sido trabalhado. Daí talvez procedam os seixos auríferos.

Capim Grosso é o lugar mais atrasado que víamos até então. Não apresentava o menor sinal de hospitalidade ou de simples civilidade. No entanto os habitantes eram razoavelmente abastados. Muitos estavam a cavalo, com as selas feitas à moda da terra, com fortes rabichos e peitorais adequados para subir e descer morros. Os caipiras, para proteger-se do sol, usam feios sombreiros. Os elegantes levantam um pedaço da larga aba e, prendendo-a com um grande botão metálico, transformam o chapéu num tricórnio. Esses chapéus são feitos de couro de cabra, carneiro ou veado. Os últimos são os melhores, mas qualquer um serve. Parecem-se com os couros "babool-stained" da Índia ocidental.<sup>19</sup> As mulheres excedem de muito os homens. Inadvertidamente havíamos nos aproximado do ponto em que elas tomavam banho. Ao anoitecer, elas divertiam-se dentro da

água, em torno de nós e discutiam, em tom de pilhéria, sobre a conveniência de tirar as mais íntimas peças do vestuário. A localização de Bom Jesus da Boa Morte é favorecida pela natureza, mas este é o único mérito que reconhecemos na povoação. É de esperar que futuros viajantes tenham motivos para descrevê-la de modo mais favorável.

*28 de outubro de 1867* — A gente de Januária encontrou aqui parentes e isso atrasou-nos até seis horas da manhã. Depois de duas léguas e meia, chegamos a um obstáculo: a cachoeira das Caraíbas. O rio havia subido de novo. A água estava abundante e clara e pudemos, facilmente, encontrar o canal seguro, perto do molhe natural de pedra à direita. Nesse ponto, esperava-se que as chuvas iriam começar em breve. O tempo, porém, estava seco desde setembro, quando havia chovido copiosamente, mas por pouco tempo.<sup>20</sup> À esquerda ficava a serra do Curral Novo, notável pelos seus cumes arredondados, plataformas e lombadas côncavas. As terras, de ambos os lados do rio, eram de extrema fertilidade, apresentando um aspecto ameno e risonho. Na fazenda de Goiás, uma casa caiada de branco e bem coberta de telha, o rio começou a dirigir-se de sua rota norte para noroeste. Na margem esquerda, a alguma distância, apareceu Pedra Branca, uma ondulação coberta de mato com um bloco de pedra calcária branca, bem visível no flanco. Abaixo há outra formação semelhante, o morro da Boa Vista,<sup>21</sup> que dá a impressão de dois morros, mas na realidade são três, dispostos em triângulo, com a base na direção do rio. O terceiro era coberto de catinga rala, parecendo uma cabeça quando começa a ficar calva. A sul-sudoeste do último estava a vila da Boa Vista, nosso destino.

À esquerda, mais ou menos a uma légua acima da cidade, passamos pelo ilha de Icó.<sup>22</sup> A margem, que é uma baixada, é interrompida pela Barra Grande da Boa Vista. Ali o Sr. Halfeld (*Relatório*, 149-150), propõe o início de um grande canal, proposto pelo Dr. Marcos Antônio de Macedo<sup>23</sup> e outros homens ilustres. As águas do rio São Francisco seriam drenadas através de um canal para o riacho dos Porcos, que desemboca no riacho Salgado, afluente do rio Jaguaribe, que atravessa o Ceará de sul-sudoeste a nor-nordeste. É um projeto gigantesco, que resolveria realmente a horrível praga da fome e despertaria de sua letargia a população do interior do Ceará e seus vizinhos das províncias da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Infelizmente, a cerca de quarenta léguas, o caminho é interceptado pela serra do Araripe, que separa o Ceará de Pernambuco. O Sr. Halfeld aprova calorosamente a idéia com a condição de encontrar-se

uma passagem (*baixada*) através da serra. O povo de Boa Vista nunca ouviu falar do Dr. Marcos, nem do seu canal, e riu quando eu lhes li o Relatório. O autor do projeto é ainda vivo, dizem-me, no Crato, que lhe seria muito grato pela sua boa intenção. Posto que o projeto do canal malograsse, a grande movimentação de dinheiro que ocorreria na simples tentativa seria, sem dúvida, salutar.

Já que estou falando de canais, não custa lembrar que já outros foram sugeridos. A idéia mais ousada de todas foi a que se originou de um projeto do tenente Eduardo José de Moraes. Esse oficial, ao que parece, foi estimulado pelo relatório do Sr. Emmerly sobre o canal entre o rio Hudson e o lago Champlain e pelo quadro brilhante de prosperidade que o Sr. Michel Chevalier prevê como resultado da canalização nos Estados Unidos. Ele se limitaria a conduzir as águas do rio Preto, o maior afluente do rio Grande<sup>24</sup> e atirá-las no Paranaguá, ou Parnaguá, lago perto da cidade desse nome,<sup>25</sup> nas cabeceiras do Gurguéia, o grande afluente central do Parnaíba do Norte. A distância entre as duas correntes é somente de vinte léguas que, segundo se afirma, poderiam ser reduzidas a quinze. Mas infelizmente há uma linha divisória que barra o caminho. Essa dificuldade é admitida com a maior ingenuidade<sup>26</sup> e confessa-se que o rio Gurguéia “ainda não foi explorado” (n’a pas encore été exploré). “Un inconvénient se présente cependant dans le tracé de ce canal, c’est l’existence d’une chaîne de montagnes entre la vallée du San Francisco et celle du Parnaíba, et qui pour cette raison appelée des Vertentes<sup>27</sup> par le baron d’Eschwege, qui la trouve la moins élevée de tous les autres systèmes de montagnes du Brésil. Il est donc naturel de penser qu’une partie de ce canal pourrait être souterraine, cependant rien ne vient prouver ce fait puisqu’une reconnaissance n’a pas encore été faite dans ce sens: peut-être existe-t-il une gorge, une dépression où l’on pourra le faire passer même à ciel ouvert”. E para tentar quimeras como tais o autor lançaria uma taxa sobre as empresas inglesas de mineração de ouro, que nunca foram capazes de suportar a mais leve taxa.

Obrigados a cruzar a margem direita, através de uma pequena brecha acima da vila, fomos por um triz derrubados pela violência das rajadas. Conseguimos, contudo, atracar à margem, protegidos por uma projeção da rocha. Mandei sem demora minha carta de apresentação ao comandante superior Sr. Manuel Jácome Bezerra de Carvalho. Ele procurou-nos imediatamente e dispôs-se a obter-nos um piloto e um remador. Conversamos a respeito da estrada de ferro projetada desse ponto ao Porto das Piranhas, evitando assim todas as

cachoeiras. Nosso interlocutor declarou que a linha era areenta e sem morros, e como era tortuosa, sua extensão poderia ser reduzida de setenta para sessenta léguas. Nem ele, nem nenhum dos seus amigos haviam visto a vizinha Niagara. Várias vezes, ao viajar para o porto passaram a algumas milhas dela. Os jornais mais recentes datavam de princípios de setembro. No entanto estávamos somente a 200 milhas da navegação a vapor. O comandante deixou-nos numa pressa prodigiosa, por ter de providenciar a remoção de dez, que ele dizia vinte, recrutadas. Esses recrutadas foram mandados para o quartel de Tacaratu. No seu regresso encontramos a escolta de quatorze homens, armados de espingardas, que o levara. Eram indivíduos mal-encarados, escravos ou livres. Só o chefe ia a cavalo. Vestiam camisas antiquadas e calças apertadas de tecido de algodão forte, chapéus, coletes e sandálias de couro. À noitinha vi um miserável “conservador”, perseguido no mato por homens a cavalo. Não tardaram a capturá-lo, a fim de mandá-lo para a guerra. Não é de admirar-se que aqueles lugares se assemelhassem às ruínas que as guerras para conquistar escravos provocaram no baixo Congo.

A fazenda da Boa Vista, cerca de cinco léguas rio abaixo, e pertencente ao avô do comandante, José de Carvalho Brandão, era primitivamente uma aldeia de índios e a sede daquela região. Atualmente erigiu-se aqui uma igreja e os casebres que a cercavam tomaram o nome de Arraial da Igreja Nova, que é ainda conservado pelos ribeirinhos. Em 1838 tornou-se vila da Boa Vista, cabeça de comarca e a residência de um vigário, um juiz de Direito, um juiz Municipal e outros requisitos de vida autônoma. Suas duas freguesias, Santa Maria da Boa Vista e de Senhor Bom Jesus da Igreja na povoação da Cachoeira do Roberto, na margem esquerda do rio, compreendem 6.000 almas avaliação fundada no fato de que uma simples paróquia tem 1.000 votantes.<sup>28</sup> A vila pode ter oitenta e cinco casas e, por ocasião das festas, 500 habitantes. Mantêm-se com a criação de gado e agricultura. Não precisam de muita coisa por aqui. Encontramos à venda carne fresca, mas absolutamente nada mais, nem mesmo uma melancia. Falaram-nos muito a respeito da serra da Tailhada distante umas quatorze léguas da margem esquerda. Dizem que contém alume e salitre, mas não nos foi possível ver uma única amostra. Um homem trouxe-me uma caixa de fósforos cheia de piritas de ferro; como era brilhante e bronzeada, vendiam-na como ouro. Disseram que vinha da região oeste.

A vila, como era de esperar, tem pouca coisa para ser vista. Visitamos o molhe natural, no extremo oeste. A substância é a

ardósia talcosa, contendo muito quartzo, claramente estratificado, com linhas de clivagem estendendo-se do leste-sudeste para o oeste-noroeste, quer dizer quase perpendicular à direção das camadas. As partes mais duras podem fornecer grandes blocos prontos para serem cortados tendo em vista a construção. Em outros lugares é macio e gasto pelos estreitos caminhos de passagem de pedestres, que o descem em degraus. Mais adiante, para oeste, grandes fragmentos deslizaram para o rio. A leste há outro afloramento na orientação sudeste e inclinação noroeste de 35°, em parte espalha-se sem regularidade sobre o íngreme barranco do rio, de pedra, areia e pó de pedra. É, pela maior parte, atravessado por faixas de quartzo branco e contém incrustações amigdalóides. Perto do rio a superfície está revestida com uma capa cor de chocolate escuro, a habitual vitrificação ferruginosa. No entanto o ferro não é encontrado aqui e precisa ser trazido do rio abaixo. As maiores enchentes, mesmo as de 1857 e 1865, as maiores registradas, não atingiram a metade do molhe. É crença geral que as enchentes estão diminuindo e, com elas, as febres.

Visitamos a igreja de Nossa Senhora da Conceição, de forma típica, alta, esguia como a população. O seu único encanto é a coloração. Uma plataforma rochosa constituindo a parte mais alta da povoação e olhando o curso do rio. Um cemitério caído aparece para o norte do interior, separado por uma depressão, pela qual entram as águas sem isolar a povoação. Ao sul da igreja fica a vila exibindo uma simples fila, a rua da beira do rio. Com a usual falta de critério, aqui comum, o povo construiu suas casas voltadas para o templo ofuscante e o quente morro de pedra, enquanto os quintais, nos fundos das casas, ostentam romãzeiras e cantéiros de flores; têm uma linda vista e são refrescados pela viração que sopra sobre o rio, provinda das duas direções. Para o sul, as serras da Capivara e do Curral Novo, fecham a linha do horizonte, com pedras que aparecem acima da superfície e rochas abaixo da água, serpenteiam através do vale. A sudeste ficam as serras do Periquito e do Estêvão. Das quatro pirâmides, uma é notavelmente aguda, enquanto que outras três elevações indicam a serra dos Grós. Não há vidraças, mesmo nas mais ricas habitações e a cadeia, no extremo leste, é uma casa como as outras.

Boa Vista é o ponto terminal da navegação a barca. Nesta estação só ajojos e canoas atingem Várzea Redonda. Aqui despedi com uma gratificação adicional pelos serviços extra, o piloto José Joaquim de Santa e Manuel Filipe Barbosa, aliás "das Moças", aliás "Barba de Veneno" e ultimamente conhecido como "Manuel Diabo". O último,

tendo brigado com o pai severo, a quem irritara, fugira da família, que morava algumas léguas abaixo e não encontrava havia cerca de quatorze anos. Limitou-se a escrever-lhe uma carta de Boa Vista, e meteu-se, discutindo com um amigo, numa pequena canoa que levaria pelo menos um mês para chegar a Januária. Separamo-nos, espero que satisfeitos uns com os outros.

Não houve dificuldade em obter novo pessoal.<sup>29</sup> O comandante recomendou ao piloto Manuel Cipriano que nos procurasse sem demora. Sua tarifa, de 25\$000, não era má para cinco dias de trabalho naquela região. O homem realmente nos procurou logo. Era um homem escuro, nascido em 1817, mas aparentando, pelo menos, 65 anos. Disse ele que sua prematura velhice fora causada por uma vida de abstinência e que ele já ultrapassara de muito a época em que os homens começam a morrer. Tinha um gênio estranho, gostava de brincar com o pessoal que se encontrava à margem do rio, tocava violão, tomava rapé como a maior parte dos barqueiros. Isso exigia uma boceta, como os nossos avós, e conservava uma garrafa particular de cachaça da terra, que embrulhava com muito cuidado, como se estivesse cuidando de um neném. Não trabalhava nunca sem estar alimentado pela bebida e não se podia confiar nele quando inteiramente sóbrio. Era extremamente vagaroso e gastava cinco minutos para enfiar o casaco e vestir os velhos chinelos. Contudo foi o único verdadeiro piloto que vi no rio. Conhecia perfeitamente o ofício, fazia questão de ser o mestre a bordo e manejava um remo difícil com a unção de um remador de Oxford no meu tempo. Não era, sem dúvida, Manuel Cipriano uma perfeição, mas era intrépido e leal. Aprendemos logo a ter confiança em sua coragem, força e precisão. Havia algo de mais interessante mesmo que a beleza em seu olhar, refletindo o perigo, quando manejava o remo como a nadadeira de um peixe monstruoso e plantado firmemente na canoa de popa da balouçante e instável embarcação. Curvava-se de leve para a frente, olhava firme o paredão sombrio para o qual estávamos sendo arrastados a uma velocidade de vinte nós por hora e, graças a alguns engenhosos toques no leme, fazia a proa curvar-se, quase raspando o rochedo.

Dei a Manuel Cipriano carta-branca para escolher seus remadores, e isto foi um primeiro erro. Como ocorre com quase todos os seus patrícios, ele tinha um certo defeito simpático: uma incapacidade constitucional de dizer *não*, que muitas vezes é pior do que a incapacidade moral de dizer *sim*. Assim é que, ao ser procurado por tal José Alves Mariano, opôs-se fracamente à pretensão do outro, conversou longamente com ele à margem do rio e acabou

contratando seus serviços. No entanto ele sabia que se tratava de um refinado vadio, conhecido no rio como “Capitão Mole” e que ninguém o contrataria para tripular uma embarcação.

Mariano se disse natural de Petrolina, o que não era de modo algum boa recomendação. Sua imensa e retorcida cabeleira cor de azeviche denotava a ascendência africana. O princípio jurídico *partus sequitur ventrem* é verdadeiro em mais de um sentido. Era um bom cantador, tinha imenso repertório e, como repentista, adquirira fama local. Ergo, acho eu, adotara o nome poético de Manjerição (*Ocimum basilicum*), que ele pronunciava *Majelicão* e que em breve se tornou Manjar de Cão.<sup>30</sup> Gostava de remar depressa quando a corrente era mais rápida, de modo a tornar inevitável uma pancada da embarcação contra as pedras; nas águas tranquilas, recostava-se, tomava rapé, conversava ou cantava. O pior é que eu não conseguia ficar realmente com raiva do miserável. Tinha um gênio abominavelmente bom, e julgava-se a coisa mais divertida do mundo. Mas foi um alívio quando ele recebeu seus 16\$000 e nos virou as costas.

O dia seguinte foi de falha forçada. O escrivão de órfãos, Sr. Filipe Benício Sá e Lira, emprestou-me amavelmente sua casa e sua secretária, que transformou as horas mais rápidas do que se tivessem ocorrido em outras condições. O vento soprava forte e contrário. O piloto descera numa canoa para sua casa a jusante do rio, donde trataria algum mantimento. Precisávamos de remos grandes. Na véspera o carpinteiro estivera ocupado com o transporte de recrutas. Só depois de concluída tão importante operação é que ele pôde cortar um mandacaru. Esses remos parecem adequados ao trabalho que deles se exige: rudes e pesados, mas compridos e flexíveis. São perfeitamente retos, com cinco pés de comprimento com uma força de alavanca de 2:1. Os remos pequenos, utilizados no curso superior do rio, eram divididos quase meio a meio, e o efeito era o de que estivéssemos usando uma concha de cozinha, terminado o trabalho, o carpinteiro pediu cerca de quatro vezes mais do que ele valia e aproveitou a oportunidade para oferecer 100\$000 pela *Elisa*. Se ele pagasse como cobrava, ele deveria oferecer 1:000\$000.

## Notas ao capítulo LXVII

1. N.A. Antigamente essa travessia compreendia vinte e nove léguas até a vila extinta de Santa Maria (276.<sup>a</sup> légua), ponto terminal da barca no baixo São Francisco. Está hoje reduzida à Boa Vista (269.<sup>a</sup> légua). Durante as enchentes as embarcações vão de Juazeiro a Boa Vista em 24 horas.
2. N.A. O termo aplica-se tanto ao terreno quanto à sua vegetação.

3. N.A. Quando desci o rio, as árvores ainda não haviam frutificado.
4. N.A. Tem um cheiro forte, que, no entanto, dificilmente justifica este nome impertinente.
5. N.A. Produz um fruto inútil. Mas a forte e dura madeira é utilizada para as cavernas das barcas.
6. N.A. A cera que escorre da casca da árvore é empregada no fabrico de velas que são muito duras. Se um pingo dela cai na mão, arranca a pele.
7. N.T. Em português no original.
8. N.A. O Sr. Halfeld propôs a remoção desses obstáculos pelo custo de £340 e £500 e de três outros por £680, £170 e £720, ou seja, um total de £2.410 em vinte milhas. Isto pode ser deixado para depois. Presentemente é inútil gastar um mil réis. O bom piloto livra-se das dificuldades. Nós nos saímos sãos e salvos com homens que jamais haviam conhecido aquela parte do rio ou dela se haviam esquecido completamente.
9. N.A. Também se escreve aricori e ouricori (nome de uma palmeira). Na lingua geral as terminações *i* e *y* são equivalentes e usadas indiferentemente, como tupi ou tupy e guarani ou guarany. N.T. «O *y* representa uma vogal gutural especialíssima 'que se forma na garganta, dobrada a língua com a ponta inclinada abaixo, e lançando o hálito oprimido na garganta com um som misto e confuso entre *i*, e mais *u*, e que não sendo *i* nem *u*, envolve a ambos' ». (Introdução de F. Edelweiss à 4.<sup>a</sup> edição da obra de Teodoro Sampaio: *O tupi na geographia nacional*. Bahia, Câmara Munic. do Salvador, 1955.) O atual *Formulário Ortográfico* suprimiu o uso do *y* nas palavras indígenas.
10. N.A. Esta é, sem dúvida a Manacoba ou grande *Jatropha* de Gardner. Em geral a mançobá é a seringa ou árvore da borracha. Os pontos de menor importância foram a fazenda de Paulo Afonso e uns poucos rochedos na barra do Vieira, que não exigem remoção.  
N.T. Segundo o *Diccion. de Aurélio* a mançoba é uma arvoreta da família das euforbiáceas (*Manihot glaziovii*), da qual se extraiu no passado o látex para produzir borracha, que é de segunda classe.
11. N.A. *Pontal*, como *começo*, aplica-se à cabeça de uma ilhota, especialmente se é um rochedo. O riacho do Pontal vem de Catingas Altas, e posto que muito interrompido, pode ser subido por canoas durante as enchentes. Meus informantes atribuíram-lhe um comprimento de trinta léguas. O Sr. Keith Johnston dá o Pontal como recebendo as águas da serra divisora.
12. N.A. O Sr. Keith Johnston não as menciona; não creio que a despeito de tão belo nome, a corrente possa pretender qualquer importância.
13. N.A. O Sr. Halfeld (*Relat.* p. 147) diz que a rocha é branca e cinzenta, com veios atravessando os estratos em «bichas onduladas» de formação primitiva parecendo mármore, e sua escuridão é suficiente para a serra, podendo ser aproveitadas para obras de arte, pedras tumulares etc. As que examinei seriam

- excelente material de construção. Essas são as feições que deram às montanhas e morros os nomes de Sobrado e Sobradinho.
14. N.A. São chamadas pelo povo de moquém. Foi tudo que pude saber a respeito delas.
  15. N.T. O autor escreve Giqui.
  16. N.T. Em português no original.
  17. N.T. Pequena vila na comarca de Jacobina, a 22 léguas da cachoeira de Paulo Afonso. Originou-se de uma exploração aurífera por bandeirantes, em 1718.
  18. N.T. Em português no original.
  19. N.T. Cápsulas de *A. scorpioides* (conhecida como *neb-neb*) ou sua casca adstringente.
  20. N.A. Aqui chamada «manga» ou «repiquete de chuva».
  21. N.A. Aliás «dos Dois Irmãos», ainda que sejam três. O povo ignora esse nome.
  22. N.A. O Icó ou Ycó (*Colicodendrum icó*), que dá o nome a uma cidade no rio Jaguaribe, no Ceará, e que vai se tornar comum no São Francisco, é um arbusto com uma fruta comestível, que se assemelha à ameixa amarela no Brasil, onde há muito se naturalizou. As folhas são prejudiciais ao gado, produzindo inflamação nos intestinos e rins. O *Sistema* indica para remédio em tais casos, o sal de cozinha e o óleo de mamona.
  23. N.T. Marcos Antônio de Macedo, natural do Piauí, formou-se em direito em Olinda, mas dedicou-se depois, na Europa, às ciências naturais. Foi político: deputado e presidente de província. Foi colaborador do grande *Dicionário Larousse*. É autor de várias memórias científicas.
  24. N.A. V. capítulo XXI, vol. I.
  25. N.T. Paranaguá, no sul do Piauí, fica à margem do Gurguéia, afluente do Parnaíba.
  26. N.A. V. o Sr. Keith Johnston («Grugeia R.»)
  27. N.A. A Serra das Vertentes fica a umas 1.260 milhas ao sul. Passamos por ela em Alagoa Dourada. O rio Preto é tido como nascendo na serra dos Pireneus, que o Sr. Gerber e outros prolongam das nascentes do Tocantins ao vale ocidental do São Francisco.
  28. N.A. Um método grosseiro, mas sumário de avaliar a população nesses lugares, é pelo número de votantes, conhecido por todo mundo. Em alguns lugares é paga uma taxa pelas portas e janelas, mas isso pode conduzir a erros na contagem dos tetos, já que as habitações ainda são denominadas «fogos», conforme fraseologia dos índios norte-americanos.
  29. N.A. O Sr. Halfeld (*Relat.* p. 61) diz que é difícil encontrar barqueiros para jangadas e canoas, em virtude da cachoeira. O único obstáculo é a extrema preguiça do povo. É, porém, bastante agradável confessar que só perdi um dia nessa pesquisa.
  30. N.T. *Ocimum gratisimum*.

## CAPÍTULO LXVIII

### DE VILA DA BOA VISTA A VÁRZEA REDONDA

#### Décima primeira travessia, 45 léguas.<sup>1</sup>

*As corredeiras e os trechos livres*

«Les brésiliens avant la conquête de leur pays par les Européens étaient au degré le plus bas de la civilisation.»

(Príncipe Max, II, 396)

#### Seção I

#### Das boas cachoeiras a Cabrobó

Um pouco abaixo de Boa Vista, o rio, após uma volta curta e toleravelmente clara, volta à direção leste, e penetra numa série de corredeiras e rápidos, que dura umas trinta léguas. A terra começa aqui a revelar a nudez de seu gigantesco esqueleto. O leito alarga-se em muitos lugares até uma légua e está gasto até seu leito de granito. É uma massa de ilhas e ilhotas, todas tendo um nome, de recifes e rochas polidas pela areia, cortadas e abertas em canais pelas águas e lhes dão um brilho vítreo-acinzentado. Em regra o leito é por demais sinuoso para que o vento forme ondas, mas de modo algum é este o caso muitas vezes. As elevações da rocha quartzosa, dispostas aparentemente sem qualquer sistema, aproximam-se do leito, aproximam-se do canal e lançam sobre ele fragmentos de paredes de pedra. As cachoeiras oferecem algum risco para os que descem, mas risco maior para os que sobem.<sup>2</sup> Há muitos e variados triângulos de água, e a velha regra do rio das Velhas, isto é, avançar rumo ao único vértice, dá resultado aqui. Em certos lugares temos que penetrar pela água agitada a fim de evitar pedras afundadas e, às vezes, é preciso correr direito contra uma rocha, e fiarmo-nos no leme e na

correnteza para escapar dela. A única parte realmente perigosa será transposta no nosso sexto dia:<sup>3</sup> tem nove corredeiras, dois redemoinhos, e dois baixios que formam, no espaço de cinco léguas, obstruções tão sérias quanto todo o curso do rio das Velhas. Naquele trecho uma comissão de pilotos poderia fixar o melhor canal, que seria desobstruído, assinalado,<sup>4</sup> tornando-o transitável. O melhor seria, porém, abandonar-se aquela parte do rio e construir-se, ao longo do leito, uma estrada de ferro para Porto de Piranhas, que fica a 70 ou 72 léguas de distância.

A beleza das margens continuava. Casas, fazendas e pastagens estendiam-se pelo caminho todo. Frequentemente apareciam, em ambas as margens, cascalho de ouro, ardósia silicosa e quartzo. Nesse tempo a vegetação está muito queimada e as árvores mais belas estão colocadas em ilhas relativamente úmidas. A quase total ausência de palmeiras dá ao cenário um aspecto de região temperada. A agricultura e a pecuária são os principais recursos da população, mas onde a corrente é baixa não lhes ocorre o emprego da roda da Pérsia ou o moinho. As margens, especialmente a direita, são muito interrompidas por alagadiços, e por ipueiras, que aqui tomam o nome tupi de *igarapé*, ou *ygarapé*. Os afluentes, reconhecidos pelo brilho do capim nas fozes, são meros regatos, devido à crescente estreiteza do vale do rio. Nesta estação os seus curtos e estreitos cursos, estão ou secos, ou transformados em uma fita frouxa de “cacimbas e poções”. Durante as chuvas transformam-se em perigosas correntes.

Disseram-nos que nas noites sem vento, uma vela poderia ser utilizada sem qualquer proteção. Mas isso só ocorreu uma vez. As serras de Araripe e Borborema, a nordeste, impedem, de certo modo, a viração. O alísio muda com a direção do rio, e, nesta estação, sopra invariavelmente contra a corrente. Pela manhã tínhamos uma viração muito leve, mas durante as horas ensolaradas, o vento soprava com intensidade, e os cúmulos se acumulavam à tarde. Havia uma imensa evaporação, o que provocava uma sede constante e transformava o fumo em pó. Em conjunto, aquele trecho é um laboratório que destila um poderoso vapor para o curso superior do rio. As chuvas vêm, em geral, do norte, algumas vezes do sul. Os aguaceiros violentos só ocorrem em março e abril; chove durante novembro e janeiro, agravam-se as chuvas em fevereiro e março.

Entramos agora na sede das extintas missões jesuíticas, terra de ruínas, coisa estranha num país tão jovem. Vemos com espanto que, há mais de um século, as redondezas estavam muito mais adiantadas do que no presente. A Companhia, deve ser lembrado, foi extinta e

expulsa, confiscando-se-lhes os bens no domínio português pela célebre lei de 3 de setembro de 1759. Os jesuítas, feita a abstração de suas instituições realmente nocivas, e do mal resultante de seu domínio, ensinaram a seus convertidos, a civilização do trabalho. Os “aldeados”,<sup>5</sup> ou índios reunidos em aldeias, deixaram vir abaixo suas capelas, e estão regredindo rapidamente para a selvageria. Enfim, o papel dos velhos padres foi pobremente preenchido por missionários italianos e de outras nações, que, nos últimos anos, têm sido espalhados fracamente por esses postos avançados.

*Quarta-feira, 30 de outubro de 1867* — Com infinito trabalho, procedemos à partida às 11 horas da manhã. O velho “Menino” estava embriagado e incapaz de fazer qualquer coisa e o novo remador “Herb Brasil”, depois de curto período de atividade, passou a se desinteressar de tudo que não fosse cantar. Descemos entre a margem esquerda e a grande ilha Pequena. Surgiam campos cercados e tetos de colmo sustentados por quentes raios do sol. Os carneiros e cabras são magros e maltratados. Os donos pedem 1\$000 por uma caixa de ossos. Nos morros cobertos de mato ao norte há muitos sóbrados — elevações semelhantes a uma casa, de pedra de cantaria; abaixo há casinhas cobertas de telhas, e, aqui e ali, uma fazenda. Os negros estavam cantando enquanto procediam à limpeza do terreno. As margens são de boa qualidade. Da jangada não vimos depressões no solo, e as raízes das plantas — crescem em linha reta para baixo.

O canal da Roça, que havíamos seguido para evitar a furiosa cachoeira do Ferrete, à direita, traz à lembrança o rio das Velhas abaixo da sua confluência com o Paraúna. Encontramos, afinal, à direita a ilha da Missão (Nova), e seu santuário arruinado, um dos estabelecimentos mais ao sul dos jesuítas. O canal corre de oeste para leste com uma curva para o norte, e tem ao menos três a quatro milhas de comprimento. Diversas ilhotas estão espalhadas entre ele e a margem esquerda. Há poucos obstáculos, mas as numerosas rochas submersas exigem uma pilotagem cuidadosa.<sup>6</sup> O serrote do Pau Torto, à esquerda, deliciou-nos a vista. Mais em baixo os morros dos Grós, três outeiros, já vistos de Boa Vista, formam um maciço e aproximam-se do leito do rio, que é comprimido ainda mais pela serra de Santo Estêvão,<sup>7</sup> do outro lado. Ambas as margens projetam no rio molhes naturais de rochedos, o que torna as águas escuras e remoinhosas. Acima a vila, os Grós surgem como um penedo. Partindo desse terreno encantado os barqueiros têm ouvido freqüentemente o som do tambor e o canto e os passos de multidões que desfilam. À medida que crescem os perigos do leito do rio, cresce a

crença em coisas não vistas, até que enfim cada rochedo seja sede de uma superstição.

Neste ponto viramos de leste para o norte e passamos entre a margem esquerda e a ilha da Missão Velha. Tem uma capela arruinada de Nossa Senhora da Piedade, fronteira a um cruzeiro. Era antigamente populosa e cultivada. É agora habitada por um só morador. O capitão Mole decidiu que tinha trabalhado bastante por esse dia — eram três horas da tarde — e como recusei-me a encostar à esquerda, onde ele tinha amigos, ele simplesmente deixou cair na água o novo remo de mandacaru, e promoveu assim uma parada. Era inútil tentar a passagem da corredeira, cujo ronco ouvíamos abaixo, sem dispor de todo nosso aparelhamento. Fiz com que ele mergulhasse (ele nadava como um peixe), mas a corrente era forte e a madeira pesada, certamente havia rolado rio abaixo.

Paramos do lado esquerdo, defronte de Missão Velha e Manuel Cipriano tratou imediatamente de cortar um novo mandacaru. Alguns ranchos e moitas de belos juazeiros e quixabeiras, davam à margem um aspecto agradável. O zozó ou *Psistis* formavam brilhantes leitos na água, especialmente nas barras dos córregos. Em alguns lugares o alto ubá<sup>s</sup> parecia plantado pelo povo. Os ressaltos com uns dois pés quadrados nos barrancos da margem estavam plantados com cebola, hortelã-pimenta, de que se fazem bons julepos, e o meru, tubérculo comestível, com uma folha semelhante à da taioba. Enquanto isso as forquilhas baixas das árvores ostentavam potes plantados com alfazema e flores para os cabelos das mulheres.

Fomos então saudados por uma voz conhecida vinda do alto, e reconhecemos, a despeito de certas penas tomadas por empréstimo, a face prazenteira de Manuel Diabo. Seus irmãos, sabendo que ele saíra de Boa Vista sem fazer uma visita ao lar, haviam-no perseguido, indignados, e trazido de volta para receber *volentem volentem*, para receber a bênção materna. Ele tomara emprestado o casaco preto e os chinelos de seu amigo piloto e deles se desfez apenas nos conduziu à Fazenda.

A margem é ali plana e sujeita aos excessos da seca e das enchentes. Tem ao fundo um morro cinzento de ardósia talcosa, com veios de quartzo, com o qual termina por confundir-se abaixo. O arbusto do algodão medra admiravelmente e cada pé diz-se que produz trinta libras. Um pouco tem sido exportado, mas o velho lavrador queixou-se de uma praga que tem aparecido nos últimos tempos. Provavelmente a planta está precisando de novas terras. A maior parte das cabanas aqui tem teares que não são nada melhores. con-

tudo, que os de Unyamwezi. O gado vacum, carneiros e cabras parecem tratados razoavelmente e os barqueiros encontraram abundância de aves. Os vôos dos pombos selvagens são descritos como semelhantes aos dos Estados Unidos. À tardinha foi morto um gordo vitelo. Homens e mulheres saudaram o truão em versos improvisados, aos quais ele respondeu com graça. O tambor não cessou senão ao romper do sol. Pela última vez ouvimos o canto do João-corta-pau. A parte de lamentações coube a outra ave que está sempre se queixando, como o cão-do-mato na África Ocidental, de que o fogo se extinguiu.<sup>9</sup>

31 de outubro de 1867 — O velho piloto trabalhou esforçadamente na carpintaria, sob uma árvore que dava sombra. Até mesmo "Majelição" colaborou. Eu havia adiado o desjejum até que o remo ficasse pronto. Às 10,30 demos adeus a todos em torno e dirigimo-nos ao lugar donde vinha o ronco. Esta cachoeira da Panela do Dourado,<sup>10</sup> a primeira abaixo de Boa Vista, tem sido vencida por barcas, mesmo durante a estação seca, mas é perfeitamente capaz de causar danos. Dirigimo-nos ao norte da ilha da Missão Velha e, enfrentando forte correnteza, passamos entre ela e sua vizinha do norte, a ilha do Serrote. Em seguida, pondo a popa em frente, avançamos pelo canal habitual<sup>11</sup> com a ilha dos Angicos à direita e a das Cabras à esquerda, e salvamo-nos sem nada de mais que um roçar de pedras. Foi uma cena selvagem e bravia, uma série de rios dentro do rio, um labirinto tortuoso de correntes, formado por sete grandes e uma multidão de pequenas rochas, através das quais a *eau sauvage* corre em direção reta como um arco. A jarumataia ou angari, arbusto parecido com uma vassoura, castanha em baixo e verde em cima, crescia em moitas nas ilhotas e nas águas rasas. Pilhas de troncos arrastados pelas águas, eram lançados dos ângulos e saliências, embaraçando-se. As rochas, cortadas por faixas de quartzo, branco e vitrificado, cortadas em linhas pelos diversos níveis da água, em certos lugares formando bacias, pareciam singularmente características. Mais abaixo, onde a água repousa em profundidade, recoberta de espuma, e onde a correnteza circula em círculos preguiçosos, encontramos a causa de todos os obstáculos. Na margem esquerda, sem correspondência do outro lado, um serrote de 80 a 90 pés de altura, e projetando-se a nordeste, envia uma saliência de rocha nua através do rio, de noroeste a sudeste. O penedo mostrava camadas de arenito duro, com orientação para sudoeste, dividindo-se em cubos semelhantes a tijolos pela clivagem perpendicular. A face era recoberta de ramificações finas ou espessas de quartzo alvíssimo,<sup>12</sup> que, por toda parte.

jaziam em fragmentos sobre a superfície. Visto do sul, apresentava a forma de uma cunha, com uma cumeada coberta de mato, inclinándose para oeste.

Além da ilha das Marrecas, caímos na corrente principal. Não a tínhamos visto unificada desde que costeamos a ilha Pequena, mas agora a víamos deslizando como Arar, em *incredibile lenitate*. À esquerda dessa reta, com cerca de quatro milhas de extensão, abre-se a boca do riacho do Jacaré, ora extinto,<sup>13</sup> e sua ilha rio abaixo. Abaixo dela o canal passa entre a margem direita e a ilhota do Serrotinho, uma saliência de arenito duro e quartzo branco, coberta de árvores; na extremidade inferior tem clareiras e roças.

Voltamo-nos agora francamente para o leste, e vimos adiante outra massa de obstáculos. São causados por numerosos rochedos em forma de cone à margem direita e, à esquerda pela serra das Caraíbas. Esta consiste num bloco de pedras e parte dele, separado com ondulações cobertas de catingas altas. Ao contrário do que ocorre no Brasil, não mostram fímbrias de árvores no alto. À uma e meia passamos a ilha Grande, onde o Sr. Halfeld coloca, com gratidão, a residência do seu piloto, Ciríaco, cuja destreza e coragem ele louva grandemente. Contam-se casos curiosos acerca desse velho que parece ter herdado de seus antepassados índios, uma cabeça fria, uma clareza de visão e uma força de braços excepcionais. Os barqueiros declaram que ele conhece cada pedra do rio e que pode viajar de noite sobre os mais bravos perigos, especialmente quando “tomado”<sup>14</sup> ou ligeiramente excitado. Enfiamos por um caminho rochoso, entre a ilha Grande e a ilha da vila de Santa Maria, antigamente fim da décima e começo da undécima travessia. Dois ajojos, carregados de sacos de sal e mal ultrapassando quatro polegadas acima da água, estavam subindo com esforço o rio.

Desembarcamos na ilha para inspecionar uma ruína que havíamos visto de longe. O solo é de extrema fertilidade:<sup>15</sup> produzia algodão em pequena quantidade; mandioca, onde os homens se haviam dado ao trabalho de plantá-la; o pinhão-bravo, ou coco-venenoso, que alimenta os moradores dos caramujos; e campos de árvores de icó, cujos antepassados foram provavelmente plantados aqui pelos padres jesuítas. O povo, de cabelos escorridos e largos rostos amarelos, revelava o sangue indígena. Era mais bem vestido do que os de rio acima, mas vivia nas mesmas cabanas miseráveis. Depois de uma caminhada de umas cem jardas para sudoeste, chegamos a um templo defrontando o oeste para a margem direita e rio acima, com um

belo panorama. Igreja, mosteiro, e capela não passavam de um simples invólucro. A última revelava na inscrição na entrada:

RESVRGE  
NT IN NO  
VISSIMO DIE  
1734

O material era o melhor tijolo, no tamanho máximo de dois pés quadrados. Era quase duradouro como a pedra de cantaria talcosa em que estava embutido, e o cimento, provavelmente cal de mariscos, da melhor qualidade.<sup>16</sup> Um dos campanários havia caído e o cactus subia pelas paredes onde antes havia telhados e tetos. As dimensões da igreja eram de 100 por 25 pés. Havia remanescentes de um arco sob o trono, para o Santíssimo, e uma linha de pilares, fortes e quadrados, formando uma nave lateral da sacristia, do lado norte. Os únicos habitantes da sombria ruína eram os pombos e os lagartos. Saí dali triste. Há qualquer coisa que impressiona desagradavelmente nesses trabalhos interrompidos, nos quais se desperdiçaram tantas vidas humanas. Em conjunto, o cenário lembrou-me a outrora famosa cidade de Wari (Warree), no reino de Benin.

Retomando a nossa viagem, margeamos o rio, descendo a ilha de Santa Maria e chegamos a uma outra pedra, junto ao sopé da serra de Orocó. Aqueles montes formam um crescente vazio entre a serra das Caraíbas e o rio. O cenário tem algo de especial pela presença de dois morros ligados por uma elevação e outro isolado, o Orocó-de-cima, propriamente dito,<sup>17</sup> que se aproxima da margem esquerda. O rio corre como em uma comporta e levamos forte pancada na cachoeira de São Pedro, onde, a despeito das advertências do piloto, os remadores preferiram olhar para trás a remar. Seguimos então pelo meio do rio, embora estivesse coberto de ilhas.<sup>18</sup> No papel, os canais parecem as fissuras azuis de uma geleira. A ilha de São Miguel exibia um templo deserto em uma elevação de terreno. A ilha de São Félix, no meio de densa vegetação de árvores, exibia também uma igreja caiada de branco e coberta de telhas, com um campanário e duas torres terminais. Aqui inda há o Santíssimo.

Ao sairmos desse cinturão, a água tornou-se tranqüila como uma chapa metálica. Mas a perspectiva não era menos selvagem. À margem esquerda a serra do Aracapá se incrustava como uma esfinge com o pescoço coberto de juba. Mas a jusante a cabeça se torna mais nítida. Remamos então entre a ilha Aracapá e a margem esquerda, onde deságua o riacho da Brisoda (Brígida).<sup>19</sup> O rio corre

por cerca de duas léguas acima da foz, coberta de verdura e, de lá para diante é, nessa estação, um rosário de lagoas. Encontramos bom lugar para ancoragem no porto de Aracapá, perto da fazenda do mesmo nome, em frente da ilha. O povo aqui cria cavalos, burros, e gado vacum para o mercado de Cabrobó. Um bom boi é vendido por 20\$000. Era uma tarde calma e tranqüila, favorável aos mosquitos. As nuvens a leste, esbranquiçadas, ao cair do sol, ameaçavam vento, e os jacarés pulavam em torno de nós, enquanto o som da flauta e do canto, chegava-nos forte da costa.

*1º de novembro de 1867* — Largamos às seis da manhã, mas a ventania, em breve, forçou-nos a procurar refúgio do lado oeste da ilha de Aracapá, onde encontramos algumas cabanas pertencentes a moradores e pescadores de traíra. As terras baixas são freqüentemente inundadas, mas há uma elevação, em terreno mais alto, para onde a população pode retirar-se. Aproveitei a demora para contratar mais um remador. A intensidade e a rapidez das corredeiras, seguindo-se às águas mortas, eram antes aproveitáveis do que outra coisa. Mas o método parecia um tanto um desafio à Providência na, já agora, enlouquecida *Elisa*, conduzida por uma tripulação que não trabalhava. O piloto que, melhor que ninguém, conhecia os perigos, estava mais ansioso que nós. Logo depois voltou conduzindo um barqueiro que, mediante o pagamento de 10\$000, concordou em acompanhar-nos. Antônio era um jovem robusto, escuro, de fortes ombros e braços musculosos. Justificou tudo que se dizia de bom acerca da gente do rio depois de Juazeiro. Tendo recebido um pequeno adiantamento, atravessou o rio para buscar sua pele de carneiro. Pegou o remo às 11,30 da manhã, enquanto o Velho “Menino” ia para a proa para se divertir com sua colher de pau.

Descemos o final do perigoso canal de Aracapá, passando por uma ilha à direita e a ilha do Tabuleiro<sup>20</sup> à esquerda. Logo avançamos através de uma espécie de porteira formada por diversas pedras a bombordo, e a estibordo por um enorme bloco que assumira a forma de abóbada com que o granito é muitas vezes afeiçoado. A cor era cinzenta e castanha no alto. A parte de baixo era negra e luzidia à semelhança de uma pedra meteórica. Aqui, como em outros lugares, a matéria corante penetra a superfície, a não ser através de fissuras. O revestimento varia pouco em espessura. Quando quebrada a martelo, os fragmentos revelam que a vitrificação pode ser removida facilmente. Já aludi antes a esse fenômeno de coloração, que é comum em ambos os hemisférios.<sup>21</sup> É preciso uma longa série de observações para que se possa responder à pergunta: “Manterá o rio os óxidos em

suspensão como areia e outras substâncias terrosas, ou elas se encontram em estado de solução química?"

Além da portada, com sua torre acinzentada, havia um remanso, metade de água movediça, metade de água parada que deu trabalho aos remadores. Corremos, depois, através de um violento rápido formado pelos rochedos do lado oriental da ilha de Aracapá e margem esquerda. É conhecido pelo nome descritivo de "Desataca calções".<sup>22</sup> É tudo quanto é preciso dizer a respeito. Passamos depois à margem esquerda do serrote da ponta da ilha da Assunção, onde uma ipueira dirigindo-se para nordeste, isola uma área de terreno com três léguas e meia de comprimento por cinco oitavos de légua de largura extrema, mais do dobro da largura da água do rio.<sup>23</sup> O serrote é um morro maciço, meio calvo, com rala vegetação espalhada por uma superfície esbranquiçada. Na parte superior estão espalhadas pedras de coloração mais clara, dispostas paralelamente ao rio e diminuindo aos poucos para jusante.

Com grande esforço, seguimos o canal principal à direita ou sul da ilha da Assunção. A margem é, na maior parte, de areia, disposta sobre argila dura e o cascalho se estende até a beira da água. Junto às terras baixas há catingas altas, para onde fogem os moradores por ocasião das inundações. Em 1838, recorda-se, houve uma enchente excepcional, quando as águas subiram 32 pés. O solo é dado como bom. Na ilha criam-se cavalos, mas o gado diz-se que se tornou selvagem. As montanhas da terra firme defronte formam um quadro. A linha quebrada da serra do Milagre, contrasta com o aspecto maciço da serra da Bananeira, na qual, pelo que dizem, existe um "olho-d'água".<sup>24</sup> Enquanto o vale é seco até os ossos, as altitudes são alimentadas pela chuva. Longe à esquerda, duas pirâmides, com a regularidade semelhante a que fossem cortadas, alimentam as reminiscências de Quéops e Quéfren, em certo vale do Velho Mundo. Vistos de sudeste, esses morros perdem a aparência venerável e tornam-se tão banais quanto seu nome: serrote do Jacaré.<sup>25</sup>

Às duas horas da tarde entramos no rápido espumejante de Cachauí, chamado da Assunção para diferenciá-lo de dois outros a jusante. Na extremidade da ilha das Vacas pelo serrote o Salgado, forma-se um morro na margem direita. Descemos pelas passagens onde a água rodopia entre as pedras esparsas e executamos a salvamento a sempre delicada operação de atravessar o rio. Desembarcamos na ilha da Assunção para ver a igreja, parte de cujos tijolos atravança a praia em grandes massas. Nada poderá salvá-la. Em

1852-54, ficava a 51 pés da corrente, que agora desnudou o lado sul. Foi construída em 1830 por um cidadão de Cabrobó, cujo nome foi hoje esquecido. O estilo, como o material, são muito inferiores aos jesuíticos. É de esperar que o próximo viajante encontre um pouco mais de atenção para com os mortos que estão enterrados num recinto sem teto.

Os moradores reuniram-se para ver-nos. Parece que, inclinados à belicosidade, vieram com facas, e arcos e flechas diminutos. Todos os velhos selvagens morreram. O que resta é uma raça mestiça, cujo cabelo encaracolado vem da África. Os puro-sangue revelavam os sinais já conhecidos: cabeças grandes de kalmuks,<sup>26</sup> face chata de mongóis, larga com maçãs salientes, olhos oblíquos chineses, não raramente repuchados, antes castanhos que pretos, e que se fixavam no objeto, sobrancelhas escuras e espessas, bigodes ralos ao largo da boca grande, cheia de dentes pontudos, pouca barba, que não cobre os pescoços compridos e maciços. O cabelo caído sobre a testa era do indiano, mais liso e grosso que o do puro caucasiano. O nariz tinha um tom detestável de vulgaridade, pequeno e chato, com grandes ventas. Na realidade o aspecto é todo o oposto do árabe. Eram todos homens bem lançados, com a ressalva de que o tronco parecia um tanto demasiado comprido e largo demais para as pernas, e os ombros pareciam projetar-se horizontalmente logo junto às orelhas. As extremidades mostravam a delicadeza de tamanho e formato que passou de forma tão acentuada ao sangue brasileiro. A pele era amarelo-bronzeada e avermelhada somente quando exposta à luz e ao ar.

O olhar lançado para o rio, do alto barranco, apreendia um aspecto ameaçador. O sol lançava ricos reflexos dourados de um céu sem nuvens, caindo no poente. Com as águas prateadas do rio sugeriam

*Den Silberbach in goldne Ströme fliessen.*

Mas um nimbo arroxeadado com uma longa aba cinzenta à nossa frente, ameaçava-nos com um vendaval, e a superfície da água ricamente colorida, estava salpicada com as escuras pedras assassinas. Aqui o serrote da Lagoa Vermelha<sup>27</sup> corre paralelamente à margem direita e estende por ela muitos contrafortes que encobrem o rio de recifes. Atravessamos facilmente o rio e tropeçamos através da cachoeira da Pedra do Moleque, que surge e referve exatamente no meio. No ponto seguinte estivemos a pique de sofrer um desgosto.

Ali, o canal curva-se para sudeste e precipita-se em direção a um morro de pedra e argila vermelha. O alto da Lagoa Dourada desvia o rio, quase em ângulo reto, para nordeste. A água corre junto ao morro e podíamos ver e pressentir o ângulo formado pela plataforma da embarcação. A correnteza era violenta correndo numa velocidade de 10 a 12 nós sobre a rocha, girando em torno dela e produzindo uma confusão de correntes. Sente-se visivelmente a convexidade da superfície; a água como que se ergue de modo que estivesse comprimida pelos lados. Entre as correntes há ebulições mais tranquilas, como se produzidas por fontes subterrâneas. Ao entrarmos na parte mais perigosa, atingiu-nos o forte vento leste e, dentro de um minuto, fomos atirados, sem socorro, a um rochedo. Eu tomara a precaução de amarrar com cordas tudo que estava a bordo. Não tivesse eu feito isso e a água que nos varreu a plataforma quando adernamos, teria levado tudo. O piloto fez o melhor de seus esforços, os remadores conservaram a presença de espírito; a correnteza, a cujo poder estávamos entregues, teve a benevolência de arremessar a *Elisa*, com a popa para a frente, rio-abaixo, apenas com arranhões no casco. A tempestade desencadeou-se com fúria. Bastava para esse dia. O mau tempo continuava. Tratamos de passar o serrote da Lagoa Vermelha e ancoramos à margem direita, pouco abaixo da extinta vila de Pambu.

Esse lugar, de nome ininteligível, jaz num saco da margem sul, a leste de um riacho sem importância. O local é uma planície no sopé de uma elevação coberta de mato. A distância entre a alta muralha a sudoeste e as cabanas é pequena. Contamos um máximo de trinta e cinco. A igreja, construída e dedicada a Santo Antônio por um rico proprietário de Cabrobó, permitiu-se uma arquitetura excêntrica. As fachadas eram dúplices, caiadas pelos fundos e com barro batido na frente. A impressão era de um homem de duas cabeças.

Passamos a noite em Pedra do Bode, defronte da ilha de Pambuzinho, que tem atrás dela a grande ilha de Assunção. A faixa de areia limpa era salpicada por pés de oiti-da-praia (*Pleragina odorata*, Mart.), que é ali considerada inútil, de icó-silvestre, curvado ao peso das frutas, e da piranha, árvore escamosa, que é verde e viçosa na parte superior, enquanto as partes inferiores fornecem boa madeira para fogueira. Atrás da praia eleva-se alto e pedregoso morro; nele se espalham seixos de quartzo e sílex vermelho, lembrando o “nosso antigo”.<sup>28</sup> Ao atravessar o bosque fomos atacados por carrapatos, agora uma novidade, mas de modo algum agradável.

2 de novembro de 1867 — Navegamos rio abaixo meia légua, até a ponta da ilha de Pambuzinho, seguindo, depois pelo braço do Tucutu, canal que separa a terra firme de Pernambuco da ilha da Assunção que pertence àquela província. Essa ilha apresenta aqui diversos planos que olham para o leste e para o sul. Foi uma manhã agradabilíssima. O ar puro, após ter sido lavado pela chuva, tinha temperatura do Cairo na estação fria. Quanto valeria um dia em tal estação nas margens do Tâmis! Toda criação apresentava-se no que tinha de melhor. As aves, excepcionalmente numerosas, cantavam, cheias de alegria no mato, em especial o manso e conhecido cabeça-vermelha de muitos nomes.<sup>29</sup> A ave cinzenta cor de freixo maracanã,<sup>30</sup> com a longa cauda cuneiforme, saía do mato para saquear todo milho que encontrasse, e o belo e grande alcedo,<sup>31</sup> rei dos pescadores, atravessava o rio em vôo *saccadé*, ou pousava na verde vegetação, observando o que poderia devorar. O ágil *plotus*, negro-acastanhado, passou voando rapidamente perto de nós. A ictiófaga graúna,<sup>32</sup> de penas escuras e bico amarelo em forma de maçarico, movia pesadamente suas longas asas, e o sócô-boi (*Ardea virescens*) assim chamada pelo seu grito semelhante ao do touro, olhava duas vezes para nós antes de ter o trabalho de voar. Parece que a pilhagem aqui é regra geral. Até os porcos traziam, como colares, triângulos de madeira<sup>33</sup> para moderar o amor pela mandioca.

Nesta estação o canal inferior está claro. Mas durante o apogeu da seca, a cachoeira da Boa Vista, alás da Boca do Braço, deve ser perigosa. A cena era a usual: pitiás e capim-cabeludo junto à água; a fina mimosa crescendo mais alto, e roças nas terras mais elevadas. Abundava o peixe, mas os pescadores pedem por ele preços exorbitantes. Após quatro horas de avanço monótono, à força de varas, fizemos uma curva de sudoeste para noroeste e chegamos a um grupo de cabanas e um grande recinto murado voltados para a corrente. Um pouco acima era o Porto, onde uma balsa liga a ilha à terra firme. É uma embarcação larga verde, com um mastro curto que navegava rumo a um íngreme barranco em frente. Aqui deparamos com a cena habitual: mulheres lavando roupa, homens enchendo seus odres (de couro) e “borrachas” (sacos de couro com rolhas de madeira), crianças nadando e apanhando piabas e pias. Há muitos cavalos e gado vacuum bem tratados, alimentados com as sementes de algodão atiradas à margem do rio. Os outros seres vivos eram porcos muito magros, cães vadios e aves domésticas, inclusive perus e galinhas-d’angola.

Subindo pela margem deparei inesperadamente com uma larga praça sem a preguiça que caracteriza Juazeiro e Boa Vista. A localidade fica em terra firme, comarca de Boa Vista, província de Pernambuco. É atualmente um local muito seco. A evaporação enrola as folhas das laranjeiras, enquanto os altos mamoeiros parecem gostar da temperatura. A umidade é às vezes grande. A água da enchente invade a localidade, cobrindo o chão de argila arenosa e compelindo a população a buscar as caatingas mais altas, espalhadas em torno. A parte principal da vila, que pode contar umas 125 casas e 700 almas, é formada por uma larga rua, ou melhor praça, na direção norte-sul, onde fica a desmantelada igreja de Nossa Senhora da Conceição. As casas são excepcionalmente baixas e maciças, e usam postigos de madeira em vez de vidraças. A estrada para a Bahia, segundo me informaram, tem 140 léguas e em muitas das etapas falta água. No norte da povoação fica o cemitério. O centro ostenta a nova matriz e o inevitável cruzeiro, trabalho devido a uma rica devota, D. Brígida Maria das Virgens, cujo marido construiu o templo arruinado da ilha da Assunção. São ambos no mesmo estilo e exibem a data de 1844. O interior está inacabado, vendo-se um teto de barrotes nus. Há contudo dois púlpitos, um lugar para o órgão e tapetes no soalho, o que demonstra que o templo está sendo usado. O vigário diz missa todos os dias e todas as pessoas respeitáveis, de ambos, os sexos, devem comparecer, com uma regularidade que me faz lembrar a da mesquita. Aqui e ali há algumas casas apresentáveis. Comprei, sem dificuldade, carne, aves domésticas, arroz e melancias, sal e bebidas. O mercado era representado por um telheiro, repleto de homens de chapéu de couro, vindos do interior, regateando seus fardos de algodão<sup>34</sup> e bruacas com rapadura e farinha, que aqui são trocados por secos e molhados.

Aqui, depois de alguns meses, vi de novo "Eagle-zin" em ação. O material vem das terras do interior mais ao norte, onde caiu a chuva de ontem. É uma região de grande fertilidade e se estende para o norte até a serra de Araripe,<sup>35</sup> que dista 30 léguas de Cabrobó. A serra é tida como sendo uma sucessão de morros de rica argila vermelha, através dos quais há estradas utilizáveis. Por trás dela fica a serra de Borborema, que se liga à serra de Ibiapaba, separando o Ceará do Piauí. No extremo sul de Araripe fica Ixu, cujo governo municipal foi transferido para Granito. Nos contrafortes ao norte ficam o Crato e a vila de Barra do Jardim. Nessa cadeia gredosa o Dr. Gardner encontrou pela primeira vez os ictiolitos que hoje correm com o nome de pedras de Penedo. Os blocos modulares de cor castanha impura, quando partidos ao meio, revelam esqueletos de

mesossauros e peixes pertencentes à era cretácea recente.<sup>36</sup> O povo, sabe da existência delas e algumas ainda são remetidas ao litoral como curiosidades.

Compreendemos imediatamente a causa da prosperidade de Cabrobó. O caminho por terra entre vila da Boa Vista e Várzea Redonda, passa por ali e encontra as estradas de Ouricuri, Crato e Cariris,<sup>37</sup> para o norte e nordeste. Os fardos de algodão são embarcados em ajojos ou levado em lombo de burro para o porto de Piranhas, cerca de 55 léguas (165 milhas). Só depois deste longo percurso encontram um vapor que os exporta para a Bahia. Em 1852-54, como disse, estava tudo em decadência aqui onde hoje encontro vida e energia. Uma boa estrada de rodagem, mais especialmente uma ferrovia daria imenso impulso ao comércio, facilitando-o, e os homens dispensados do transporte da mercadoria tornar-se-iam logo produtores.

Procurei o delegado, o jovem e cortês Sr. Bertino Lopes de Araújo, de Paraíba do Norte, que se casou e estabeleceu-se aqui há seis anos. Durante esse tempo ele não se lembra de um só assassinio, posto que tenham ocorrido lutas. Nem ele, nem nenhum de seus vizinhos poderia explicar a palavra Cabrobó, também escrita Quebrobó. Todos sabiam que se tratava de um nome índio que fora dado a uma fazenda, hoje transformada em vila.<sup>38</sup> O delegado preveniu-me, como outros já haviam feito, que fizesse proteger todos os objetos a bordo do *Elisa*, pois iríamos nos ver em dificuldade em breve.

## Seção II

### Das cachoeiras perigosas a Surubabé

3 de novembro de 1867 — Depois de muitos atrasos — o delegado escrevia cartas para nós, o piloto assistia a missa e Majeição escondera-se no bordel mais próximo; descemos pelo estreito braço do rio, — atravessamos sem novidade sua “camboinha” central<sup>39</sup> e, depois de uma hora de trabalho, avistamos o Banco de Areia<sup>40</sup> na margem baiana, abaixo de Pambu. Nesse ponto o rio começa a grande curva para sudeste e a mantém, com variações insignificantes até o final de seu curso. O Vento Geral do nordeste torna-se agora lateral, e às vezes sopra quase da retaguarda. O sol estava decididamente quente, as nuvens aglomeravam-se no nascente e no

poente; vimos de longe os sinais de um “repiquete”,<sup>41</sup> isto é, uma curva violenta. Preparamo-nos, portanto para uma ventania, se não uma tempestade.

Do lado esquerdo uma ilha areenta escondeu-nos a embocadura do riacho da Terra Nova ou do Jequi (Giqui), ravina de alguma importância.<sup>42</sup> Adiante dele passamos a passagem do Ibó, a parte mais estreita do São Francisco, onde as pessoas podem comunicar-se de uma margem à outra. A formação é uma profunda garganta na linha do vale, que, no entanto, não apresenta nenhuma feição especial. As margens são arenosas, a da direita não sofre enchente, enquanto a esquerda sofre. Uma baixa fileira de pedras isoladas se estende no meio do rio. A água, nesta estação, tem de 95 a 100 pés de profundidade, remoinha em abóbadas palpáveis e espuma em caldeirões rasos. Um tanto abaixo da fazenda do Ibó em uma ponta que se projeta da margem direita, os 770 pés do rio espalham-se por mais de uma milha. A largura total do rio, abaixo da garganta é de três quartos de milha, mas a maior parte dela é ocupada pela ilha da Vargem, que tem na frente o leito principal e por trás um pequeno braço do rio São Francisco. Bem habitada, com solo fértil, essa ilha que tem a forma da letra L, com o ângulo indicando o sudeste, é uma das maiores, cada braço tem cerca de légua e meia de comprimento.

Passado o estreito com facilidade, navegamos ao longo da margem esquerda, entre ela e a ilha do Estreito.<sup>43</sup> É o único canal por onde se pode passar no leito do rio. Para além da ilha, a margem esquerda projeta-se numa ponta arredondada em direção à cavidade do L, enchendo o rio de pedras e corredeiras. As alturas são visivelmente calcárias. De novo vimos, ao longo da borda, conglomerados de ferro em grandes ressaltos. No vértice começa o Cachauí, de Antônio Martins, segundo do nome. O ronco desse rápido é pior que sua dentada. O canal traiçoeiro, contudo, é comprimido pela direita pela ilha do Cachauí, e, mais adiante, pela alta e arenosa ilha do Caruá.

Cruzamos então o rio de oeste-noroeste, no final da ilha da Vargem, para o largo do Brandão, no leste-sudeste, um longo trecho de água tranqüila e profunda, que parecia um remanso depois da agitação de mais acima. A ilha dos Brandões,<sup>44</sup> desolada, defende ali o rio dos rochedos da margem esquerda, enquanto a margem direita nos protegia do vento. Em frente à extremidade da ilha, e no lado baiano, fica a foz do rio da Vargem, que dizem ter um curso de vinte léguas, vindo de uma elevação chamada Tombador.

Havia arrozais em suas margens e os meninos espantavam as aves gulosas aos altos gritos de “diabo”! Às quatro horas da tarde o piloto disse que devíamos ancorar, pois não havia lugar seguro nas corredeiras que iriam estender-se dez léguas. Não era o caso absolutamente, mas os olhos de Manuel Cipriano não eram de primeira qualidade e ele não gostava de passar por lugares perigosos nas madrugadas e no crepúsculo vespertino.

Aportamos na fazenda do Abaré,<sup>45</sup> em frente à extremidade da ilha Grande, estreita faixa de terra com cerca de duas léguas e meia de comprimento, imediatamente seguinte à dos Brandões. Ao longo da margem há nódulos de cal. A pequena povoação, de casas cobertas de telha ou de palha, tem uma capela e não tivemos dificuldade em comprar um porco e aves domésticas. Fui repreendido pela tripulação por não ter matado uma cobra-d’água inofensiva; os homens divertiram-se maltratando uma pobre rã de grande tamanho que o vulgo julga comer fogo. Os barqueiros contam estórias de sapos conseguindo subir ao céu com ajuda dos pássaros. Esse animal parece ocupar, nessas regiões, o papel da aranha na costa da Guiné.

*4 de novembro de 1867* — Eis um dia crítico. O apogeu de nossas dificuldades com as cachoeiras. Passamos por nove maus lugares em 6 a 7 léguas. A largura do rio é de uma variedade constante, mas em geral é excepcionalmente estreito, efeito do aumento da declividade. A margem esquerda é uma longa série de outeiros, enquanto a margem direita é, pela maior parte, plana e coberta de vegetação. O perfil do leito do rio é um plano inclinado de pedra e saibro, dividido em seções de espaços planos. Ilhas grandes e pequenas, rochedos e recifes, bancos de areia e baixios, atravancam o leito e as ilhas algumas vezes ostentam belas florestas. Há algo de majestoso no aspecto do São Francisco, cujas águas turvas, ora se elevando, ora se abaixando, ora correndo em silenciosa grandeza, espalhadas pela brisa suave e refletindo o ouro e o azul do céu, assumem um aspecto raivoso, triste e implacável quando algum obstáculo barra o seu poderoso curso.

Levantamos ao amanhecer, mas só partimos às sete horas, seguindo pelo canal formado pela ilha Grande ao norte e, logo adiante nas pedras cobertas de arbustos, ao passarmos pelo meio do grande baixio Tubarana. Fica este situado na extremidade da ilha da Missão, onde a faixa de terra, também fina e comprida fica paralela à ilha Grande. À direita estava a barra do Tubarana, aliás da Fazenda Velha, outra ravina com o leito constituído por lagoas. Às dez horas cruzamos abaixo, pelo meio da cachoeira do

Imbuseiro, formada entre a terra alta na Bahia, defrontada em três terços pela ilhota “do Meio” e as ilhas da Missão e Grande.

Mais vinte minutos levaram-nos à impetuosa Cachoeira do Rosário. Esta é uma brecha entre a Bahia e a cabeça da ilha do Serrotinho. Raspamos a margem direita e chocamo-nos com uma inclinação da água que nos fez sentar na jangada como sobre um cavalo depois que salta um obstáculo. O canal é liso, brilhante e visivelmente mais baixo — já agora uma feição comum — que a corrente que arremete como um trem de ferro de ambos os lados. O único contratempo foi uma violenta pancada. A regra naqueles lugares é um choque e uma raspagem por dia, pelo menos.

Depois da Rosário seguimos pelo canal estreito constituído pela margem direita e a ilha da Barra, uma ilha íngreme, que faz parte de um grupo de três, dispostas em forma de unicórnio. As outras são a ilha do Meio e a da Patarata. Perto de um afluente, conhecido como barra do Mucururé,<sup>46</sup> o toldo foi arrancado e o termômetro revelou que o sol estava a 114<sup>o</sup>F, o que fez com que meus companheiros sofressem. Até os pretinhos na margem encolhiam-se debaixo de seus abrigos de palha amarela. No final da ilha da Barra ficava um estreito que logo se alargou para formar uma enseada. Olhando para trás, através de uma brecha para noroeste, avistamos, caiada de branco, a igreja de Belém — outra denominação de missionários — sobre uma planície seca, tendo ao fundo uma cadeia de montes ondulados.

Às onze horas enfrentamos nossa terceira provação: a furiosa cachoeira de Cantagalo. É um longo salto de meia milha com duas brechas distintas. A mais baixa é de longe a pior. Rolamos corrente abaixo pelo centro através da água borbulhante e vítrea, ladeados de bulhentas ondas. No final raspamos a margem esquerda da ilha de Cantagalo, uma planície piriforme de areia com um pequeno serrote de pedra. À direita do canal está a terceira, Cachauí (do Pianoro, P.N.)<sup>47</sup> que é sempre evitado. O rio, obstruído em seu curso, irrompe ali em ondas que investem com uma violência de raio contra os recifes e atiram-se contra os dentes de serra das rochas com uma velocidade incrível.

Temos agora pela frente uma légua sem cachoeiras, mas que exige muito cuidado. Pedras, baixios e muitas outras obstruções, que o piloto chamava genericamente de pedras, espalhavam-se pelo rio. A margem esquerda fica o serrote do Papagaio, visível desde que deixávamos a ilha da Barra. Seu aspecto, visto de oeste, era o de um barrete frígio, formato que, no Brasil, é geralmente chamado “bico

de papagaio". Visto do rio, de frente, é uma elevação vertical de rocha nua.<sup>48</sup> Ali começa a ruptura superior da cachoeira da Panela do Dourado, que o piloto, em tom de brincadeira, chama de Testa da Panela.<sup>49</sup> Logo abaixo fica o famoso remoinho e rápido daquele nome. O único sinal de maelstrom eram ondas desencontradas vindas da esquerda ou noroeste. Mas na parte de baixo, de um bloco de pedra junto ao qual navegávamos, fomos apanhados em cheio por uma correnteza que parecia antes voar que correr. Mais uma vez, quase naufragamos, porém ficou no quase.

Depois de uma rápida parada para esvaziar a embarcação, retomamos o caminho. A cachoeira nº 5, do Boi Velho, não teve muita importância. Permite folgadoamente a passagem pela direita, deixando à esquerda uma séria obstrução.

De novo tornou-se limpo o rio e as margens eram cobertas de fazendas e povoados. Queimadas — indício das esperadas chuvas e preparo para novas roças — surgiam por toda parte. Mas eram pequenas, pois os moradores precisavam de capim para o gado. O ar tornou-se ainda mais seco que antes. A superfície da terra era só poeira. A margem direita exibiu o arraial da Missão de São João Batista de Rodelas, chamada em geral Rodelas. Era uma aldeia de caboclos, cabanas miseráveis, reunidos em torno de uma igreja bem caiada, tendo por fundo uma alta elevação de terreno. Em 1852 o templo estava em ruínas. Mas um missionário capuchinho, frei Paulino de Lusione, arrecadou esmolas e reconstruiu-o. O piloto contou-me uma história pouco edificante acerca de um religioso que serviu ali. Mostrava acentuada inclinação pelas caboclas de menos de doze anos. Mas uma de suas vítimas fugiu e contou o fato ao delegado de polícia que prendeu o reverendo e o obrigou a sair do lugar. Contaram-se casos semelhantes, entre os quais um de água benta com gosto pronunciado de cachaça. Verdadeiros ou não esses casos, provam que os padres modernos não merecem o mesmo respeito que rodeava outrora os jesuítas.

Descansamos na margem esquerda, em frente de Rodelas e os barqueiros tomaram banho para prepararem-se para o "finale", um terrível trecho de duas léguas. O leito do rio expandiu-se pela última vez, para pouco menos de três quartos de légua, virando-se para sudoeste, quase para o sul, transformando-se num emaranhado de ilhas. Dessas, oito são trechos consideráveis de terra coberta de mata.<sup>50</sup>

Às 3,15 partimos e passamos facilmente pela cachoeira do Urubuzinho, que tem umas cem jardas de comprimento. À direita

ficava a ilha montanhosa do Urubu, uma espécie de Careg-Luzem-Kus, que da corrente superior parecia um elefante monstruoso, com uma orelha branca e a cabeça parcialmente virada, deitado no meio das árvores, sua espinha dorsal era uma crista eriçada de pedra nua e oca.<sup>51</sup> À esquerda desse rochedo branco no mato, estende-se a estreita ilha da Viúva. Dali passamos diretamente para a furiosa cachoeira do Fura-olho. Confesso ter sentido as mãos frias ao contemplar as tremendas voltas, e os remoinhos, que o *Relatório* chama de terror dos navegantes, os caldeirões com cerca de quinze polegadas na água. Avançamos contra as rochas de cabeça, aqui nuas, ali recobertas de arbustos e, mais uma vez, preparamo-nos para o choque. Mais uma vez, também, com uma volta em seu pesado e poderoso remo, o piloto levou-nos a salvo por onde quase podíamos sentir a morte de ambos os lados. Era uma cena selvagem. A *Elisa*, balançava-se, subia e descia, à medida que despencava pelas águas ululantes e agitadas que lavaram a plataforma. As ondas ofuscavam a vista quando enfrentavam o sol e, nas profundezas tranqüilas, os raios refletiam-se como num espelho. “Gritem rapazes!”, exclamou o velho sentindo-se no seu elemento cachoeirano. “Gosto de ouvir gritar nesses lugares”. “Hei, Fura Olho”, berraram eles com vozes esganiçadas, invocando Nossa Senhora e chamando de “Bicho feio” os remoinhos e os temíveis rochedos negros, cujos cangotes estavam engravatados com faixas de espuma branca e uma gaze fina e semitransparente. Liquidamos o Fura Olho em quinze minutos. Concluimos que é interessante gritar — quando tudo está acabado.

A elevação de terreno daí abaixo, nem de longe comparável aos *Gallops Rapids*, colocou-nos entre a ilha de Tucuruba<sup>52</sup> e os rochosos esparsos dela que se revelavam a noroeste, na costa pernambucana. Estávamos entretanto na 229.<sup>a</sup> légua, que se diz ser a pior no rio, mas achamos que era menos assustadora que a precedente. O curso começa com uma brecha rochosa entre a margem esquerda do rio e a ilha dos Espinhos.<sup>53</sup> Um tufo de mimosas, ostentando flores cor-de-rosa, e bem providas de espinhos. Logo passa por uma ilhota fluvial sem nome. Segue depois o canal bem perto da margem, para evitar recifes e baixios. Mais uma vez serpenteia entre ilhotas de rocha, acima do extremo da ilha de Sorobabé, e finalmente volta ao lado esquerdo. A corrente fluía como a calha de moinho. Em certos lugares a velocidade ultrapassaria a de um vapor. Mas por várias vezes tivemos que fazer força para trás. Num total de duas milhas, gastamos vinte minutos.

Depois, quando o sol já começava a esconder-se atrás dos imbuzeiros, ouvimos adiante, o rugido da Surubabé, o nono e último

obstáculo, que encerra essa elevada série de cachoeiras, que prenuncia as grandes cachoeiras. Manuel Cipriano, cuja divisa parecia ser "festina lente!" propôs que a deixássemos para o dia seguinte, mas eram apenas 4,40 da tarde e por respeitáveis razões, contrariei a proposta de imediato: Durante as secas, entre dezembro e maio, que, no entanto são muito incertas, Surubabé é vencida por canoas, e mesmo por pequenas barcas. O único perigo é a rapidez da corrente, que reduz as embarcações a frangalhos se atiradas contra a terra. Durante a estiagem sempre se transportavam por ali mercadorias. O rio havia se elevado de cinco a oito palmos.<sup>54</sup> Nossas dificuldades seriam, portanto, bastante reduzidas.

A Surubabé, também chamada cachoeira do Vau,<sup>55</sup> começa com um sério rápido entre sua ilha e a terra firme. Ali o São Francisco "fervet immensusque ruit". Tendo atravessado aquele trecho, desembarcamos na margem esquerda da ilha, acima do grande obstáculo, uma parede de granito que se estende de leste-nordeste para oeste-sudoeste, e que pode facilmente ser aberta. A maior parte dela tem uma queda livre de dois pés. Uma inspeção decidiu-nos a tentar o lado direito, mais parecido com os lugares com que já nos acostumáramos. O perigo maior era o ímpeto que impele a embarcação para o Vau, ou leito granítico, logo abaixo e em frente da queda. A água recuava em ondas de dois ou três pés de altura, que poderiam afundar o intruso.

O piloto e dois homens manejavam as varas, enquanto quatro de nós manejávamos as cordas, utilizando as árvores onde as margens falhavam contendo só capim escorregadio, arbustos secos e grossas raízes. O ajojo despencou precipitadamente, o que fez com que sua plataforma se afundasse muito e passasse de raspão numa pedra do lado direito. Quando chegamos ao fim da queda, Manuel Cipriano e seus homens detiveram o avanço com remos, entramos a bordo, e depois de outra dificuldade, que também exigiu a sirga, trocamos as varas pelos remos, seguimos para a margem esquerda, e desembarcamos às 5 horas e 15 minutos da tarde. Nesse dia de trabalho, havíamos percorrido 27 milhas em vez das 14 da média, desde que havíamos saído de Boa Vista.

Passamos, daí, das ameaçadoras e tormentosas cachoeiras, a um rio que deslizava calmamente, e cujo azul claro era contrastado pelo maravilhoso do céu do ocidente. Assim foi que terminaram satisfatoriamente todas as minhas apreensões com as cachoeiras no rio São Francisco. A sensação era de grande alívio. Passamos uma noite agradável e quieta sobre o capim-d'água e o cascalho manchado de

ferro que margeavam o rio. Sob uma “abóbada de aço acenderam-se as estrelas”. Ainda ouvia interiormente os choques mortais das cachoeiras — talvez meus ouvidos, por preconceito, faziam-lhes injustiça. Ouvia como que abafada a música da brisa. Não havia um traço de orvalho, o que, em parte explicava o aspecto requeimado da terra.

### Seção III

#### As águas tranqüilas

#### **O morro do Papagaio — Formação de greda semelhante à do Amazonas — Depósitos diamantinos — Inscrições nas rochas até hoje desprezadas. — Fim da viagem fluvial.**

Depois das “Mil ilhas” e seus conseqüentes terrores, o São Francisco torna-se um rio agradável. Aqui, como dizia o piloto, pode-se amarrar um galho na proa e navegar sem perigo rio abaixo, até Várzea Redonda. A paisagem faz lembrar, de certo modo, os vales do Nilo e do Indo ao chegar às regiões secas. Mas as glórias artificiais do rio brasileiro, muito mais rico, ainda hão de vir. A bacia é comprimida por cadeias de montanhas de ambos os lados. São poucos os afluentes, e nenhum de importância. A largura do rio diminui muito, em vista de imensa evaporação, continuamente a sugar as águas e reduzindo seu volume, quando parece que deveria aumentar. Por outro lado, a profundidade é mais considerável, e a correnteza, se não rápida, é firme, compensando a diminuição da largura. Conseqüentemente as ipueiras tornam-se um fenômeno de menos importância. Sentimos saudades das longas séries de ilhas e ilhotas formadas pelas águas nos lugares mais rasos. O clima torna-se extremamente seco e os três meses de chuva não satisfazem o terreno sedento e arenoso, rico somente em espinhos. Falta-lhe somente água para que se torne fértil como o Sindh, e a canalização semelhante à do Egito, será muito facilitada, pelas encostas compósitas das terras perto do rio. A agricultura, e mesmo o povoamento se restringem às margens, onde as plantas se desenvolvem por atração capilar, através de um solo poroso. Jamais se lança uma cabaça de água ao solo, e nem se abre um profundo valo para, como um dique, preservar o suprimento durante a estação seca; é coisa além da capacidade da geração atual.

Aqui mudamos o cenário selvagem, rígido, agitado de uma região granítica, por um quadro de linhas amenas, suaves e arredondadas das formações cretáceas e de arenito. A margem direita exhibe as catingas altas a pouca distância, e, por vezes, outeiros em face do rio. A margem esquerda é baixa e, exceto alguns morros isolados, estende-se sem interrupção até a serra do Araripe, invisível dali. A beira da água até Várzea Redonda é, muitas vezes, coberta de cascalho de todos os tamanhos, alguns de fino conglomerado, que se quebram com facilidade. Outros de jaspe e várias formas de sílex revestido de líquen preto ou manchado de ferro. Produzem, quando batidos, um som metálico. Aqui e acolá a formação revela pontos de ouro, que os moradores chamam de “gorgulho brabo”. Iríamos gastar três dias para vencer as quatorze ou quinze léguas que nos separavam de Várzea Redonda. O São Francisco faz uma grande curva para o norte, compreendendo sete léguas. Quando em linha reta, a distância mal chega a cinco milhas. Não tenho motivos para lamentar a perda de tempo. Esta seção inesperadamente revelou-se a mais interessante da viagem.

*5 de novembro de 1867* — Verificamos que o rio, sem canais, media apenas 300 braças, e sua relativa estreiteza é realçada por uma elevação em forma de corcunda, da margem direita, naquele ponto um trecho normal. Fiquei surpreendido vendo tantos sinais de trabalho: roças estendendo-se junto ao rio e compridas cercas descendo pelas encostas suaves até a beira da água. Era um espetáculo pacífico e agradável, em que ninguém parecia irritar-se, a não ser um negro velho que remava em uma canoa quebrada e praguando como um celta porque perdera o chapéu.

Em qualquer lugar onde haja irrigação, cresce o milho e a cana-de-açúcar pode medrar, as cebolas e o amendoim darão farta produção e a batata-doce atinge um tamanho fora do comum. O pessegueiro abunda, mas aqui, como em qualquer parte do Brasil, tanto quanto pude experimentar, a fruta é dura e sem gosto, servindo somente para compota. Tal como na região montanhosa do rio das Velhas, a cor dominante das flores é o amarelo do codesso. Mesmo a caraibeira muda a cor de suas flores, da cor-de-malva para a de ouro.

Na margem esquerda passamos por um pequeno afluente conhecido como riacho de Pau Jaú<sup>56</sup> e afinal demos com a grande curva para o norte. Essa curva arredondada estende-se sob a serra do Penedo,<sup>57</sup> cadeia longa e regular, com contornos de arenito. Do lado norte um pequeno rochedo alcança o rio. O material é arenoso e

grossoiro, estratificado quase horizontalmente, com fratura perpendicular, tinto de vermelho e amarelo e tendo, em alguns pontos, o negro com brilho de ferro. Foi escavado pela água e apresentava longas linhas retas de conglomerado embebido, que parecia ter sido depositado em um lago calmo. O nosso Manuel Cipriano, que se queixara de febre durante a noite, não era o mesmo hoje, e tivemos de suportar a preguiça dos homens deixando a embarcação descer pelo centro do rio. Depois irrompeu forte ventania vinda do nordeste; em poucos minutos levantava ondas e quase nos fez naufragar na parte menos perigosa da viagem, o que não é muito raro na navegação, britânica ou em outra qualquer.

Depois de alguma dificuldade, encostamos na margem esquerda e esvaziamos o ajojo, cheio de água. O alto barranco da margem estava branco de marga e, nos planos elevados, os algodoeiros, todos sem trato, cobriam o chão de neve. Quando a ventania cedeu um pouco, cruzamos o rio para o serrote do Pico, cujo dorso regular e rochedos cortados davam a impressão de haver rápidos por perto, mas não encontramos nenhum, sendo o leito do rio profundo. Esse maciço ergue-se abruptamente de um lençol de areia que desmoronou dele próprio. A altura é de cerca de 110 pés e o material é o arenito normal, vitrificado com ferro em baixo e cor de tijolo ou amarelo esverdeado nas partes superiores. O cume é um penedo. No meio do declive toma a forma de um ângulo natural. Algumas árvores crescem ali. Os estratos têm uma orientação nítida para o norte, ou a montante do rio e a fratura perpendicular forma blocos em coluna nos cantos. Ao galgarmos o morro, um pequeno mocó saiu de casa para nos olhar e voltou a esconder-se. Daquele ponto parte a estrada direita para Itaquiara, que fica a uma ou duas horas a cavalo, ao passo que, pelo rio, iríamos gastar três dias.

Seguimos à direita da ilha da Tapera, única ilha que vimos depois das cachoeiras, chata, verde e coberta de mato. Essa ilha fica notavelmente perto do solo árido e vermelho e do fraco arvoredo da margem. Mais abaixo o lado baiano mostrou-nos a povoação da Tapera do Valentão, isto é, vila das Ruínas do Rufião. O curioso nome é descritivo dos antigos habitantes, raça de desordeiros, “muito entusiasmados”,<sup>58</sup> conforme a grandiloquente expressão do piloto. A igreja alta, bem pintada e orgulhosa de seu campanário, em contraste com as casinhas, decepiona quando vista interiormente.<sup>59</sup>

O redemoinho soprou em nossa frente e a cortina de chuva, à distância deu-nos o pretexto para aproximarmo-nos da margem. Encostamos no menor tempo possível. Enquanto em torno de nós,

até as folhas pinuladas, tudo era calma e quietude, elevou-se a forte ventania do nordeste e colunas e névoas de sedimentos castanho-amarelados caíram violentamente sobre nós como se estivéssemos no vale do Indo. Logo o vendaval irrompeu entre o mato, agitou a superfície tranqüila das águas e subiu violentamente rio acima. O meteoro que trouxe com ele apenas algumas finas gotas de chuva, pareceu ser, como o tornado africano, meramente local. Logo abaixo vimos uma borrasca independente. Levou uma hora para alcançarmos, atingindo-nos de novo. Desta vez veio de sudoeste às quatro horas da tarde. Mas estávamos seguramente abrigados, em uma curva do rio, onde a água era pouco profunda, protegida por juncos, perto de um lugarejo chamado Sabuiçá. A noite trouxe vento e chuva violenta, o que fez com que os mosquitos permanecessem quietos. Nossa tripulação parecia temer menos a eles do que o “Besouro Grande”, um enorme inseto preto e amarelo como a mamangaba. Dizem que a picada dele provoca febre. Hoje vimos, pela primeira vez, sob o gorgulho brabo, ágatas e ônix, listados de vermelho e amarelo.

*6 de novembro de 1867* — Retomamos nosso caminho rio abaixo pela margem direita, que era recoberta de fileiras de cascalho escuro. Agora a corrente começou a curvar-se de nordeste para leste, o efeito das ondulações do terreno, especialmente o serrote do Ambrósio, cujo contorno branco e verde-claro poderia facilmente, na névoa da manhã, parecer-se com uma árvore gigantesca. Fizemos então uma “travessa braba”,<sup>60</sup> tornada mais perigosa pelas rochas submersas, para o riacho dos Mandantes, na margem esquerda. A ravina seca, em cujas margens o capim fora cortado para servir de forragem, torna-se uma ipueira durante o tempo das chuvas. Aqui o canal tende gradualmente de leste para sul-sudoeste. A causa é a serra do Papagaio, um bloco através do qual o rio parece ter aberto caminho e que era primitivamente uma continuação da serra do Penedo, pela qual passamos ontem. Do rio acima, a serra do Papagaio parecia um morro de castelo, com uma alta torre arruinada à direita, ligada por um muro a uma torre menor à esquerda, e estendendo-se de leste-nordeste para oes'e-sudoeste. Avançamos cuidadosamente à força de varas, e desembarcamos então para examinar a serra. Entrementes um furioso vento sudoeste surgiu e tornou nosso avanço impossível. Ao pé do morro do Castelo há um córrego que vem do lado do nascente e que era outrora o forneccor de “pedras lavradinhas”<sup>61</sup> pelas quais o lugar é famoso; agora, porém, está entupido de areia. Caminhamos para uma ladeira pedregosa mais ao norte e encontramos na face fronteira ao rio exemplares de pederneiras e quartzo colorido com

que enchemos nossas sacolas. A forma mais comum era o seixo vermelho, riscado de amarelo, como os que são tão comuns perto de Cambaia, na Índia ocidental. Havia poucos listados de branco e preto. Havia também pedras com nítidas manchas cor de sangue, ônix próprios para camafeus, olhos-de-gato, como nos rios de Ceilão, pingos-d'água (*quartzum nobile*), quartzo cristalizado, fragmentos de cristal de rocha e, naturalmente a formação opalina. Antigamente essas pedras valiosas eram em grande abundância, mas há anos que foram levadas e encontramos uma rival como colecionadora na pessoa de uma jovem brasileira.

Segui, então o meu caminho para o morro do Castelo, atravessando algumas elevações, cortadas por saliências de pedras, como vértebras de cobras monstruosas. A superfície irregular não apresentava senão pedras e espinhos, as espécies habituais de *cactus* e bromélias. A ascensão à torre mais baixa deu-nos algum trabalho. Mesmo Marco Antônio, de Shakespeare, o ideal do viajante e do soldado como resistência física, ter-se-ia queixado das pernas bambas e de palpitação, ao empreendê-la após dois meses de dieta de mandioca, arroz e peixe. O material é saibro friável, quase que quebrável com a mão, perfurado em orifícios, como se comido por vermes, e muito grosseiro para ser utilizado como pedra de amolar. Nas partes mais elevadas as partículas são menores e mais regularmente dispostas. Sobre a superfície há ramificações de material mais duro, elevando-se em alto-relevo e formando compartimentos irregulares. Mas até essas cristas podem ser quebradas com um pedaço de pau. Nos lugares mais maciços, há painéis e cavernas abertas pela ação do tempo que, de longe, lembram um pombal. As partes mais baixas revelam uma ligeira descoloração esverdeada, que logo lembra as areias verdes que recobrem os rochedos azulados da costa sul da Inglaterra. As paredes mais altas são cinzentas, vermelhas e amarelas, sem dúvida uma coloração ferruginosa. Na verdade há sinais de ferro por toda parte. Levemente depositadas no material arenáceo, e obviamente depositados por águas tranquilas, há faixas horizontais de seixos de tamanho menor do que os espalhados embaixo. Vem daí certamente a formação diamantina que encontraríamos em abundância, mais a jusante do rio.

Aproximando-nos do cume, onde as cabras haviam aberto tenro caminho entre o saibro friável, atravessei um lanço que desmoronava. É o que se chama "facão de morro",<sup>62</sup> estreitíssima lombada, com quedas de ambos os lados, em processo de rápida degradação, para ser dentro em pouco nivelada com o terreno plano. Termina na torre

mais baixa, onde um bloco de arenito grande, perpendicular e estriado, mais branco que o habitual, olha do alto como um dique de quartzo. A viração fria e úmida e as nuvens conduzidas pelo vento, prejudicaram a vista do cume. Ficou evidente, contudo que as terras baixas, eram planícies de arenito, nas quais se elevavam morros semelhantes àquele sobre o qual me encontrava. Esta formação, havíamos observado nos estreitos do Ibó pela primeira vez. Corrente abaixo, podia ver, na margem esquerda o serrote dos Campinhos, bloco semelhante a oeste. A substância estendia-se, com afloramentos de granito e alternância de pedra calcária até a cidade de Penedo, no Baixo São Francisco. Foi observado por Gardner no Crato, no Ceará, e foram encontrados vestígios do período cretáceo desde o Maranhão até o alto Amazonas.<sup>63</sup>

*7 de novembro de 1867* — Da serra do Papagaio parte uma estrada em direção sudeste para Várzea Redonda, distante quatro léguas por terra e sete por água. Os pilotos calculam respectivamente em cinco e oito o excesso normal de distância, que é levado em conta pela preguiça da tripulação e o passo dos pobres animais. Partimos às quatro horas da manhã, no escuro, sob um frio chuvisco, às vezes interrompido por um pé de vento. Uma légua adiante passamos pelo serrote dos Campinhos (de baixo) na margem esquerda. Nesse ponto o arenito levanta-se nu e forma colunas isoladas, gastas pela ação do tempo e lembrando, às vezes as pedras móveis (*logan-stone*).<sup>64</sup> O lugar é conhecido por um feio rochedo de duas faces que se ergue do rio. O ponto seguinte de interesse é Icó, na margem esquerda, cercada por sua ipueira, que é tida como criadeira de cardumes de peixes.<sup>65</sup> Bem em frente, ergue-se, na margem direita, a serra de Itaquatiara, tendo ao fundo as catingas altas e precedida por uma formação semelhante à do lado oposto.

O vento rugidor surgiu de novo e conduziu-nos, à busca de abrigo, ao lado esquerdo. Na praia havia mulheres que fumavam compridos cachimbos de taquara, com cabaças pequenas de barro e carregavam água, enquanto os homens escamavam peixes, que se recusavam a vender. Não havia esfarrapados como perto de Juazeiro. A tez do povo era antes amarela do que descorada. As feições eram regulares e, às vezes, belas. As mãos e os pés eram bem formados, mas grandes, revelando o sangue português; os cabelos compridos e lisos eram indígenas, ao passo que os dentes pontudos eram provavelmente de origem africana. Todos estavam armados e alguns carregavam sacolas de couro de maracajá, um gato-do-mato, pintado como onça e que causa grandes estragos às aves domésticas e

cabritinhos. Os que vinham a cavalo tinham sapatos com solas compridas, que se prendiam às correias das esporas. Usavam cabrestos e não freios e os estribos tinham proteção para o peito do pé. Não eram descortesês, mas independentes como os antepassados selvagens, e demasiado frugais. Ignoravam as necessidades da civilização. No entanto a terra era boa, produzindo em abundância milho e mandioca, feijão e amendoim, batatas-doces, abóboras e cebolas, melões e melancias, cana-de-açúcar e arroz, ao passo que o algodão crescia, como habitualmente nas terras altas.

Na praia, em uma curva do rio de sudoeste para sudeste, reconhecemos de novo, pela primeira vez, depois de um intervalo de noventa e três léguas, a verdadeira formação diamantina. Ao longo da água havia montes enfileirados do cativo preto e branco, a ferragem cor de azeviche, a quadrada "Santana", aqui bem grande, o nível ovo de pombo, a siricórdia (crisólita, ou topázio branco) cor de palha, e o feijão, a fava e muitas espécies dos polidos "caboclos", cujo brilho lustroso é considerado bom indício. Mais abaixo no rio, encontramos-a depois de levantar os grandes seixos (gorgulho brabo). Também está espalhada em fina camada com o húmus superficial. Essas jazidas continuariam até a cachoeira de Itaparica, oito léguas abaixo. Ali seriam novamente observadas. Os habitantes nunca viram um diamante e suas reses pisam sobre o que poderia ser uma mina de riqueza. Quando nos viram recolhendo conchas e pedrinhas, lamentavam-se pelo atraso, mas no presente estado de coisas a exploração não é de se esperar. O lugar está apenas a 90 e 93 milhas do ponto mais importante do vapor. É minha convicção que isso deveria ser examinado cuidadosamente.

Dois jovens, Rufino de Sá e Francisco Maria de Sá, das terras do Engenho Novo, passavam pelas proximidades e perguntavam as coisas do costume, isto é, se os ingleses tinham um rei. Eu lhes interoguei a respeito do tema de um "letreiro",<sup>60</sup> ou inscrição, de que ouvíamos falar rio acima. Disseram que conheciam o lugar e a vista de uma nota de mil-réis persuadiu-os facilmente a se tornarem nossos guias. Embarcaram a bordo do ajojo e ajudaram-nos a atravessar a brecha de Itaquatiara, que dificilmente pode ser chamada de cachoeira.

Aqui o rio, curvando-se para o oriente, passa entre o longo dorso dos morros de Itaquatiara e os rochedos do Guixaba, ambos ligados por uma saliência de arenito. À direita há um nítido canal pelo qual, em ambas as direções, podem passar os barcos, mesmo de noite. No centro há um rochedo original, em forma de cogumelo e, entre ele e a margem esquerda o leito é muito sujo. À medida que nos aproxi-

mávamos da pedra e éramos levados a toda velocidade pela água, o "Capitão Mole" largou o remo, deitou-se de costas, e ficou rindo como um idiota. Os estranhos prepararam-se para um banho, afrouxando as cintas, onde traziam as indefectíveis faquinhas. Por felicidade, contudo, o velho piloto, manobrando furiosamente o remo do leme, enquanto empregava uma linguagem como se pode imaginar, levou-nos a salvamento, sem novidade através da brecha superior.

Desembarcamos na margem direita do sítio de Itaquiara, ao norte dos morros e, atravessando um campo de mandioca, alcançamos uma parede de pedra chamada no local de a Talhada. Ela estende-se a sul-sudoeste do último obstáculo do rio, formando um ângulo cujos lados se voltam para leste e sudeste, obliquamente, pois, quanto ao rio. O material é arenito grosso com linhas de conglomerado, avermelhado e amarelo acima e vitrificado como se o rio o houvesse por uma vez lavado. Entre seis a sete pés do solo há uma saliência em forma de telhado. Acima dele a rocha está empilhada em blocos. A camada superior na massa da montanha está cortada para retirar pedras de amolar. Abaixo do telhado a parede inteira está coberta de caracteres, variando de tamanho de algumas polegadas até dois pés de comprimento. Estendem-se por cerca de vinte pés de cada lado do vértice do ângulo.

Fiquei encantado com a minha descoberta, a primeira no gênero que fiz no Brasil, e que até agora não foi mencionada.<sup>67</sup> Jacinto Barbosa da Silva, dono da fazenda, disse que se tratava de um roteiro indicando um tesouro escondido. É essa a opinião geral a respeito das inscrições. Um viajante italiano, no tempo do avô do nosso interlocutor, achou que elas indicavam a direção de um buraco nas vizinhanças e uma ravina próxima e, atirando pedras, verificou que a cavidade era profunda. Mandaram escravos trabalhar no local, mas vieram logo as chuvas e o lugar ficou perdido para sempre.

Proseguimos viagem e facilmente livramo-nos da passagem de Itaquiara. Em ambas as margens havia pequenas povoações chamadas Ao Pé da Serra.<sup>68</sup> De frente há um remoinho maior e, em seguida uma série de remoinhos menores, que têm aspecto perigoso. Há um canal desembaraçado, porém, à direita. Um pouco abaixo, na margem baiana, há um rochedo de arenito amarelo-avermelhado, uma pedra escrita, semelhante à primeira que havíamos visitado, porém, menor, que projeta no rio um ressalto de cor escura, muito esburacado e desgastado pelas inundações. A subida e descida desse rochedo quando o vento está forte, deve ser perigosa. Observamos nas margens que as canafístulas, curvadas quase em ângulo reto para

o montante, apóiam no chão seus galhos, voltados na direção do vento. Ao pé da serra de Pernambuco, uma linha de rochedos de arenito vermelho, dá frente para o rio, com um contorno de fragmentos empilhados de pedras oscilantes, enquanto que uma planície rasa, formada por seus próprios desgastes, separa-a do rio.

Outro aspecto de importância é o chamado morro do Sobrado, porque é tido como semelhante a uma casa. Na margem esquerda, abaixo de uma grande coroa de areia, coberta de mato denso e árvores esparsas, estendendo-se por três quartos do leito, há dois rochedos gêmeos, altos e amarelos, separados por uma faixa de areia de 400 jardas de extensão. Estratificados e com clivagem, apresentam locais ou cavernas de tamanho desusado, cujas entradas escuras parecem revestidas de ferro. São lugares preferidos para ninhos de pássaros, especialmente o grande gavião-cinzento (*F. plumbeus?*) causadores de tantos estragos entre os filhotes dos rebanhos. Há grandes blocos caídos na água que receberam, como os granitos, uma camada vitrificada. Na margem direita uma massa de marumbés, negros e brilhantes, correm para água como um leito de lava recente, contrastando fortemente com os morros vermelhos, a areia solta amarela e o castanho das catingas altas.

Agora, voltando-nos para o norte-nordeste, avistamos uma das mais pitorescas passagens do vale. O rio, já agora de nobres dimensões, alarga-se e estreita-se em curvas graciosas. A vista a jusante é limitada pela cadeia baixa de Tacaratu. As margens, que descem suavemente, têm suas encostas divididas por sebes de espinhos secos e apresentam casas cobertas de telhas. Ora são arentas, ora são verdes como capim e milho. À direita fica o lugarejo de Casa Nova, constituído por umas vinte casas fronteiras a três magníficas árvores de caju, cujas abóbadas de verdura espalham suas copas verdejantes quase até o chão. Do lado oposto fica o porto de São Pedro Dias da Várzea Redonda,<sup>69</sup> nosso destino. O ronco de uma cachoeira abaixo de nós, anunciava que nossa viagem estava acabada.

Eis, pois, o grande término da navegação no poderoso São Francisco, pelo qual havíamos navegado umas 309 léguas, perto de três vezes o comprimento da Inglaterra. Senti a calma que acompanha o bom êxito de uma empresa duvidosa, enquanto a beleza do local e o esplêndido futuro que o aguarda permitia-nos acalentar os mais agradáveis pensamentos.

Volto agora às inscrições.

Essas pedras escritas parecem comuns no baixo São Francisco. Nesta região elas são encontradas em Icó da Ipueira, em Itaquiatiara

e no Pé da Serra. Abaixo ainda ouvi que existem em Salgado, a duas léguas da balsa de Curral dos Bois (320ª légua) e no Brejo, fazenda de criação, pertencente ao capitão Luís da Silva Tavares, em frente do Porto das Piranhas, e distante seis ou sete léguas. Os habitantes contam casos de estrondos e de coisas sobrenaturais que rondam aqueles lugares de tesouros escondidos. No Brejo há um olho-d'água donde se houve o ruído de barras de aço.

Tais inscrições eram conhecidas pelos velhos viajantes. Yves d'Evreux, falando a um catecúmeno, diz de "Saint Barthelemy: "Tiens, voilà ce grand Marata qui est venu en ton pays. . . C'est lui qui fit inciser la roche, l'autel, les images et scritures qui y sont encore à présent, que vous avez veu vous autres."<sup>70</sup> Seu editor, Sr. Ferdinand Denis, refere-se à grande *Viagem Pitoresca* do Sr. Debret (I, 46), que não deixa de ter certo interesse. As rochas estão sobre a montanha do Anastabia, perto do rio Japurá, na província do Pará. Muito antes dele, Koster (II, cap. 3),<sup>71</sup> menciona uma pedra na província da Paraíba sobre a qual estava esculpido grande número de caracteres desconhecidos e figuras, especialmente uma de um índio feminino. A rocha que era de bom tamanho, jaz num leito de um regato seco. As pessoas que viram o desenhista trabalhando disseram-lhe que havia muitas inscrições semelhantes nas proximidades e revelaram os nomes das localidades. O conde de Castelnau copiou inscrições das pedras do rio Araguaia, que lhe foram indicadas pelo capitão-mor Antônio Rodrigues Vilarés.<sup>72</sup> Ele as encontrou (v. 113-114) em Serpa, i. é, "pierre gravée",<sup>73</sup> no Baixo Amazonas, e alude a figuras esculpidas na rocha do rio Negro e inscrições nos rios Orenoco e Essequibo. No alto Paraguai, cabanas de índios e troncos de árvores vizinhas estavam cobertos de singulares hieróglifos de formas muito variadas, mas o viajante não pôde concluir se se tratava de uma escrita mística ou meras cópias de marcas que os moradores haviam encontrado em reses furtadas. S.M.I. o senhor Dom Pedro II, diligentíssimo estudioso das antiguidades brasileiras, coligiu todas as informações correntes sobre aquelas rochas marcadas e me disse que lhe parecia ser obra de quilombolas, ou negros fugidos. Não posso aceitar esse ponto de vista porque os africanos em sua terra ignoram toda espécie de inscrição.

Os glifos encontrados no rio São Francisco eram muito menos europeus na forma do que os que foram publicados na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.<sup>74</sup> Os símbolos revelam uma considerável monotonia. As formas mais notáveis eram a mão,

o casco, com uma linha vertical, ou linhas dividindo-o pela bissetriz, e o velho gótico redobrado.

Meu bom amigo doutor em Direito Civil Antônio Moreira de Barros, presidente de Alagoas, e Carl Krauss<sup>75</sup> encontraram outros caracteres no rio da Água Morta, na aldeia de Olho-d'Água do Casado, perto do porto das Piranhas, cerca de uma légua em linha reta do rio São Francisco. O lugar consiste em uma gruta com três a cinco metros de largura, com paredes perpendiculares de granito maciço (sienito?), do qual a mica estava quase desaparecida, e tinta de vermelho pelo óxido de ferro. O Sr. Krauss acredita que as inscrições foram feitas com instrumentos de ferro. Eu notaria, porém, que os machados de jade dos nativos eram capazes, com perseverança selvagem, de marcar a mais dura pedra.<sup>76</sup> O Sr. C. H. Williams, da Bahia, que subiu o afluente Panema no baixo São Francisco, encontrou, a duas léguas do leito, caracteres traçados em tinta vermelha, sobre a parte inferior de uma grosseira laje de granito. Seria muito de desejar que todos esses antigos remanescentes possam ser fotografados antes que se tenham obliterado. No momento cada caipira, instintivamente, ao que parece, perfura com a ponta de sua faca o "letreiro", como uma vingança porque ele não revela os seus segredos. A interpretação esclarecerá um ponto obscuro da idade pré-histórica do Brasil<sup>77</sup> e basta mencioná-los para ver que não tinha razão o viajante que afirmou: "Au milieu des rochers et des arbres gigantesques de ces forêts qui défient les siècles, il ne se trouve pas d'hieroglyphes ou aucune espèce de signes gravés sur la pierre".<sup>78</sup>

## Notas ao capítulo LXVIII

1. N.A. Halfeld, por curioso equívoco (*Relatório*, p. 6), atribui a essa décima primeira travessia 38 léguas e conta a distância a partir de Santa Maria e não de Boa Vista. Os pilotos aumentam a distância para 52 léguas, a saber 16 até Cabrobó e 36 até Várzea Redonda.
2. N.A. Os moradores afirmam que nunca ocorrem acidentes, mas iríamos encontrar dois naufrágios *en route*.
3. N.A. Entre a 295.<sup>a</sup> e a 300.<sup>a</sup> léguas segundo o Sr. Halfeld.
4. N.A. «Os canais são de tal maneira intrincados que encontramos, nas bifurcações, pedaços de pano pendurados nos arbustos, para orientar os navegantes no caminho do Pará» (Tenente Herndon, p. 333).
5. N.T. Em português no original.
6. N.A. O Sr. Halfeld provavelmente planificou esta parte do rio quando ele se achava baixo. Ele fala de várias cachoeiras e cachopos (aqui chamados bancos de areia ou baixios) que são meras

- «corridas». Entre a ilha Pequena e a margem ele coloca a cachoeira do Fuzil, que, durante minha passagem, dificilmente poderia ser classificada como rápido.
7. N.A. O Sr. Halfeld chama-a serra do Inhanhum, do nome da grande ilha na curva do rio.
  8. N.A. Esse *Saccharum* é provavelmente a frecheira do rio Amazonas.
  9. N.A. O grito é dado como dizendo «fogo pagou (apagou)».
  10. N.A. A cachoeira da Panela do Dourado, nome dado provavelmente porque um peixe dessa espécie foi apanhado e cozido pelos primeiros viajantes. *Panela* significa ora algum buraco aberto pela água na pedra, ora um pequeno remoinho produzido pela depressão cônica do terreno.
  11. N.A. Há outro canal à direita da ilha do Serrote, mas parece ser muito perigoso.
  12. N.A. O Sr. Halfeld diz que o serrote era formado por quartzo, clorita, mica, ferro e titânio.
  13. N.A. Segundo o piloto ele vem de Queimadas, a trinta léguas de distância. O Sr. Halfeld assinala uma embocadura muito estreita. Segundo o Sr. Keith Johnston ele recebe as águas do lado leste da cadeia ocidental, perto das cabeceiras do Canindé, o rio de Oeiras, no Piauí.
  14. N.T. Em português no original.
  15. N.A. Abaixo de Santa Maria as terras tornam-se arenosas, menos leves e ricas.
  16. N.A. Por isso as pilastras são chamadas pelo Sr. Halfeld (*Relatório*, p. 156) de colunas de pedra. Observa ele «Na igreja supra-mencionada, ainda se enterram defuntos, mas com tão pouca piedade, que os corpos, malcobertos por terra frouxa exalam insuportável mau cheiro.» O cheiro desapareceu e não tivemos que nos queixar da atmosfera.
  17. N.A. Há outro Orocó (de baixo) na margem esquerda, cerca de duas milhas a jusante.
  18. N.A. A estibordo passamos sucessivamente, de oeste para leste, a ilha das Almas, do Juá, de São Miguel e da Piedade, com um conjunto de outras, especialmente a ilha Comprida, entre elas e a margem direita. A bombordo fica a ilha de São Félix, que o piloto chamou de São Pedro. Tinha mais ou menos no centro um outeirinho sobre o qual está construída uma capela, perto do norte exato da elevação que ostenta as ruínas de São Miguel. Entre São Félix e a margem esquerda fica a ilha da Tapera. A leste de São Félix está a ilha Aracapá, com cerca de quatro milhas de comprimento. Seu canal é muito obstruído e a Cascalho coloca-se à sua margem esquerda. Aqui a parte mais larga do rio é de quase duas milhas geográficas.

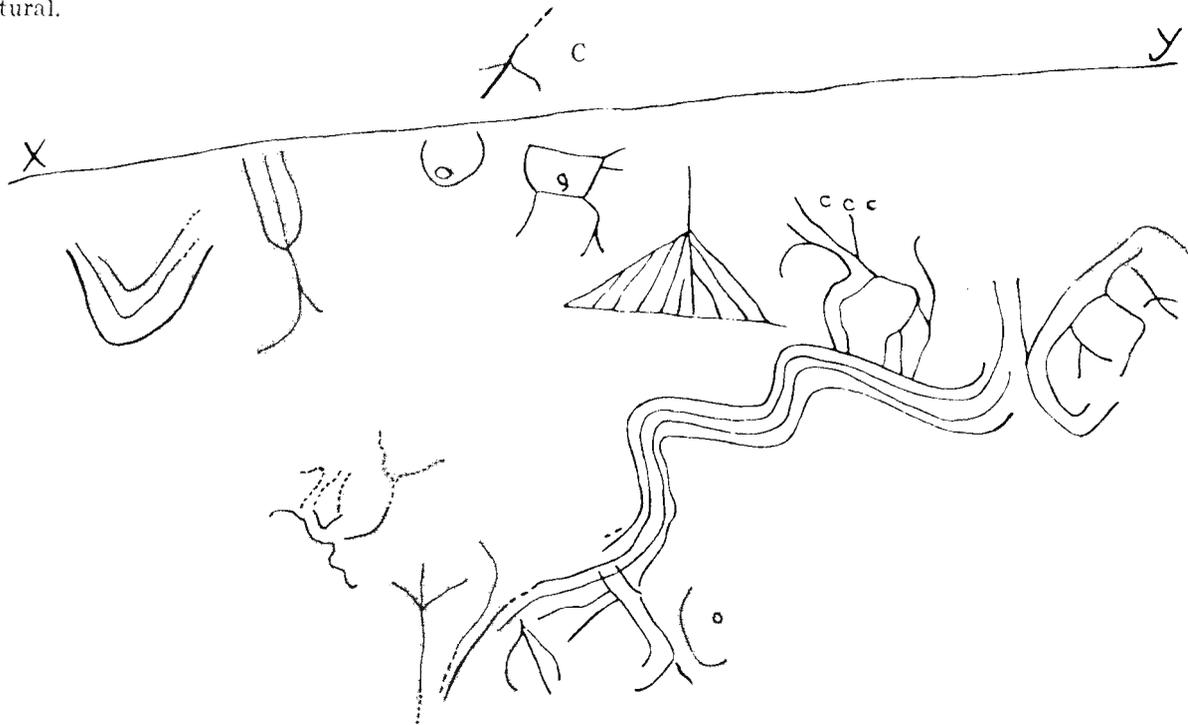
19. N.T. Teodoro Sampaio, na obra citada, registra rio da *Brigida*.  
N.A. O Sr. Keith Johnston chama-o «R. Bregido», mas traça-lhe corretamente o curso, creio eu, drenando as encostas meridionais da serra que divide Pernambuco e Ceará.
20. N.A. No mapa do Sr. Halfeld é chamada ilha dos Bois.
21. N.A. V. cap. XV.
22. N.T. Em português no original.
23. N.A. Iríamos subir a parte mais oriental dessa ipueira para chegar a Cabrobó. O caminho direto seria pelo oeste. Mas não pode ser seguido nessa época do ano. Os principais rápidos, descendo o rio são: 1) Bom Sucesso; 2) Cachauí; 3) Tucutu; 4) Cama-leão; 5) Urubu; 6) Cauã; 7) Foice; 8) Catarina e 9) Cachoeira do Gavião ou do Portão. Esta última, cerca de uma légua acima da vila, é descrita como um despenhador que só pode ser ultrapassado no auge das enchentes.
24. N.T. Em português no original.
25. N.A. Nenhum desses nomes é mencionado pelo Sr. Halfeld. A serra do Jacaré parece ser a que ele denomina serra do Bendó.
26. N.T. Tribo que habita as estepes da Rússia.
27. N.A. Alguns chamam-na serra do Milagre, outros serra da Lagoa Dourada.
28. N.T. *Marmor taenarium*. (Rosso Anticum, de Taenarium, na Lacônia).
29. N.A. É chamado cabeça-vermelha, galo-da-campina ou tico-tico-rei. O «Menino» afirmou ter vendido no Rio de Janeiro, por 10\$000, um casal desses pássaros, muito apreciados pelo canto.
30. N.A. Há duas espécies: *Psittacus macavuanna* e *P. guianensis*.
31. N.A. O povo chama-o socó e diz que tem carne gorda e gostosa.
32. N.A. A palavra é, sem dúvida, uma corruptela da *guará-una*, pássaro preto, mas é pronunciada como acima e dá o nome a vários lugares no curso superior do rio. O povo elogia a carne desse pássaro depois de frito na gordura.
33. N.A. Aqui chamados canga ou cambão, palavra rústica portuguesa.
34. N.A. Os fardos têm, em média, cinco a seis arrobas. Não são comprimidos, mas bastante apertados com as cordas.
35. N.A. Gardner descreveu essa formação de greda. O nome Araripe foi inteiramente omitido por Keith Johnston. O Sr. Cândido Mendes de Almeida não o esqueceu, não mostra, porém, a serra tendo por detrás a de Borborema, o que, falando a rigor inclui os dois Cariris. A respeito dessa palavra, adiante se dirá.
36. N.A. O excelente viajante William Chandless encontrou há pouco peixes do cretáceo no rio Aquiri, afluente do grande Purus. Em sua maior parte, segundo o professor Agassiz, ocorrem entre o 10° e o 11° de latitude sul e a 67° a 69° de longitude oeste (Gr.) em localidades situadas de 145 metros acima do nível do mar. Ali a latitude de Araripe é de cerca e 7° sul.

37. N.A. Esse nome é dado à região situada entre Crato e Jardim, mais ou menos. Cariri, que também se escreve Cairiri ou Kiriri, era o nome de antiga tribo Tapuia, antigos donos da ilha de Itaparica, na baía de São Salvador. Em 1699 um missionário jesuíta, o padre Vincenzio Mamiani, publicou em Lisboa sua *Arte da gramática da língua brasílica da Naçam Kiriri*. Muitos lugares da região têm o nome de Cariri, sem dúvida localidades para onde migraram os antigos selvagens. Há duas cadeias principais: Cariris Novos, na província da Paraíba do Norte e Cariris Velhos, em Pernambuco.
38. N.T. Segundo o vocabulário cit. de Teodoro Sampaio (*O tupi na geogr. nacional*), *cabrobó*, não é termo tupi. É cariri e vale dizer «guerra, luta».
39. N.T. Em Bernardino de Sousa (*Diction. da terra e da gente do Brasil*, 1961), *camboa* é o mesmo que *gamboa*: «Em S. Paulo, ...lugares dos leitos dos rios em que se remansam as águas, dando a impressão de lagos tranqüilos».
40. N.A. É um grupo de choupanas, em torno de uma grande praia de areia, chamada Coroa do Bom Jesus.
41. N.T. Em português no original.
42. N.A. Dizem que tem cerca de 30 léguas, desde sua boca, na serra do Araripe, perto do local chamado Cariris Novos. O Sr. Keith Johnston chama o braço nordeste de rio Terra Nova e o noroeste de rio São Domingos.
43. N.A. É a ilha da Boa Vista nos mapas do Sr. Halfeld.
44. N.A. Na margem esquerda há três fazendas chamadas Brandão, provavelmente do nome de alguma família que ali se estabeleceu primeiro. Na do Brandão do meio havia uma boa casa branca e um grupo de coqueiros.
45. N.A. Um pouco abaixo desse ponto fica a Barrinha do Abaré. Ambos lembram os jesuitas, um dos quais foi chamada de Abaré Bebé, ou o «padre voador» porque estava sempre se movimentando. Eles, como os prelados, tomavam o título de Pai Abaré-guaçu. O papa era chamado *Abaré oçu etê*. Os frades de Santo Antônio eram chamados Abaré tucura, padre gafanhoto, porque os índios achavam seus capuzes parecidos com gafanhotos.
- N.T. Segundo o padre Lemos Barbosa (*Dicion. cit.*), *abará* era o nome dado pelos índios aos padres em geral.
46. N.A. O Sr. Halfeld chama-a de barra do Tarraxi. Diz-se que nasce num lugar chamado Imburanas, na Ponta da Serra e que mede quarenta léguas.
47. N.A. O Sr. Halfeld chama a esses lugares Cachauí de Cima e Cachauí de Baixo.
48. N.A. No *Relatório* (p. 186) é chamado Serrote de Pedra. A orientação é de nordeste para sudeste e o material, segundo dizem, é gnaisse-granito (gnaisse não estratificado), granito e quartzo.
49. N.T. Tampa da Panela. *Testo* está no original.

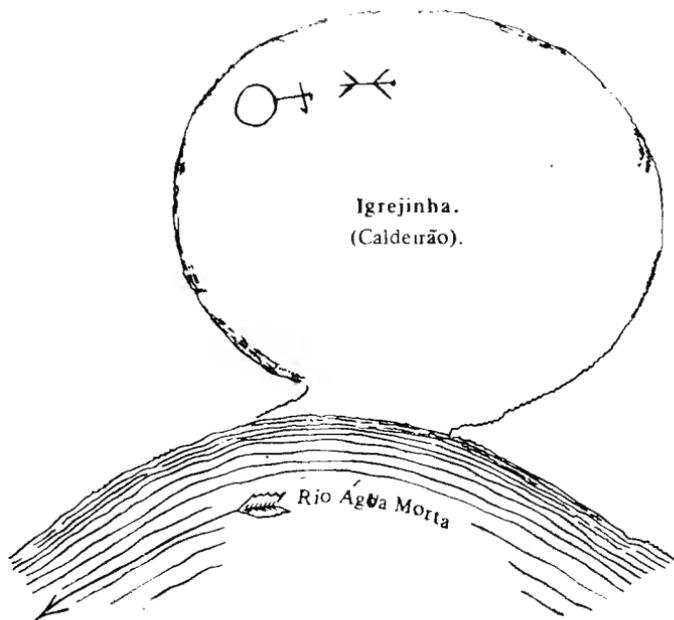
50. N.A. As ilhas, a começar de cima são: 1) ilha do Cuité; 2) ilha da Viúva; ou dos Cabaços, confundindo-se este último nome com uma ilhota ao sul; 3) ilha da Tucuruba; 4) ilha do Jatobá; 5) ilha de São Miguel; 6) ilha da Crureira (no mapa Cruzeiro?); 7) ilha do Espinheiro e 8) ilha do Surubabé e Zorobabé. Além desses o plano mostra cerca de trinta e cinco ilhotas, maiores e menores, sem contar os rochedos.
51. N.A. O Sr. Halfeld (*Relat.* 169 diz que a formação é granítica e coloca o canal à direita, enquanto passamos à direita da ilhota do Elefante.
52. N.A. À margem esquerda desemboca o riacho Tucuruba, simples ravina.
53. N.A. Segundo outros, «do Espinho». No mapa de Halfeld, o nome da ilha é Santo Antônio.
54. N.A. Os habitantes de Várzea Redonda informaram que ele estava a quatro ou cinco braças acima do nível mínimo.
55. N.A. O Sr. Halfeld, em vez de Vau, diz Vão, que significa lugar vazio ou deserto.
56. N.A. No momento não corre água e só se encontravam poços de água abertos no leito. Diz o povo que ele recebe as águas da cadeia de serras que serve de linha divisória ao norte. O Sr. Halfeld (*Relat.* 171) escreve a palavra tal qual é pronunciada: *Fajau*. Keith Johnston faz o mesmo e considera o riacho como um curso-d'água considerável.
57. N.A. O Sr. Halfeld adota «serra do Penedinho».
58. N.T. Em português no original.
59. N.A. O Sr. Halfeld (*Relat.* 173) fala em «vistosa igreja».
60. N.A. Travessia perigosa.
61. N.T. Em português no original.
62. N.T. Em português no original.
63. N.A. O Dr. Guilherme Schüch de Capanema, sábio brasileiro, era de opinião que os imensos depósitos cretáceos sobre o ombro nordeste do continente sul-americano, podiam ser reduzidos a depósitos de tabatinga, ou feldspato degradado. A viagem do professor Agassiz, porém, liquidou a questão. Os sinais do período cretáceo são o arenito ferruginoso depositado sobre uma camada inferior de areia verde; margas e pedra calcária macias e compactas, espessas camadas de um arenito de uma coloração mais fina e colorida e, finalmente, uma grande disseminação de sílex córneo, sílex comum e pederneira de verdade. Não contém resíduos orgânicos, segundo parece.
64. N.T. Pedras oscilantes.
65. N.A. Nesta parte do rio o peixe é colhido facilmente durante a estação seca, especialmente perto das cachoeiras. O povo atira, tanto como colhe com redes e anzol as presas.
66. N.T. Em português no original.

67. N.A. O *Relatório* não faz referência à sua existência. Voltarei a essas inscrições no fim do meu capítulo.
68. N.A. Tal como temos Saint Magnus *ad pedem pontis* etc.
69. N.A. Todos os escritores, inclusive o Sr. Halfeld, chamam-na Vargem Redonda. Só posso dizer o que o povo não chama. Note-se, porém, que as palavras são sinônimas.
70. N.T. A edição feita por F. Denis da *Voyage dans le nord du Brésil dans les années 1613 et 1614* deve-se aos editores A. Franck e Albert L. Herold (Leipzig e Pars, 1864). Na tradução de César A. Marques (reeditada por Humberto de Campos na Biblioteca de Escritores Maranhenses, Rio de Janeiro, 1929) o trecho está à p. 341. As inscrições atribuídas aos índios encontram-se na *Viagem pitoresca* de Debret, vol. I, est. 30. (V. Edição da liv. Martins, São Paulo, 1940).
71. N.A. Ele obteve informações de um padre que havia visitado um amigo na província da Paraíba. Não pôde fazer um esquema por ter deixado Pernambuco muito mais apressadamente do que esperava. Southey faz referência a essa inscrição.
72. N.A. Foram vistas em 1774 durante uma exploração do ouvidor Antônio José Cabral de Almeida. Cunha Matos (*Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará*) atribui as inscrições aos jesuítas.  
N.T. A obra de Cunha Matos, *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão*... 2 vols., foi impressa no Rio de Janeiro em 1836.
73. N.A. Segundo o Sr. Bates (I, 308) o nome de Serpa na língua tupi (Ita-coatiara) significa pedra riscada ou pintada com a variegada argila e com conglomerado de tabatinga.
74. N.A. O leitor encontrará no Apêndice uma tradução desse curioso documento. As alusões às grandes cachoeiras de Paulo Afonso são evidentes, mas a lenda da cidade deserta é geralmente considerada um romance. Um padre baiano dedicou-se pessoalmente por uma vintena de anos a esta redescoberta, mas faleceu antes de atingir seu fim.
75. N.T. O Dr. Carlos Krauss, alemão, foi o engenheiro-chefe da Estrada de Ferro Ituana, fundada em 1870. V.: Carlos Henrique Oberacker Jr.: *A contribuição teuta à formação da nação brasileira*. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Presença, 1968 (Coleção Germânica, 1).
76. N.A. Não é fácil compreender como os selvagens trabalhavam com substâncias não refractárias. Em quase toda parte, porém, o homem inventou os rudimentos de uma lima, por meio de areia presa a uma haste com resina. Na Índia a nefrite era tratada com pó de diamante.
77. N.A. As inscrições reproduzidas nas páginas que se seguem foram as encontradas pelo Sr. Moreira de Barros e pelo Sr. Krauss, a quem manifesto minha gratidão.
78. N.A. Príncipe Max, em 1815-1817 (II, 314).

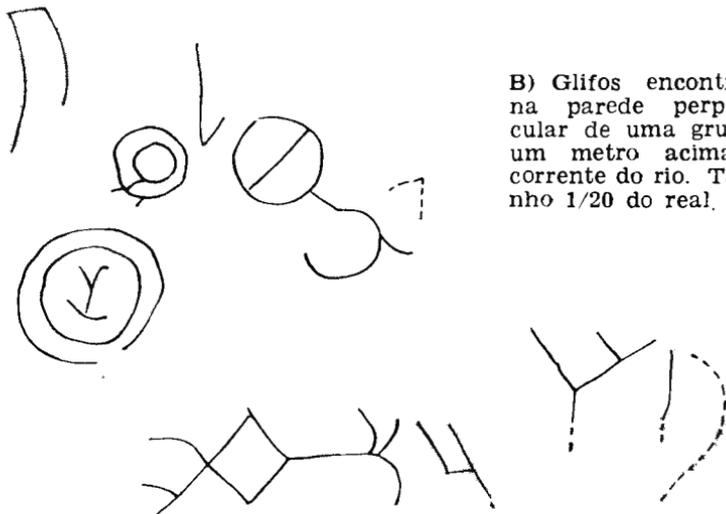
C) Esta inscrição, a vinte ou trinta metros da corrente acima, revela somente cerca da metade de seu tamanho original. Nesta, como na da letra A, a seta tem a mesma direção do rio e parece indicar certo ponto sob a areia, onde possivelmente tenha havido antigas minerações. É certo que foi extraído ouro desse lugar em tempos de outrora. Krauss nada encontrou ali, mas sua visita foi apressada. Ele considerava as figuras um mapa do rio. A linha reta indica uma fissura na rocha. Tamanho 1/20 do tamanho natural.



A) *Projeção horizontal* — Esses caracteres são encontrados no fundo de um caldeirão natural que o povo chama de Igrejinha. Tem cerca de 3 metros de diâmetro, 4 de profundidade e 2,5 acima do atual leito do rio. Tamanho 1/40 do tamanho real.

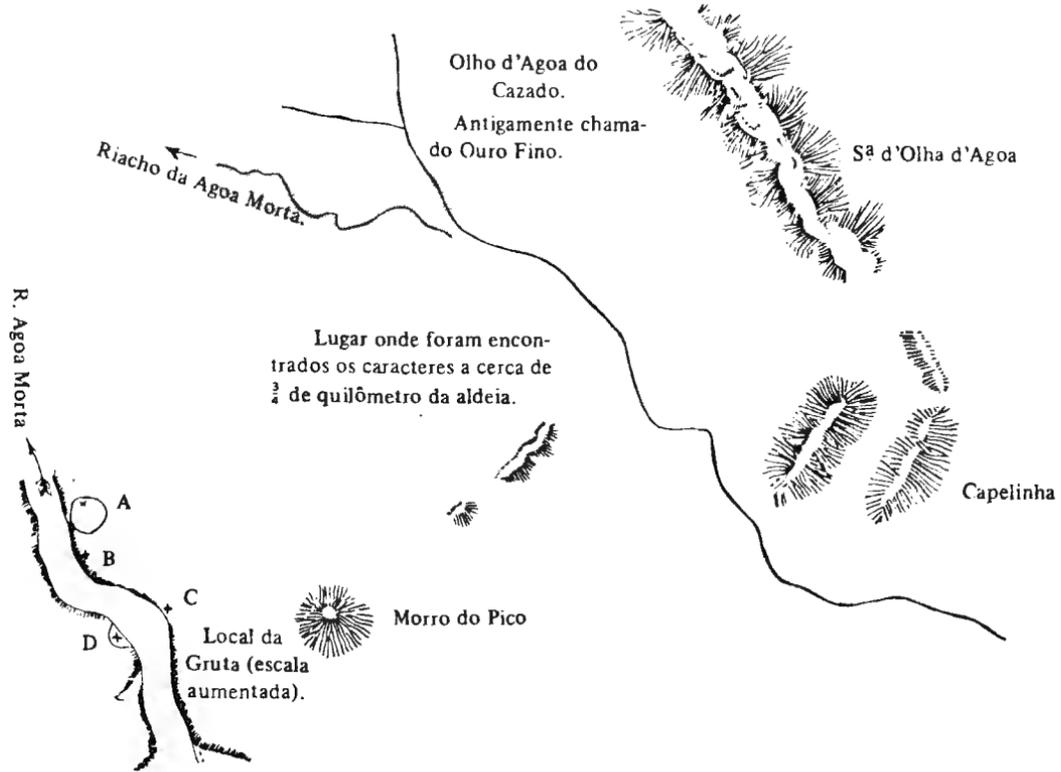


B) Glifos encontrados na parede perpendicular de uma gruta, a um metro acima da corrente do rio. Tamanho 1/20 do real.



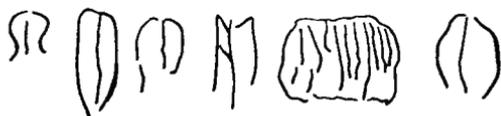
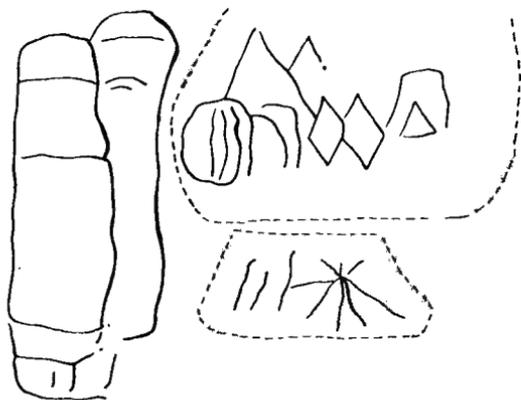
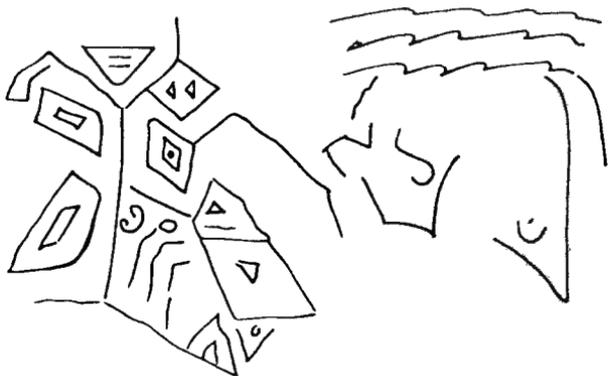
D — *Projeção horizontal*. Glifos encontrados na parede perpendicular da gruta, 1 metro acima do leito do rio. 1/20 do tamanho real. Esse também é considerado metade do tamanho original. Fica no fundo de uma pequena gruta, cujo plano está a uns dois metros acima do rio e onde se podem esconder duas pessoas. Escala 1:20.

\*\*\* Plano geral do local.



\* O Sr. C. H. Williams presenteou-me com uma cópia dos caracteres que ele desenhou sobre o Panema. Esses têm as formas mais notáveis.

\*\* Abaixo eis os caracteres normais que observei em Itaquatiara.



## CAPÍTULO LXIX

### As grandes cachoeiras — Paulo Afonso

Descrição de Várzea Redonda — Dispensa do pessoal da tripulação e conseqüente alívio — Os tropeiros de Pernambuco — A grande cachoeira de Itaparica.

«Então, quando tio Sam, 'o melhor freguês e mais natural aliado do Brasil', enviar alguns milhares de seus enérgicos filhos, poderia o Brasil apontando para as solidões verdejantes, para a bem cultivada fazenda, para a movimentada cidade, para o barco a vapor, e ouvindo o eco de milhares de vozes de homens ativos e prósperos, dizer com orgulho e verdade: — 'Assim fizemos para o progresso da civilização e felicidade da raça humana.'»

(Tenente Herndon, p. 372)

Procurei encontrar em Várzea Redonda uma grande cidade, ou, pelo menos, uma pequena cidade próspera, e o melhor que encontrei foi um miserável quarteirão que mal continha uma vintena de casas. A população está confinada a uma estreita faixa de terra ao longo do rio e, por falta de água, quando milhões de galões fluem à distância de um tiro de canhão, as terras mais altas são de todo negligenciadas. Toda a margem esquerda, da serra do Papagaio a Várzea Alegre, pertenciam, há três gerações, a um proprietário brasileiro, Manuel de Sousa. Quando ele morreu, as onze léguas de extensão foram divididas em várias fazendas: do Atalho, da Várzea Redonda, e, mais abaixo, da Várzea Alegre. Estão todas ainda na posse dos inumeráveis descendentes do proprietário original. A lei da gênese, ou do desenvolvimento, é aqui levada a cabo com um vigor peculiar. O único mister é, ao que parece, o de *père de famille*. Quem não tem uma dúzia de filhos é considerado um pobre diabo. Isso é conseqüência

de um clima saudável, abundância de provisões, embora grosseiras, falta de ocupação do corpo e carência ainda maior do que é vulgarmente chamado: vida espiritual. Devo observar que, assim como a Bahia achei inferior a Minas Gerais e São Paulo no que se refere à vida social, o interior de Pernambuco fica atrás da Bahia, enquanto Sergipe e Alagoas ficarão no fim de todas. As duas últimas, de fato, poderiam facilmente ser fundidas numa só, não fosse a necessidade política de manter o mais possível postos de governo.

Logo que cheguei procurei o Sr. José Manuel de Sousa, ex-juiz (inspetor de quarteirão), que vive em Porto do Atalho, poucas jardas adiante do desembarcadouro principal. Ofereceu-nos espontaneamente sua casa, mas desejando proceder aos últimos arranjos, antes do pagamento da tripulação e dismantelar a *Elisa*, queria dormir a bordo, do que muito me arrependi. A noite foi furiosa e o vento levantara ondas que quase reduziam em pandarecos a velha embarcação. Meus homens, tendo chegado ao fim da viagem, caíram na costumeira pândega dos barqueiros, bebendo muito, contando muita prosa, medindo forças e lutando, tudo isso entremeadado de cantos, gritaria, improvisos de versos e encerrando tudo com os tremendos roncões do sono báquico. O “Menino” jurou que não poderíamos, nem deveríamos dar mais um passo adiante sem ele, julgando, assim, seguro contra a despedida. Majellicão complicou as coisas, furtando todos os mantimentos, peças metálicas e peças de madeira que lhe caíam nas mãos. Na manhã seguinte meus vagabundos derramaram lágrimas de contrição e de cachaça. O primeiro recebeu 150\$000 pelos seus dois meses de aversão ao trabalho e, como se lamentava ter de enfrentar sozinho tantos estranhos perigosos, foi-lhe permitido levar a cadela Negra, que também terminara a viagem. O animal reunia as duas pouco recomendáveis qualidades, de covardia e ferocidade. Não era possível deixá-la perto de crianças e animais pequenos. Mas, ao mesmo tempo, fugia apavorada de qualquer porco que a ameaçasse. Uma sensação de alívio seguiu-se ao poder contemplar pelas costas a minha tripulação quando ela se afastou em demanda de Boa Vista. A única figura que lamentei ao ver que se sumia, foi a do bom e velho piloto. Recomendando-o vivamente ao futuro viajante.

O antigo juiz mostrou-nos a região em torno e nosso primeiro passeio foi pelo rio abaixo. As margens perto de Atalho constituem uma localização melhor para um centro de habitação do que as que estão abaixo, onde as ipueiras produzem insalação excessiva e onde os diques dificilmente poderiam obviar ao mal, especialmente quando os rios descem das montanhas. Há grande quantidade de cascalho

que, há alguns anos, produziu ouro. Mas a experiência não se repetiu. Vimos algumas ágatas e um sílex escuro, conhecido aqui como “figado de galinha”, bastante duro, ao que dizem para desgastar o aço. Entre as habituais catingas altas, apareceram a copada mariseira,<sup>1</sup> a quináquina, de flor semelhante à do convólculo e folha pontuda, e a embira, cuja casca é usada como fibra e com cujas cinzas se faz um bom sabão escuro. A região, segundo meu cicerone, tem muita caça, onça, veados, porcos-do-mato (pecari). Como de costume, ouvimos a estória do homem que matou um “tigre” sozinho, com uma faquinha, e da “caboclada”<sup>2</sup> que come tudo, gaviões e lagartos.

Do alto do barranco das margens, vimos um belo morro maciço, a cerca de uns 800 a 900 pés acima do nível do mar.<sup>3</sup> Para o sul e para o lado esquerdo, fica o serrote do Brejinho, aqui chamado serra da Itaparica. Dista três ou quatro léguas ao longo do rio. Uma milha e meia abaixo do porto do Atalho começa a segunda e maior Cordilheira dos Rápidos que se estende por vinte e cinco léguas.<sup>4</sup> A cachoeira da Várzea Redonda, a porta de entrada dessa região intransponível, é formada por morros rochosos de ambos os lados do rio. À direita do leito surgem rochedos negros. Sempre sob o terror de panelas ou pequenos redemoinhos, algumas embarcações têm-na atravessado.

Perto dessa cachoeira, e na margem esquerda, fica a Várzea Redonda propriamente dita. Sua capelinha, sob a invocação de São Pedro, ostenta a data de 1862. É uma construção de um só pavimento, com uma varanda e duas janelas de fechar, na orientação oeste. O vigário mora em Tacaratu, cinco léguas a este-sudeste. Trata-se de uma cidade-mercado, que fornece provisões a Várzea Redonda. Faz-se aqui uma feira todos os sábados e a gente do campo visita-a, vindo de longe, viajando a cavalo e para assistir a missa no dia seguinte. É também ligada por uma boa estrada com a Bahia, metrópole, que dizem distante 110 léguas.<sup>5</sup>

Em 1852 Várzea Redonda gabava-se de ter somente oito a dez casas. Hoje esse número triplicou. Nada mais fácil que construir. O leito do rio fornece os melhores materiais para a fabricação de telhas e abundam as madeiras de lei. Todo o morro é uma pedreira de pedra calcária que se quebra em tijolos naturais, permitindo a fácil produção de pedra de cantaria. As melhores espécies são boas pedras de amolar. Vi muitos exemplares em que uma fina camada de cintilante verde-acinzentado se entremeava com camadas de carvão férreo castanho-escuro. Este último, que em pouco tempo desgasta ferramentas de aço, é facilmente quebrado a martelo. Cerca de oito

léguas para o norte, num lugar chamado Poço Cercado, a cal é vendida ao preço de 2\$000 o alqueire. Assim, aqui de novo, a matéria calcária predomina sobre a arenosa.

O clima de Várzea Redonda é famoso pela salubridade. Dormimos de novo debaixo do vento e do luar, a chuva e o orvalho, com mais proveito que prejuízo para a saúde. Aqui, à medida que nos aproximávamos da grande máquina de ventilação, Paulo Afonso, o vento sopra de todos os lados. O norte traz tornados de trovoadas e raios. O sul o chamado “inverno”, isto é, vento e chuva, o leste ligeiras chuvas, consideradas desejáveis, e o oeste um vento seco. A estação das chuvas abre com tempestades em outubro e princípio de novembro. As chuvas pesadas chegam nos fins de fevereiro e março. Esta é também a regra na extremidade do baixo São Francisco, onde, como observei, as chuvas no litoral da mesma latitude começam quando, na região, tudo está seco.

Desmantelei o brigue *Elisa*, meu lar durante os últimos três meses. As tábuas foram dadas de presente ao nosso hospedeiro. A âncora de Morro Velho foi deixada a seu cargo<sup>6</sup> e as duas canoas compradas ao Piaba, de Sabará, foram vendidas por 120\$000 ao tio de nosso anfitrião. O passo seguinte era conseguir animais, que então estavam raros, estando, como estavam, ocupados com o transporte de algodão. O preço para alcançar o porto das Piranhas pela estrada de Tacaratu, era normalmente de 6\$000 por cabeça. Em vão ofereci 8\$000 e pediam-me 10\$000 em vez de 7\$000 pela viagem ao longo do rio, para Piranhas. Afinal, o ex-juiz, lembrando-se de que o sangue vale mais do que a água, entrou em entendimentos com seus primos somente. Nem ele, nem qualquer de seus vizinhos haviam visto coisa alguma a respeito da grande cachoeira, salvo a nuvem de espuma que lhe serve de docel. O tio disse que tudo não passava de “peta” ou de bulha.<sup>7</sup> A curiosidade aqui não pode vencer o obstáculo de umas poucas horas de cavalgada. Só no terceiro dia os camaradas ficaram prontos.

O grupo compunha-se dos piores homens, das piores cavalgadas e dos piores equipamentos que jamais vira no Brasil.

A decepção foi tanto maior quanto ouvira há muito tempo os altos louvores aos “tropeiros”<sup>s</sup> de Pernambuco. Se aqueles exemplares os representavam mesmo, dois deles não valem um paulista ou um mineiro, e durante a marcha tive muitas ocasiões de sentir saudade dos tropeiros Miguel e Antônio e dos bem nutridos burros de Morro Velho. Os cavalos eram mais teimosos e cabeçudos que os burros.

deixavam-se ficar para trás, saíam do caminho para procurar capim e abrigo, disparavam à frente para evitar o último lugar e, às vezes davam com a carga no chão. Em consequência algumas de minhas coleções se perderam, raras garrafas ou frascos ficaram inteiros, e os melhores impermeáveis furaram-se com as terríveis arreios. A única tentativa para corrigir os cascos dos animais, consistia em colocá-los sobre uma táboa e cortá-los com formão. As mantas dos arreios eram frouxas e os estribos, mal permitiam introduzir a ponta dos dedos do pé, o que fazia a caminhada o contrário de um prazer. Os quadrúpedes estavam fracos, por falta de forragem, e os proprietários não queriam gastar dinheiro na compra de milho para eles. Além disso eram tratados com barbaridade. Pela primeira vez vi crueldade em relação a animais praticada por um brasileiro.

Os seres humanos eram dois e meio. A metade era representada por um menino pequeno, conhecido por Negro Quim, abreviatura de seu nome Joaquim Gomes Lima. Ele parece ter doze, mas alegava ter quatorze anos, e sua voz desafinada estava a seu favor. Era uma estranha mistura de homem e criança. Trazia consigo fumo, isqueiro e faca. Conhecia todas as pilhérias habituais e cultivava todos os vícios dos adultos. Convidava para beber mulher com três vezes sua idade; ao mesmo tempo brincava com frutas do mato e montava na garupa dos cavalos, como os jovens beduínos, por brincadeira. Os adultos Inácio Barbosa da Silva e João, conhecido popularmente por João Caboclo, reuniam quase todos os defeitos de um tropeiro, exceto a bebida. A diferença entre eles era que Inácio tinha a cara alegre, o que discordava de sua natureza, enquanto o temperamento de Caboclo<sup>9</sup> era muito vil. Ambos eram preguiçosíssimos. Pela manhã, tinha de pô-los para fora das redes e dormiam nos bosques quando deviam estar recolhendo os animais. Durante a primeira noite, deixaram (como se fossem somalis) que um cão comesse a carne que levavam numa sacola, só para não se darem ao trabalho de o enxotar. Tinham de beber água de duas em duas horas, descansar de três em três. Metiam a cabeça em cada porta de cabana e paravam para conversar com os transeuntes da estrada. Discutiam entre si, querendo que o outro carregasse mais meia libra de peso da própria carga. Usavam de uma linguagem grosseira, o que, no Brasil não é, de modo algum usual. A principal diversão para eles era usar como de uma lança as varas que traziam, e espantar os bois que pastavam à beira da estrada. A fuga precipitada dos animais era por eles considerada a coisa mais engraçada do mundo.

Na manhã seguinte à nossa partida, o Caboclo revelou seu temperamento e carregou suas duas bestas para voltar, exigindo, quando percebeu que eu estava à sua mercê, uma soma adicional para que ele prosseguisse na jornada. Essa imposição eu poderia denunciar quando chegasse ao meu destino, mas contentei-me em fazê-lo amarelo de medo, para benefício dos que nos seguirão, e em não pagar o dinheiro reclamado injustamente. Um procedimento semelhante na ilha de Zanzibar, após minha volta do descobrimento da Região dos Lagos, na África Central, provou-me decisivamente o absurdo do “espírito público”. A simples calúnia jamais me deterá para fazer o que eu fiz, num e noutro caso. Os viajantes não serão jamais bem servidos, se seus antecessores agirem baseados no princípio — ou antes falta de princípio — de perdoar e esquecer tudo no fim da viagem, porque se chegou ao fim.

Iria agora desfrutar o melhor da expedição, mas a satisfação começou com uma série de contrariedades.<sup>10</sup> A partida teve de ser adiada para o meio-dia, para que o tio de meu hóspede efetuasse o pagamento. Não nos seria permitido partir com fome, e o sol alcançava o horizonte quando cavalgamos nossas infelizes cavalgaduras e lançamos um derradeiro olhar saudoso sobre a graciosa curva, e “frondosas árvores” do belo panorama.

O caminho segue em direção ao sul pela margem esquerda, sobre a qual as águas se deveriam espalhar até as elevações de ambos os lados. O terreno era interrompido por outeiros que, no tempo das chuvas formam ilhas. Devem parecer-se os altos sítios do vale egípcio quando *pingui flumine Nilus*<sup>11</sup> se enche. Entre as águas há tabuleiros anões, bastante estéreis, salvo nos lugares onde a corrente formou lâminas com lama duramente assada. As partes mais ricas são os brejos e os brejinhos, que produzem cana-de-açúcar, cereais e sementes oleaginosas.

O violento Vento Geral, muito afamado no nordeste, atingiu-nos em cheio de frente. Reccebi-o com agrado pela primeira vez desde o começo do mês passado. Durante essa parte da viagem, ele geralmente surgia com a lua e soprava seguidamente depois de algumas horas. O clima fez-me lembrar o que Bruce chama de “mais quente do mundo”, 61°F ao nascer do sol, 82°F ao pôr-do-sol, e às 3 horas da tarde 114°, chegando mesmo a 120° à sombra.

Quando a lua já ia alta no céu, chegamos a Brejinho de Baixo, e fomos bem recebidos pelo proprietário, Manuel Vítor da Silva. Seu pequeno engenho de açúcar fica junto de um brejo, que alimenta

um velho, mas viçoso bosque de coqueiros. O fruto estava em excelentes condições para ser bebido, e o agradável subácido e refrigerante leite, trouxe-me à lembrança Fernando Pó.

Em frente à casa erguia-se a serra da Juliana,<sup>12</sup> com um bico proeminente chamado Nariz Furtado. É o limite oriental do antigo leito. Tivemos uma sensação não habitual, ao ver a pouca distância um rápido que não atacamos, nem iríamos atacar.

Antes que as sombras se houvessem desfeito fomos despertados pela passarada local: o grito do Papanhó. Quando o rosicler, ou luz da manhã, começou a brilhar sobre os montes, fomos com o nosso anfitrião examinar as cachoeiras de Itaparica.<sup>13</sup> Aqui a corrente cuja serenidade havíamos admirado na véspera, cai de repente em convulsão; uma pequena baía, na margem pernambucana, mostra onde as canoas encontram o *ne plus ultra*, e umas poucas jardas adiante, o São Francisco investe contra uma sombria saliência da rocha escura, e separando-se em três linhas brancas, cobertas de espuma, perde-se de vista. A passagem é formada por um morro arredondado, a serra do Padre,<sup>14</sup> na margem esquerda ou nordeste e, do lado oposto, pela serra de Itaparica, uma longa e reta linha de penedos, disposta quase perpendicularmente ao leito do rio. Em tempos remotos, elas eram elementos de um dique que, interceptando a corrente, constituía um lago. As águas encontram um lugar mais brando, abriram a parede e formaram a atual cachoeira.

O material da saliência é o arenito, revestido e incrustado de seixos de quartzo, grandes e pequenos, muitas vezes passando livremente entre os blocos. Nas margens do rio há canga de ferro, grandes blocos, e conglomerados amigdalóides e de seixos. A base é um belo sienito róseo, como o das cataratas do Nilo. Onde a violência da água se expande, a rocha é revestida de ferro com o brilho do costume, é negra como se recoberta de pixe. Na extremidade o aspecto é feio.

À direita, ou margem baiana, o canal tem uma queda perpendicular<sup>15</sup> que despedaçou em fragmentos as jangadas e canoas que ali foram ter por acidente. Esse aspecto pode ser observado melhor da serra da Itaparica. Uma alta escarpa longitudinal, de arenito escuro e escorregadio, ergue-se entre o canal de sudoeste e o canal central. O último é dividido do terceiro braço de nordeste, por uma mal paiz",<sup>16</sup> de rocha preta e polida, irradiando calor e fogo, não muito dissemelhantemente de um campo de lava. Durante a baixa, resultante das secas as pedras do leito aproximam-se e um homem com uma vara de saltar poderá atravessar a pé enxuto todo o rio São

Francisco.<sup>17</sup> Nesses momentos, também, o lugar é excelente para uma ponte, mas durante as enchentes, o leito inteiro torna-se uma furiosa e violenta corrente. A elevação rochosa estende-se por longo espaço de ambos os lados, torna-se aqui claro que a canalização lateral não deve ser tentada.<sup>18</sup> Fica ainda mais claro quando viajando ao longo do rio, cujas margens são alternadamente rochosas e arenosas, aqui seca, e ali inundada, e forçarão a estrada de ferro para a parte norte da muralha detentora das águas.

Em lugar algum eu havia visto tão gigantescos caldeirões formados pela força da água. Alguns chegavam a quinze pés, aprofundando-se pela metade desse diâmetro; os lados e a superfície eram negros como a rocha itacolomita transformada em buraco. Davidson a quem os guias chamavam de lagartixa velha, pela facilidade com que subia em rampas escorregadias em que eles não se aventuravam, encontrou nesses poços naturais os mais belos cristais e as melhores formações diamantinas. Muitas cavidades semelhantes estão, sem dúvida, recobertas por lajes que poderiam ser facilmente quebradas com pés de cabra. Esses lugares deveriam ser cuidadosamente pesquisados em busca de pedras preciosas, e alguns favorecidos pela fortuna, provavelmente encontrarão um pote de dinheiro em poucos meses. A única utilização prática que se tem presentemente desses caldeirões é para o cortume. As bordas são brancas e os poços cheios de líquido tinto.

Caminhei então até junto à cachoeira. Aqui o sienito, a matéria própria para esfinges e obeliscos ergue-se da areia branca de árvores esparsas em montes lisos e arredondados. Deste ponto vê-se o encontro das águas que, espumando e rodopiando das prisões de aço, caem urrando nos braços uma de outra. Não há nada de gracioso, e falta grandeza no espetáculo. Tudo é escuro e sombrio como um rio do *Inferno*.

Tudo chelo de horror se manifesta,  
Rio, montanha, troncos e penedos...

(Cláudio Manuel da Costa)

As primeiras seis milhas após a Itaparica levaram-nos a uma região semelhante à que víamos ontem. Fomos então para o riacho do Mouro,<sup>19</sup> onde os contrafortes, aproximando-se do rio, não nos deixaram, senão como único caminho, estreitas gargantas, com paredes e pique e ravinas calçadas com pedras soltas, um caminho "realmente perigoso".<sup>20</sup> Esse mau trecho, fui informado, poderia ser evitado se seguissemos o caminho do "Bom Querer", cerca de meia

milha afastado do rio. Depois de labutar durante duas horas inteiras, os tropeiros fizeram alto sob uma árvore áspera como todas daquela margem, no porto em frente à passagem do Jatobá. O rio torna-se agora em geral repulsivo, estreita-se tanto como o alto do rio das Velhas, e as águas escuras e amarelas, rodopiam tetricamente, fervem e espumam em torno e de encontro aos dentes das rochas laterais, cujas cores negras e escuras contrastam desagradavelmente com as manchas de areia esbranquiçada. A passagem é comparativamente segura e há uma balsa para Curreal dos Bois, na estrada real que vai à Bahia. Surgem algumas belas árvores no outro lado distante, protegendo a vila de casinhas esparsas,<sup>21</sup> com uma capela dedicada a Santo Antônio da Glória. Os barqueiros da balsa estavam sentados, olhando-nos, descalços, com um tom de pessoas meio selvagens, metidas em roupas de couro sujo e rosários pendentes do pescoço. Todos, sem se preocupar com o suporte de um cinto, ostentavam, sem bainha, facas de lâmina lisa, que tanto poderiam ser empregadas contra uma onça, como contra um amigo. Antigamente os sacerdotes dessa região jamais viajavam desarmados. Um “eu sei?”<sup>22</sup> pronunciado de forma arrastada, era a resposta que davam a qualquer pergunta, e “Au shé”, oh! *pshaw*, indicava discordância.

Retomamos a marcha sob o que o Sr. Inácio gostava de chamar um “sol macho”<sup>23</sup> de raios cruéis. O caminho era agora fundo e arenoso, melhor para o homem e pior para os animais, cortado por secas ravinas, pontilhado de quartzo róseo e sílex superficialmente riscado e listado, e obstruído por blocos de sienito e granito porfirítico — o chamado “olho de sapo” de São Paulo. As árvores que, rio acima, ostentavam frutas três semanas passadas, ali exibiam flores, à espera das chuvas. O rio retomara as dimensões que tinha em Pirapora. A profundidade, contudo, era grande, e isso, ligado à rapidez da correnteza, e com a grande perda ligada à evaporação, explicava suas dimensões reduzidas.<sup>24</sup>

A lua havia nascido quando descemos, por um difícil barranco e através de poças de água do Moxotó ou Mochotó,<sup>25</sup> rio que nascendo perto de Cariris Velhos, ao norte, separa as províncias de Pernambuco e Alagoas. Em frente à sua foz fica uma vila miserável que se gaba de ter a última balsa antes das Grandes Cachoeiras. Dormimos no mato, e eu sentia a grande depressão com que alguém se aproxima de um objetivo há muito visado, e cujo gozo parece tão grande de longe. Em Várzea Redonda eles haviam comparado Paulo Afonso com Itaparica, o que certamente não seria uma recompensa para 1.500 milhas de tal viagem, e todos concordaram que a primeira

e grandiosa somente entre junho e setembro, quando a água está no nível mais baixo. Não vi as colunas de vapor, embora me dissessem que elas eram visíveis da serra da Paricórnia, na Matinha da Água Branca, a 24 milhas de distância. Depois de ler o coronel Accioli,<sup>26</sup> ao declarar que, quando condensadas pelo frio da manhã podem ser avistadas pela serra do Araripe, distante 30 léguas. Nem podia ouvir, dentro de duas léguas de nosso destino, o “zoadão”, ou trovão, que eles afirmam ser audível na serra do Sobrado, trinta e nove milhas ao longo do rio.

Parecia que eu estava condenado a sofrer uma amarga decepção.

Retomando, no dia seguinte, nossa melancólica viagem pela província de Alagoas, não pudemos senão observar a nudez da terra. Os ranchos, quase todos destituídos de paredes laterais ou divisões, eram meras “taperas”,<sup>27</sup> miseráveis como a população, e de nossa estrada de cavalos, podíamos ver através deles. Na vizinhança imediata das Grandes Cachoeiras, não há uma só choça, e na última casa, casa da margem esquerda, perguntamos o caminho ao seu dono, Manuel Leandro de Resende. Ele respondeu-nos amavelmente, arriou o seu cavalo e acompanhou-nos. Gostei de seus modos e contratei-o como guia. Naquelas imediações os semibárbaros, tal como os selvagens do Congo que habitam perto dos *Yellalahs*, têm o hábito de forçar os seus serviços aos estrangeiros que visitam a cachoeira. Não preciso dizer que um guia, a não ser que seja *avis rara* na espécie, muitas vezes destrói todo o prazer do espetáculo, pela condenável insistência em ser agradável.

## Notas ao capítulo LXIX

1. N.A. Dizem que essa fruta, quando cozida, tem o gosto da amêndoa.  
N.T. O autor escreve *mariseiro*.
2. N.T. Parece referir-se ao «caboclo d'água», criatura fantástica que vive no São Francisco. Tendo o domínio sobre as águas e os peixes, favorece todos os amigos e persegue ferozmente os pescadores e barranqueiros. (Luís da Câmara Cascudo: *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo, Melhoramentos e INL, 1979, p. 165.)
3. N.A. Fica do lado baiano e pertence à freguesia de Curral dos Bois. O povo fala muito bem a seu respeito, dizendo que a terra é excelente, a água abundante e o ar saudável.
4. N.A. Os tropeiros alongam essas 75 milhas para 27, e alguns para 30 léguas.
5. N.A. Isto é, 90 para Alagoinhas e 20 por trem de ferro a Salvador. Muitos ainda preferem esse percurso aos vapores.

6. N.A. O ferro era de excelente qualidade e muito valiosa para a população. O ex-inspetor de quarteirão prometeu-me mandar o dinheiro para a Bahia, mas não me consta que o tenha feito.
7. N.T. Em português a expressão aspeada.
8. N.T. Em português no original.
9. N.A. «Mofino como caboclo», é um velho provérbio brasileiro.
10. N.A. As distâncias aproximadas da marcha eram as seguintes:
  - 1) 10 de nov. de Várzea Paulista a Itaparica — tempo 3h30, 9 milhas na 317.<sup>a</sup> légua.
  - 2) 11 de nov. de Itaparica a Barra do Moxotó — tempo 6h, 15 milhas na 324.<sup>a</sup> légua.
  - 3) de 12 de nov. de Moxotó a Paulo Afonso — tempo 2h, 5 milhas na 326.<sup>a</sup> légua.
11. N.T. Frase de Virgílio, *Eneida*, IX, 31.
12. N.A. Assim chamada do nome de antiga moradora. Morador, como já observei, nem sempre significa «*habitant isolé*». É aqui geralmente aplicado a uma classe para a qual em inglês usamos o termo «*peasant proprietor*», mas cuja falta se faz tristemente sentir.
13. N.A. Esse nome pode ser de origem ornitológica: na baía de Todos os Santos há uma grande ilha com o nome de Itaparica.  
N.T. Segundo Teodoro Sampaio, *op. cit.* é corruptela de *ita-pari* tapagem de pedras, ou fecho de pedras.
14. N.A. O Sr. Halfeld (p. 178) chama a esse morro de serrote do Brejinho
15. N.A. A altura da queda varia conforme a estação, de 32 pés. A altura geral da queda, no espaço de meia milha, não é, durante a estiagem, de menos de 55 pés.
16. N.T. Mal paiz, termo espanhol. Superfície áspera de uma corrente de lava congelada.
17. N.T. Todos os rios do Brasil que visitel apresentam essas extraordinárias estreitezas, quando a água depois de espalhar-se talvez por uma milha de largura fica comprimida nas proporções de um regato. Naturalmente são sempre fatais à navegação.
18. N.A. O Sr. Halfeld desaprova, com toda a razão, uma linha de 72 léguas geográficas, mais ainda cortada na rocha e exigindo 108 comportas. O custo elevar-se-ia acerca de 100.000.000 de francos.
19. N.A. O Sr. Halfeld (p. 180) chama-o riacho «do Murro» e, no mapa, «do muro». Faz duas corruptelas de *morro*. Eu registro a pronúncia popular. No Brasil mouro, ou mouraria, quer dizer cigano e os bairros em que são confinados pela lei.
20. N.T. «Caminho perigoso» em português.
21. N.A. Em 1852 havia 45 casas com 180 a 200 habitantes.

22. N.A. «Como é que posso saber?» A ênfase é dada pelo tom como nessa tão usada frase «Pois não!».
23. N.T. Em português no original.
24. N.A. Essas trechos parecem ter sugerido aos velhos geógrafos que parte da água desaparecia através de passagens subterrâneas.
25. N.T. A grafia atual é Moxotó.
26. N.T. Coronel Inácio Accioli de Cerqueira e Silva: *Memórias históricas e políticas da província da Bahia*, Bahia, 1835-1843, 5 vols. O autor era português de nascimento.
27. N.A. «Ce mot seul de tapera, qui désigne une maison abandonnée, montre que cet établissement n'existe plus». (Castelnau, 50). Veremos logo que nem sempre é esse o caso.

## CAPÍTULO LXX

### PAULO AFONSO, RAINHA DAS CACHOEIRAS

— wie ein Wasserturz su Felsen brauste  
Begierig wüthend, nach dem abgrund zu. *Faust*.  
— De rochedo a rochedo em feroz cataclismo  
lançado furioso em direção do abismo.<sup>1</sup>

Não tardamos a ouvir um som cavernoso, abafado, como o ronco de uma tempestade distante. Mas parecia vir das entranhas da terra, como se estivéssemos caminhando sobre ele. Mais uma milha, e o solo parecia tremer como um eterno trovão. O Sr. Manuel Leandro conduziu-nos para a esquerda de onde vinha o ruído e começou a descarregar os animais no lugar habitual de parada. Procurei o prometido Pavilhão dos Viajantes, e vi apenas um poste, único remanescente da casa construída para receber Sua Majestade o Imperador do Brasil, que visitei o lugar em outubro de 1859. O terreno é um leito de areia solta que, no apogeu das enchentes, transforma-se numa corrente. Depois verificáramos onde ele cai na corrente principal. Nosso rude acampamento abrigava-se à sombra precária de uma alta caraíba mimosa, cujo tronco, em alguns trechos descascado, mostrava muitos nomes. Todos eram de brasileiros.

Eu aconselharia os que visitam Paulo Afonso durante a seca, a fazê-lo logo, com o auxílio de um plano ou guia da Mãe das Cachoeiras, onde todas as águas se juntam após descer ruidosamente. Para que as cataratas sejam admiradas como o devem ser, penso — conquanto as opiniões possam ser discordantes — que o melhor será começar pelo espetáculo mais belo, pela maior emoção, e não dispersar as forças mentais e físicas antes de contemplar a maior formação. Além disso, aquele ponto revela mais claramente a formação que distingue Paulo Afonso de todas as suas irmãs e parentas.

Tirando meus livros de notas e esboços da mochila e pendurando-os no ombro de meu guia, avancei pela margem esquerda do rio, aqui um *mal-paiz*, semelhante ao de Itaparica. As pedras polidas como se fossem espelhos, ou lajes de mármore, brilhavam e refletiam

os ardentes raios solares. Em certos lugares, as saliências eram paredes de rochas retorcidas, como se fossem peças de cobre, bronze ou ferro. Muitas das saliências eram um ônix monstruoso ou granito riscado e listado de quartzo. Havia uma variedade infinita de tamanhos e formatos, nas cores, ásperos e lisos, vermelhos vivos, amarelo-escuros, negro-escuros e azeviches polido.

*Chemin faisant*, cruzamos um canal oriental, nesta estação quase seco, com um fio de água correndo pelo fundo. Forma com o corpo principal um largo trapézio, a ilha das Cabras, cujo lado menor fica a jusante. Paulo Afonso difere essencialmente de Niagara, cujo abastecimento regular, assegurado pelos mares interiores admite pouca alteração quanto ao peso, tamanho, ou força da corrente, exceto nos raros invernos em que fica congelada. Em dezembro. Perto de dezembro quando a corrente é forte, este diminuto riacho<sup>2</sup> estará convertido numa efervescente corredeira, que não pode ser atravessada, terminando numa bela queda na proximidade da Furna dos Morcegos. Acima dessa ilha das Cabras, onde mesmo não havendo cabras, o caminho só serve para elas, há leves traços de areia solta alternando com lençóis de granito e sienito, tendo aqui e ali uma mancha de capim mais verde. O caminho conduz a uma mesa de rocha saliente, do lado ocidental, onde subimos em um tronco de árvore seco e contemplamos, fascinados, o inferno da água a ferver em baixo.

A quebrada, ou garganta, tem ali 260 pés de profundidade e, na parte mais estreita, reduz-se a uma largura mínima de 51 pés. Está cheia de algo que não se parece água, mas espuma de leite, que avança e ofusca, que rodopia e espumeja, que oferece uma maravilhosa oportunidade para o estudo de um fluido em movimento. E a maravilhosa desordem é uma anarquia bem dirigida: o curso e a oscilação, a luta e a contorção, tudo se dirige a libertar o prisioneiro das muralhas da prisão. *Ces eaux! mais ce sont des âmes*: é o espetáculo de um exército descendo na "ampliação líquida" para a vitória, o triunfo do movimento, do móvel sobre o imutável. Ali a brancura luminosa das caóticas cristas de espuma rodopia em vagalhões contra o negrume da rocha, rompe-se em flocos e jatos, que saltam a meio caminho para a cavidade que os encerra. Ali os reflexos da superfície tornam baços o esplendor do cristal com um amarelo opaco e, acolá a proteção de uma saliência da pedra, provoca um súbito impulso, impelindo como uma moia a coluna que, logo recolhendo forças, salta e eigue-se para a frente, com um novo rugido. O centro, dilatado, exhibe fugitivos elipses e círculos progressivos, de uma luz

ainda mais brilhante, ofuscante e estonteante, entremeados com pontos de relativo repouso, como as saliências das ondas. As águas lutam e atropelam-se. Começam separadas e entrelaçam-se ao investirem impetuosamente, plano inclinado abaixo. Agora uma terrível rajada afasta o fino jato e impele-o na direção do vento, em nuvens arredondadas, realçando, assim, o brilho do fundo da garganta. Referve, então, o vapor e estende-se como docel sobre o fornídável cenário. Então na plácida atmosfera cinza-opaca e quente, erguem-se as nuvens, aprofundando ainda mais, com o véu de vapor sempre ascendente, a estonteante queda que se abre aos nossos pés.

O efeito geral do quadro — e o mesmo se poderá dizer de todas as grandes cataratas — é o da realização do poder efetivo, um poder tremendo, inexorável e irresistível. Os olhos ficam encantados pelo contraste desse impetuoso movimento, essa impetuosa fúria de escapar e a fraca estabilidade dos fragmentos de arco-íris, que pairam ao alto; com a mesa de pedra, tão sólida ante a investida da água e a placidez das montanhas na planície, cujo lar eterno parece ser aqui. A fantasia fica eletrizada com o aspecto de santuário natural de um santo,<sup>3</sup> desse mal fazendo o bem, dessa vida na morte, dessa criação e construção pela destruição. É assim, que a devastadora tempestade e o vendaval purificam o ar para a vida. Assim o terremoto e o vulcão, enquanto acompanhados de ruínas, ergueram a terra e prepararam-na para habitação de seres superiores.

A verticalidade da altura torna a brecha menor ao olhar. No entanto, uma pedra atirada com força, só avança um pequeno espaço antes de ser puramente detida pelo vento. O guia declarou-nos que ninguém pode arremessá-la além do três braças e atribuiu o fenômeno ao encantamento. Mágico realmente, posso assegurar, é realmente o ambiente de Paulo Afonso: é a expressão natural da glória e da majestade, o esplendor e o brilho da cena, que a Grécia povoaria com formas de beleza e que a Alemanha teria povoado com coros de silfos voadores e ondinas dançarinas. O ruído cavo do peso do turbilhão das águas torna mais fácil ver os lábios moverem-se que ouvir a voz. Procuramos a causa em vão. Só vimos da catarata um pequeno ramo, a cachoeira do Angiquinho, assim chamada por causa de uma de suas ilhotas rochosas. Tem como fundo de cena, na margem direita, árvores comparativamente grandes, um verde capinzal e arbustos, dádivas do jorro da água espalhada pela viração marítima provinda do leste. Aquele belo jorro de água seguramente não podia ser responsável pelo ronco abafado que nos chegava aos ouvidos. Não tardamos a descobrir de onde ele provinha.

Sentei-me sobre a “quebrada”<sup>4</sup> até ficar certo de que não poderia tornar-me “incorporado às águas”. O que a princípio me pareceu grandioso e sublime, acabou por criar uma sensação de temor intenso demais para ser, de qualquer modo, agradável. Abandonei o posto até que a confusão e a emoção pudessem passar. O resto do dia passamos no acampamento do Caraíba, onde os cuidados menores da vida fizeram valer sua importância. A areia levantada pelo vento alísio, forte e firme, era incômoda, e a superfície ressecada pelo sol produzia permanente viração. Estávamos agora na própria boca do funil, o vasto ventilador que dirige as ventanias para o curso superior do São Francisco. Muito longe, para o lado do mar, podíamos ver as nuvens acumulando-se para a chuva. À noite, as nuvens corriam rápidas pelo céu e uma ventania furiosa dispersou as nuvens de mosquitos, ávidos de sangue. Nossa canção de ninar era a música de Paulo Afonso: o baixo profundo e trovejante, produzido pelas vibrações mais longas e mesmo freqüentes das quedas-d’água, e o soprano “staccato” dos mais breves ruídos das ondas. Não havia, contudo, o barulho desagradável de uma pancada. Os sons baixos eram essencialmente melódiosos e, às vezes, surgia uma expressão em tom menor, que poderia ser registrada em notação musical. Lembro-me de que não consegui dormir com ruído do baque da Niagara, cuja poderosa orquestra durante o silêncio da noite parecia percorrer um repertório de oratórios e óperas.

Dedicar-nos-emos agora em prosa à Grande Cachoeira.

O nome, como acontece geralmente nessas regiões, é um ponto duvidoso. Alguns fazem de Paulo Afonso um missionário-pastor, lançado ao abismo pelos lobos, seus cordeiros pele-vermelhas. Outros contam a história de um frade, que vinha descendo o rio em canoa, quando os índios remadores gritaram horrorizados que estavam sendo sorvidos pela catadupa. Ele rogou-lhes que mantivessem bom ânimo e desceram a salvamento. “Tais sacerdotes hoje são raros”, observou o Sr. Manuel Leandro com escarninho desrespeito. Semelhantemente na província de São Paulo, o rio Tietê tem uma perigosa cachoeira conhecida como Avarémandava,\* cachoeira do padre. Aqui, segundo uma lenda jesuítica, o padre Anchieta, um dos numerosos taumaturgos do Brasil, foi salvo das águas, algumas horas depois de tragado, “vivo e lendo seu breviário, com uma luz na mão”.<sup>5</sup> Cronistas mais sóbrios declaram que o pobre homem foi arrastado e quase se afogou. A gigantesca catarata de Tequendama, devemos lembrar, tem

---

\* Hoje, *Avanhandava* (N. do Cop.).

também o seu milagre: foi aberta pelo grande Bochica, deus da Nova Granada, terra bárbara que dificilmente poderia ter direito a ter um deus. Outros pretendem que Paulo e Afonso eram irmãos e foram os primeiros povoadores que deram nome ao local. Observarei, contudo, que na margem direita do rio, em frente à ilha da Tapera, uma das muitas que detêm o rio logo acima da queda superior, há uma aldeia de pescadores e roceiros cujo nome, Tapera de Paulo Afonso, mostra que ela ocupou o lugar de alguma fazenda arruinada, provavelmente aberta pelo colono que, mais feliz que o padre Hennepin,<sup>6</sup> deixou sua marca sobre a grande cachoeira perto da qual se fixou.<sup>7</sup> Os “taperistas” são ainda os donos da margem direita. A margem esquerda pertence a um Nicolau Cotinguiba,<sup>8</sup> do engenho do Pinho. Perto do Campo do Caraíba, as duas fazendas se encontram. A cachoeira pertence à freguesia de Mata da Água Branca.

A localização da Paulo Afonso tem sido representada muito erradamente pelos geógrafos que escrevem geografia para o povo.<sup>9</sup> O súbito desnível no leito do rio, que o divide em alto e baixo São Francisco, não é formado pelo prolongamento da serra de Borborema, nem pela chapada das Mangabeiras, nem pela Ibiapaba, “fim da terra”, nem pelos Cariris, novos ou velhos, nem pela serra da Borracha, aliás Muribeca, tão indicados em nossos mapas.<sup>10</sup> O engaste da gema é mais humilde; é uma acidentada planície, pardacenta, recoberta de pedra, arbustos e árvores enfezadas, da qual se destacam blocos, como a serra do Retiro, cerca de três léguas para noroeste e, para oeste, a maciça serra do Padre. Para o sudoeste, surge no horizonte subitamente, da planície, uma anônima, mas extremamente pitoresca fila de montes piramidais e picos, aqui e ali erçados de rochedos nus e ligados por longas linhas azuis servindo de fundo.

Ainda que não tenhamos à vista a sublime e gloriosa beleza natural da Niagara, aperfeiçoada pela mão do homem, e posto que em Paulo Afonso não encontremos nada como os tons de safira e esmeralda que encantam a perspectiva da queda da Ferradura, o panorama é original e peculiar. Nos tempos “geológicos” as águas devem ter-se espalhado pelo vale. Ainda agora as enchentes cobrem grande parte dele.<sup>11</sup> Atualmente, as águas, encontrando uma rocha de contextura mais fraca e mais sujeita à decadência, perfuraram o “talhadão”,<sup>12</sup> ou grande brecha e aprofundaram a garganta com o decorrer dos tempos. Além disso, temos aqui a maior diversidade possível de quedas-d’água. A cachoeira consiste de fato numa série de cachoeiras e caldeirões e a maior das quedas que a encerra, a Mãe da Cachoeira, cuja tremenda confusão de espumas havíamos

acabado de contemplar do alto. Se a Niagara é o monarca das cataratas, Paulo Afonso é, sem dúvida, a rainha das quedas-d'água. Um viajante inglês que havia visto as duas concordou comigo em dar a palma à última, como a mais singular e pitoresca das duas, ambas não só maravilhosas, como amendrontadoras. Ele não conhecera Itaparica, esse florão, cuja carranca tão bem realça sua majestosa vizinha.

A natureza não apresenta grandes atrativos, mesmo assim o aspecto se adapta bem ao quadro. Predominam os espinhos. Lá está o faveleiro ou arbóreo *Jatropha*,<sup>13</sup> com suas folhas verde-escuras semelhantes às do carvalho, terrivelmente armadas; o cansanção maior (*Jatropha urens*), planta urticante, cujas alvas e esparsas flores são como flocos de neve espalhados sobre a sombria verdejante flora. As cactáceas estão com toda força. Eis aqui a *opuntia chata*, a pequena quipá, com seu grande figo vermelho, a cabeça-de-frade *melocactus*<sup>14</sup> com seu fez carmesim, enquanto entre as pedras salienta-se em meias cúpulas de diâmetro (*C. aphananthemum*). Alguns têm flores estranhas como orquídeas, outros são revestidos de pêlos e os demais são cabeludos e calvos, angulares e lisos, gigantes ou anões, dominados pelo imenso mandacaru (*C. brasiliensis*)<sup>15</sup> completamente diferente de toda idéia que fazemos de árvores. As bromélias são abundantes, especialmente a carauá<sup>16</sup> rajada como uma cobra coral, e a macambira, com espinhos semelhantes e agulhas, e espigas de flores com três pés de altura. É do gosto dos macacos que, dizem, fazem piqueniques para lhes comer as folhas. A catingueira<sup>17</sup> de folhas alongadas, agora cor verde-tenro, depois castanho-polido é notável, destaca-se junto à densa verdura da copada quixabeira<sup>18</sup> e do imbuzeiro,<sup>19</sup> de ramos horizontais, árvore que atinge 20 pés de altura. A caraíba<sup>20</sup> é a rainha do mato, e sua folhagem cor de alho-poró, carregada de longas vagens amargas e as flores cor-de-ouro, tem a beleza realçada ao ser vista junto da inflorescência vermelha alegre e aveludada do pinhão-bravo<sup>21</sup> e dos feixes verde-esbranquiçados da espinhenta leguminosa chamada jurema-preta.<sup>22</sup> Notamos também o tronco negro e torcido do pau-preto,<sup>23</sup> ao lado da agradavelmente cheirosa imburana,<sup>24</sup> carregada com flocos de bronze claro. Dos arbustos, o mais comum é o araçazeiro, duro (*araça-guava*)<sup>25</sup> com seus ramos torcidos, e o bom-nome,<sup>26</sup> cuja reputação deve vir não da fruta, que não é comestível, e sim da madeira, boa para fazer colheiras. As reses que andavam pelos arredores, viravam a cabeça, ao nos avistarem, resfolegavam, e com as caudas empinadas disparavam através dos arbustos quando nos aproximávamos; são magras, de pernas limpas, — muito mais semelhantes aos animais

selvagens do Gabão, na África, do que aos tipos europeus de touros e vacas. Graças à umidade espalhada pela cachoeira, encontram forragem mais suculenta que a habitual. Contudo, quando não são presas na caçara<sup>27</sup> sofrem a perseguição das onças e dos vampiros e são, às vezes, envenenadas com uma bonita flor, cor-de-rosa e de aparência inofensiva, conhecida aqui como cebola-brava.<sup>28</sup> Termino a descrição do quadro com as nuvens de água pulverizada e vapor que se levantam do abismo e que são levadas pelo vento e pulverizam tudo com átomos prateados; com as pedras brunidas, aqui singularmente sombrias, ali refletindo o brilho espelhante dos raios solares; e com os alegres bandos de pássaros, os tangarás, a jacintina araruna e os papagaios vermelhos e verdes, cortando o ar e gritando, cuja coloração dominante é leve, quente e neutra.

Minha visita seguinte começou pelo ponto de chegada. Daí seguimos pela margem esquerda abaixo, descendo o escorregadio caninho, pedra por pedra, e aproximando-nos o mais possível do canal.<sup>29</sup> Aqui o São Francisco, correndo ligeiro e suavemente de noroeste, escapa-se do labirinto de ilhas e ilhotas, paredes de argila, blocos e muralhas de granito que o apertam, e recebe na esquerda um braço menor, separando do principal por uma sucessão de cerros escuros. Os dois, estuantes, correndo por uma inclinação bipartida do leito, arreventam-se em lençóis diluídos de ondas balouçantes e coroadas de espumas e logo despenham-se na primeira quebrada, que mede cerca de 32 pés de altura. Essa espécie de “salto de cortina”, é chamada o *Vaivém-de-cima*.<sup>30</sup> As águas são comprimidas no centro do leito por pedras que se elevam de 30 a 50 pés acima delas, e depois impelidas para uma pequena angra de areia muito macia, marginada por paredes vitrificadas, e ali as pequenas ondas enroscam-se, correm e levantam-se de novo, com todos os movimentos de uma maré em miniatura. Perscrutei e procurei sentir a pulsação do fluxo e refluxo, mas não pude achar regularidade na circulação. O lugar é uma tentação para um banho, mas os estrangeiros devem ter em mente que o lugar é traiçoeiro e que o gado, que aí se vai desalterar, tem sido arrastado pelas águas, das quais nem mesmo Júpiter em pessoa poderia salvá-lo.

As águas, investindo, então, contra o molhe esquerdo ou sudeste, são rechaçadas para o sudoeste, numa vasta serpentina de espuma efervescente, e formam, alguns passos abaixo, espetáculo semelhante, chamado pelo nosso guia de *Meio vaivém*. Aqui rochas isoladas e ilhas, grandes e pequenas, dispostas em extensas linhas, e em torres arredondadas, negras, denteadas e caneladas, e mais sel-

vagens que as Três Irmãs, ou a do Banho e a Lunar do Niagara, dividem o caudal precipite em cinco canais distintos velando com a espuma branca, a massa de água barrenta e turva. Os quatro da direita confundem-se logo num grande caldeirão. O quinto corre ao longo da margem esquerda, formando como que uma calha colossal, muito acima do resto, e encontrando a projeção de um rochedo ao sul, volta-se para oeste, quase em ângulo reto. Aqui as águas divididas pulam sobre o ressalto e convergem para o caldeirão que as reúne para a grande queda. Quando o sol e a lua se encontram no ângulo favorável de 35°, produzem admiráveis círculos e semicírculos de arco-íris, em todos os seus matizes prismáticos, do branco ao vermelho. Essas cores atraem os olhares porque se acham em estreito arco de luz pairando sobre o formidável arco de água. Os guias, no entanto, exageram muito a beleza do panorama.

Alcança-se o terceiro ponto de parada por uma rude e áspera descida, que pode facilmente ser melhorada e que vai até à beira da água, onde alguns tições extintos revelam ter ali pernoitado recentemente viajantes. Olhando para nordeste vemos uma furiosa cachoeira, castanha descendo e coleando com uma inclinação de quarenta e nove pés em meia dúzia de degraus distintos. A caudal parece querer varrer-nos dali. No fundo, próximo ao lugar em que nos achamos, a corrente volta-se para oeste, detém-se por um momento sobre a orla do caldeirão, orlado de ondas, que se erguem como a neve da fenda cor-de-palha e, então, o trovejar soturno, profundo, abalando a terra com o ruído do terremoto ou o cavernoso bufo do vulcão, revela a posição da grande catarata. Fica na direção sul e a altura é calculada em 192 pés. As águas se precipitam em cheio sobre o precipício da profunda ravina à direita erguem-se, caem para trás, arremessam ao ar uma nuvem de vapor permanente, e semelhantes a esquadrões de cavalos brancos, disparam relinchando rugindo e lutando, para a “mãe da cachoeira”. É este o ponto mais grandioso que descortinamos da rocha em forma de mesa que domina a fratura da cordilheira.

Paulo Afonso é sempre representada como vista de nosso terceiro ponto<sup>31</sup> onde verificamos uma desagradável peculiaridade de sua conformação. Ali é permitido ao olhar humano observar a principal catarata. Um pouco abaixo, há uma vista parcial de cima para baixo, mas a nuvem de vapor permanente do centro, girando no alto, e sempre ascendente, acima da orla mais inferior do caldeirão, não deixa ver a profundidade e não nos satisfazemos enquanto não vemos uma queda de água do ponto de vista de sua parte mais baixa. Ali

muito tem de ser deixado por conta da imaginação, e o mistério é tão grande que provoca insatisfação. No mais baixo das secas, dizem, é possível galgar-se uma parte da muralha esquerda e olhar a catarata. Indaguei insistentemente se ela seria visível do lado direito ou baiano. Disseram-se todos que um braço do rio impedia a aproximação da garganta e concordaram todos em que daquele lado nada se poderia ver.<sup>32</sup> Uma ponte pênsil, poderia ser feita, espero que não semelhante à de Montmorency,<sup>33</sup> para atravessar o abismo. Cabos de aço seriam capazes de sustentar uma gaiola, ou poderiam ser construídas escadas como aquelas em caracol que conduzem à Queda da Ferradura. No momento Paulo Afonso é o que era Niagara nos tempo do padre François Piquet.<sup>34</sup> Não antevemos com prazer a época em que ela terá templos de madeira e obeliscos, investimentos, 25 centavos a pague e hotéis descomunais.

A estação seguinte é aquela que eu recomendaria para o início da excursão de um visitante. Dali ele deverá retomar seu caminho: a subida é muito incômoda e acidentada. De novo atravessamos o pedregoso canal oriental, e caminhando na direção sudeste, alcançamos, depois de algumas centenas de jardas, uma descida pelas águas que, no tempo das enchentes, inundam a depressão do Acampamento de Caraíba, e correm por uma ladeira coberta de pedra, indo juntar-se ao leito do rio. Achamos esse leito completamente seco, com uma superfície escura e brilhante, após servir tantas vezes de fundo de uma torrente, tendo aqui e ali degraus e fendas profundas. Há ali poços de água estagnada e escavações circulares, verdes de plantas que resistiram, ricas em caramujos. Esses buracos guardam a água da chuva e, apesar de cobertos de plantas aquáticas, são durante as secas um excelente recurso para o gado. É preciso empregar as mãos, tal como os pés na descida, e o sol do meio-dia queimava as palmas. O ziguezague leva a uma “ressaca” ou saliência na margem leste do rio. Aqui a torrente é menos terrível, mas ainda violenta, já que se atira contra a parede sudeste da garganta. A clara luz do precipício, não escura como o resto do desfiladeiro, com musgos, bromeliáceas e plantas espinhentas, demonstra que, a despeito da extrema dureza da pedra, alguma coisa já escorregou e mais coisa também vai escorregar. O Sr. Manuel Leandro assegura-me que nada mudou desde os dias de seu avô e sua avó.

No sopé da garganta, chegamos a uma pequena enseada formada pelo “Vaivém-de-Baixo”,<sup>35</sup> outra água represada do grande fluxo e refluxo da grande invasão da corrente. Algumas pessoas que gostam de natação entraram na água ali, mas tiveram dificuldade de sair.

Nenhuma Donzela do Nevoeiro,<sup>36</sup> porém, em nossos dias, será capaz de atraí-los ao bátraco. Agora a água recupera-se do mergulho no abismo abaixo da cascata, e volta seguidamente; como muitas vezes observamos em cachoeiras do leito superior, não há um nível regular na superfície. O conjunto parece uma série de pequenas elevações.

A rampa pouco inclinada de pedras soltas, no fundo do paredão está repleta de troncos de madeira e lenha trazidos pelas últimas enchentes. O ruído de seus estalos e seu esmagamento, quando se dão as grandes enchentes, foram comparados com as quebras de gelo no final do inverno canadense. Leves como pedra-pomes, os fragmentos são arredondados e desgastados nas extremidades pelo atrito e assumem formas curiosas: queijos, lançadeiras de tear e paus de jogo da bola. Nosso guia chamou aqueles amontoados de “cidade de madeira”. Neles identifiquei tábuas de canoas e farrapos da bandeira imperial.

A ladeira termina por uma gruta que se abre para o poente, conhecida geralmente por “Casa de Pedra” e especialmente “Furna do Morcego”.<sup>37</sup> É de aspecto singular. A entrada, em vez de ser baixa, conforme ocorre nas cavernas, é um alto portal, em forma de um paralelogramo, voltado um pouco para o sul. Como é natural, possui uma santa que se mostra por vezes, e o povo tem ouvido música marcial e cantoria que não procede de aparelhos de som humano. A arcada é formada por uma laje espessa, de granito duro, com pequenos grãos, espalhado como se tivesse sido lavada e com uma linha de clivagem que se estende para o canto do sul. As paredes são de arenito, ora duro e compacto, ora macio e misturado com argila ocre manchada de ferro, que podia ser facilmente cortada nos tempos em que o rio, agora contraído e reduzido, enchia o vale com seus detritos.<sup>38</sup> Hoje as inundações atingem apenas a metade da altura acima do solo, onde um “velho” está em processo de degradação. O chão está cheio de esterco de morcego e de cinzas, onde os visitantes tentaram expulsar com fumaça os sugadores de sangue. A parte mais alta tem 90 pés. A parede do leste projeta-se para a frente e na parte superior, cheia de orifícios como uma colmeia, revela outras cavernas contíguas, ainda em formação, ao passo que a parede ocidental retrai-se em ângulos de 8° a 9°. Não vi morcegos naquela “Gruta dos Ventos”, ou “Buraco do Diabo”, mas minha visita foi feita no começo da tarde e os repelantes animais estavam dormindo. A boca da gruta tem um aspecto singular. A corrente de água, espumante e branca como neve, disposta em elevações e losangos remoinhosos, com seus jatos lançando ao sol miríades de brilhantes, investe

sobre o flanco de pedra polida e intensamente negra, cujas faixas paralelas e muito inclinadas servem de parede do lado direito da fenda. Esse bloco desvia o efervescente rápido, quase que em ângulo reto e o envia, rugindo, entre os rochedos da fenda estreita e profunda, para baixo, em direção aos abruptos ricochetes, que terminam o curso no mundo das águas a leste.

Nossa última estação foi no "Paredão", abaixo da Furna dos Morcegos, no lugar chamado Limpo do Imperador, porque o mato foi roçado para a visita imperial. Ali não há sombra e a água fica longe. Uma barraca e barris, contudo, facilitaria tudo e o viajante ali acampado, teria sob os olhos, tanto de noite quanto de dia a mais bela, se não a mais grandiosa vista de Paulo Afonso. Fica-se ali no nível do rio, acima das quedas superiores e a 300 pés de altura, em perpendicular, sobre a água que corre embaixo, e que se precipita, rodopiando e espumando. Para o ocidente a vista apreende em cheio o braço pequeno, mas gracioso, de Angiquinho, que é como as cachoeiras americanas, comparadas à queda da Ferradura, e que lembra ao viajante a alta e estreita Montmorency.<sup>39</sup> Aquele ponto corresponde à última linha da margem direita do rio, na qual, perto da Tapera de Paulo Afonso, uma massa de compridas ilhas precede os estreitos e a cachoeira. Compreende a ilha Íris, rochedo que pode ser facilmente confundido com a terra firme. É, porém, coberta de árvores, e mantém-se verde-esmeralda pelo constante irrigação das partículas de água, distinguindo-se, desse modo, da pardacenta planície que se estende à distância. Ali, de novo, a tranqüila e silenciosa paisagem em torno ressalta o efeito das águas violentas e espumantes. O rio rola impetuosamente sobre seu próprio leito de baixios escuros, apoiados em rochas negras de azeviche, entre paredes que, ora avançam, ora recuam. Despedaçado pela queda, ele exhibe em torno do centro, com o apoio de um rochedo saliente, claramente visível nesta estação, uma queda dentro da queda. Jatos de duchas de água, parecendo minas intermináveis, irrompem, erguem-se à metade de sua altura, e os glóbulos inumeráveis, erguendo-se como flechas, repetem as glórias prismáticas do íris solar e lunar. A seu pé, à mão direita do espectador, e de norte a sul, uma seção de arco representa a parte terminal da misteriosa catarata, cujos terços superiores estão ocultos por uma cortina de rocha. Este, a corrente principal, lança-se quase perpendicularmente sobre a parede da direita da ravina, e o ímpeto o arremessa bem alto em rolos e vagas contra a parede, lançando uma confusão mais completa nas torrentes que se sucedem. Mas, sujeita à eterna lei da gravitação, uma linha sinuosa, precipita-se da fenda, amplia-se gra-

dualmente e vai-se livrando dos obstáculos da direita e da esquerda. Amortecida pela diminuição da ladeira, encontra os altos rochedos sobre os quais estamos de pé e, ropodiando de noroeste a sudoeste, vai acompanhando as curvas da ravina, que, em breve, a oculta de nossa vista. É encantador o efeito quando a lua, erguendo-se por trás do espectador, espalha sobre a brilhante linha da cascata, e sobre a rápida correnteza fronteirã, uma luz suave e prateada, enquanto sombras semi-opacas, aqui roxas e ali castanhas, revestem as alturas médias, e manchas negras estendem-se pelas saliências e rochedos da garganta.

Não é menos interessante em Paulo Afonso, sua ravina terminal, que me trouxe à lembrança a garganta do Mosiwatunya, no Zambeze, tal como a descreve o Sr. Baines.<sup>40</sup> Ela deu origem a uma multidão de fábulas selvagens, especialmente à lenda do rio subterrâneo, um Níger, um Nilo, temas favoritos dos “homens velhos”.<sup>41</sup> As paredes negras, tendo por base ressaltos que a força das inundações despedaça e, em certos lugares, cortados por pequenos riachos brancos, conservam sua uniformidade e margeiam o rio até Porto das Piranhas, quarenta e duas milhas geográficas abaixo da catarata.<sup>42</sup> Além disso, o perfil das elevações, revela, abaixo da atual catarata, uma bacia ou profunda depressão, e uma longa sucessão de abismos semelhantes, diminuindo gradualmente de profundidade até o mesmo ponto, efeito de uma acumulação secular. O Niagara, solapando os xistos macios que suportam a pesada estrutura de pedra calcária de cerca de noventa pés de espessura, já devorou sete milhas da escarpa chamada Queenston Heights. Supõe-se que tenha gasto 4.000 anos até alcançar a posição atual e esteja recuando numa proporção de um pé por ano. Aqui encontramos um recuo semelhante das águas. Segundo informam os guias, uma enorme massa de pedra, acima do “caldeirão”, formava um arco sob o qual as aves construíam seus ninhos. Esse rochedo desapareceu, tal como a Pedra da Queda, cerca de dez anos passados e desde esse tempo, o “zoadão”, ou rugido de Paulo Afonso não é tão forte. Aplicando-se, portanto, a regra da catarata do norte, não podemos atribuir à Rainha das Cataratas uma idade abaixo de 2.400 anos.

Minha tarefa estava cumprida. Senti-me recompensado, mas minhas forças estavam gastas. Dois dias de uma viagem a cavalo, monótona e tediosa, levou-me ao Porto das Piranhas. O vapor acabava de partir, mas uma hospitaleira recepção aguardava-me em casa do Sr. Ventura José Martins, agente da Companhia Baiana de Navegação a Vapor. Meu companheiro apressou-se em partir para

os Estados Unidos em Pernambuco. Desci o baixo São Francisco descansado, sob a direção do Sr. Luís Caetano da Silva Campos, de Penedo, cuja amável senhora fez-me sentir em casa. Enquanto me demorava em Penedo, encontrei meu excelente amigo Dr. A. Moreira de Barros, então presidente de Alagoas, e visitei-o em sua capital, Maceió. Depois, com a ajuda do Sr. Hugh Wilson, retomei o caminho para Aracaju e Bahia e, finalmente voltei, via Rio de Janeiro, a Santos (São Paulo) como um cão caseiro no Far West.

## Notas ao capítulo LXX

1. N.T. Os versos são de Goethe, *Fausto*. Na tradução de Sílvio Meira (São Paulo, 1976). O trecho se encontra à p. 174.
2. N.A. No mapa do Sr. Halfeld, o riacho é muito maior do que quando o visitei.
3. N.A. O Sr. Halfeld (*Relat.* p. 184) assim conta a lenda. «Contam mesmo que um frade, quando atravessava o rio acima da cachoeira, estava dormindo na canoa que o conduzia. O piloto, que era um índio, não conseguindo conduzir a embarcação, e vendo-se arrastado pela corrente, caiu, e nunca mais foi encontrado» (moral aplicável, suponho, dirigida contra os pilotos descuidados, aqui tão comuns como os aprendizes preguiçosos). «Mas o frade, que, nem acordou, nem sentiu o menor incômodo, flutuou até a praia, abaixo das cachoeiras e foi encontrado ainda adormecido. Despertado pelos moradores, não se lembrou de coisa alguma do que acontecera».
4. N.T. Em português no original.
5. N.A. *Quadro Histórico da Província de São Paulo* por J. J. Machado de Oliveira, p. 58.

N.T. Na 2.<sup>a</sup> edição (1897), p. 49. A lenda está consignada pelo padre Simão de Vasconcelos em sua *Vida do Venerável padre José de Anchieta*, Rio de Janeiro, Inst. Nac. do Livro, 1943, p. 175. Ali se lê: «depõe o padre Pedro Leitão, contemporâneo e amigo seu que, perguntando a José que fazia sua reverência quando estava no fundo da água, respondeu: eu não adverti quando a canoa se virou porque estava rezando as horas de N. S.<sup>a</sup> da Conceição e, assim assentado como estava, me fui ao fundo e continuei com a mesma reza, sem que a água me fizesse mal.» Na obra mais completa sobre o beato (*Anchieta, o Apóstolo do Brasil*), pelo Pe. Hélio A. Viotti, 2.<sup>a</sup> ed., São Paulo, Loyola, 1980, todo o cap. 17 é dedicado ao «Naufrágio de Avaré-manduava». O fato comprovado é que o missionário foi salvo depois de ter estado submerso por tempo acima do normal. A esse fato, já por si extraordinário, «foi acrescentando a imaginação popular o contorno da lenda». «Note-se, continua o competente biógrafo, «que a única testemunha de vista do que lá realmente se passou, e que só viu o que naturalmente, em dia sombrio e debaixo de águas escuras e profundas, é visível, foi o índio Araguaçu.» E completa o Pe. Viotti, em nota: «Índios —

ensinava Anchieta, que os conhecia profundamente e por eles sentia a mais paternal simpatia — confundem muitas vezes o sonho e a realidade. Não é possível fiar-se a gente ligeiramente em seus testemunhos.»

6. N.T. Padre Louis Hennepin, descobridor das quedas de Santo Antônio, onde se localiza Minneapolis.
7. N.T. Paulo de Viveiros Afonso, sertanista baiano, obteve em 1725 uma sesmaria no território chamado Tapera, que depois passou a chamar-se Tapera de Paulo Afonso. Nesse local se encontra a cachoeira que recebeu o seu nome. (F. A. Carvalho Franco: *Dicion. de bandeirantes e sertanistas do Brasil*. São Paulo, Com. do IV centenário da cidade de São Paulo, 1954, p. 13.)
8. N.A. Nome próprio de um lugar.
9. N.A. «O rio São Francisco... passa através de uma brecha entre as serras Muribeca e Cariris, sendo que ente essa última e o Atlântico há outras cadeias mantendo exato paralelismo com ela.» (p. 141) *Physical geography, from the Encyclopedia Britannica*, por Sir John W. F. Herchel, Bart. Edinburgh, Black, 1861. A geografia deste eminentíssimo astrônomo erra frequentemente. Ele nos faz lembrar os profetas e os autores inspirados dos dias de antanho, que sabiam tudo a respeito do céu, mas muito pouco acerca da terra.
10. N.A. Quase todos fazem a extremidade nordeste da cadeia da Moribeca chegar até as cachoeiras. Não há tal linha visível, e esqueceu-se mesmo o nome do velho explorador que a mencionou em documentos datados de 1735-1754. O coronel Accioli (p. 14) refere-se às montanhas, e diz, baseando-se em não sei que autoridade, que elas têm prata e cobre. No apêndice a este volume o autor encontrará alusões a Moribeca.  
N.T. Sobre Belchior da Fonseca Saraiva Dias Moreira, vulgo «O Moribeca», v. Basílio de Magalhães: *Expansão geográfica do Brasil colonial*, 3.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Epasa, 1944, p. 70-71.
11. N.A. A enchente do rio altera, dizem-me, a forma dos rápidos, mas não das quedas.
12. N.T. Em português no original
13. N.T. *Jatropha phyllantha*.
14. N.T. Segundo o *Dicion. de Aurélio*, *Pithecoseris pacourinoides*.
15. N.T. *Cereus jandacaru*.
16. N.T. Segundo o *Dicion. de Aurélio*, o mesmo que caroá, *Neoglasiovia variegata*.
17. Leguminosa, *Caesalpineia pyramidalis*, ib.
18. Sapotácea, *Bumelia sartorum*, ib.
19. N.T. O mesmo que umbuzetro, Anacardiácea, *Spondias tuberosa*.
20. N.T. Segundo *Aurélio*, cit., é árvore típica do cerrado, da família das bignoneáceas, *Tabebuia caraiba*.
21. N.T. Segundo a mesma fonte, pertence à família das leguminosas.
22. N.T. Segundo a mesma fonte, pertence à família das leguminosas, *Mimosa hostilis*.

23. N.T. Pau-preto é outra leguminosa (*Dalbergia latifolia*), *ib.*
24. N.T. Árvore da família das burseráceas (*Bursera leptophelos*).
25. N.T. Arbusto da família das mirtáceas (*Psidium littorale*), *ib.*
26. N.T. Árvore da família das ramnáceas (*Maytenus rigida*), *ib.*
27. N.A. Também escrita *caissara*. O Sr. José de Alencar escreve *caçara*. Segundo ele deriva-se de cai, madeira queimada, e çara, coisa possuída. Quer dizer com isso, estacas, com a ponta queimada e enfiadas no chão, formando um *kraal* para o gado, onde os proprietários cuidadosos abrigam seus animais e onde os sem-cuidado marcam-nos a ferro, uma ou duas vezes por ano. N.T. Segundo nota de F. Edelweiss ao *Vocabulário* cit. de Teodoro Sampaio, havia diversas cercas para proteção das aldeias, entre as quais a *Kaiçã*, cerca de ramagem. Este termo transformou-se depois em: *caçara*. (T. Sampaio: *O tupi na geogr. nacional*, 1955, p. 127.)
28. N.T. O *Dicion. de Aurélio* registra: *cebola-brava-do-pará*. E define: «Erva bulbosa da família das amarilidáceas (*Pancreatium guianensis*)». Mas não menciona a circunstância de ser venenosa.
29. N.A. A formação de Paulo Afonso dá-lhe uma feição de Proteu, mudando de aspecto de mês em mês. Visitei-a em meados de novembro quando, de acordo com o meu guia, a água havia subido de três a quatro braças acima do nível mais baixo. Os dados numéricos podem ser, resumidamente, extraídos do Sr. Halfeld. A margem esquerda da garganta, chamada Mãe-da-cacheira, tem 365 palmos (261 pés e 7 polegadas) de altura, e a profundidade da covã aberta pelas quedas é de 120 palmos (86 pés). A parte mais estreita da garganta é de 72 palmos. A primeira cachoeira, de cima (Vaivém-de-cima) conta 792 palmos e uma polegada (567 pés e 8 polegadas) acima do nível do mar; e o mais baixo (Vaivém-de-baixo), defronte da caverna dos Vampiros, fica a 462 palmos e seis polegadas (305 pés e 9 polegadas). A altura total dos rápidos e da cachoeira é de 365 palmos e 7 polegadas (261 pés e 11 polegadas).
- A queda da Ferradura do Niagara tem 158 (outros dizem 149) pés de altura, com uma largura de 1.900 pés e uma descarga de 20.000.000 de pés cúbicos por minuto. A queda americana tem 162 a 164 pés de altura, com uma largura de 908 pés. A largura total do leito é de 3.225 pés, e da água 2.808 pés.
30. N.A. Desses *vaivéns* há dois, como logo veremos.
31. N.A. Desse ponto também se tem tirado fotografias que não permitem senão uma pálida idéia do original. O Sr. Halfeld, além da vinheta que estampa, apresenta duas litografias, a primeira de nossa terceira estação, a segunda do Paredão, em face do Angliquinho, lugar que agora vamos visitar.
32. N.A. Os viajantes que disponham de mais folga que eu não devem tomar em consideração essa afirmativa. A distância do Porto das Piranhas, onde pára o vapor, é somente de 12 léguas, facilmente percorridas em 2 dias. Se o lado baiano for praticável,

será, sem dúvida, o lugar ideal para se erguer uma escada com os degraus abertos na parede rochosa da garganta.

N.T. Tivemos em conta nesses períodos os trechos traduzidos pelo senador Elpidio de Mesquita em seu trabalho, *Aspectos de um problema econômico*, Rio de Janeiro, 1909, cap. VII, e «História do Rio São Francisco», *Revisita do Inst. Hist. Congresso Internacional de História da América*, p. 287. (Rio de Janeiro, 1927).

33. N.T. A cachoeira de Montmorency, situada perto de Québec, fornece energia a esta cidade.
34. N.T. O padre François Piquet foi missionário junto aos iroqueses.
35. N.T. Em português no original.
36. N.T. Mito escandinavo.
37. N.T. Em português no original.
38. N.A. O Sr. Halfeld apresenta as seguintes dimensões: 80 palmos (57 pés e quatro polegadas) de altura; 40 palmos (28 pés e 8 polegadas) de largura; 444 (318 pés e duas polegadas) de comprimento. A entrada da fenda menor, voltada para o nascente, tem 30 palmos (21 pés e 6 polegadas) de altura, e 60 palmos (43 pés), alargando-se para 60 palmos interiormente. O *Relatório* explica pormenorizadamente a formação da furna. Seu traçado, ali se diz, apresenta muitos veios de feldspato calcário, de feldspato cor-de-carne e de quartzo, variando de 1/4 de polegada a 5 polegadas, provocando perda de contextura compacta do granito. Além disso, ele é às vezes saturado com cloreto de sódio, podendo-se extrair um pouco de sal. O granito mostra, é verdade, muitas muralhas, algumas elevando-se, outras afundando-se, outras no nível. As rochas contêm, também, calcário, o que explica a quantidade de caramujos que, mortos nesta estação, atapetam o solo. Mas a gruta é evidentemente escavada no arenito que, na margem esquerda do baixo São Francisco, forma montanhas e elevações e que, mais abaixo, alterna-se com a pedra calcária, ou a reveste.
39. N.A. A altura da queda de Montmorency é de cerca de 250 pés, por 50 pés de largura.
40. N.T. Thomas Baines, explorador da África (1822-1875).
41. As *Notícias Ultramarinas* de 1589 (Cap. 20) colocam o sumidouro a 80 ou 90 léguas acima da cachoeira que, segundo parece, não é mencionada. O clássico romance geográfico em breve se espalhou bem longe. Frei Giuseppe de Santa Teresa (*Istoria della guerra del Brasile*) escreve: Dopo de aver corso diciotto giornate di paese dentro di cui si nasconde per lo spazio di dodici leghe». Southey (III, I, 44) apóia-se no *Patriota* e Aires de Casal, com razoável correção alude aos «rápidos e quedas... de tal magnitude que o jorro é visível das montanhas a seis léguas de distância, como a fumaça de um incêndio.»  
N.T. O trecho de Aires de Casal deve ter sido extraído de alguma citação, porque o que se lê naquele autor (1.<sup>a</sup> ed, 1817, p. 159) é:

... e se vê a oeste-noroeste, em distância de seis léguas, a coluna da evaporação da cachoeira de Paulo Afonso, semelhante à fumaça de um incêndio.»

42. N.A. São encontradas, com interrupções, distante 63 milhas. Naturalmente são avaliações por alto, que podem conter enganos até de duas milhas. De Paulo Afonso a Porto das Piranhas as paredes, perpendiculares ou inclinadas, que contêm a impetuosidade do rio, alcançam, freqüentemente, 800 palmos (570 pés de altura). Na cachoeira da Garganta, nove milhas abaixo das cataratas, a largura da corrente é somente de 85 palmos (61 pés) e a altura da escavação é de 350 palmos (250 pés).

## APÊNDICE

*Extraído da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 21 de julho de 1865.*

Este apêndice contém a seguinte nota: “Traduzido pela senhora Richard Burton, que roga indulgência aos leitores, já que a narrativa desse relatório foi escrita em português antigo por exploradores rudes e, portanto, muito difícil para transladar para o inglês. As linhas pontilhadas são ilegíveis pela antiguidade e pelo estado de deterioração do original manuscrito.”

Na ata da sessão do Instituto Histórico de 21 de julho de 1865 há somente referência a uma análise feita pelo conde de La Hure das inscrições encontradas no manuscrito existente na Biblioteca Nacional. Mas o texto do manuscrito está publicado no vol. 1º da *Revista* citada. (*Rev. Inst. Hist. G. Bras.*, tomo XXVIII, p. 294).

Em vez, pois, de retraduzir o documento para o português, damos o texto, tal como foi publicado na revista citada.

## ADVERTENCIA

### 1) O REDACTOR D'ESTA REVISTA, O CONEGO JANUARIO DA CUNHA BARBOSA

Lê-se na historia da America Portugueza, por Sebastião da Rocha Pitta, no Liv. 3º § 89 e seguintes, que no anno de 1591, chegára de Lisboa á Bahia o governador e capitão general D. Francisco de Souza. Trazia a mercê do titulo de marquex das Minas, se se descobrissem as que Roberio Dias tinha ido prometer a Castella.

Foi fama mui recebida, que Roberio Dias, um dos moradores principaes, e dos mais poderosos da Bahia, descendente de Catharina Alvares, tinha uma baixela, e todo o serviço da sua capella de finissima prata, tirada de minas que se achára nas suas terras; esta opinião se verificou depois com a resolução de Roberio Dias, porque sabendo ser já publica esta noticia, que muito tempo occultára passou a Madrid e offereceu a El-Rei mais prata no Brazil, do que Bilbao dava ferro em Biscaya, se lhe concedesse a mercê do titulo de Marquez das Minas.

Não é justo, que mereça conseguir os premios, quem nos requerimentos pede mais do que se lhe deve conceder. Este titulo se couferiu a D. Francisco de Souza, que se achava n'aquella côrte provido no governo geral do Brazil; e a Roberio Dias o logar de administrador das minas, com outras promessas; das quaes, pouco satisfeito, voltou para a Bahia na mesma occasião, em que vinha o governador, com cuja licença fora para as suas terras a esperal-o, e a prevenir o descobrimento, ou a desvanecel-o, e a frustrar-lhe a jornada; brevemente a fez D. Francisco de Souza com todas as prevenções, e instrumentos precisos para aquella diligencia; mas Roberio Dias o encaminhou por rumos tão diversos, (havendo primeiro feito encobrir os outros) que não foi possível ao governador, nem a toda aquella comitiva achar rastos das minas, que tinha assegurado.

Este engano, ou se julgasse commettido na promessa, ou na execução, dissimulou o governador D. Francisco de Souza, emquanto dava conta a El-Rei, e sem duvida experimentalia Roberio Dias o merecido castigo, se antes de chegar a ordem Real não houvera fallecido (na prisão) deixando aquellas esperadas minas occultas, até aos seus proprios herdeiros.

Esta noticia accendeu os desejos de muita gente, que por diversas vezes penetraram o sertão com suas bandeiras em demanda das riquezas occultas. Sabiamos que ultimamente de Minas Geraes uma banda de descobridores se entranhára por muito tempo nas densas matas, d'onde tambem voltaram sem feliz successo, cuja empreza foi bastantemente satyrisada em um Poemeto pelo jogral P. Silverio da

Paraopeba; mas também sabíamos da existência do relatório, que adiante damos á luz, e que fora guardado com muito segredo pelos que ainda esperavam fazer tão rico descobrimento. Encontrou por fim o nosso socio o Sr. Lagos o desejado manuscrito na livraria publica d'esta côrte, mas damnificado pelo copim, que nos privou de muitas palavras, como se pôde vêr nas lacunas do nosso impresso conservada a mesma figura do estrago que fizera esse insecto no manuscrito mencionado.

Como a notícia, que agora damos ao publico é assaz interessante, por ser um indício, que em factos de historia pôde conduzir a grandes descobertas, nós a estampamos tal e qual foi encontrada, sem emittir o menor juizo; e assim também as letras das inscrições copiadas do dito manuscrito com toda a fidelidade.

*“Relação historica de uma occulta, e grande povoação antiquissima sem moradores, que se descobriu no anno de 1753.*

Em a America. . . . .  
 nos interiores. . . . .  
 contiguos aos . . . . .  
 Mestre de Can. . . . .

e sua comitiva, havendo dez annos que viajava pelos sertões, a ver se descobria as decantadas minas de prata do grande descobridor Moribeca, que por culpa de um governador se não fizeram patentes, pois queria usurpar-lhe esta gloria, e o teve preso na Bahia até morrer, e ficaram por descobrir. Veio esta noticia ao Rio de Janeiro em o principio do anno de 1754.”

---

Depois de uma larga e importuna peregrinação, incitados da insaciavel cobiça do ouro, e quasi perdidos em muitos annos por este vastissimo sertão, descobrimos uma cordilheira de montes tão elevados, que pareciam chegavam á região etherea, e que serviam de throno ao vento, ás mesmas estrelas; luzimento que de longe se admirava, principalmente quando o sol fazia impressão no crystal de que era composta, formando uma vista tão grande e agradável, que ninguem daquelles reflexos podia afastar os olhos; entrou a chover antes de entrarmos a registrar esta crystallina maravilha, e viamos sobre a pedra escalvada correr as aguas precipitando-se dos altos rochedos, parecendo-nos como a neve, ferida pelos raios do sol, pelas agradaveis vistas daquelle . . . . . uina se reluziria.

. . . . .  
 . . . . . das aguas, e a tranquillidade  
 . . . . . do tempo nos resolvemos a investigar aquelle admi-

ravel prodigio da natureza, chegando-nos ao pé dos montes, sem embaraço algum de mattos ou rios, que nos difficultasse o transitio; porém circulando as montanhas, não achámos passo franco para executarmos a resolução de accommettermos estes Alpes e Pyreneos Brazilicos, resultando-nos deste desengano uma inexplicavel tristeza.

Abarracados nós, e com o designio de retrocedermos no dia seguinte, succedeu correr um negro, andando á lenha, a um veado branco que viu, e descobrir por este acaso o caminho entre duas serras, que pareciam cortadas por artificio e não pela natureza: com o alvoroço dessa novidade principiamos a subir, achando muita pedra solta e amontoada por onde julgamos ser calçada desfeita com a continuação do tempo. Gastamos boas tres horas na subida, porém suave pelos crystaes que admiravamos, e no cume do monte fizemos alto, do qual estendendo a vista, vimos em um campo raso maiores demonstraões para a nossa admiração.

Divisamos cousa de legoa e meia uma povoação grande, persuadindo-nos pelo dilatado da figura ser alguma cidade da côrte do Brazil; descemos logo ao valle com a cautella . . . . . seria em semelhante caso, mandando explor . . . . . gar a qualidade, e . . . . . se bem que reparam . . . . . fuminés, sendo este um dos signaes evidentes das povoações.

Estivemos dous dias esperando aos exploradores para o fim que muito desejavamos, e só ouviamos cantar gallos para ajuizar que havia ali povoadores; até que chegaram os nossos desenganados de que não havia moradores ficando todos confusos: resolveu-se depois um indio da nossa comitiva a entrar a todo o risco, e com precaução; mas tornando assombrado, affirmou-nos não achar nem descobrir rasto de pessoa alguma; este caso nos fez confundir de sorte, que não acreditamos pelo que viamos de domicilios, e assim se arrojjaram todos os exploradores a ir seguindo os passos do indio.

Vieram confirmando o referido depoimento de não haver povo, e assim nos determinamos todos a entrar com armas por esta povoação, em uma madrugada, sem haver quem nos sahisse ao encontro a impedir os passos e não achamos outro caminho senão o unico que tem a grande povoação, cuja entrada é por tres arcos de grande altura, o do meio é maior e os dous dos lados são mais pequenos; sobre o grande e principal devisamos letras que se não poderam copiar pela grande altura.

Faz uma rua da largura dos tres areos com casas de sobrados de uma e outra parte, com as fronteiras de pedra lavrada e

já denegrida; so- . . . . . inscrições. abertas todas  
. . . . . ortas são baixas, de fei . . . . . nas notando  
que pela regularidade e symetria com que estão feitas, parece uma  
só propriedade de casas, sendo em realidade muitas, e algumas com  
seus terrados descubertos e sem telha, porque os tectos são de ladrilho  
requemado uns e de lages outros.

Corremos com bastante pavor algumas casas, em nenhuma  
achamos vestigios de alfaias, nem moveis que podessemos pelo uso  
e trato conhecer a qualidade dos naturaes: as casas são todas escuras  
no interior e apenas tem uma escassa luz e como são abobadas.  
resonavam os echos dos que fallavam e as mesmas vozes atemorizavam.

Passada e vista a rua de bom comprimento, démos em uma  
praça regular e no meio della uma columna de pedra preta de grandeza  
extraordinaria e sobre ella uma estatua de homem ordinário, com  
uma mão na ilharga esquerda e o braço direito estendido mostrando  
com o dedo index ao Pólo do Norte; em cada canto da dita praça  
está uma Agulha, á imitação das que usavam os Romanos, mas  
algumas já maltratadas e partidas como feridas de alguns raios.

Pelo lado direito desta praça está um soberbo edificio,  
como casa principal de algum senhor da terra; faz um  
grande salão na entrada e ainda com medo não corremos  
todas as ca . . . . . sendo tantas e o retret . . . . .  
. . . . . zeram formar algum . . . . .  
. . . . . mara achamos hu . . . . . hu . . . . .  
. . . . . massa de extraordin . . . . .  
soas lhe custavam o levanta-la.

Os morcegos eram tantos, que investiam ás caras das gentes e  
faziam uma tal bulha que admirava : sobre o portico principal da rua  
está uma figura de meio relevo talhada da mesma pedra e despida  
da cintura para cima, coroada de louro; representa pessoa de pouca  
idade, sem barba, com uma banda atravessada e um fraldelim pela  
cintura; debaixo do escudo da tal figura tem alguns caracteres já  
gastos com o tempo; divisam-se porém os seguintes: (Veja-se a  
estampa, inscrip. n. I.;

Da parte esquerda da dita praça está outro edificio totalmente  
arruinado e pelos vestigios bem mostra que foi templo, porque ainda  
conserva parte do seu magnifico frontespicio, e algumas naves de  
pedra inteira: occupa grande territorio, e nas suas arruinadas paredes  
se veem obras de primor com algumas figuras e retratos embutidos  
na pedra com cruces de varios feitos, corvos e outras miudezas, que  
carecem de largo tempo para decrevel-as.

Segue-se a este edificio uma grande parte de povoações toda arruinada e sepultada em grandes, e medonhas aberturas da terra, sem que em toda esta circumferencia se veja herba, arvore ou planta produzida pela natureza, mas sim montões de pedra, umas toscas e outras lavradas, pelo que entendemos. . . . verção, porque ainda entre . . . da de cadaveres, que . . . e parte desta infeliz . . . da, e desamparada, talvez por algum terremoto.

Defronte da dita praça corre arrebatadamente um caudaloso rio largo, e espaçoso com algumas margens, que o fazem muito agradável á vista: terá de largura onze até doze braças, sem voltas consideraveis, limpas as margens de arvoredos e troncos, que as inundações costumam trazer; sondamos a sua altura e achamos nas partes mais profundas quinze até dezeseis braças. Da parte d'além tudo são campos muito viçosos e com tanta variedade de flôres, que parece andou a natureza mais cuidadosa por estas partes, fazendo produzir os mais mimozos campos de Flora: admiramos também algumas lagôas todas cheias de arroz, do qual nos aproveitamos, também dos innumeraveis bandos de patos, que se criam na fertilidade destes campos, sem nos ser difficil o caça-los sem chumbo mas sim ás mãos.

Tres dias caminhamos rio abaixo, e topamos uma catadupa de tanto estrondo pela força das aguas e resistencia no lugar que julgamos o não fazia maior as boccas do decantado Nilo: depois deste salto espraia de sorte o rio, que parece o grande Oceano. E' todo cheio de peninsulas, cobertas de verde relva, com algumas arvores dispersas que fazem . . . davel. Aqui achamos . . . a falta delle se nos . . . ta variedade de caça. . . . tros muitos animaes creados sem caçadores que os corram e os persigam.

Da parte do oriente desta catadupa achamos varios subcavões e medonhas covas, fazendo-se experiencia da sua profundidade com muitas cordas; as quaes por mais compridas que fossem, nunca podemos topar com o seu centro. Achamos tambem algumas pedras soltas; e na superficie da terra cravadas de prata, como tiradas das minas deixadas ao tempo.

Entre estas furnas vimos uma coberta com uma grande lage e com as seguintes figuras lavradas na mesma pedra, que insinuam

grande mysterio ao que parece. (Vêde a est. inscrip. n. 2) Sobre o portico do templo vimos outras da fôrma seguinte designadas. (Inscrip. n. 3.)

Afastado da povoação, tiro de canhão, está um edificio, como casa de campo de duzentos e cincoenta passos de frente; pelo qual se entra por um grande portico e se sobe por uma escada de pedra de varias côres, dando-se logo em uma grande sala, e depois desta em quinze casas pequenas todas com portas para a dita sala, e cada uma sobre si, e com sua bica d'agua . . . . . a qual agoa se ajunta . . . . . mão no pateo exter- . . . . . columnatas em cir- . . . . . ra quadrada por artificio, suspensas com os seguintes caracteres. (Vêde a inscrip. n. 4.)

Depois desta admiração entramos pelas margens do rio a fazer experiencias de descobrir ouro, e sem trabalho achamos boa pinta na superficie da terra, promettendo-nos muita grandeza assim de ouro, como de prata: admiramos o ser deixada esta povoação dos que a habitavam, não tendo achado a nossa exata diligencia por estes sertões pessoa alguma, que nos conte desta deploravel maravilha, de quem fosse esta povoação, mostrando bem nas suas ruinas a figura, e grandeza que teria, e como seria populosa, e opulenta nos seculos em que floresceu povoada; estando hoje habitada de andorinhas, morcegos, ratos e raposas, que cebadas na muita criação de gallinhas e patos, se fazem maiores que um cão perdigueiro. Os ratos tem as pernas tão curtas que saltam como pulgas e não andam nem correm como os de povoado.

Daqui deste lugar se apartou um companheiro, o qual com outros mais, depois de nove dias de boa marcha avistaram, á beira de uma grande enseada que faz um rio, uma canôa, com duas pessoas brancas, e de cabellos pretos, e soltos, vestidas á Europêa. . . . . um tiro como sinal para se ve. . . . . para fugirem. Ter . . . . . felpudos e bravos . . . . . ga a elles se encrespam todos e investem.

Um nosso companheiro chamado João Antonio achou em as ruinas de uma casa um dinheiro de ouro, figura espherica, maior que as nossas moedas de seis mil e quatrocentos: de uma parte com a imagem ou figura de um moço posto de joelhos; e da outra parte um arco, uma corôa e uma setta, de cujo genero não duvidamos se ache



## RICHARD F. BURTON

O capitão Sir Richard Francis Burton nasceu em Barham House, Hertfordshire, a 19 de março de 1821. Era de temperamento difícil e comprazia-se com os conflitos que tinha com os colegas. Passou a infância principalmente na França e na Itália, cujos idiomas aprendeu facilmente. Dedicou-se também, desde a mais tenra idade, ao estudo de idiomas clássicos: o grego e o latim. Estudou também o árabe, cujas minúcias conhecia com perfeição.

Incorporando-se ao exército, seguiu para a Índia, onde estudou não somente as línguas nativas, mas as crenças religiosas. Aproveitou todas as oportunidades de viajar e conhecer as terras e os costumes, produzindo diversas obras, que se caracterizam pela compreensão da psicologia oriental. Seu maior feito foi penetrar em Meca, rigorosamente disfarçado em autêntico árabe, cuja língua e ritos religiosos seguiu à risca.

Em segunda estada na Índia, empreendeu com o tenente Speke e outros colegas uma expedição à Somália, penetrando pelo continente africano até Harrar, onde jamais pisara um europeu, atravessando nações selvagens e violentas, entre as quais correu graves perigos e guardou para sempre cicatrizes das lutas.

Após participar da guerra da Criméia, conseguiu da Sociedade de Geografia de Londres a aprovação de um plano para a exploração dos lagos da África Equatorial. Explorou o lago Tanganica pela primeira vez.

Casado com Isabel Arundel, ardente católica, pela qual se apaixonou à primeira vista, em 1861 ingressou na carreira consular. Sua passagem por Santos abriu-lhe a possibilidade de excursionar pela América do Sul.

Escreveu mais de oitenta obras, inclusive poemas. Em 1886, recebeu as honras de *cavaleiro*.

Faleceu em Trieste, a 20 de outubro de 1890. Além dos livros sobre o Brasil, seus livros mais famosos são: *Peregrinação a Meca* (1855-6), *Primeiros passos na África Oriental*, *A região dos lagos da África Central* (1860).

Foi biografado várias vezes, mas os livros clássicos sobre sua atribulada existência são: *The life of capt. Sir Richard F. Burton*, por Lady Burton, e *The real Sir Richard Burton*, por Walter Phelps Dodge (1907).